

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA



**ANÁLISE E REPRESENTAÇÃO DE
CONSTRUÇÕES ADJECTIVAIS PARA
PROCESSAMENTO AUTOMÁTICO DE TEXTO**

•

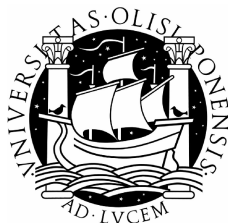
ADJECTIVOS INTRANSITIVOS HUMANOS

Paula Cristina Quaresma da Fonseca Carvalho

DOUTORAMENTO EM LINGUÍSTICA PORTUGUESA

2007

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA



**ANÁLISE E REPRESENTAÇÃO DE
CONSTRUÇÕES ADJECTIVAIS PARA
PROCESSAMENTO AUTOMÁTICO DE TEXTO**

•

ADJECTIVOS INTRANSITIVOS HUMANOS

Paula Cristina Quaresma da Fonseca Carvalho

DOUTORAMENTO EM LINGUÍSTICA PORTUGUESA

Tese orientada pela Prof. Doutora Elisabete Marques Ranchhod

2007

*À minha querida família,
Mãe, Pai e Mana,
Rui e filhotes lindos,
Beatriz, Guilherme e Henrique*

AGRADECIMENTOS

Este estudo não teria sido possível sem o apoio de diversas pessoas e instituições, a quem gostaria de manifestar o meu reconhecido agradecimento.

À Professora Doutora Elisabete Ranchhod, minha orientadora já desde os tempos do mestrado, quero agradecer a orientação científica deste trabalho, a partilha inestimável de conhecimento e a confiança que em mim sempre depositou. Estou-lhe igualmente grata por me ter iniciado no *Léxico-Gramática* e por me ter aberto as portas do *LabEL*, um local cujos meios, humanos e técnicos, me permitiram crescer para a investigação.

À Cristina Mota e ao Jorge Baptista, meus amigos e ex-colegas do *LabEL*, agradeço a amizade, o incentivo constante, bem como as estimulantes discussões que tivemos e as críticas construtivas a este trabalho. Quero agradecer-lhes ainda, assim como à Anabela Barreiro, os seus importantes comentários e sugestões a excertos de versões preliminares desta dissertação.

À Diana Santos agradeço o convite para participar nas duas últimas sessões do *Simpósio Doutoral da Linguateca*, e as suas pertinentes observações ao trabalho de doutoramento (em curso) que aí apresentei.

Quero deixar igualmente uma palavra de agradecimento a toda a equipa do *LADL*, em particular a Éric Laporte, Matthieu Constant, Takuya Nakamura, Sébastien Paumier, Oliver Blanc e Christian Leclère, pela inigualável hospitalidade, simpatia e prontidão manifestada em todas as visitas de trabalho a Marne-la-Vallée. Um agradecimento profundo devo também ao Professor Maurice Gross, que ainda tive o privilégio de conhecer, e de quem tenho recebido, através da sua obra, a maior inspiração!

Aos meus familiares e amigos, que estiveram sempre presentes, nos dias bons e nos dias menos bons, ao longo desta difícil jornada, agradeço a amizade, o apoio e as manifestações de carinho constantes.

Um agradecimento muito especial devo também aos meus pais, os melhores pais e avós do mundo, que fizeram deste meu projecto o seu também, e me apoiaram de todas as formas possíveis para que ele se pudesse concretizar. Agradeço igualmente à minha irmã, Marta, a amizade, generosidade e força diária.

Ao Rui, que me fez acreditar, nos momentos de menor esperança, e me fez rir, mesmo quando não sentia vontade, agradeço o seu amor, dedicação e bom humor.

Aos meus lindos filhos, Beatriz, Guilherme e Henrique, a minha fonte de inspiração mais genuína, devo, mais do que um agradecimento, um pedido de desculpa, pelos momentos de ausência em momentos tão importantes das suas vidas. Espero compensá-los, com muito amor, daqui em diante!

Por fim, agradeço à *Fundação para a Ciência e a Tecnologia* o apoio material e financeiro, concedido através de uma Bolsa de Doutoramento (SFRH/BD/8683/2002), indispensável à realização deste trabalho.

Paula Carvalho

Lisboa, Dezembro de 2007.

RESUMO

Este estudo teve como objectivo determinar e formalizar as propriedades léxico-sintácticas dos adjectivos intransitivos, i.e., sem complementos, e que se constroem com sujeito humano, em português europeu contemporâneo. Uma das motivações subjacentes à escolha deste tema foi a aparente falta de economia descritiva resultante da dupla classificação de numerosas unidades lexicais como nomes e adjectivos. Efectivamente, muitos destes adjectivos têm sido classificados como nomes, por forma a dar conta dos casos em que aparecem em posições sintácticas tipicamente nominais. Esta ambiguidade encontra eco no fenómeno de criação lexical tradicionalmente designado como *derivação imprópria* (ou *conversão*). Nesta dissertação, defendemos que certos adjectivos humanos têm a propriedade de desempenhar superficialmente a função de núcleo de grupos nominais. Esta análise baseia-se na constatação de que, nessas construções sintácticas, os adjectivos exibem, geralmente, algumas propriedades que exibiriam se se encontrassem em contexto adnominal e de que é possível reconstituir o nome (humano) a que os mesmos se encontram associados. Entre as várias estruturas aqui analisadas, tratámos (i) as *construções caracterizadoras indefinidas*, em que o adjectivo aparece precedido de artigo indefinido; (ii) as *construções cruzadas*, em que o adjectivo ocupa a posição típica de núcleo de um grupo nominal; (iii) as orações *exclamativas de insulto*; e outras, cujas especificidades sintácticas, semânticas e discursivas procurámos igualmente clarificar. A investigação baseou-se na análise de 4.250 lemas adjectivais, que organizámos em diversas subclasses sintáctico-semânticas, de acordo com os princípios teórico-metodológicos do Léxico-Gramática, fundados na gramática transformacional de operadores harrissiana. As informações linguísticas foram formalizadas em matrizes léxico-sintácticas, o que permite, como ilustraremos, a sua utilização em diversas tarefas de processamento de linguagem natural (PLN), nomeadamente, na desambiguação e análise sintáctica automática de textos.

Palavras-chave: sintaxe, adjectivo predicativo, grupo nominal, ambiguidade, Léxico-Gramática, processamento de linguagem natural.

ABSTRACT

This dissertation focus on the analysis and formalization of the lexico-syntactic properties of intransitive adjectives in contemporary European Portuguese. These adjectives are characterized as occurring with a human subject and having no complements. One of the underlying motivations for choosing this subject is the apparent lack of descriptive economy resulting from the double classification of many lexical entries as both nouns and adjectives. A substantial number of these adjectives has been classified as nouns, as a way of considering the cases in which they appear in typical nominal syntactic positions. This ambiguity finds resonance in the lexical phenomenon traditionally known as *improper derivation*, or *conversion*. In this study, we argue that some human adjectives can superficially fill the syntactic slot of head of a noun phrase. This analysis is based on the fact that in those syntactic constructions, the adjectives generally maintain some of the properties that they would have if they were in an adnominal context, and that it is always possible to reconstruct the human noun to which the adjective is related. Among several constructions studied here, we focus on: (i) *characterizing indefinite constructions*, where the adjective appears after an indefinite article; (ii) *cross-constructions*, where the adjective fills the head of a noun phrase; (iii) *exclamatives expressing insult*; and others, whose syntactic-semantic and discursive details we also try to clarify. The research is based on the analysis of 4,250 adjectival lemmas, which are organized in several syntactic-semantic subclasses according to the Lexicon-Grammar theoretical and methodological principles, established in the Harrisian framework of transformational operator grammar. All linguistic information was formalized in lexicon-grammar matrices which, as we illustrate, can be explored in several NLP tasks, namely in disambiguation and automatic text analysis.

Keywords: syntax, predicate adjective, noun phrase, ambiguity, lexicon-grammar, natural language processing.

ÍNDICE GERAL

PARTE I ▪ INTRODUÇÃO E ENQUADRAMENTO GERAL.....	1
1	OBJECTO DE ESTUDO E QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO DE REFERÊNCIA..... 3
2	ADJECTIVOS – PANORÂMICA GERAL 7
2.1	<i>Adjectivos Qualificativos vs Adjectivos de Relação</i> 8
3	ADJECTIVOS PREDICATIVOS..... 11
3.1	<i>A forma de base das frases adjectivais</i> 14
3.1.1	$N_0 =$: Nhum ou QueF?..... 14
3.1.2	$N_0 =$: Nhum ou Nap de Nhum? 21
3.2	<i>Verbos copulativos</i> 25
3.2.1	Extensões dos Vcop..... 29
3.2.2	Verbos atributivos 30
3.2.3	O verbo ser da construção passiva..... 33
3.3	<i>Posição adnominal dos adjectivos</i> 36
3.3.1	O papel do N na determinação da posição adnominal do Adj 38
3.4	<i>Quantificação do Adjectivo</i> 40
4	ADJECTIVOS NÃO PREDICATIVOS 45
5	O LUGAR DOS ADJECTIVOS-NOMES NAS GRAMÁTICAS E NOS DICIONÁRIOS 49
5.1	<i>Substantivação do adjectivo ou nominalização deadjectival</i> 50
5.2	<i>O adjectivo na posição de núcleo de um GN livre</i> 55
5.3	<i>O adjectivo no âmbito de uma construção caracterizadora indefinida</i> 60
5.4	<i>A noção de contínuo/permeabilidade categorial ou vagueza gramatical</i> 63
5.5	<i>O adjectivo na posição de núcleo de um GN lexicalizado</i> 66
5.5.1	Manuseamento dos recursos lexicais..... 70
6	RECENSEAMENTO DOS DADOS..... 71
6.1	<i>Constituição das listas de adjectivos</i> 72
PARTE II ▪ PROPRIEDADES LÉXICO-SINTÁCTICAS.....	77
1	PROPRIEDADES LÉXICO-SINTÁCTICAS 79
2	RESTRICÇÕES SINTÁCTICO-SEMÂNTICAS AO PREENCHIMENTO LEXICAL DA POSIÇÃO N_0 81
2.1	$N_0 =$: Nhum..... 81
2.2	$N_0 =$: N-hum 84
2.3	$N_0 =$: Nap de Nhum 87
2.3.1	Nap =: Nabst..... 90
2.3.1.1.	Nap e diferentes graus de apropriação 92
2.3.2	Nap =: Npc 94
3	SELECÇÃO DOS VERBOS COPULATIVOS 99
3.1	<i>Adj construídos com ser</i> 102
3.2	<i>Adj construídos com estar</i> 104
3.3	<i>Extensões aspectuais e/ou estilísticas dos Vcop elementares</i> 105
3.3.1.1.	Extensões de <i>estar</i> 106

3.3.1.2.	Extensões de <i>ser</i>	108
3.3.1.3.	Extensões comuns a <i>ser</i> e a <i>estar</i>	108
4	RESTRICÇÕES À POSIÇÃO DOS ADJECTIVOS EM CONTEXTO ADNOMINAL	113
5	CONSTRUÇÕES ASSOCIADAS À CONSTRUÇÃO PREDICATIVA	117
5.1	<i>Distribuição da construção caracterizadora indefinida (C)</i>	118
5.1.1	Propostas para a análise da construção caracterizadora indefinida.....	119
5.2	<i>Distribuição da construção cruzada (X)</i>	124
5.2.1	Contextualização	126
5.2.1.1.	O elemento nuclear de (X)	127
5.2.1.2.	O elemento predicativo de (X)	130
5.2.2	Propostas para a análise de (X).....	132
5.3	<i>O verbo chamar e as exclamativas parciais</i>	138
6	O DIND E O MODIF OBRIGATÓRIO.....	143
7	GN DECEPADOS.....	147
7.1	<i>Adj na posição de núcleo de um GN genérico</i>	147
7.2	<i>Adj na posição de núcleo de um GN não genérico</i>	151
8	COMPLEMENTO PARA COM NHUM	155
8.1.1	Propostas para a análise da construção para com Nhum.....	157

PARTE III ▪ MATRIZES LÉXICO-SINTÁCTICAS 163

1	MATRIZES LÉXICO-SINTÁCTICAS.....	165
2	ORGANIZAÇÃO DAS MATRIZES LÉXICO-SINTÁCTICAS.....	167
2.1	<i>Adj Nac</i>	169
2.2	<i>Adj Filo</i>	172
2.3	<i>Adj Doen</i>	173
2.4	<i>Adj Hum</i>	179
2.4.1	Classes SAH.....	181
2.4.1.1.	<i>Matriz SAHP1</i>	181
2.4.1.2.	<i>Matriz SAHP2</i>	183
2.4.1.3.	<i>Matriz SAHP3</i>	184
2.4.1.4.	<i>Matrizes SAHC</i>	185
2.4.2	Classes EAH.....	186
2.4.3	Classes SEAH	188
3	UTILIZAÇÃO DAS MATRIZES EM PLN	189
3.1	<i>O sistema Unitex</i>	189
3.2	<i>Características dos grafos parametrizados</i>	190
3.3	<i>Exemplos de aplicação dos grafos parametrizados aos textos</i>	191
3.3.1	Reconhecimento e etiquetagem de predicados adjectivais construídos com <i>estar</i>	191
3.3.2	Reconhecimento e etiquetagem de GN com <i>Adj Nac</i>	195
3.3.3	Reconhecimento e etiquetagem de construções cruzadas	199
3.3.4	Reestruturação do GN sujeito: permuta e etiquetagem.....	201
	CONCLUSÕES GERAIS.....	207
	BIBLIOGRAFIA	211
	ANEXO 1	221
	ANEXO 2	411

SÍMBOLOS E CONVENÇÕES

As abreviaturas, símbolos e convenções mais comumente empregues neste estudo encontram-se listados abaixo. Outras notações utilizadas serão explicitadas *in loco*.

Adj Doen	adjectivo de doença
Adj Hum	adjectivo humano
Adj Filo	adjectivo que serve para caracterizar os adeptos, partidários ou seguidores de um dado grupo ou movimento
Adj Nac	adjectivo de nacionalidade
Adj Rel	adjectivo de relação
Adv Quant	advérbio quantificador
Ddef	determinante artigo definido
Det	determinante
Dind	determinante artigo indefinido
Dposs	determinante possessivo
E	elemento vazio ou lexicalmente não realizado
F	frase
GN	grupo nominal
Modif	modificador (adjectival, nominal, adverbial ou frásico)
N_i	grupo nominal que ocupa uma determinada posição sintáctica na frase: <i>N₀</i> representa o sujeito, <i>N₁</i> , <i>N₂</i> indicam os vários complementos
Nabst	nome abstracto
Nap	nome apropriado
Nclas	nome classificador
Nconc	nome concreto
Ndoen	nome de doença
Nhum	nome humano
N-hum	nome não humano
Nloc	nome locativo
Npc	nome que designa parte do corpo
Npr	nome próprio
Npred	nome predicativo
QueF	completiva (finita ou infinitiva)
Rel	oração relativa
Vaux	verbo auxiliar
Vcop	verbo copulativo

Vinf	verbo no infinitivo
Vsup	verbo-suporte
W	variável que representa uma sequência não especificada de complementos
(C)	construção caracterizadora indefinida
(P)	construção predicativa
(X)	construção cruzada
=	sinal de equivalência sintáctica e semântica entre frases ou estruturas
≠	sinal de não equivalência entre frases ou estruturas
= :	sinal que especifica a realização lexical de uma categoria ou de uma estrutura
#	marca de fronteira de frase
*	marca de inaceitabilidade
?	marca de aceitabilidade duvidosa
?*	marca de aceitabilidade muito duvidosa
()	contém séries de elementos separados por «+» que podem comutar entre si; podem ainda encerrar um elemento facultativo
< >	contém elementos que não são essenciais para a análise da expressão
[]	especificam a operação sintáctica aplicada ou a aplicar (por exemplo [X z.] significa que o elemento X se reduz(iu) a zero). As diferentes transformações encontram-se definidas no texto.

EXEMPLOS

[]	à direita de um exemplo, os parênteses rectos indicam a fonte abreviada de onde o mesmo foi extraído (por exemplo, [CP] indica que o exemplo foi extraído do corpus CETEMP úblico).
------------	--

PARTE I



INTRODUÇÃO E ENQUADRAMENTO GERAL

1 OBJECTO DE ESTUDO E QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO DE REFERÊNCIA

Numerosas entradas dos dicionários, electrónicos ou de uso, são lexicalmente ambíguas, isto é, estão associadas a atributos linguísticos distintos. É, por exemplo, o caso de *objectivo*, que pode corresponder a um nome, a um adjectivo ou ainda a uma forma do verbo *objectivar*, e de *caso*, que, além de nome e verbo (*casar*), pode igualmente assumir o valor de conjunção. A ambiguidade lexical não se observa somente entre palavras que pertençam a categorias gramaticais diferentes; palavras como *cria* e *consumo*, por exemplo, que são homógrafas entre nomes e verbos, distinguem-se também pelo facto de, enquanto formas verbais, estarem associadas a lemas distintos: *cria* é uma forma dos verbos *criar* e *crer*; *consumo* pode corresponder aos verbos *consumir* e *consumar*.

A ambiguidade, provocada pelos variadíssimos casos de homografia que se observam na língua, não levanta problemas de maior aos falantes, uma vez que conseguem facilmente deprender o valor sintáctico e semântico em jogo a partir do contexto em que as palavras ocorrem. No entanto, a ambiguidade constitui um obstáculo à quase totalidade das aplicações de processamento automático de texto, sobretudo as que se baseiam em recursos lexicais robustos, quer do ponto de vista da sua cobertura quer do ponto de vista da granularidade das informações formalizadas nas entradas. A resolução de ambiguidades tem sido, por isso, encarada como um dos maiores desafios que se colocam ao tratamento computacional das línguas naturais (Jurafsky & Martin, 2000; 2007; Mitkov, 2003) e como a chave para o sucesso de aplicações mais ambiciosas, como é o caso da tradução automática (Laporte, 2001a; 2001b).

Existem, contudo, inúmeros casos de ambiguidade superficial que os recursos lexicais descrevem e que podem comprometer a análise sintáctica adequada das estruturas em que essas unidades lexicais ocorrem. De facto, um número considerável de homografias em português, em especial as que se registam entre nomes e adjectivos¹, resultam da interpretação, na nossa perspectiva, errónea de um fenómeno lexical tradicionalmente designado como *derivação imprópria*, o qual permite explicar a

¹ Os nomes e os adjectivos são as categorias que, em português, maior número de formas homógrafas têm em comum. Nos dicionários do *LabEL* (Ranchhod *et al.*, 1999; Ranchhod *et al.*, 2004), por exemplo, as unidades lexicais associadas a estas categorias representam 90% dos casos de homografia contabilizados, se tivermos em consideração os lemas, e 61%, se considerarmos as formas flexionadas. De referir que estas percentagens têm apenas em conta os pares homógrafos *Nome/Adjectivo*, *Verbo/Adjectivo* e *Verbo/Nome*, cuja taxa de homografia, nos dois últimos pares, não chega aos 20% (palavras flexionadas).

criação de novas palavras a partir de outras já existentes na língua, alterando apenas a sua categoria gramatical (Cunha & Cintra, 1984: 105). Referimo-nos, em particular, a casos como os destacados nos exemplos em seguida:

- (1) O que distingue os **gordos** dos **magros**? [CP]
- (2) Até um **idiota** era capaz de prever o encadeamento de acontecimentos. [CP]
- (3) «Espero bem que você não seja comunista porque eu odeio os **comunistas**». [CP]

Trata-se de unidades lexicais que, além de adjetivos, têm sido classificadas, na generalidade dos recursos (Santos, 2007), também como nomes². Esta dupla classificação serve para dar conta dos casos em que essas palavras ocorrem em contextos tipicamente nominais, como é, por excelência, o contexto pós-determinante, ilustrado acima.

Contudo, reduzir esta questão a um fenómeno de natureza estritamente lexical ou morfológica, além de contribuir para o desdobramento (praticamente incontável) das entradas dos dicionários, aumentando exponencialmente o número de análises dos textos etiquetados por esses recursos, pode escamotear as propriedades de certas unidades lexicais e, conseqüentemente, não representar adequadamente a sintaxe das construções em que essas unidades lexicais estão integradas.

O trabalho de investigação que nos propusemos realizar tem como objectivo analisar e formalizar as propriedades léxico-sintáticas de uma classe distribucional de adjetivos – *adjetivos intransitivos humanos*³ – com vista à determinação e ao tratamento computacional das construções sintáticas de que esses adjetivos podem fazer parte. O interesse em estudar as referidas construções surgiu, por um lado, (i) da constatação de que mais de 50% dos adjetivos mencionados se encontram simultaneamente dicionarizados como nomes nos dicionários do *LabEL* (Eleutério *et al.*, 1995; Ranchhod *et al.*, 1999; Ranchhod *et al.*, 2004), os quais utilizámos para efeitos deste trabalho, e, pelo outro, (ii) da ideia de que muitas dessas unidades lexicais apenas têm estatuto adjectival (Carvalho & Ranchhod, 2003).

² Observe-se, a título ilustrativo, as informações associadas a estas palavras no *Dicionário da Língua Portuguesa* da Porto Editora® (versão on-line): <http://www.infopedia.pt/>.

³ Por *adjectivo intransitivo humano*, entendemos qualquer adjectivo que (i) não requeira um complemento obrigatório e que (ii) seleccione, para a posição sintáctica de sujeito, um nome ou expressão de natureza humana. Este conceito será retomado e aprofundado mais adiante.

Para a realização deste estudo, adoptámos o quadro teórico do *Léxico-Gramática* (M. Gross, 1975; 1977; 1981), cujas orientações metodológicas têm demonstrado ser completamente adequadas ao tratamento automático das línguas naturais. Os princípios gerais em que se baseiam as descrições do *Léxico-Gramática* são os da gramática transformacional harrissiana (1955; 1964; 1968; 1976; 1981), aos quais nos referiremos oportunamente ao longo da dissertação.

As informações distribucionais e transformacionais exibidas pelos adjetivos que analisámos foram descritas em matrizes léxico-sintácticas, as quais podem ser automaticamente exploradas através de um mecanismo de grafos parametrizados (Roche, 1993; Senellart, 1999; Constant, 2003), e utilizadas, por exemplo, pelo sistema *Unitex*⁴ (Paumier, 2003), em diversas operações de processamento automático de texto.

A presente dissertação encontra-se estruturada em três partes:

Na *Parte I*, começaremos por apresentar e discutir as principais classes e subclasses de adjetivos, em português, concentrando-nos, especialmente, na análise dos *adjectivos predicativos*; em seguida, introduziremos a problemática inerente à classificação e ao tratamento (linguístico e computacional) dos *adjectivos-nomes*.

Na *Parte II*, dedicar-nos-emos à análise e descrição das principais propriedades distribucionais e transformacionais dos adjetivos intransitivos humanos, em geral, e das dos *adjectivos-nomes*, em particular.

Finalmente, na *Parte III*, faremos uma apresentação sucinta das matrizes léxico-sintácticas que construímos, destacando, por um lado, os critérios formais subjacentes à sua organização e ilustrando, por outro lado, a sua aplicabilidade na análise sintáctica automática de texto.

No que diz particularmente respeito à *Parte I*, ela encontra-se organizada do seguinte modo:

No capítulo 2, faremos uma breve referência ao modo como os adjetivos têm sido classificados nas gramáticas, focando as principais características das classes de adjetivos tradicionalmente reconhecidas como *adjectivos qualificativos* e *adjectivos de relação* (§ I, 2.1).

⁴ O *Unitex* é um sistema público de processamento de língua natural, baseado na tecnologia de estados finitos, e encontra-se disponível na página <http://igm.univ-mlv.fr/~unitex/>.

Nos capítulos 3 e 4, discutiremos as propriedades dos adjectivos *predicativos* e *não predicativos*, respectivamente, aprofundando as questões relativas à análise e descrição das construções sintácticas em que estes elementos podem ocorrer. No que se refere aos adjectivos predicativos, em particular, procuraremos demonstrar, na secção 3.1, a dificuldade que, por vezes, existe em determinar a estrutura sintáctica de base de certos predicadores adjectivais. A discussão será feita em torno da análise de construções em que, para a posição sintáctica de sujeito, concorrem um *GN* cujo núcleo corresponde a *Nhum*, uma construção completiva (§ I, 3.1.1) e/ou um grupo nominal complexo com *nome apropriado (Nap)* (§ I, 3.1.2). Na secção 3.2, clarificaremos a noção e o estatuto dos auxiliares adjectivais, *ser* e *estar*, mais conhecidos como *verbos copulativos (Vcop)*, referindo-nos às extensões aspectuais e estilísticas que estes verbos podem assumir (§ I, 3.2.1), por um lado, e distinguindo-os dos verbos tradicionalmente designados como *atributivos* (§ I, 3.2.2), pelo outro. Ainda a este propósito, discutiremos a classificação geralmente atribuída ao verbo *ser* que ocorre nas construções ditas *passivas perifrásticas*, bem como a função desempenhada pelo mesmo nas referidas construções (§ I, 3.2.3). Na secção 3.3, referir-nos-emos, de forma sucinta, à posição que os adjectivos podem ocupar quando se encontram em contexto adnominal, destacando a importância da natureza sintáctico-semântica do nome na determinação desse contexto. Por fim, em 3.4, abordaremos a quantificação e variação dos adjectivos em grau.

No capítulo 5, introduziremos a problemática dos adjectivos-nomes, colocando em confronto duas abordagens distintas para a análise das construções que eles integram: uma mais tradicional, que evoca a substantivação do adjectivo por meio de um processo de enriquecimento vocabular, conhecido como *derivação imprópria* ou *conversão* (§ I, 5.1), e outra, que adoptamos, que confere a certos adjectivos a possibilidade de ocuparem uma posição sintáctica tipicamente ocupada pelos nomes, quer se encontrem no contexto de um *GN livre* (§ I, 5.2) ou *lexicalizado* (§ I, 5.5), quer ainda no de uma *construção caracterizadora indefinida* (§ I, 5.3). Será igualmente discutida uma outra aproximação para o estudo do fenómeno em questão, que consiste em considerar que determinadas expressões podem funcionar como uma categoria híbrida, ou, noutro plano, vaga, podendo desempenhar as duas funções gramaticais (§ I, 5.4).

Por fim, no capítulo 6, definiremos os critérios tidos em conta na constituição da listagem dos adjectivos a estudar pormenorizadamente no âmbito desta investigação.

2 ADJECTIVOS – PANORÂMICA GERAL

As gramáticas definem os adjectivos essencialmente em função dos nomes e dos verbos copulativos (*Vcop*) com que se relacionam, recorrendo, para tal, a critérios semânticos, morfológicos e sintácticos.

De um ponto de vista semântico, é comum assumir-se que os adjectivos exprimem propriedades ou qualidades, e servem para «caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma parte ou a um aspecto do denotado» (Bechara, 1999: 142).

Ao nível morfológico, considera-se que a estreita relação entre estas duas categorias gramaticais se manifesta, nas línguas que, como o português, apresentam um sistema flexional rico, pela obrigatoriedade de concordância em género e em número do adjectivo com o nome.

Finalmente, em termos sintácticos, estabelece-se que a relação entre estas classes de palavras pode ser formalizada por intermédio de um verbo com conteúdo lexical fraco (mais conhecido como *verbo copulativo* ou *auxiliar*⁵), como *ser* ou *estar*, ou, pelo contrário, sem a presença de uma forma verbal, o que significa que, nesse caso, o nome e o adjectivo se encontram numa relação de adjunção (Cunha & Cintra, 1984: 263-266). No primeiro caso, diz-se que o adjectivo exerce sobre o nome uma *função predicativa*, constituindo, por isso, um termo essencial da oração; no segundo caso, o adjectivo, que desempenha a função de *adjunto adnominal*, pode, se se tratar de um modificador livre, ser reduzido, sem que isso ponha em causa a aceitabilidade da frase em que ocorria (*idem: ibidem*).

O facto de nem todos os adjectivos apresentarem um comportamento distribucional idêntico, nomeadamente no que se refere à possibilidade de ocorrerem numa construção com *Vcop*, tem conduzido à apresentação de diversas propostas para a sua integração em diferentes classes e subclasses. Em particular, a tradição tem unanimemente reconhecido duas classes distintas de adjectivos, *adjectivos*

⁵ Tradicionalmente, a noção de *auxiliar* é, em geral, atribuída ao verbo *ser* da construção passiva. Gonçalves & Costa (2002: 61) propõem que, nessa construção, o verbo receba, antes, a classificação de *semi-auxiliar*, na medida em que, de acordo com seu ponto de vista, «o verbo *ser* da construção passiva exhibe apenas algumas propriedades de verbo auxiliar, nunca co-ocorrendo com domínios frásicos». Na nossa perspectiva, porém, *ser*, na construção passiva, tem um estatuto idêntico ao do *Vcop* que aparece numa qualquer outra construção adjectival predicativa, pelo que não encontramos razão suficientemente forte para lhe atribuir uma designação diferente daquele. Este assunto será retomado e aprofundado em (§ I, 3.2.3).

qualificativos e *adjectivos de relação* (*Adj Rel*), cujas principais características passaremos seguidamente em revista.

2.1 Adjectivos Qualificativos vs Adjectivos de Relação

Na literatura sobre adjectivos, é comum encontrar a menção a duas grandes subclasses sintáctico-semânticas de adjectivos: os *qualificativos*, por um lado, e os *de relação*, pelo outro.

Os adjectivos qualificativos são nocionalmente definidos como aqueles que permitem «caracterizar os seres, os objectos ou as noções nomeadas pelo substantivo, indicando-lhes uma qualidade (ou defeito): *inteligência lúcida*; *homem perverso*; o modo de ser: *pessoa simples*, *rapaz delicado*; o aspecto ou aparência: *céu azul*, *vidro fosco*; o estado: *casa arruinada*, *laranjeira florida*» (Cunha & Cintra, 1984: 247, itálicos nossos).

Os *Adj Rel*, por sua vez, são vistos como complementos de um nome, com o qual estabelecem «uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência, etc. (...): *nota mensal* (= *nota relativa ao mês*); *movimento estudantil* (= *movimento feito por estudantes*); *casa paterna* (= *casa onde habitam os pais*); *vinho português* (= *vinho proveniente de Portugal*)» (*idem: ibidem*).

Os adjectivos pertencentes a cada uma destas subclasses caracterizam-se por apresentarem um comportamento sintáctico distinto. Em traços muito genéricos, pode afirmar-se que os *Adj* qualificativos, como é o caso de *excelente*, têm a propriedade de ocorrer tanto em posição adnominal (*cf.* (1)) como em posição predicativa (*cf.* (2)), razão pela qual são igualmente designados de *adjectivos predicativos*.

- (1) Anita revela-se, todavia, uma **excelente** vocalista de big band. [CP]
- (2) A memória do professor Jones, aos 93 anos, é **excelente**. [CP]

Pelo contrário, os *Adj Rel*, também denominados *pseudo-adjectivos* (Bartning, 1976) ou, simplesmente, adjectivos *não predicativos* (Casteleiro, 1981), não admitem, numa situação discursiva regular, o contexto pós-cópula, como ilustram os exemplos em seguida.

- (3) A instabilidade **política** do país também não tem ajudado a situação económica. [CP]
- (4) Essa instabilidade (?*é + *está) **política**

De referir, porém, que estes adjetivos podem, em certos contextos enfático-contrastivos, aparecer à direita de um *Vcop* como *ser*, como sucede em (5)-(7).

- (5) A opção é política, não é empresarial. [CP]
- (6) Este fenómeno é tipicamente político (...) [PG⁶]
- (7) As razões que explicam o défice de partida deste Orçamento Rectificativo são estritamente políticas. [GPPSD⁷]

A interpretação contrastiva da construção adjectival, em (5), é reforçada pela presença do operador de negação na oração coordenada; em (6) e (7), são os advérbios *tipicamente* e *estritamente*, respectivamente, que conferem esse valor à construção. Tais advérbios, que funcionam como elementos caracterizadores ou restritores das propriedades veiculadas pelos adjetivos (Monceaux, 1997: 49), não podem, geralmente, aparecer no domínio de estruturas sintácticas nas quais o *Adj* possua valor predicativo (*cf.* (8)).

- (8) *Essa vocalista é (tipicamente + estritamente) excelente

As construções com *Adj Rel* podem ainda ser parafraseadas por uma construção nominal predicativa, na qual o *Adj* figura como modificador obrigatório de um nome como, por exemplo, *tipo* ou *natureza*, ambos suportados por *ser de* (*cf.* (9)-(10)).

- (9) Essa opção é de tipo político
- (10) Essa opção é de natureza política

Estes nomes não podem, no entanto, surgir acompanhados de uma forma adjectival predicativa (*cf.* (11)).

- (11) *Essa vocalista é de (tipo + natureza) excelente

Como refere Baptista (2005: 123), os nomes predicativos (*Npred*) em questão têm a particularidade de exprimirem, conjuntamente com o adjectivo, diferentes formas de classificação, o que contribui, uma vez mais, para a leitura enfática-contrastiva do *Adj* nessas construções.

⁶ Exemplo extraído do jornal *on-line O Progresso de Gondomar* (16/11/03): <http://proggdm.com.sapo.pt>

⁷ Exemplo extraído da página *Grupo Parlamentar do PSD* (25/07/06): http://www.gppsd.pt/actividades_detalhe.asp?s=11593&ctd=2213

De acordo com Zribi (1972), a aceitação do contexto pós-cópula por estes adjectivos, quando possível, é resultante do apagamento de um nome, idêntico ao do grupo nominal sujeito, e, por isso, passível de ser reconstituído (*cf.* (12)-(13)).

(12) Essa opção é (E + uma opção) política, e não (E + uma opção) empresarial

(13) Essa opção é (tipicamente + estritamente) (E + uma opção) política

Refira-se ainda que, mesmo quando aparecem superficialmente em contexto predicativo, os *Adj Rel* mantêm intactas as restantes propriedades que os caracterizam, nomeadamente, não podem ocorrer em contexto adnominal à esquerda (*cf.* (14)), nem ser quantificados, por exemplo, por um advérbio como *muito* (*cf.* (15)), propriedades que podem ser apresentadas por certos adjectivos predicativos (como discutiremos em § I, 3.3 e § I, 3.4, respectivamente).

(14) *O Zé não percebe essa política opção

(15) *Essa opção é muito política

Além disso, os *Adj* de relação apenas podem ser coordenados, por meio de uma conjunção copulativa ou disjuntiva, com adjectivos da mesma natureza sintáctica (*cf.* (16)), o que, a não acontecer, põe em causa a aceitabilidade das construções em que ocorrem (Carvalho, 2001: 31-32).

(16) Essas opções são políticas (e + ou) (empresariais + *difíceis + *preocupantes)

Embora importante, a proposta de subclassificação dos adjectivos em *predicativos* e *de relação* é, ainda assim, insuficiente para descrever de forma satisfatória as palavras do léxico a que tem sido atribuída a informação de adjectivo.

Nos capítulos que se seguem, faremos uma espécie de síntese sobre as principais propriedades dos adjectivos predicativos (§ I, 3) e não predicativos (§ I, 4), em português, procurando pôr em destaque alguns dos aspectos que deverão ser tidos em consideração aquando da descrição formal das construções que os mesmos podem integrar. Concentrar-nos-emos, em particular, nas características dos predicadores adjectivais intransitivos humanos, que constituem o objecto de investigação desta dissertação.

3 ADJECTIVOS PREDICATIVOS

Tal como os verbos semanticamente plenos e os nomes predicativos⁸, os adjectivos predicativos constituem o elemento nuclear de uma frase, o que significa que são eles que determinam a estrutura sintáctica das construções que integram e que impõem restrições relativamente ao preenchimento lexical das posições argumentais dessa estrutura.

Em português, os adjectivos constroem-se, frequentemente, com um ou dois argumentos, um que assume a função sintáctica de sujeito e outro a de complemento da construção. Em concordância com o que acontece com os verbos, é, pois, possível subcategorizar os adjectivos em duas classes sintácticas principais, *transitivos* (*indirectos*) e *intransitivos*, consoante se construam, ou não, com complementos essenciais. De um ponto de vista formal, consideram-se transitivos os adjectivos que seleccionam um ou mais complementos essenciais (*cf.* (1)), e intransitivos os adjectivos que não requerem a presença de nenhum complemento desse tipo (*cf.* (2)).

(1) Moçambique está **desejoso** de ganhar mais protagonismo [CP]

(2) O povo português é **inteligente** [CP]

Os complementos essenciais dos adjectivos não podem, numa situação discursiva regular, ser reduzidos ou apagados (*cf.* (3)). Os complementos não essenciais, pelo contrário, podem ser elididos, sem que isso ponha em causa a gramaticalidade ou aceitabilidade da construção em que podem ser encontrados (*cf.* (4)).

(3) Moçambique está desejoso (*E + de ganhar mais protagonismo)

(4) O povo português é inteligente (E + em querer manifestar a sua opinião)

A identificação do número e tipo de argumentos seleccionados pelo predicador adjectival, bem como o carácter facultativo ou obrigatório de um dado complemento, permite distinguir entradas lexicalmente ambíguas, como é, por exemplo, o caso de *sensível*, em (5) e (6).

(5) Era uma pintora de imenso talento (...) e uma pessoa extremamente **sensível**. [CP]

⁸ Para um estudo detalhado sobre as propriedades léxico-sintácticas das construções nominais predicativas em português, suportadas pelos verbos *estar*, *ser de* e *fazer*, vejam-se, por exemplo, Ranchhod (1990), Baptista (2005) e Chacoto (2005), respectivamente.

(6) Tim Burton é extremamente **sensível** à crítica. [CP]

Em (5), *sensível* corresponde a um predicador intransitivo; em (6), o *Adj*, de tipo transitivo, selecciona para a posição de complemento, um *GN* introduzido por preposição =: *a*.

As construções adjectivais predicativas são, em muitos casos, parafraseáveis por uma construção com um predicador verbal ou nominal morfologicamente relacionado (cf. (7)-(8)).

(7) (...) Olivares era **asmático** [CP]

= Olivares (tinha + sofria de) **asma**

(8) Há dias em que estou **desejoso** de me fechar na cela. [CP]

= Há dias em que **desejo** fechar-me na cela

= Há dias em que tenho o **desejo** de me fechar na cela

Em geral, as propriedades sintácticas e semânticas manifestadas pelo predicador adjectival são partilhadas pelos predicadores nominais e/ou verbais correspondentes. Por exemplo, *asmático* e *asma* seleccionam ambos apenas um argumento, um *GN* que deverá ser preenchido por um nome humano (*Nhum*), e que ocupará a posição de sujeito da frase. Já os predicadores do tríplice morfológico e sintáctico {*desejoso*, *desejar* e *desejo*} requerem, além do sujeito, um outro argumento, que desempenhará a função de complemento das construções. As restrições impostas pelos predicadores relativamente à natureza estrutural desse complemento, *GN* ou completiva (*QueF*), assim como a especificação lexical da preposição que o introduz (no caso dos predicadores adjectival e nominal) são idênticas:

(i) todos requerem uma construção *QueF*, infinitiva ou finita, consoante o sujeito da completiva seja, ou não, correfente com o sujeito da frase principal, respectivamente⁹;

(ii) a preposição, seleccionada pelo adjectivo e pelo nome, que introduz a frase completiva, é preferencialmente *de*.

⁹ Para uma análise sistemática das construções adjectivais com completivas, veja-se Casteleiro (1981).

As relações de proximidade semântica e sintáctica entre os predicadores morfologicamente associados leva a considerar que as frases que integram estão ligadas por uma relação de equivalência de natureza transformacional (Casteleiro, 1981; Meunier, 1981; Meydan, 1995). No entanto, a existência de uma relação morfológica entre palavras não é condição suficiente para assumir uma relação transformacional entre as frases em que essas palavras podem ocorrer. Tomemos como exemplo as construções que apresentamos em seguida.

- (9) Você é **ambicioso** <e dá muita importância à sua carreira profissional> [CP]
 = Você (tem + é de) uma certa **ambição**
 = *Você **ambiciona**

Neste caso, embora exista uma forma verbal morfológicamente associada ao adjectivo e ao *nome predicativo*, observa-se que a frase que esse verbo integra tem um valor semântico e uma estrutura sintáctica diferente das frases com os predicadores adjectival e nominal. Com efeito, *ambicionar* obriga à presença de um complemento (*cf.* (10)), não requerido nem pelo adjectivo nem pelo nome anteriormente ilustrados.

- (10) Mota ambiciona transferir o Quartel de Formosa para a tutela da Câmara de Espinho [CP]

O *Npred* construído com o *Vsup ter* pode, no entanto, aceitar complementação, verificando-se que, nessa situação, ele apresenta um comportamento sintáctico e um valor semântico próximo do do verbo (*cf.* (11)).

- (11) Cavaco Silva atingiu um lugar importante na política portuguesa e, naturalmente, tem a ambição de ser PR. [CP]
 = Cavaco Silva atingiu um lugar importante na política portuguesa e, naturalmente ambiciona ser PR .

Assim, podemos considerar a existência de dois pares morfológicos parcialmente idênticos, mas sintacticamente distintos: {*ambicioso*, *ambição*} e {*ambicionar*, *ambição*}. No primeiro par, *ambição* corresponde, como o seu equivalente adjectival, a um predicador intransitivo; no segundo par, a mesma forma, de tipo transitivo, é, como já referimos, largamente sinónima da construção verbal.

Ainda há casos de adjectivos que não têm equivalentes nem verbais nem nominais, os quais designamos de *autónomos*, por analogia com os predicadores

nominais que apresentam as mesmas características (M. Gross, 1981). Cabem, neste grupo, grande parte dos adjectivos multipalavra¹⁰, sobretudo, os que apresentam menor composicionalidade, semântica e sintáctica, como, é o caso dos adjectivos destacados em (12).

- (12) O Zé é (**cheio de nove horas + doido varrido + pobre e mal agradecido + todo ouvidos**)

3.1 A forma de base das frases adjectivais

Se, à primeira vista, a identificação e formalização das restrições léxico-sintácticas impostas pelos predicadores adjectivais parece não constituir uma grande dificuldade, sobretudo se considerarmos que muitos desses adjectivos são intransitivos, um estudo sistemático e aprofundado que tenha em conta as diferentes construções sintácticas que um dado adjectivo pode integrar, bem como as operações sintácticas a que essas construções estão sujeitas, revela o quão complexa essa tarefa se pode tornar. Por vezes, a principal dificuldade reside precisamente em determinar a natureza sintáctica do(s) sujeito(s) seleccionado(s) por um dado predicador adjectival. É sobre essa questão que nos concentraremos nas próximas secções.

3.1.1 N_0 =: *Nhum ou QueF*?

Certos adjectivos que seleccionam para a posição de sujeito um *GN* de natureza humana têm a particularidade de poder apresentar, na posição de complemento, uma construção infinitiva, regida de preposição (em geral, *em*). É, entre muitos outros, o caso de *honesto*, ilustrado em (13) e (14).

- (13) O Zé foi honesto

- (14) O Zé foi honesto em ter devolvido o dinheiro à Maria

Regista-se ainda a possibilidade de, nestes casos, a infinitiva poder aparecer na posição de sujeito frásico, como ilustrado em (15), e, nessa situação, a posição de

¹⁰ Para uma análise das propriedades linguísticas das expressões adjectivais multipalavra, vejam-se, por exemplo, para o francês, M. Gross (1986) e, para o português, Ranchhod (2003).

complemento passa a ser facultativamente preenchida por um sintagma preposicional com a forma *da parte de N* (ou *da Poss parte*).

(15) (E+ O Zé) ter devolvido o dinheiro à Maria foi honesto (E + da sua parte)

A construção infinitiva pode comutar com uma frase completiva finita, de idêntico sentido, verificando-se que, em ambas as construções, o possessivo introduzido pelo sintagma preposicional se encontra obrigatoriamente ligado por correferência ao *Nhum* expresso na posição de sujeito (Ranchhod, 1983).

(16) O Zé_i ter devolvido o dinheiro à Maria foi honesto da (sua_i parte + *minha parte)

(17) Que o Zé_i tenha devolvido o dinheiro à Maria foi honesto da (sua_i parte + *minha parte)

De acordo com Casteleiro (1981: 245ss), as construções (16) e (17) podem ser transformacionalmente relacionadas por meio de uma operação formal que designa como *desfinitização* (ou *redução*) da completiva finita a infinitiva, a qual permite derivar a infinitiva a partir da completiva finita correspondente, mediante o apagamento do morfema de tempo e da conjunção integrante.

O paralelismo sintático e semântico que parece existir entre as construções adjectivais cuja posição de sujeito pode ser preenchida por um nome estritamente humano (*cf.* (15)) ou por uma completiva, finita ou infinitiva (*cf.* (16)-(17)), tem motivado a apresentação de diversas propostas que visam o estabelecimento de relações de equivalência entre estas estruturas.

Entre as diferentes abordagens transformacionais adoptadas, destacamos, por exemplo, a de Riegel (1985), que deriva a construção com sujeito humano a partir de uma completiva-sujeito, recorrendo a um conjunto de operações que enunciaremos em seguida.

Em concreto, o autor propõe que a frase de base integra, na posição de sujeito (N_0), uma completiva com sujeito humano e, na posição de complemento (N_I), o sintagma preposicional que introduz uma segunda ocorrência do nome expresso no sujeito da *QueF*.

Que o Pedro_i parta sozinho é corajoso da parte do Pedro_i

Segundo o autor, após a pronominalização do sujeito da completiva, esta pode ser reduzida a infinitiva, justificando-se, deste modo, o paralelismo sintáctico observado entre a completiva finita e a infinitiva correspondente.

[pronominalização do sujeito da *QueF*]
= Que ele, parta sozinho é corajoso da parte do Pedro;

[redução da *QueF*]
= Partir sozinho é corajoso da parte do Pedro

Depois de reduzida, a completiva é, então, deslocada para o final da frase.

[extraposição da *QueF* reduzida]
= É corajoso da parte do Pedro partir sozinho

Por fim, a elevação do sujeito para o incío de frase e o apagamento da preposição permitiriam obter a construção com o sujeito humano.

[subida do sujeito com apagamento *da parte de*]
= O Pedro é corajoso em partir sozinho

Uma outra proposta de análise, mais simples do que a de Riegel, embora descritivamente mais frágil no que concerne à análise de construções adjectivais, é apresentada por Baptista (2005), para dar conta das estreitas relações que se estabelecem, neste caso, entre frases como as exemplificadas em (18).

(18) A Ana foi de uma enorme coragem em fazer isso [Baptista, 2005: 90]
= A Ana ter feito isso foi de uma enorme coragem

Na perspectiva do autor, as frases em questão podem ser relacionadas por meio de uma transformação que opera igualmente sobre uma completiva (também aqui entendida, pois, como a estrutura de base), «cindindo-a em dois constituintes, deixando o sujeito humano da infinitiva na posição de sujeito do *Npred* e deslocando o resto da infinitiva para a posição de complemento, introduzido por *Prep* =: *em*» (*idem*: 90).

Que a Ana faça isso é de uma grande coragem
[Vinf] = A Ana fazer isso é de uma grande coragem
[Reestr Vinf] = A Ana é de uma grande coragem em fazer isso

De referir, no entanto, que, nas construções nominais com *ser de* (geralmente parafraseáveis por uma construção adjectival), a ocorrência do complemento *da parte de N* não parece ser possível (cf. (19)).

- (19) Que o Zé faça isso é de uma grande estupidez (*da sua parte + E)
 = O Zé fazer isso é de uma grande estupidez (*da sua parte + E)

Aliás, esta é, como demonstra o autor, uma das propriedades que distinguem, por exemplo, as construções nominais predicativas com *ser de* das que se constroem com *ser*, já que apenas estas últimas admitem, tal como os adjectivos, o sintagma preposicional (cf. (20)-(21)).

- (20) Que o Zé faça isso é uma estupidez (da sua parte + E)
 = O Zé fazer isso é uma estupidez (da sua parte + E)
- (21) Que o Zé faça isso é estúpido (da sua parte +E)
 = O Zé fazer isso é estúpido (da sua parte + E)

Baptista refere, porém, que a reestruturação da infinitiva pode, de igual modo, ser aplicada aos adjectivos, notando que, na frase reestruturada, «o complemento da *parte de N* desaparece» (*idem*: 50, nota 17)¹¹.

- (22) Que o Zé faça isso à Ana é cruel (E + da sua parte)
 [Vinf] = O Zé fazer isso à Ana é cruel
 [Reestr Vinf] = O Zé é cruel em fazer isso à Ana

Em ambas as propostas de análise anteriormente apresentadas, considera-se que forma de base íntegra, na posição de sujeito, uma construção completiva (finita), a partir da qual seria possível derivar, após a aplicação de um conjunto de operações sintácticas diversas, a forma com o sujeito humano. Ora, esta análise não permite, contudo, dar conta de construções como, por exemplo, a que ilustramos em (23).

- (23) O Zé foi um estúpido em ter recusado a ajuda da Ana

¹¹ O apagamento do complemento *da parte de N_o*, segundo o autor, resultaria da própria natureza da operação de reestruturação de completiva, na medida em que esta «extrai» para a posição de sujeito da oração principal o sujeito da oração integrante, tornando, pois, redundante a repetição desse *Nhum* no complemento *da parte de N_o* (comunicação pessoal).

Nesta construção sintáctica, que designaremos como *construção caracterizadora indefinida*¹², o *Adj* =: *estúpido*, que se encontra em posição pós-determinante, demonstra aceitar a construção infinitiva na posição de complemento. Porém, nem a completiva infinitiva nem a finita podem desempenhar a função de sujeito do adjectivo, se este se encontrar no âmbito da referida construção (cf. (24)-(25)).

(24) *(E+ O Zé) Ter recusado a ajuda da Ana foi um estúpido (E + da sua parte)

(25) *Que o Zé tenha recusado a ajuda da Ana foi um estúpido (E + da sua parte)

De facto, tal só é possível se o adjectivo ocorrer em posição predicativa (cf. (26)-(27)).

(26) (O Zé) Ter recusado a ajuda da Ana foi estúpido (E + da sua parte)

(27) Que o Zé tenha recusado a ajuda da Ana foi estúpido (E + da sua parte)

Assim, se se quiser proceder à análise destas construções (largamente sinónimas) em paralelo, conclui-se que os mecanismos transformacionais propostos por Riegel e por Baptista são insuficientes, tendo em consideração que (i) o sujeito da construção caracterizadora indefinida não pode ser obtido mediante um processo de reestruturação sintáctica, e que (ii) a oração completiva (que, nessa construção, ocupa a posição de complemento) não pode ser derivada através da redução da completiva finita a infinitiva.

Neste sentido, a análise proposta por Meunier (1999), que apresentaremos em seguida, mostra-se mais abrangente e descritivamente mais adequada para a análise das construções adjectivais em questão.

A autora defende que a estrutura de base dos predicadores como os que temos vindo a discutir não inclui, na posição de sujeito, uma estrutura oracional (completiva finita ou infinitiva), mas um *GN* humano. Esta análise tem como princípio a ideia de que a construção infinitiva não corresponde a um argumento (essencial) do predicador adjectival (aliás, como já tinha sido demonstrado antes, por exemplo, por Picabia, 1978), aproximando-se, em vez disso, de uma construção adverbial, mais precisamente de um *advérbio de frase* (M. Gross, 1986), no sentido em que está fora do escopo do adjectivo. Atente-se nos exemplos (28) e (29).

¹² As particularidades léxico-sintácticas das construções em questão serão abordadas em § I, 5.3 e aprofundadas em § II, 5.1.

(28) O Zé está desejoso de partir

(29) O Zé foi honesto em ter devolvido o dinheiro à Maria

Contrariamente ao que se observa com os complementos essenciais do adjectivo (exemplo (28)), que podem, juntamente com aquele, ser retomados anaforicamente por uma forma clítica do pronome demonstrativo (*cf.* (30)), constata-se que a construção infinitiva que aparece em (29) não pode ser pronominalizada (*cf.* (31)).

(30) O Zé está desejoso de partir e o Paulo também o está

(31) ?*O Zé foi honesto em ter devolvido o dinheiro à Maria, e o Paulo também o foi

Com efeito, o pronome, quando presente na construção, apenas refere o adjectivo (*cf.* (32)-(33)).

(32) Honesto, o Zé foi-o, em ter devolvido o dinheiro à Maria

(33) O Zé foi honesto em ter devolvido o dinheiro à Maria e o Paulo também o foi em ter denunciado a situação

Observa-se, além disso, que a oração infinitiva, em (29), está fora do escopo da negação aplicada ao predicador adjectival, o que significa que este pode ser negado de forma independente (*cf.* (34)).

(34) O Paulo não foi honesto em ter devolvido o dinheiro à Maria

(35) O Paulo não foi honesto em não ter devolvido o dinheiro à Maria

O mesmo não sucede, porém, nos casos em que a mesma estrutura sintáctica constitui um complemento essencial do adjectivo (*cf.* (36)-(37)).

(36) O Zé não está desejoso de que a Ana venha

(37) ?*O Zé não está desejoso de que a Ana não venha¹³

Ora, se por um lado, a infinitiva não parece corresponder a um complemento do adjectivo, pelo menos, um complemento essencial, pelo outro, Meunier procura demonstrar que a construção em análise também não pode ser resultante de um processo de reestruturação do sujeito da frase em que aparece. Esta tomada de posição baseia-se

¹³ Embora gramaticalmente possível, considera-se que esta expressão tem uma aceitabilidade muito duvidosa, uma vez que o seu significado é dificilmente perceptível ou interpretável.

na evidência de que as construções com sujeito estritamente humano (*cf.* (38)) e com completiva-sujeito (*cf.* (39)) não possuem efectivamente o mesmo sentido.

(38) O Zé foi honesto (em ter devolvido o dinheiro à Maria + E)

(39) Que o Paulo tenha devolvido o dinheiro à Maria foi honesto (da sua parte + E)

De acordo com Meunier, a frase ilustrada em (38), combina duas frases, uma que exprime um julgamento do enunciador, *O Paulo foi honesto*, e outra um processo que envolve um sujeito humano voluntário, causador desse julgamento, *O Paulo devolveu o dinheiro*. A propriedade veiculada pelo adjectivo, neste caso, só é atribuída de forma explícita ao *Nhum*, observando-se que o processo da infinitiva é qualificado apenas implicitamente. Pelo contrário, em (39), é o processo, e não o *Nhum*, que está directamente sob o escopo do adjectivo. Podemos acrescentar que, quando o adjectivo se encontra numa construção caracterizadora indefinida, ele incide única e exclusivamente sobre sujeitos não oracionais.

Apesar das diferenças observadas entre as frases (38) e (39), os adjectivos do tipo *honesto* constituem uma classe sintáctica homogénea¹⁴, cujas propriedades formais devem, em nossa opinião, ser postas em relação. No entanto, cremos não estar ainda em condições de afirmar se é, ou não, possível (ou adequado) derivar transformacionalmente as construções predicativas com sujeito humano a partir da completiva-sujeito.

De facto, (39) parece ser uma forma sintáctica complexa resultante do entrosamento das duas predicções expressas em (38). Assim sendo, a frase em que a completiva aparece na posição de complemento não poderá ser analisada como o resultado de um processo de reestruturação da frase com completiva-sujeito. Esta análise é corroborada pelo comportamento sintáctico exibido por certos adjectivos, quando se encontram no domínio de uma construção caracterizadora indefinida (§ II, 5.3).

Independentemente da adequação das várias propostas de análise, para o processamento automático, importa sobretudo, nesta fase, reconhecer todas as realizações sintácticas possíveis. Assim, optámos por representar nas nossas matrizes a possibilidade de a posição sintáctica do sujeito destes predicadores adjectivais poder ser

¹⁴ Os adjectivos desta classe têm sido designados na literatura como *adjectivos qualificativos* (Meunier, 1999) ou *comportamentais* (Valetopoulos, 2005).

preenchida por qualquer uma das construções referidas, isto é, por um *Nhum* ou por uma completiva-sujeito, tendo em consideração que apenas a primeira pode admitir, como complemento (facultativo), a oração infinitiva.

3.1.2 N_0 =: *Nhum* ou *Nap de Nhum*?

Um número considerável de adjectivos que se constroem com sujeitos estritamente humanos admitem igualmente para essa posição sintáctica um *GN* no qual o *Nhum* figura como complemento de um *nome apropriado (Nap)*¹⁵, como se observa em (40) e (41).

(40) O Zé é irresponsável
 = (A atitude + O comportamento) do Zé é irresponsável

(41) O Zé é atraente
 = (O aspecto físico + A aparência) do Zé é atraente

Nestas construções, a propriedade veiculada pelo predicador adjectival pode, pois, qualificar directamente um *Nhum*, *Zé*, ou, pelo contrário, qualificá-lo apenas de forma indirecta, caso ele se encontre na posição de complemento de um nome apropriado, como é, por exemplo, o caso de *atitude* e *comportamento*, em (40), e de *aspecto físico* e *aparência*, em (41).

As variantes linguísticas do sujeito observadas em (40) e (41) colocam, uma vez mais, a questão de saber se se deve considerar que (i) se está perante duas construções sintácticas distintas, ou se, pelo contrário, (ii) se trata sempre da mesma construção, que pode assumir diferentes realizações sintácticas. Nesse caso, torna-se igualmente necessário explicitar os processos linguísticos que permitem relacionar as construções cujo sujeito apresenta uma estrutura do tipo *Nhum* ou *Nap de Nhum*.

Esta problemática, apresentada e discutida por Laporte (2004a), tem tido diferentes abordagens. Certos autores (por exemplo, Picabia, 1978; Casteleiro, 1981) assumem que as construções em causa correspondem a duas estruturas sintácticas independentes, não estabelecendo qualquer relação transformacional entre elas. Outros (como é o caso de Laporte, 1995; Meydan, 1995) defendem que em causa está apenas

¹⁵ A noção de nome apropriado, adoptada de Harris (1976: 113-115), está associada a um nome que apresenta uma probabilidade de ocorrência extremamente forte numa dada construção, podendo, por isso, ser apagado sem que essa redução afecte o conteúdo informativo da frase.

uma construção, cujo sujeito de base corresponde a um *Npred apropriado*, o qual tem existência no domínio de uma frase com verbo-suporte (*Vsup*).

A última abordagem implica que cada uma das frases anteriormente ilustradas seja entendida como uma frase complexa, resultante de um conjunto de frases simples (expressas em (42) e (43), respectivamente), sobre as quais operaram uma série de transformações conhecidas.

(42) ?O Zé tem (uma atitude + um comportamento)¹⁶

(Esse comportamento + Essa atitude) é irresponsável

(43) ?O Zé tem (um aspecto físico + uma aparência)

(Esse aspecto físico + Essa aparência) é atraente

A aplicação das operações de relativização [*Rel*] e a consequente redução do pronome relativo e do *Vsup* da construção, no quadro de uma oração relativa, permitiriam a formação do *GN* complexo [*GN*], sujeito da construção (M. Gross, 1981).

O Zé tem um comportamento # Esse comportamento é irresponsável

[*Rel*] = O comportamento que o Zé tem é irresponsável

[*GN*] = O comportamento do Zé é irresponsável

O Zé tem um aspecto físico # Esse aspecto físico é atraente

[*Rel*] = O aspecto físico que o Zé tem é atraente

[*GN*] = O aspecto físico do Zé é atraente

Esta análise levanta, no entanto, alguns problemas que se prendem, entre outros factores, com a difícil aceitabilidade de algumas das construções envolvidas, nomeadamente as assinaladas em (42) e (43), as quais representariam, segundo Laporte (1995) e Meydan (1995), as construções de base em que o sujeito aparece.

Uma outra posição, alternativa a esta, seria a de considerar que o *GN* com a estrutura [*Nap de Nhum*], embora possa estar, de alguma forma, associado a uma frase com *Vsup*, não deriva necessariamente dessa construção sintáctica. Esta aproximação é viável, se admitirmos que certos nomes predicativos (apropriados) têm a propriedade de

¹⁶ De referir que, tal como se observa com certos nomes predicativos, os *Npred atitude e comportamento*, quando surgem determinados pelo *Dind*, obrigam à presença de um modificador. Esta modificação pode ser igualmente aferida pela utilização do determinante multipalavra *um certo*: *O Zé tem um certo comportamento*. As mesmas observações poderão ser aplicadas aos nomes ilustrados em (43).

poderem ser directamente inseridos na construção de base (Harris, 1955; Boons *et al.*, 1976).

Mas para a análise das frases que temos vindo a discutir, é preciso considerar ainda a existência de uma terceira construção, lexical e semanticamente próxima das apresentadas em (40)-(41), na qual o nome apropriado do *GN* complexo ocupa a posição de complemento adjectival (*cf.* (44)-(45)).

(44) (O comportamento + A atitude) do Zé foi irresponsável
[Reestr GN] = O Zé foi irresponsável (no seu comportamento + na sua atitude)

(45) (O aspecto físico + A aparência) do Zé é atraente
[Reestr GN] = O Zé é atraente de (aspecto físico + aparência)

Meydan (1995: 143ss) considera que as frases adjectivais com *Nap* estão frequentemente sujeitas à operação de reestruturação do *GN* [*Reestr GN*], tal como é definida por Guillet & Leclère (1981). Esta transformação consiste em deslocar o *Nap* que ocupava a posição de sujeito da frase com o *GN* complexo (convencionalmente classificada como forma canónica (*C*) para a posição de *complemento* «*de eco*»¹⁷ do adjectivo, na frase reestruturada (*R*).

O complemento de *eco* não constitui um argumento essencial da frase, o que significa que pode ser apagado, sem que a construção que integrava resulte agramatical ou que o seu sentido seja significativamente alterado. Este complemento comporta-se, com efeito, como um complemento circunstancial de tipo adverbial, apresentando, por isso, uma grande mobilidade frásica (*cf.* (46)-(47)).

(46) O Zé foi irresponsável no seu comportamento
= No seu comportamento, o Zé foi irresponsável
= O Zé foi, no seu comportamento, irresponsável
= O Zé, no seu comportamento, foi irresponsável

Em certos casos, a construção sintáctica em questão pode mesmo ser substituída por um advérbio morfologicamente aparentado e sintacticamente equivalente (*cf.* (47)).

¹⁷ O *complemento de eco* é aqui entendido como «un complément qui «précise» en le reprenant au moins en partie le sens de l'énoncé» (Guillet & Leclère, 1981: 116).

- (47) O Zé é atraente (de aspecto físico + fisicamente)
= (De aspecto físico + Fisicamente), o Zé é atraente
= O Zé é, (de aspecto físico + fisicamente), atraente
= O Zé, (de aspecto físico + fisicamente), é atraente

A reestruturação do *GN* nas construções adjectivais está, no entanto, sujeita a diferentes condicionantes linguísticas, que envolvem, designadamente, a posição sintáctica do *GN* na frase e a natureza lexical do adjectivo e do *Nap*. A escolha da preposição e do determinante do *GN* deslocado também não é arbitrária, estando dependente das propriedades do adjectivo e do *Nap* da construção (Guillet & Leclère, 1981; Meydan, 1995; Baptista, 2005), como discutiremos na segunda parte da dissertação (§ II, 2.3).

Admitindo que as frases canónica e reestruturada, ilustradas em (44) e (45), são *grosso modo* equivalentes¹⁸, coloca-se, uma vez mais, a questão de saber se é, ou não, possível (ou adequado) estabelecer uma orientação da relação de equivalência entre as frases com *Nap* e, de acordo com isso, determinar a estrutura sintáctica de base do sujeito das construções.

A este respeito, Guillet & Leclère (1981: 123-124) consideram que há casos em que a ordem (C) → (R) parece intuitivamente satisfatória. Esse parece ser o caso de (48).

- (48) O discurso do Zé foi muito prolixo
= O Zé foi muito prolixo no seu discurso

De facto, o *Adj prolixo* parece estar mais próximo da construção *discurso do Nhum* do que do próprio *Nhum*, o qual é apenas qualificado de forma indirecta. Inversamente, a mesma análise não parece poder aplicar-se ao sujeito da construção ilustrada em (49). O adjectivo *bondoso* parece, pois, aplicar-se preferencialmente a sujeitos intrinsecamente humanos.

¹⁸ Essa não é, por exemplo, a leitura de Kleiber (1994 : 138), o qual defende, a propósito de construções similares, como é o caso de (i) *Paul est bronzé* (*O Paulo está bronzeado*) e (ii) *La peau de Paul est bronzée* (*A pele do Paulo está bronzeada*), que «non seulement il n'y a pas synonymie entre les énoncés de la première série comme [*Paul est bronzé*] et ceux de la seconde série [*La peau de Paul est bronzée*], mais encore qu'il n'y a pas identité référentielle pour leurs SN sujets. L'idée postulée est que dans les phrases du type de [*Paul est bronzé*], le locuteur, en employant les noms propres, n'entend pas dénoter indirectement telle ou telle partie de *Paul* ou de *Marie*, mais vise bien *Paul* et *Marie*. Autrement dit, il n'y a pas de changement de référent».

- (49) ?*A maneira de ser do Zé é bondosa
 = O Zé é bondoso na sua maneira de ser

Face a estes comportamentos linguísticos, os autores concluem que é possível que as duas ordens coexistam, segundo os tipos de reestruturação envolvidos, ressaltando, no entanto, que não encontram argumentos formais que permitam optar por uma delas¹⁹.

No quadro teórico que adoptamos, as transformações são vistas como processos sintácticos não orientados, o que significa que o importante não é determinar a ordem de aplicação das regras, mas definir a extensão do domínio da sua aplicação, o que procuraremos fazer na *Parte II* (§ II, 2.3). Deixaremos, por agora, esta questão, e concentrar-nos-emos, em seguida, na identificação e análise dos auxiliares adjectivais.

3.2 Verbos copulativos

Classicamente, os auxiliares dos adjectivos são designados como verbos copulativos²⁰. Em português, esta noção tem sido unanimemente atribuída aos verbos *ser* e *estar*, mas pode ser alargada a outros verbos, que correspondem a matizes (ou variantes) aspectuais e/ou estilísticas dos *Vcop elementares* (§ II, 3.3).

Os verbos copulativos são, como os auxiliares verbais e nominais, semanticamente fracos, o que significa que não têm capacidade de selecção argumental. Com efeito, as restrições de selecção impostas em relação à natureza do *Vcop* são fundamentalmente da responsabilidade do predicador adjectival da construção. A principal função do *Vcop* é, pois, a de estabelecer uma relação formal entre o adjectivo predicativo e o *GN* sujeito a que este se refere, fornecendo à construção as marcas de flexão verbal (*tempo-modo-aspecto* e *pessoa-número*), que o predicador, pela sua própria natureza, não pode exprimir²¹.

¹⁹ Contudo, Guillet & Leclère (1981:124) salientam que a ordem (C) → (R) coloca sérios problemas na medida em que, partindo de um *GN* complexo [*Na de Nb*], numa dada posição sintáctica (C), isso implica que a relação seja definida de modo a prever toda a forma (R), nomeadamente a natureza lexical da preposição e do determinante do complemento de eco. Pelo contrário, a ordem (R) → (C) permite dar conta da escolha da preposição e, indirectamente, dos determinantes envolvidos na construção. Esta última solução, não permite, ainda assim, explicar a presença do complemento de eco naquela estrutura sintáctica.

²⁰ Os auxiliares adjectivais podem ainda ser denominados *verbos de ligação*, *predicativos* ou *atributivos*.

²¹ Neste sentido, a principal função dos verbos copulativos, nas construções adjectivais, é idêntica à dos verbos-suporte, nas construções nominais predicativas.

De acordo com a tradição gramatical (Casteleiro, 1981: 208), tem-se considerado que os adjectivos seleccionam *ser* quando a qualidade ou característica por eles expressa é encarada como *inerente*, *intrínseca*, ou *permanente* ao *GN* a que se referem (*cf.* (50)), enquanto que os adjectivos construídos com *estar* exprimem propriedades ou características vistas como *acidentais*, *extrínsecas* ou *ocasionais* ao mesmo *GN* sujeito (*cf.* (51)).

(50) O Zé (é + *está) (altruísta + hipócrita + português)

(51) O Zé (está + *é) (contente + febril + zozinho)

Os adjectivos que co-ocorrem com ambos os auxiliares permitem duas interpretações ou valores aspectuais, *inerente* e *accidental*, *intrínseco* e *extrínseco*, *permanente* e *accidental*. É, por exemplo, o caso dos *Adj bonito*, *careca* e *feliz*, ilustrados em (52).

(52) O Zé (é + está) (bonito + careca + feliz)

Mas nem sempre assim é. Por vezes, os adjectivos seleccionam *estar*, apesar de veicularem propriedades não *accidentais*, como acontece com *vivo* e *morto*, em (53).

(53) O Zé (*é + está) (vivo + morto)

Pelo contrário, outros adjectivos (como, por exemplo, *adolescente*) referem propriedades com um carácter não *permanente*, embora se construam obrigatoriamente com o verbo *ser* (*cf.* (54)).

(54) O Zé (é + *está) adolescente

Assim sendo, parece-nos inadequado considerar que os *Adj* e, conseqüentemente os *Vcop* que os auxiliam, possuem, em si mesmos, um valor aspectual intrínseco e imutável. Como refere Casteleiro (*idem: ibidem*), na selecção do *Vcop* pelo *Adj* intervêm não só as propriedades sintáctico-semânticas dos próprios adjectivos, como também fenómenos de outra ordem, que se prendem, entre outros factores, com a presença, na frase, de certos modificadores de natureza aspectual e modal.

Por exemplo, a inserção de um modificador adverbial como *ainda*, em (53), faz com que *vivo* passe a poder co-ocorrer com *ser* (cf. (55)); este advérbio é, no entanto, incompatível com o predicador *morto* (cf. (56))²².

(55) O Zé ainda (é + está) vivo

(56) *O Zé ainda (é + está) morto

Os advérbios de tempo podem igualmente interferir nas condições de co-ocorrência entre o *Adj* e o *verbo auxiliar (Vaux)*. Por exemplo, adjectivos como *altruísta*, *hipócrita* e *egoísta* que, numa situação discursiva regular, se combinariam necessariamente com o *Vcop ser* (cf. (57)), terão de ser auxiliados por *estar*, se estiverem sob o escopo de um *Adv* temporal como, por exemplo, *hoje* (cf. (58)).

(57) O Zé (é + *está) (altruísta + hipócrita + egoísta)

(58) Hoje, o Zé (?*é + está) (altruísta + hipócrita + egoísta)

A presença, na frase, de certos modificadores modais, aspectuais e temporais implica, geralmente, uma mudança do valor (*inerente/intrínseco/permanente* ou *acidental/extrínseco/ocasional*) genericamente consignado a um determinado adjectivo (cf. (59)).

(59) Zé é, (por vezes + frequentemente), (hipócrita + egoísta + *português)

Há, contudo, subclasses de adjectivos, como é o caso dos *adjectivos de nacionalidade* (como *português*), que, por exprimirem propriedades caracteristicamente *inerentes*, não são compatíveis com qualquer tipo de modificador, como se observa no exemplo anterior.

Certos *Adj* podem ser aparentemente auxiliados por *ser* e por *estar*, apresentando significados e comportamentos sintácticos distintos consoante se encontrem acompanhados por um ou outro verbo. É, por exemplo, o caso de *inconsciente*, ilustrado em (60)-(61).

(60) O Zé é inconsciente

²² De referir que *morto* pode aparecer relacionado com *ser*, numa construção *passiva perifrástica*, também conhecida como *passiva sintáctica* (Duarte, in Mateus et al., 2003:521), cujo agente (que ocupa a posição tradicionalmente designada como *complemento da passiva*) pode, ou não, estar lexicalmente expresso: *O Zé foi morto (pelo João + E), na noite passada*.

(61) O Zé está inconsciente

A forma *inconsciente* apresenta, em cada uma das construções, um valor semântico e propriedades distribucionais distintas. Por exemplo, na construção com *ser*, a posição sintáctica de sujeito pode ser preenchida por um *GN* humano (*cf.* (60)) ou por uma oração completiva (*cf.* (62)); pelo contrário, essa construção não é permitida, no caso de o *Adj* ser auxiliado por *estar* (*cf.* (63))²³.

(62) Que o Zé tenha feito isso é inconsciente da sua parte

(63) *Que o Zé tenha feito isso está inconsciente da sua parte

Além disso, os advérbios que podem quantificar o *Adj* podem ser diferentes, conforme este seja auxiliado por *ser* ou por *estar*. Por exemplo, o *Adj* representado em (64) aceita modificação por um *advérbio quantificador* (*Adv Quant*) como *muito*, embora pareça aceitar mal ou não aceitar o *Adv quase*; apenas este quantificador se mostra, no entanto, possível, em (65).

(64) O Zé é (muito + ?*quase) inconsciente

(65) O Zé está (*muito + quase) inconsciente

A construção com *ser Adj* pode ser parafraseada por uma frase nominal predicativa, suportada por *ser de* (*cf.* (66)), equivalência essa que não pode ser estabelecida no caso de o *Adj* seleccionar *estar* (*cf.* (67)).

(66) O Zé é inconsciente

= O Zé é de uma grande inconsciência

(67) O Zé está inconsciente

≠ O Zé é de uma grande inconsciência

Os comportamentos linguísticos observados levam, portanto, a concluir que se trata de dois adjectivos homógrafos, que podem ser formalmente distinguidos, entre outros aspectos, pela especificação do *Vcop* que com eles pode co-ocorrer.

²³ Esta é, aliás, uma situação geral na língua. De facto, os predicadores adjectivais e nominais auxiliados por *estar* aceitam mal ou não aceitam as completivas-sujeito (Casteleiro, 1981 e Ranchhod, 1990, respectivamente).

3.2.1 Extensões dos *Vcop*

Os verbos copulativos têm, como os verbos-suporte, extensões aspectuais e/ou estilísticas (M. Gross, 1981: 33-37), isto é, são passíveis de serem substituídos por outros verbos, que, muito embora noutros contextos se possam comportar como verbos lexicais plenos, quando exercem a função de cópula, são desprovidos de significado lexical, manifestando um estatuto sintáctico equivalente ao de qualquer outro *Vaux*. Nas construções adjectivais, os verbos com estas características são também designados como *pseudo-copulativos* ou *para-copulativos* (Casteleiro, 1981: 136, nota 60).

Como refere Casteleiro (*idem: ibidem*), as gramáticas têm classificado como *pseudo-copulativos* verbos como, por exemplo, «*andar, aparecer, continuar, ficar, permanecer, tornar-se; ir, vir, partir, voltar, entrar, sair, cair; viver, morrer; parecer, etc.*». Nas próximas secções, procuraremos demonstrar que nem todos os verbos mencionados correspondem, contudo, àquilo que entendemos ser um auxiliar adjectival.

A ausência de listagens completas, e sintacticamente homogéneas, das expressões que podem funcionar como auxiliares tem a ver com um problema mais vasto, que se prende com a dificuldade de caracterização da própria noção de *Vaux* (M. Gross, 1999; Ranchhod, 2001; 2004; Gonçalves & Costa, 2002, entre outros). De um modo geral, estes verbos podem ser caracterizados com base nas propriedades a seguir explicitadas:

- (i) são semanticamente fracos;
- (ii) não têm capacidade de selecção argumental;
- (iii) são seleccionados por um outro elemento (neste caso, um *Adj* predicativo), que determina a construção de base em que estão inseridos;
- (iv) veiculam, sobretudo, valores gramaticais (*tempo-modo-aspecto*, e *pessoa-número*);
- (v) no caso de se tratar de extensões aspectuais e/ou estilísticas, elas podem sempre comutar com os verbos auxiliares elementares (neste caso, *ser* e/ou *estar*).

O conjunto de verbos auxiliares (e respectivas variantes aspectuais e/ou estilísticas) pode, no entanto, variar, em função da natureza do predicador envolvido. No que diz particularmente respeito aos auxiliares adjectivais, observa-se que eles não

são específicos desta categoria gramatical, podendo servir igualmente para auxiliar verbos e/ou nomes predicativos. A literatura existente sobre as construções nominais predicativas em português permite-nos, além disso, afirmar que o conjunto de variantes aspectuais admitidas pelo *Vsup estar* (Ranchhod, 1990: 100-116) são, em geral, idênticas às admitidas pelo *Vcop* correspondente, observando-se o mesmo em relação às construções nominais e adjectivais construídas, respectivamente, com o *Vsup* e o *Vcop ser*²⁴.

Nas nossas matrizes, descrevemos, além dos *Vcop ser* e *estar*, os verbos *andar*, *ficar*, *permanecer*, *encontrar-se*, *mostrar-se*, *revelar-se*, *sentir-se* e *tornar-se*, cujas principais propriedades aprofundaremos na *Parte II* (§ II, 3.3).

3.2.2 Verbos atributivos

Certos autores, como Riegel (1994), consideram que qualquer verbo acompanhado de um adjectivo com a função de *atributo do sujeito* é «ocasionalmente atributivo», o que, noutras palavras, querera dizer que qualquer verbo pode potencialmente funcionar como um auxiliar copulativo. Esse é, na sua opinião, o caso de *se promener* (*passear-se*), ilustrado em (68).

- (68) Léa se promène nue dans la ville
[A Léa passeia-se nua na cidade]

De acordo com o autor, o essencial da informação, nestas construções, é veiculado pelo *Adj* e não pelo verbo, o que justificaria o facto de, por um lado, a negação ter escopo não sobre o verbo mas sobre o adjectivo, e por outro lado, os encadeamentos lógicos se efectuarem obrigatoriamente a partir do *Adj* (*cf.* (69) e (70), respectivamente).

- (69) Léa ne se promène pas nue dans la ville
[A Léa não se passeia nua na cidade]

- (70) Léa se promène nue dans la ville parce qu'elle a chaud
[A Léa passeia-se nua na cidade porque ela tem calor]

²⁴ Contudo, como observou Baptista (2005: 31), «nas construções com *ser de* não é muito frequente o *Vsup* aceitar variantes. De resto, os verbos *revelar-se* e *revestir-se* são os que apresentam uma maior extensão lexical».

No entanto, o facto de a negação e a causalidade ‘incidirem’ sobre o adjetivo é apenas aparente. Com efeito, tanto o operador de negação como o operador causal operam sobre a conjunção de duas frases de base: *Léa se promène* # *Léa est nue*, que estão na origem da frase complexa ilustrada em (68), uma análise que motivaremos mais adiante.

Leeman (1996: 190) contesta o ponto de vista de Riegel, partindo essencialmente do pressuposto de que as expressões adjectivais a que o autor se refere não são claramente atributivas. Na sua perspectiva, (i) os adjectivos em questão não exibem as propriedades dos «atributos» introduzidos por um «verbo essencialmente atributivo», por um lado, e (ii) os critérios apresentados pelo autor mostram ser igualmente válidos para a análise de constituintes que não desempenham uma função de atributo, pelo outro.

Partindo da ideia de que *être* (*ser* e *estar*, em português) é um verbo tipicamente atributivo, Leeman classifica como atributivos os verbos que exibem as mesmas propriedades que aquele, nomeadamente: (i) o verbo é sempre acompanhado do atributo (que poderá corresponder a um nome, a um *GN*, a um adjectivo, participial ou não, ou a um sintagma preposicional), o que significa que (ii) o atributo não pode ser deslocado, destacado ou apagado na frase.

Assim, uma expressão como, por exemplo, *partir* (*partir*, *sair*), ilustrada em (71), não deverá ser entendida como um verbo atributivo ou copulativo, como propõe Riegel, dado que as condições (i) e (ii) acima referidas não são respeitadas.

- (71) Paul part furieux
[O Paulo partiu furioso]

Com efeito, o *Adj* que aparece à direita do *V* apresenta uma mobilidade frásica característica dos adverbais (*cf.* (72)-(73)), podendo, como aqueles, ser apagado (*cf.* (74)), sem que a frase resulte agramatical.

- (72) Paul furieux part
[O Paulo furioso partiu]

- (73) Furieux, Paul part
[Furioso, o Paulo partiu]

- (74) Paul part
[O Paulo partiu]

Numa perspectiva transformacional, que adoptamos, a frase (71) (tal como (68)) deve ser entendida como uma frase complexa, resultante da concatenação de duas predicções, uma cujo predicador é um *V* (frase (a)) e outra cujo predicador é um *Adj* (frase (b)).

- (a) O Paulo_i partiu
(b) O Paulo_i estava furioso

O mecanismo formal apresentado por Ranchhod (1990: 90-99) para analisar a integração de predicados nominais, com valor adverbial, noutras frases (cf. (75)) parece poder aplicar-se, com as necessárias adaptações, ao exemplo em questão.

- (75) O Pedro, em pânico, disse tudo à Maria
= Digo que # O Pedro_i disse tudo à Maria # O Pedro_i estava em pânico

Consideramos, com a autora, que a integração da frase (b) em (a) é possível, uma vez que as marcas gerais de coesão textual entre estas duas construções são verificadas. Essas marcas manifestam-se «a) pela aposição de conteúdos independentes, mas não paradoxais; b) pelas redes de co-referência que ligam os grupos substantivais dos dois membros [...]; c) pela ordenação dos tempos gramaticais em relação ao performativo “Digo que” » (*idem*: 97):

- O Paulo partiu furioso
= Digo que # O Paulo_i partiu # O Paulo_i estava furioso

A correferência que existe entre o sujeito do verbo e o do *Adj* conduz, como é habitual, à pronominalização da segunda ocorrência do *GN*.

- [Pronom] = O Paulo partiu # ele estava furioso

Por ser correferente, o sujeito pronominal pode ser reduzido a zero:

- [Pron z.] = O Paulo partiu # estava furioso

Sem a presença explícita do sujeito gramatical, o *Vaux estar* perde os traços de flexão *pessoa-número* e passa à forma gerundiva, a qual, apesar de ser uma forma

nominal, conserva o valor temporal previamente explícito na construção, formando o que classicamente se denomina de *oração reduzida gerundiva*.

[Flex Vsup z.] = O Paulo partiu, estando furioso

Segundo a autora, a fronteira de frase é apagada e a oração reduzida gerundiva pode deslocar-se para qualquer posição do primeiro membro frásico, comportando-se como um *Adv de frase*. Nestas condições, o *Vaux* torna-se redundante e é, também ele, reduzido a zero.

[Vsup z.] = O Paulo partiu furioso

Esta análise permite distinguir os verbos auxiliares, que não têm capacidade de selecção argumental nem existência autónoma (isto é, que dependem sempre de um outro elemento, predicativo, na construção), dos verbos lexicais que podem surgir acompanhados de um *Adj* predicativo, com valor adverbial, após a aplicação de um conjunto de operações formais. Assim, verbos como, por exemplo, *ir, vir, partir, voltar, entrar, sair e cair*, tradicionalmente reconhecidos como *Vcop* (§ I, 3.2.1), deverão ser, de facto, analisados como verbos lexicalmente plenos, quando aparecem no domínio de uma construção complexa como a que acabámos de analisar.

3.2.3 O verbo *ser* da construção passiva

O verbo das construções *passivas perifrásticas* (ou *sintácticas*) tem sido, na generalidade dos trabalhos, classificado como auxiliar, por oposição ao que se observa, por exemplo, com o verbo das construções *passivas de estado* (ou *adjectivais* ou *passivas resultativas*), o qual é comumente classificado como *Vcop* (Duarte, 2003: 521-538). As frases (76) e (77) ilustram as duas construções referidas, a passiva perifrástica e a passiva de estado, respectivamente.

(76) A cidade foi destruída pelo incêndio

(77) A cidade (está + ficou) destruída

Na perspectiva de alguns autores (Eleutério *et al.* 1995; Ranchhod, 2004), que é a nossa também, o verbo *ser* da construção passiva, em (76), é idêntico, do ponto de vista sintáctico, ao verbo *ser* que co-ocorre com o adjectivo numa qualquer outra

construção de cópula, ou, ainda, ao verbo *estar* que aparece nas construções passivas de estado, como em (77). A principal função do verbo em qualquer uma das construções mencionadas é a de auxiliar modal, temporal e aspectualmente o predicador, que se considera ser, em todos os casos, de tipo adjectival.

Ser e *estar* exibem, portanto, as principais propriedades geralmente apontadas na caracterização dos verbos auxiliares, em particular:

- (i) não têm propriedade de selecção argumental;
- (ii) apenas introduzem valores de *tempo-modo-aspecto* à construção, não interferindo na rede argumental, seleccionada pelo predicador (neste caso, adjectival);

Por outro lado, nas construções adjectivais em que o verbo *ser* é tradicionalmente reconhecido como *Vcop*, é comum admitir-se, entre outras coisas, que o *Adj*:

- (i) partilha as marcas de género e número apresentadas pelo sujeito da construção;
- (ii) aceita, desde que isso não vá contra a sua natureza semântica, quantificação e variação em grau, a qual pode ser expressa por meio de processos sintácticos ou morfológicos;
- (iii) pode, ele próprio e seus eventuais complementos (essenciais), ser substituído por uma forma clítica do pronome demonstrativo.

Ora, todas estas propriedades parecem ser igualmente exibidas pelas formas participais que ocorrem na construção passiva perifrástica (*cf.* (78)-(79)).

(78) O Zé foi (muito explorado + exploradíssimo) (pelo patrão + E)

(79) O Zé foi explorado (pelo patrão + E) e o Paulo também o foi

Assim sendo, não encontramos argumentos suficientemente fortes para, por um lado, atribuir uma classificação diferente ao verbo *ser* da construção passiva do que aquela que se atribui, em geral, ao verbo que ocorre na construção passiva de estado ou numa construção predicativa ‘típica’, e, pelo outro lado (e talvez o que está na base

dessa análise), consideramos que as formas participiais que aparecem nas construções passivas são caracterizadas mais adequadamente como adjectivos do que como verbos.

Esta não é, porém, uma questão consensual. Por exemplo, Gonçalves & Costa (2002: 61) defendem que «não devemos concluir [...] que o verbo *ser* passivo e o verbo *ser* predicativo são um só e, por isso, ocorrem na mesma construção». Esta afirmação tem como base a ideia de que «o primeiro se combina apenas com formas verbais [...] e o segundo, com formas nominais ou adjectivais» (*idem: ibidem*). Eis os exemplos em que as autoras se baseiam, e que rerepresentamos, seguidamente, como (80)-(82).

(80) Os exercícios foram propostos pelos professores de Linguística [Gon & Costa, 2002: 61]

(81) Os exercícios foram um horror [*idem: ibidem*]

(82) Os exercícios foram difíceis [*idem: ibidem*]

De facto, o que aqui está essencialmente em causa parece ser a natureza do predicador, e não a natureza do verbo *ser* com o qual este se constrói. Se considerarmos que *proposto*, aliás, como qualquer outra forma participial que se construa com o verbo *ser*, corresponde a uma expressão adjectival, o argumento utilizado pelas autoras para a subclassificação do verbo deixa de fazer sentido. O verbo *ser* comportar-se-ia, assim, como *Vcop*, em (80) e (82), ou como *Vsup*²⁵, em (81).

Em (80), o predicador adjectival, *proposto*, selecciona, como o verbo equivalente, *propor*, dois argumentos, que se apresentam, contudo, com uma ordem inversa à do verbo. Esta equivalência pode ser estabelecida por meio de um processo geral que se chama *apassivação* e que consiste na transformação de uma frase activa (com predicador verbal) numa frase passiva equivalente (com predicador adjectival). A operação de *apassivação*, cuja aplicação depende fortemente da natureza sintáctico-semântica do verbo e do preenchimento lexical das suas posições argumentais, não afecta os papéis temáticos dos constituintes da frase. Em geral, o nome que ocorre na posição de complemento da construção passiva, e que desempenha a função de sujeito na frase activa, pode ser lexicalmente reduzido, na frase passiva, sem que a mesma resulte agramatical.

Em (81), está-se perante um predicado nominal, suportado por *ser*, o qual tem uma construção adjectival, mas não verbal, equivalente (*cf.* (83)).

²⁵ No âmbito dos trabalhos do léxico-gramática, a classificação de verbo-suporte (*Vsup*) está associada aos verbos semanticamente fracos que co-ocorrem com (e servem de suporte a) predicados nominais. A função destes verbos é idêntica à dos verbos-copulativos enquanto auxiliares de adjectivos.

- (83) Os exercícios foram um horror
= Os exercícios foram horrorosos

Em (82), o predicador, neste caso, adjectival, tem, como no caso anterior, uma construção nominal predicativa equivalente, mas, desta feita, construída com *ser de*, e não com *ser* (cf. (84)).

- (84) Os exercícios foram difíceis
= Os exercícios foram de uma certa dificuldade

Ora, como não existe uma construção verbal directamente associada a nenhuma destas construções, a operação de apassivação não está, naturalmente, disponível para estes casos.

3.3 Posição adnominal dos adjectivos

Quando um adjectivo atributivo ocorre em posição adnominal à direita, a predicação que esse adjectivo exerce sobre o nome manifesta-se pela existência de uma frase paralela onde a forma adjectival aparece à direita de um *Vcop* elementar, como *ser* ou *estar*, ou ainda uma das extensões aspectuais ou estilísticas desses verbos. Esse é, por exemplo, o caso dos adjectivos ilustrados em (85) e (86).

- (85) O rapaz é uma criança saudável (...) [CP]
= O rapaz é uma criança que é saudável
- (86) Casanova (...) negava-se a seduzir mulheres alcoolizadas. [CP]
= Casanova negava-se a seduzir mulheres que estivessem alcoolizadas

Do ponto de vista da gramática transformacional harrissiana (Vendler, 1968: 109-120), admite-se que a posição adnominal à direita dos adjectivos atributivos resulta de uma transformação que consiste na redução do pronome relativo e do *Vcop* [*Red Rel*] no quadro de uma oração relativa [*Rel*].

- [Rel] O rapaz é uma criança que é saudável
[Red Rel] = O rapaz é uma criança saudável

[Rel] Casanova negava-se a seduzir mulheres que estivessem alcoolizadas
 [Red Rel] = Casanova negava-se a seduzir mulheres alcoolizadas

Contrariamente aos adjectivos anteriormente ilustrados, que, em posição adnominal aparecem normalmente à direita, certos adjectivos predicativos podem igualmente aparecer à esquerda do nome, sem que se observe uma alteração substancial do significado das construções em que ocorrem. Esse é, por exemplo, o caso de *bonito* e *pequeno*, nas frases a seguir apresentadas.

(87) Elis era uma mulher bonita (...) [CP]
 = Elis era uma bonita mulher

(88) Tenho um apartamento pequeno, em Brooklyn, perto de casa. [CP]
 = Tenho um pequeno apartamento, em Brooklyn, perto de casa

É frequente considerar-se que a interpretação das construções ilustradas em (87) e (88) não é exactamente a mesma, argumentando-se que apenas «a posição pós-nominal tem valor restritivo, especificador, predicativo» (Brito, 2003: 378). Em posição pré-nominal, admite-se normalmente que os adjectivos possam adquirir um significado diferente, tendo uma «interpretação não inerente e por isso mesmo associada a conotação ou sentido “figurado”» (*idem*: 379), contrariamente ao que se observa quando os mesmos adjectivos ocupam uma posição pós-nominal, onde têm uma «interpretação inerente ou sentido denotativo» (*idem: ibidem*).

Essa não é, porém, a nossa interpretação no que diz particularmente respeito aos exemplos ilustrados. Na verdade, embora a posição pós-nominal dos adjectivos seja a ordem predominante, em português²⁶, certos adjectivos predicativos (como é o caso dos *Adj* ilustrados nos exemplos acima) podem igualmente aparecer à esquerda do nome que modificam, sem que o seu estatuto sintáctico ou o significado das construções que integram se altere significativamente (Casteleiro, 1981: 55-60).

Neste sentido, considera-se que os *Adj*, nas frases (87) e (88), estão ligados pela mesma transformação (Casteleiro, 1981: 56; Carvalho, 2001: 13-14). A posição pré-nominal dos adjectivos pode ser derivada a partir da posição pós-nominal, mediante uma operação que designámos como *permuta do Adj* (Carvalho, 2001: 14). Esta

²⁶De referir que, dos 2.820 adjectivos predicativos analisados por Carvalho (2001), apenas 111 (cerca de 4%) admitem as posições pós- e pré-nominal. Note-se que estes números não têm em conta a combinação dos *Adj* com nomes predicativos, pelas razões expressas, mais adiante, no texto.

operação consiste em deslocar o *Adj* para a esquerda do nome, posição onde o adjectivo adquire, muitas vezes, um certo valor enfático (Fonseca, 1985)²⁷.

[Rel]	=	Elis era uma mulher que era bonita
[Red Rel]	=	Elis era uma mulher bonita
[Permuta Adj]	=	Elis era uma bonita mulher
[Rel]	=	Tenho um apartamento que é pequeno
[Red Rel]	=	Tenho um apartamento pequeno
[Permuta Adj]	=	Tenho um pequeno apartamento

Nos casos em que os adjectivos, e, conseqüentemente, as construções em que os mesmos se encontram, apresentam sentidos substancialmente diferentes, a relação de equivalência, formalizada através da operação de permuta do *Adj* para a posição pré-nominal não pode operar (*cf.* (89)-(90)).

- (89) O Zé é um indivíduo pobre
≠ O Zé é um pobre indivíduo
- (90) O Zé vive perto da escola antiga
≠ O Zé vive perto da antiga escola

Na verdade, se tivermos em consideração apenas os exemplos apresentados, concluímos que a predicatividade dos adjectivos *pobre* e *antigo* está associada ao seu emprego pós-nominal. Em posição pré-nominal, eles comportam-se como (e têm o valor de) *Adj* não predicativos (§ I, 4).

3.3.1 O papel do *N* na determinação da posição adnominal do *Adj*

Certas classes sintáctico-semânticas de adjectivos admitem exclusivamente a posição pós-nominal, como é, por exemplo, o caso dos adjectivos que se encontram associados à manifestação de uma dada doença ou um estado patológico, *Adj Doen*, os adjectivos de nacionalidade, *Adj Nac*, e os adjectivos que remetem para uma determinada crença,

²⁷Casteleiro (1981: 57) refere ainda que os adjectivos, em posição pós-nominal, parecem ter uma interpretação restritiva e, em posição pré-nominal, uma interpretação explicativa, desde que na frase não existam outras expressões com valor particularizante (como é, por exemplo, o caso dos determinantes demonstrativos).

doutrina ou movimento (religioso, político, económico, literário, artístico, etc.), *Adj Filo*, ilustrados, respectivamente, nos exemplos (91), (92) e (93)²⁸.

- (91) Testes frequentes são ainda indispensáveis às grávidas e às **crianças diabéticas**. [CP]
- (92) Espera-se agora que nos próximos dias a OJR cumpra a sua promessa de libertar um **refém americano**. [CP]
- (93) Fechada durante quase 50 anos por um **ditador estalinista** (...) a misteriosa Albânia ressuscitou em Março do ano passado [CP]

No entanto, na maior parte dos casos, a possibilidade de certos adjectivos poderem ocorrer em posição adnominal à direita e/ou à esquerda está fortemente condicionada pela natureza sintáctica e semântica do próprio nome com que se combinam e da construção sintáctica em que o *GN* está incluído. Analisemos os exemplos que apresentamos em seguida.

- (94) O Zé é um rapaz comedido
= * O Zé é um comedido rapaz
- (95) O Zé mostrou um optimismo comedido
= O Zé mostrou um comedido optimismo
- (96) O Zé é uma pessoa discreta
= *O Zé é uma discreta pessoa
- (97) O Zé fez um aceno discreto à Maria
= O Zé fez um discreto aceno à Maria

Observa-se que os adjectivos *comedido* e *discreto* aceitam mal ou não aceitam a posição pré-nominal, quando combinados com *Nhum*. Contudo, esse comportamento deixa de se observar, no caso de se encontrarem relacionados com nomes de outra natureza sintáctico-semântica, em particular, com nomes de tipo predicativo, como é o caso de *optimismo* e *aceno*, respectivamente (Carvalho, 2001: 13).

²⁸ Brito (2003: 366) refere, a este propósito, que aparecem exclusivamente em posição adnominal à direita «os adjectivos de tipo classificatório, técnicos e de relação, e os que designam forma, cor, estado, dimensão».

No caso de o nome envolvido corresponder a um nome próprio (*Npr*) humano, o *Adj* predicativo aparecerá, pelo contrário, obrigatoriamente em posição pré-nominal (*cf.* (98)-(99)).

(98) A musa de «O Expresso de Chungking» é a **lindíssima Faye Wang**, vedeta da «pop» do extremo-oriental [CP]

(99) O clube de Cruyff já contratou o **português Luís Figo** e o **bósnio Kodro** (Real Sociedad) está praticamente certo [CP]

Neste caso, o adjectivo apenas pode ter uma leitura apositiva, o que significa que só pode ocorrer à direita do *Npr*, se entre eles existir um separador formal, como a vírgula (*cf.* (100)-(101)).

(100) A musa de «O Expresso de Chungking» é a Faye Wang, lindíssima vedeta da «pop» do extremo-oriental

(101) O clube de Cruyff já contratou o Luís Figo, português, e o Kodro, bósnio, está praticamente certo

Como vimos, a determinação do contexto adnominal dos adjectivos predicativos não depende exclusivamente das propriedades sintáctico-semânticas veiculadas por estes elementos. Nela intervêm variados factores, entre outros, a natureza sintáctico-semântica do nome com que os *Adj* surgem relacionados. Esta questão será discutida, mais pormenorizadamente, na *Parte II* (§ II, 4), na qual apresentaremos igualmente os critérios tidos em consideração na classificação dos adjectivos nas matrizes sintácticas relativamente a esta propriedade distribucional.

3.4 Quantificação do Adjectivo

Uma das propriedades geralmente atribuídas aos adjectivos qualificativos é a propriedade de variação em grau, a qual pode ser expressa, como referem Cunha & Cintra (1984: 256-263), por meio de processos sintácticos ou morfológicos. Na literatura, são geralmente reconhecidos dois tipos de grau:

- (i) *grau comparativo*, que pode assumir várias modalidades, nomeadamente comparativo de *superioridade*, comparativo de *inferioridade* e comparativo de *igualdade*;

(ii) *grau superlativo*, que pode ser *absoluto – analítico* ou *sintético* – ou *relativo*. O grau superlativo relativo é ainda subdividido em superlativo relativo de *superioridade* e superlativo relativo de *inferioridade*.

Os graus comparativo de superioridade e comparativo de inferioridade são regularmente formados pela anteposição do advérbio *mais* ou *menos*, respectivamente, e pela posposição das conjunções *que* ou *do que* ao adjectivo (cf. (102)-(103)).

(102) O Zé é (mais + menos) esperto (do que + que) a Maria

(103) O Zé é (mais + menos) esperto (do que + que) inteligente

Na formação do comparativo de igualdade intervêm, por sua vez, o advérbio *tão* e as conjunções *como* ou *quanto* (cf. (104)-(105)).

(104) O Zé é tão esperto (como + quanto) a Maria

(105) O Zé é tão esperto (como + quanto) inteligente

Neste caso, são, de facto, o *Adv Quant* e a conjunção *que*, em conjunto, transmitem o grau aos adjectivos. Esses elementos podem ser encarados como *morfemas de grau descontínuos* (Ranchhod, 2001; Carvalho, 2001). O morfema de grau, no comparativo, afecta não somente o primeiro termo da comparação (o *Adj*), mas também o segundo termo (que pode ser outro *Adj*, um *GN* ou, até mesmo, uma *F*). O segundo termo da construção comparativa pode encontrar-se, contudo, localmente omitido (cf. (106)).

(106) O Zé é (mais + menos) esperto

Os morfemas de grau comparativo *mais* e *menos* podem ser intensificados por certos advérbios, como, por exemplo, *muito*, *bem* e *extraordinariamente* (cf. (107)).

(107) O Zé é (muito + bem + extraordinariamente) (mais + menos) esperto (do que + que) (a Maria + inteligente)

Quando se encontram sozinhos a quantificar ou a intensificar a propriedade expressa pelo *Adj*, diz-se que os *Adv* formam com o *Adj* o *grau superlativo analítico* (Cunha & Cintra, 1984: 258).

(108) O Zé é (muito + bem + pouco + bastante + extraordinariamente) inteligente

O grau superlativo também pode ser expresso, segundo Cunha & Cintra, pela adjunção ao *Adj* de certos prefixos (ou *pseudo-prefixos*), tais como *super*, *ultra*, *extra* e *hiper* (cf. (109)-(110)), ou ainda pela mera repetição do adjectivo (cf. (111)).

(109) O Zé é (super + hiper) inteligente

(110) Foi uma conversa (ultra-rápida + extra-longa)

(111) O Zé é rico, rico

Além destes, encontram-se ainda disponíveis na língua outros processos de quantificação superlativa, que envolvem, nomeadamente, aquilo a que Fonseca (1985) chama de *quantificação indirecta*. A quantificação indirecta pode, por exemplo, efectuar-se mediante o recurso a uma *construção aparentada*, nas palavras do autor, idênticas às sublinhadas, por exemplo, em (112)-(114).

(112) O Zé é alto **como uma torre**

(113) O Zé é surdo **como (uma porta + uma parede)**

(114) O Zé é (mau + perigoso) **como as cobras**

Sintacticamente, estas construções correspondem a expressões adverbiais fixas, cujas restrições combinatórias que se estabelecem entre elas e os adjectivos com os quais podem co-ocorrer, foram formalmente descritas, por exemplo, por M. Gross (1984), para o francês, e por Ranchhod (1991), para o português.

Relativamente ao grau superlativo absoluto sintético, ele forma-se através da adjunção de certos morfemas de grau, *-íssimo* e *-érrimo*²⁹, às formas adjectivais (cf. (115)).

(115) O Zé é (inteligentíssimo + riquíssimo + paupérrimo)

O grau superlativo relativo, por seu turno, é formado mediante a anteposição do artigo definido ao comparativo de superioridade e ao comparativo de inferioridade, dando, assim, lugar ao superlativo relativo de superioridade e de inferioridade, respectivamente (cf. (116)).

²⁹Os adjectivos *bom*, *mau*, *grande* e *pequeno*, como fazem notar Cunha & Cintra (1984: 262), têm formas próprias para expressar a quantificação. Os superlativos absolutos daqueles adjectivos são, respectivamente, *ótimo*, *péssimo*, *máximo* e *mínimo*.

(116) O Zé é o (E + aluno) (mais + menos) inteligente da turma

O nome que o adjectivo modifica pode estar omitido na construção, como mostra o exemplo.

A propriedade de quantificação pode ser observada em adjectivos que, em geral, podem estar associados a uma determinada polaridade, admitindo-se que as propriedades semânticas por eles veiculadas podem ser mensuráveis ou quantificáveis numa determinada escala de grandeza³⁰. Os adjectivos que representam propriedades absolutas, como é, por exemplo, o caso dos adjectivos que subclassificámos como *Adj Nac* (cf. (117)) ou *Adj Filo* (cf. (118)), não permitem, normalmente, modificação por um *Adv* quantificador nem por um morfema de grau.

(117) *O Zé é (muito + extremamente + pouco) (português + sul-africano + americano)

(118) ?*O Zé é (muito + extremamente + pouco) (muçulmano + socialista + benfiquista)

Todas estas restrições se encontram formalizadas nas matrizes sintácticas que descrevem os adjectivos que estudámos.

³⁰ Brito (2003: 379) refere que «são graduáveis os de medida (*alto, recente*) e os valorativos (*bondoso, ilustre*)» e que «são não graduáveis os adjectivos que exprimem nacionalidade, origem, cor, estado, matéria» (*idem* : 380)

4 ADJECTIVOS NÃO PREDICATIVOS

Certos adjectivos têm emprego estritamente adnominal e são, de um modo geral, desprovidos das propriedades que caracterizam os adjectivos predicativos, em particular, não têm capacidade de selecção argumental, não podem ocorrer numa construção com *Vcop* nem receber quantificadores ou morfemas de grau. Situam-se, neste grupo, os *adjectivos de relação*, já antes referidos (§ I, 2.1), e os adjectivos, por vezes, agrupados sob a designação de *adjectivos adverbiais* (termo utilizado, por exemplo, por Demonte, 1999: 129).

Nesta última classe de adjectivos, que pode ser semântica e sintacticamente muito variada, cabem, por exemplo, (i) os adjectivos *temporais* e/ou *aspectuais*, como é o caso de *actual*, *antigo* e *habitual* (Giry-Schneider, 1997); (ii) os *adjectivos de localização* ou *espaciais*, como é o caso de *direito*, *sul* e *traseiro* (Borillo, 1988; Laporte, 2005) e (iii) os *adjectivos intensificadores*, como é o caso de *grande*, *enorme* e *verdadeiro* (Giry-Schneider, 2005; Grossmann & Tutin, 2005).

- (1) O **actual** estado de saúde de Fidel Castro parece delicado
- (2) A fachada **sul** do edifício está a ser restaurada
- (3) Isso é um **verdadeiro** disparate

A posição sintáctica que estes adjectivos podem ocupar depende de vários factores, nomeadamente da natureza sintáctico-semântica do próprio adjectivo e do nome com que este se relaciona.

Por exemplo, no que respeita aos adjectivos *temporo-aspectuais*, como é o caso de *actual*, observa-se que eles ocupam preferencialmente uma posição pré-nominal, embora a posição pós-nominal seja, em alguns casos, igualmente possível (*cf.* (4))³¹.

- (4) O estado de saúde **actual** de Fidel Castro parece delicado

De ressaltar, porém, que, em certos casos, a possibilidade de alternância de posição sintáctica é apenas aparente, uma vez que, dependendo do contexto que ocupa, o adjectivo pode apresentar valores linguísticos distintos. Esse é, por exemplo, o caso de *antigo*, que, em posição pós-nominal, se pode comportar como (e ter valor de) adjectivo não predicativo ou predicativo. Esta ambiguidade pode ser resolvida se o *Adj* se

³¹Por exemplo, no *CETEMPúblico anotado*, o *Adj actual* surge em 76% dos casos encontrados (um total de 53.400 ocorrências) em posição pré-nominal (40.944 ocorrências).

encontrar numa oração com *Vcop*, neste caso, *ser*, ou aparecer quantificado, por exemplo, através do morfema superlativo de grau *-íssimo*. Nessa situação, apenas a análise predicativa do *Adj* é possível (cf. (5)).

- (5) A casa antiga do Zé foi vendida em hasta pública
- = A casa do Zé, que era antiga, foi vendida em hasta pública
- = A casa do Zé, antiquíssima, foi vendida em hasta pública

Essa mesma análise não parece, no entanto, poder ser conferida ao *Adj*, no caso de ele se encontrar em posição pré-nominal (cf. (6)).

- (6) A antiga casa do Zé foi vendida em hasta pública
- ≠ A casa do Zé, que era antiga, foi vendida em hasta pública
- ≠ A casa do Zé, antiquíssima, foi vendida em hasta pública

Numa perspectiva transformacional (Giry-Schneider, 1997), defende-se que os adjectivos temporais e aspectuais podem ser analisados como advérbios que incidem, não sobre o nome adjacente, mas sobre um termo exterior ao *GN* em que aparecem. Em (5), *antigo* tem escopo sobre a relação de posse que se estabelece entre o nome *casa* e um outro termo no interior do *GN*, neste caso, *Zé* (*O Zé tinha uma casa*).

Segundo Giry-Schneider (*idem*: 17-18), estes adjectivos resultam da combinação de duas operações sintáticas conhecidas, nomeadamente, (i) a redução de uma oração relativa, permitindo a formação de *GN* complexo (M. Gross, 1981: 22) e (ii) a «descida» de um advérbio (modificador de um verbo) para posição de modificador nominal, sob a forma de adjectivo morfologicamente associado (Giry-Schneider, 1987: 31-32). Estas operações permitiriam, pois, relacionar as frases (7) e (8).

- (7) A antiga casa do Zé foi vendida em hasta pública
- = A casa que o Zé tinha antigamente foi vendida em hasta pública

- (8) O Zé ainda não fez as suas tarefas habituais
- = O Zé ainda não fez as tarefas que faz habitualmente

Esta última operação tem, nas palavras da autora, a particularidade de a transformação se efectuar não no âmbito de uma frase simples, mas no de uma forma de base complexa, onde o advérbio se encontra integrado numa relativa³².

Como vimos, o comportamento sintáctico dos adjectivos temporais e aspectuais exprimem valores que se considera serem tradicionalmente expressos pelos advérbios. Há casos, porém, em que os adjectivos parecem funcionar fundamentalmente como determinantes. É o que acontece, por exemplo, com os adjectivos ilustrados em (9)-(11), a que se pode atribuir a designação de *adjectivos intensivos* ou *adjectivos de intensidade* (Giry-Schneider, 2005).

- (9) A (**maldita + malvada + desgraçada**) febre não baixa
- (10) O Zé tem uma (**verdadeira + enorme + inestimável**) fortuna
- (11) O carro atingiu uma velocidade (**louca + vertiginosa + estonteante**)

Embora possam ser homógrafos de predicadores adjectivais, os *Adj* anteriormente ilustrados perderam o seu valor original para adquirir um novo significado. Em (9), o adjectivo junta-se a um grupo nominal, exprimindo uma noção de intensidade, sob a forma de apreciação, neste caso, negativa, da parte do locutor ou enunciador. No contexto em questão, o *Adj* pode ser comparado a um uso de certas expressões exclamativas, como é o caso de *que*, em (12)³³.

- (12) (Que + Maldita + Malvada + Desgraçada) febre!

Em (10) e (11), o adjectivo de intensidade pode ser facilmente comparável a um quantificador, o que significa que pode comutar com uma expressão com o mesmo sentido, por exemplo o determinante indefinido composto *um certo* (M. Gross, 1977: 95).

- (13) O Zé tem (uma certa + uma verdadeira + uma enorme + uma inestimável) fortuna

³² Esta operação é descrita por Mohri (1994) sob a designação de «Raising of Adverbials».

³³ Seguindo Harris (1976), pode considerar-se que as construções exclamativas resultam do apagamento de uma construção com um operador metalinguístico, por exemplo, *exclamar: Eu exclamei: (que + maldita + malvada + desgraçada) febre!* Esse operador, que constitui uma parte performativamente apropriada ao discurso, pode ser reduzido a zero (§ II, 5.3). Refira-se, contudo, que tais adjectivos podem co-ocorrer com o morfema exclamativo, ocupando preferencialmente, nesse caso, uma posição pós-nominal: *Que febre (maldita + malvada + desgraçada)!*

- (14) O carro atingiu (uma certa velocidade + uma velocidade louca + uma velocidade vertiginosa + uma velocidade estonteante)

A interpretação intensiva dos adjectivos depende, contudo, de condições sintácticas precisas e, em particular, da natureza do nome com que se relacionam. Por exemplo, *louco*, quando combinado com um nome como *velocidade*, não exerce o papel tradicional de modificador nominal; essa é, contudo, a sua função, quando se encontra relacionado com um nome de natureza humana (*cf.* (15)).

- (15) A Maria é uma rapariga louca
≠ ?*A Maria é uma certa rapariga

Nesta frase, o adjectivo não pode, naturalmente, comutar com um determinante quantificador.

5 O LUGAR DOS ADJECTIVOS-NOMES NAS GRAMÁTICAS E NOS DICIONÁRIOS

Nos capítulos anteriores, passámos em revista algumas propriedades linguísticas geralmente atribuídas às palavras classificadas como adjectivos, procurando pôr em evidência o facto de os mesmos constituírem uma categoria particularmente heterogénea. As duas principais subclasses sintácticas de adjectivos, tradicionalmente reconhecidas como *Adj* predicativos e *Adj* não predicativos, apresentam, entre si, comportamentos sintácticos muito diferentes, e, mesmo no seio de cada uma destas subclasses, é possível registar grande diversidade linguística. Tentámos igualmente mostrar que o comportamento sintáctico dos adjectivos está fortemente condicionado pela natureza das palavras com que se relacionam, em particular, os nomes.

Existem, porém, casos de adjectivos que parecem, à primeira vista, prescindir da existência de um elemento nominal, pelo menos, de um que se encontre lexicalmente expresso na construção que integram (*cf.* (1)-(4)).

- (1) Ora, um dos mais graves dramas da sociedade portuguesa é a generalização da ideia de que só os **parvos** têm que pagar impostos [CP]
- (2) (...) os médicos que tratam os **tuberculosos** fazem o teste do HIV regularmente [CP]
- (3) Se os **franceses** rejeitarem o Tratado de Maastricht no próximo domingo, estarão a sacrificar anos de esforços conducentes a uma união europeia (...) [CP]
- (4) O Papa João Paulo II vai levar a sua mensagem a milhões de **católicos** através do ciberespaço [CP]

Trata-se de adjectivos que, à primeira vista, parecem ter adquirido uma certa autonomia lexical e sintáctica: ocorrem em contextos tipicamente ocupados por nomes, como é o caso da posição pós-determinante, e podem desempenhar sozinhos a função de núcleo do *GN* que integram. Face a este comportamento linguístico, a tradição gramatical e lexicográfica tem evocado um processo de criação lexical, mais conhecido como *derivação imprópria* ou *conversão*, conferindo a estas expressões o estatuto de nome.

A questão central que se coloca é, pois, a de saber se se está efectivamente perante um fenómeno morfológico ou lexical, que explica, neste caso em concreto, a passagem de adjectivos a nomes, ou se, pelo contrário, se está perante uma estratégia de

natureza sintáctica, que justifica a presença de certas categorias gramaticais em posições tradicionalmente consagradas a outras categorias.

Discutiremos, em seguida, os principais aspectos subjacentes a cada uma destas abordagens.

5.1 Substantivação do adjectivo ou nominalização de adjectivo

A *derivação imprópria* (ou *conversão*), tradicionalmente abordada nas gramáticas no âmbito dos processos de formação de palavras, dá conta da possibilidade de certas unidades lexicais poderem mudar de categoria gramatical em função da sua distribuição na frase. Nas palavras de Cunha e Cintra, «basta, por exemplo, antepor-se o artigo a qualquer vocábulo da língua para que ele se torne um substantivo» (Cunha & Cintra, 1984: 105).

O mecanismo de criação de nomes a partir de formas adjectivais, comumente conhecido como *substantivação do adjectivo* ou *nominalização de adjectivo*, é visto como um processo muito produtivo, podendo ser observado tanto nas línguas românicas como nas germânicas. De facto, estamos em crer que, no caso do português, grande parte das homografias que se registam entre nomes e adjectivos resulta da interpretação deste fenómeno linguístico. Questionamo-nos, porém, se todas essas homografias constituirão verdadeiros casos de ambiguidade lexical e sintáctica.

Tomemos como exemplo as expressões destacadas nas frases a seguir ilustradas.

- (5) O Zé bebeu um **fino** ao almoço
- (6) Lisboa é a **capital** de Portugal
- (7) O Zé tem um **alto** na cabeça

Parece inquestionável que todas as palavras em análise, lexicalmente ambíguas entre nomes e adjectivos (no caso de *fino* e *capital*), e eventualmente entre estas e outras categorias gramaticais (caso de *alto*, que, além de *N* e *Adj*, pode ter ainda valor adverbial), nos exemplos, se comportam como (e têm o valor de) verdadeiros nomes.

Na perspectiva da morfologia construcional (Corbin, 1991)³⁴, estes nomes podem ser interpretados como um caso prototípico de conversão, no sentido em que a mudança da categoria gramatical de base (um adjectivo) para a categoria de

³⁴ Neste quadro teórico, considera-se que as palavras construídas apresentam um significado previsível, que lhes é conferido pelos elementos morfológicos que estão na sua base.

acolhimento (um nome) implicou a «aquisição de todas as características gramaticais da categoria de acolhimento (padrão flexional, comportamento sintáctico, conteúdo semântico e capacidade denominativa)» (Correia, 2002: 24).

No contexto em questão, as expressões *fino*, *capital* e *alto* não apresentam, com efeito, um comportamento tipicamente adjectival. Por exemplo:

(i) não admitem variação em género (correspondem a palavras intrinsecamente masculinas, caso de *fino* e *alto*, ou femininas, caso de *capital*)³⁵;

(8) *O Zé bebeu uma fina

(9) *Lisboa é o capital de Portugal

(10) *O Zé tem uma alta na cabeça

(ii) não aceitam quantificação nem variação em grau (cf. (11)-(13)).

(11) * O Zé bebeu um muito fino

(12) *Lisboa é a mais capital de Portugal

(13) *O Zé tem um altíssimo na cabeça

(iii) não podem comutar nem ser coordenadas com outras formas adjectivais, *a priori* semanticamente próximas ou compatíveis (cf. (14)-(16)).

(14) *O Zé bebeu um estreito

(15) *Lisboa é a principal de Portugal

(16) *O Zém tem um elevado na cabeça

Segundo Correia (*idem*: 25), o tipo de conversão aqui envolvido, *conversão de focalização*, consiste num processo metonímico, que envolve a «adopção do adjectivo que denomina a qualidade que é vista como a mais relevante do objecto em causa para denominar o objecto que é portador dessa qualidade».

Independentemente das motivações semânticas ou pragmáticas que estão na origem da construção destes nomes, as quais não pretendemos aqui aprofundar, importa realçar que, em casos como estes, a homografia entre nomes e adjectivos é, de facto,

³⁵ De referir que *capital* pode ainda representar um nome masculino: *O Zé investiu todo o seu capital na Bolsa de Valores*. Neste caso, a homografia nominal pode ser resolvida mediante a recuperação das marcas de género veiculadas pelo determinante.

inquestionável. Estas palavras representam unidades lexicais morfossintacticamente distintas e, por vezes, só muito remotamente se mostra possível estabelecer uma relação semântica ou referencial entre o nome e o adjectivo. Por todos estes motivos, faz todo o sentido que sejam tratadas como entradas independentes nos dicionários.

O mesmo tratamento não deve, em nossa opinião, ser conferido a expressões como as que ilustrámos em (1)-(4), já que os princípios subjacentes à noção de conversão, pelo menos nos moldes em que foi antes definida, não são verificados. Retomemos, a título de exemplo, o caso de *parvo*, ilustrado em (1) e que aqui rerepresentamos.

- (17) <Ora, um dos mais graves dramas da sociedade portuguesa é a generalização da ideia de que só> os **parvos** têm que pagar impostos

Contrariamente ao que sucede com os exemplos das construções anteriores, *parvo* não altera o seu padrão flexional, isto é, continua a admitir variação em número e género (cf. (18) e (19), respectivamente).

- (18) O parvo tem que pagar impostos
(19) As parvas têm que pagar impostos

Esta propriedade morfológica, por si só, não pode constituir, no entanto, um argumento suficiente para confirmar a hipótese de nominalização desta unidade lexical. Tal como acontece com os adjectivos, os *Nhum* animados admitem frequentemente variação em género, a qual pode ser expressa por meio de um morfema ou por recurso a uma forma lexical (por exemplo, *homem*, *mulher*). No caso de as expressões de tipo humano não possuírem um género marcado (caso de *jornalista*, *idiota* e *inteligente*), o contraste de género no *GN* só pode ser determinado mediante a análise das informações flexionais das palavras que com elas co-ocorrem, nomeadamente os determinantes³⁶.

Embora este critério linguístico não permita, pois, clarificar a alteração, ou não, do estatuto gramatical de *parvo*, verificamos que a análise de outras propriedades linguísticas parece contrariar a hipótese de que esta palavra tenha sofrido um processo morfológico de nominalização. Por exemplo, contrariamente às unidades lexicais

³⁶ De referir ainda que a oposição de género em palavras epicenas de tipo animado se estabelece frequentemente mediante a adunção ao nome das expressões lexicais *macho* ou *fêmea*, formando com ele um *N* multipalavra (ex: *baleia-macho*, *baleia-fêmea*).

ilustradas em (5)-(7), *parvo* admite quantificação e variação em grau, apesar de não se encontrar apoiado no *GN* por qualquer elemento nominal (cf. (20)-(21)).

(20) Os (muito + estupidamente) parvos têm que pagar impostos

(21) Os mais parvos têm que pagar impostos

Além disso, a evidência de que é possível introduzir, à esquerda desta palavra, um *Nhum*, sem que o sentido da frase seja substancialmente alterado, parece constituir um argumento forte a favor da não lexicalização do adjectivo como nome³⁷ (cf. (22)).

(22) Os indivíduos parvos têm que pagar impostos

Brito (2003: 371-373) apresenta, no entanto, um conjunto de critérios que sustentam, de acordo com a sua perspectiva, o estatuto nominal das expressões ilustradas em (i), semântica e sintacticamente próximas das que estamos a analisar.

(i) os ricos; os pobres; os novos; os velhos; os casados; os solteiros; os racistas; os portugueses; os verdes [Brito, 2003: 371]

Segundo a autora, a hipótese de nominalização destes *Adj* assenta na ideia de que os mesmos (i) podem receber modificação adjectival, (ii) designam grupos humanos, (iii) são referenciais (isto é, têm sentido genérico) e, por isso, (iv) aparecem geralmente na forma masculina e sempre no plural. Os exemplos de *GN* que a seguir apresentamos, extraídos da obra desta autora, pretendem ilustrar esse comportamento.

(23) Os arrogantes ricos; os ricos arrogantes [Brito, 2003: 373]

(24) Os simpáticos casados; os casados simpáticos [idem: ibidem]

(25) Os perigosos racistas; os racistas perigosos [idem: ibidem]

(26) Os simpáticos portugueses; os portugueses simpáticos [idem: ibidem]

Na verdade, se bem que os adjectivos em questão tenham a particularidade de poder representar um grupo nominal humano, isso não parece constituir, no nosso ponto de vista, um argumento essencial a favor da sua nominalização.

Como tentaremos brevemente demonstrar em § I, 5.5, a possibilidade de o adjectivo poder desempenhar superficialmente a função de núcleo de um *GN* observa-se

³⁷ Como se sabe, a justaposição de nomes não é produtiva em português, a não ser que se trate de um *GN* lexicalizado ou nome composto (Baptista, 1994).

igualmente em construções com nomes não humanos (*N-hum*), por vezes lexicalizadas, situação em que, em princípio, seria expectável encontrar uma maior rigidez lexical e sintáctica³⁸ (*cf.* (27)-(28)).

- (27) A combinação das duas empresas farmacêuticas permitirá (...) liderar os segmentos nos **medicamentos analgésicos** e gastro-intestinais [CP]
- (28) A obsessão de grande número de pessoas pelo uso de **analgésicos** deve ser moderada, afirmam médicos americanos [CP]

Por outro lado, e contrariamente ao que afirma a autora, é igualmente possível encontrar as unidades lexicais em análise em construções não genéricas, como ilustram os exemplos (29)-(32).

- (29) **Esse rico** é insuportável
- (30) A história retrata a vida de **duas solteiras** infelizes
- (31) O Zé ignorou as palavras **daquele racista**
- (32) Ela é **uma portuguesa** muito famosa

Qualquer uma das expressões pode, pois, variar em número e género, o que aponta para uma referência individual ou particularizante.

Finalmente, o argumento da modificação adjectival utilizado por Brito a favor da lexicalização dos adjectivos como nomes também nos parece contestável, na medida em que, na língua, nada impede que certos adjectivos possam, eles próprios e o nome com que se relacionam, receber nova modificação adjectival. Em particular, qualquer uma das expressões ilustradas em (i) pode, mesmo nos casos em que se encontra na posição de atributo nominal, ser modificada por um *Adj* predicativo (*cf.* (33)-(38)).

- (33) Os estudantes (pobres + ricos) portugueses
- (34) Os indivíduos (jovens + velhos) bem-formados
- (35) Os homens (casados + solteiros) idosos
- (36) Os dirigentes racistas europeus
- (37) Os médicos portugueses reformados
- (38) Os deputados verdes mais conhecidos

³⁸ Este fenómeno é igualmente produtivo na designação dos diferentes *taxon*, dos sistemas de classificação taxonómicos.

Tendo em conta tudo o que até agora foi dito, parece-nos, pois, que a hipótese de nominalização dos adjectivos que discutimos apresenta algumas fragilidades, as quais podem ser utilizadas como argumentos a favor da tese de que os mesmos mantêm intacto o seu estatuto linguístico. É sobre essa questão que nos debruçaremos em seguida.

5.2 O adjectivo na posição de núcleo de um *GN* livre

Uma posição diferente da apresentada por Brito (2003), que antes discutimos, é assumida por Quirk *et al.* (1985: 421-426). Os autores da gramática inglesa defendem que certos tipos de adjectivos podem efectivamente funcionar como núcleo de um *GN*, o qual pode desempenhar, como se de qualquer outro grupo nominal se tratasse, as funções de sujeito e de complemento (directo ou indirecto) de uma frase. Contudo, na perspectiva dos autores, estes grupos nominais distinguem-se dos restantes pelo facto de o seu núcleo não flexionar nem em número nem em caso (genitivo), impondo geralmente a presença do artigo definido.

Na verdade, estas observações não divergem substancialmente das apresentadas na gramática portuguesa, com a diferença, essencial, de que, num caso, se considera que o adjectivo pode desempenhar a função de núcleo de um *GN*, sem que para isso tivesse de estar sujeito a um processo de lexicalização e, no outro, não.

A gramática inglesa vai mais longe, e apresenta uma proposta de subclassificação dos adjectivos que, em inglês, se podem encontrar na posição de núcleo de um grupo nominal. Nessa proposta, são identificados três tipos (ou subclasses) de adjectivos, ilustrados em (39)-(41), os quais exibem comportamentos linguísticos distintos.

- (39) The **innocent** are often deceived by the **unscrupulous** [Quirk et al., 1985: 421]
[Os inocentes são geralmente enganados pelos desonestos]
- (40) The industrious **Dutch** are admired by the neighbours [idem: ibidem]
[Os holandeses diligentes são admirados pelos vizinhos]
- (41) She admired the **mystical** [idem: ibidem]
[Ela admirou o místico]

Os adjectivos ilustrados em (39) caracterizam-se por (pre)modificarem nomes de natureza humana (*the innocent people; as pessoas inocentes*), os quais podem estar lexicalmente omitidos, levando a que o adjectivo passe a funcionar, nesse contexto, como núcleo do *GN* (*the innocent, os inocentes*).

Na perspectiva dos autores, o estatuto do adjectivo mantém-se inalterado, mesmo nos casos em que se encontra isoladamente a representar um *GN*, uma vez que as suas propriedades são integralmente preservadas. Por exemplo, os *Adj* podem ser quantificados ou modificados por advérbios, bem como aceitar morfemas de grau (cf. (42)-(45)).

(42) The **extremely old** need a great deal of attention [Quirk et al., 1985: 422]

[Os muito idosos necessitam de uma grande dose de atenção]

(43) The **emotionally disturbed** and the **physically and mentally handicapped** need the aid of society [idem: ibidem]

[Os emocionalmente perturbados e os fisicamente e mentalmente inaptos necessitam da ajuda da sociedade]

(44) The **very wise** avoid such temptations [idem: ibidem]

[Os muito sábios evitam essas tentações]

(45) The **wiser** avoid such temptations [idem: ibidem]

[Os mais sábios evitam essas tentações]

Por outro lado, certos *Adj*, como é o caso de *young* (*jovem*), podem surgir acompanhados de um sintagma preposicional, como *in spirit* (*de espírito*)³⁹, em geral, não combinável com *Nhum* (cf. (46)-(47)).

(46) The **young in spirit** enjoy life [idem: ibidem]

[Os jovens de espírito gozam a vida]

(47) *The **people in spirit** who are young enjoy life [idem: ibidem]

[*As pessoas de espírito que são jovens gozam a vida]

³⁹ Na verdade, a expressão *in spirit* (*de espírito*, em português) forma com *young* um adjectivo multpalavra. Isso talvez explique, entre outros aspectos, a razão pela qual esta expressão parece ser mais naturalmente combinável com uns adjectivos do que com outros, com propriedades aparentemente idênticas (por exemplo, *jovem de espírito*, *?velho de espírito*; *simples de espírito*, *?complicado de espírito*; *pobre de espírito*; *?rico de espírito*).

A propósito dos adjectivos ilustrados em (40), designados geralmente na literatura como adjectivos *pátrios* ou de *nacionalidade*, os autores sublinham que os mesmos podem igualmente funcionar como núcleo de um *GN*, assumindo, como os adjectivos do grupo anterior, uma referência genérica. Porém, contrariamente àqueles, estes adjectivos não aceitam modificação adverbial, podendo ser, contudo, modificados por adjectivos, normalmente de valor não restritivo (*cf.* (48)).

- (48) The **industrious Dutch** ('the Dutch, who are industrious') [Quirk et al., 1985: 423]
[Os holandeses diligentes ('os holandeses que são diligentes')]

Por fim, em (41), está-se na presença de um adjectivo, *mystical* (*místico*), que, apesar de ter referência abstracta, pode igualmente funcionar como núcleo de um grupo nominal⁴⁰. Como referem os autores, o adjectivo, neste tipo de construções, pode tomar frequentemente a forma superlativa e é, por vezes, possível introduzir um nome genérico como *thing* (*coisa*), à sua esquerda, usado no seu sentido abstracto.

- (49) The **latest** (thing/news) is that he is going to run for re-election [Quirk et al., 1985: 424]
[As últimas (coisas/novidades/notícias) é que ele se vai recandidatar às próximas eleições]

Estes adjectivos têm como particularidade o facto de se poderem apresentar no singular, admitindo frequentemente modificação (*cf.* (50)-(53)).

- (50) They ventured into the **unknown**, which was... [idem: ibidem]
[Eles aventuraram-se no desconhecido, que era...]
- (51) The **best** is yet to come [idem: ibidem]
[O melhor ainda está para vir]
- (52) The **very best** (thing) is to come [idem: ibidem]
[O melhor de tudo (a melhor coisa de todas) ainda está para vir]
- (53) He went from **the extremely sublime** to **the extremely ridiculous** [idem: ibidem]
[Ele passou do extremamente sublime para o extremamente ridículo]

⁴⁰ Estes adjectivos não serão tratados no âmbito desta tese, uma vez que o nosso objecto de estudo se cinge a *construções humanas*.

Ora, como se pode observar, um dos principais argumentos utilizados pelos autores a favor da análise das expressões em questão como adjectivos prende-se com a evidência de que, contrariamente ao que se observa com os nomes que normalmente admitem flexão, as expressões adjectivais não aceitam morfemas de número. Com efeito, os *GN* que estes adjectivos representam têm um número intrínseco, o de plural (no caso de se tratar de um adjectivo como *innocent (inocente)* ou *Dutch (holandês)*) ou o de singular (no caso de se tratar de um adjectivo como, por exemplo, *mystical (místico)*). Embora isso não seja expressamente afirmado na exposição dos autores, pode deduzir-se que as informações de número nesses *GN* são veiculadas por um nome que está implícito na construção: *people (pessoas)*, no caso de se tratar de um *adjectivo humano*; *thing (coisa)*, no caso de se tratar de um adjectivo com referência abstracta.

A utilização deste critério, de cariz eminentemente morfológico, cria, no entanto, algumas incongruências em termos de análise linguística. Veja-se, a título ilustrativo, a frase apresentada em (54).

- (54) Stalin said that **the Americans** are afraid of war [CNN⁴¹]
[O Stalin disse que os americanos têm medo da guerra]

O exemplo mostra que a forma *Americans (americanos)* pode ocupar a posição de núcleo do grupo nominal. Porém, seguindo a linha de argumentação de Quirk *et al.*, esta unidade lexical não deveria, neste caso em concreto, ser considerada um adjectivo, mas um nome, na medida em que flexiona em número. É precisamente essa a razão que leva os autores a classificarem expressões como, por exemplo, *Eskimo (esquimó)*, *Nahavo (navajo)* e *Bantu (bantu)*, designativas de grupos étnicos, exclusivamente como nomes, uma vez que elas podem receber morfemas explícitos de número e ser construídas com determinantes quantificadores e numerais, propriedades que, em inglês, se considera serem próprias dos nomes (ex: *two Eskimos (dois esquimós)*, *several Nahavo (alguns navajos)*).

A fragilidade deste critério morfológico é, entre outros aspectos, denunciada pela dificuldade que existe em explicar que uma mesma unidade lexical possa apresentar comportamentos flexionais diferentes, em contextos sintácticos similares (cf. (55)-(56)).

⁴¹ Exemplo extraído de (05/12/06):
<http://www.cnn.com/SPECIALS/cold.war/episodes/15/documents/telegram/>

(55) The **orthodoxes** were known as the Digambars [A.S.⁴²]
[Os ortodoxos eram conhecidos como os Digambars]

(56) (...) the **Orthodox** were known for having the highest proportion of elderly [JCPA⁴³]
[os ortodoxos eram conhecidos por terem a proporção mais elevada de idosos]

Não nos parece que as diferenças observadas entre estas palavras constituam razão suficiente para se considerar que correspondem a classes de palavras distintas.

Em português, os adjectivos apresentam um comportamento diferente. Do ponto de vista morfológico, não é, portanto, possível estabelecer uma distinção clara entre nomes e adjectivos já que, entre outros aspectos, as palavras de ambas as categorias podem receber morfemas explícitos de género e de número⁴⁴. Assim sendo, a clarificação do estatuto gramatical destas categorias não poderá, pois, depender deste critério linguístico.

Contudo, os autores apontam outros argumentos que se aplicam também ao português e que devem, portanto, ser tidos em consideração, nomeadamente a preservação da propriedade de modificação e quantificação dos *Adj* por um elemento com valor adverbial, mesmo quando se encontram sozinhos no *GN*.

Convém ressaltar, contudo, que, em posição pós-determinante, os adjectivos podem apresentar certas restrições a estas propriedades, que não se observariam se o *GN* incluísse uma forma nominal explícita, como ilustram os exemplos (57)-(60).

(57) Os indivíduos (muito + morbidamente) obesos terão de ter acompanhamento médico

(58) Os (?muito + morbidamente) obesos terão de ter acompanhamento médico

(59) O fosso entre os (indivíduos + E) muito ricos e os (indivíduos +E) muito pobres é cada vez maior

(60) ?*O fosso entre os riquíssimos e os paupérrimos é cada vez maior

Nenhuma restrição parece, contudo, existir se o *Adj* estiver construído com os morfemas de grau *mais* e *menos*, constituindo com esses elementos aquilo a que as gramáticas têm

⁴² Exemplo extraído de (05/12/06): <http://www.engr.mun.ca/~asharan/bihar/indus/indus-3.htm>.

⁴³ Exemplo extraído de (05/12/06): <http://www.jcpa.org/cjc/cjc-waxman-f05.htm>.

⁴⁴ De um modo geral, é comumente assumido que o género dos substantivos está à partida definido ou fixado; o género (e número) dos adjectivos, por sua vez, dependerá das informações do nome com que se combina, e com o qual terá de concordar.

designado como grau *superlativo relativo de superioridade* e de *inferioridade*, respectivamente (cf. (61)-(62)).

(61) Os mais obesos terão de ter acompanhamento médico

(62) O fosso entre os mais ricos e os mais pobres é cada vez maior

5.3 O adjectivo no âmbito de uma construção caracterizadora indefinida

Em todos os exemplos até aqui ilustrados, as expressões em análise encontravam-se no seio de um grupo nominal cujo núcleo se encontra lexicalmente omisso, a que nos referiremos como *GN decepado*. Porém, as unidades lexicais que, em geral, parecem poder funcionar como núcleo de um *GN*, têm a particularidade de poder igualmente ocorrer numa construção sintáctica predicativa com a seguinte estrutura:

N_o V_{cop} D_{ind} Adj/N

As expressões que têm a propriedade de aparecer nesta construção, que, por facilidade expositiva, designamos como *construção caracterizadora indefinida*, têm sido classificadas como *adjectivos-nomes* (Picabia, 1978; Casteleiro, 1981), e dicionarizadas, de forma assistemática e incoerente, com as duas categorias gramaticais, ou apenas uma delas⁴⁵.

Casteleiro (1981: 66-69) procura demonstrar que a atribuição de um ou mais valores gramaticais aos adjectivos-nomes terá de passar pelo exame das propriedades sintáctico-distribucionais que considera serem intrínsecas a cada uma das classes de palavras em questão.

Assim, tomando como ponto de partida um conjunto de propriedades linguísticas que discutiremos em seguida, o autor conclui que todas as expressões ilustradas em (i) possuem valor adjectival e nominal, com a excepção de *caçador* e *tarefeiro*, que se comportam exclusivamente como nomes.

- (i) amigo; caçador; demolidor; destruidor; impostor; instruidor; maçador; perturbador; realista; sectário; tarefeiro; valente [Casteleiro, 1981: 66]

⁴⁵ Veja-se, a título ilustrativo, as entradas *autista*, *anorético* e *psicopata*, no dicionário *on-line* da Porto Editora® (<http://www.infopedia.pt>). Embora todas as expressões indicadas possam ocorrer numa *construção caracterizadora indefinida* (*O Zé é (um + E) (autista + anorético + psicopata)*), observa-se que, no dicionário em questão, a primeira é classificada como *Adj e N*; a segunda tem associada apenas a informação de *Adj* e, por fim, a última a de *N*.

Na perspectiva do autor, os adjectivos distinguem-se dos nomes pelo facto de (i) poderem ser complementados por uma estrutura infinitiva (*cf.* (63a)) ou por um *nome abstracto*, *Nabst* (*cf.* (63b)), (ii) admitirem grau (*cf.* (64a), (64b)) e, finalmente, por (iii) terem a propriedade de ocorrer tanto à direita (*cf.* (65a)) como à esquerda do nome (*cf.* (65b)). Os exemplos que apresentamos em seguida, acompanhados dos respectivos juízos de aceitabilidade, foram retirados do autor (*idem*: 67-69).

(63)

- a. O Júlio é (E + *um) amigo de ler
- b. O Júlio é (E + *um) amigo da leitura
- c. O Júlio é (E + um) amigo de longa data
- d. O Júlio é (E + um) caçador de lebres

(64)

- a. O Júlio é muito amigo de ler
- b. O Júlio é muito amigo da leitura
- c. *O Júlio é muito amigo de longa data
- d. *O Júlio é muito caçador de lebres

(65)

- a. Encontrei o Júlio amigo
- b. Encontrei o amigo Júlio
- c. Encontrei o Júlio caçador
- d. ?Encontrei o caçador Júlio

(66)

- a. Encontrei o Júlio, (*E + um) amigo de ler
- b. Encontrei o Júlio, (*E + um) amigo da leitura
- c. Encontrei o Júlio, (E + um) amigo de longa data
- d. Encontrei o Júlio, (E+ um) caçador de lebres

Ainda na perspectiva do autor, os nomes, por sua vez, (i) apenas podem ser complementados por um nome de tipo concreto (*cf.* (63d)) ou por qualquer outra expressão nominal com valor adverbial (*cf.* (63c)), (ii) não admitem variação em grau (*cf.* (64c), (64d)), (iii) aceitando, contrariamente ao que se observa em relação aos elementos adjectivais (*cf.* (66a), (66b)), a função de aposto (*cf.* (66c), (66d)).

Esta proposta de análise, embora descritivamente interessante, é um pouco restritiva. Para distinguir nomes e adjectivos, Casteleiro parece utilizar como principal critério o tipo de complementação que uns e outros podem receber, como mostram os

exemplos em que se baseia. A adequação e aplicabilidade deste critério está, portanto, à partida condicionada pela natureza sintáctico-semântica das classes de palavras a estudar. Em particular, no que respeita a adjectivos, a argumentação é válida apenas para adjectivos predicativos que se construam com complementos (nominais ou frásicos). Porém, o fenómeno em causa é muito mais vasto, afectando igualmente adjectivos predicativos intransitivos, isto é, que não admitem complementação (*cf.* (67)).

- (67)
- a. O Zé é (E + um) (tuberculoso + fascista + idoso)
 - b. *O Zé é (E + um) tuberculoso dos pulmões
 - c. *O Zé é (E + um) fascista da política
 - d. *O Zé é (E + um) idoso (de idade + de viver)

A variação em grau e a posição do adjectivo em contexto adnominal à esquerda⁴⁶ são, como se referiu antes, propriedades tidas como intrínsecas aos adjectivos predicativos (Casteleiro, 1981: 53) e, por isso, igualmente utilizadas por Casteleiro, a par da complementação adjectival, para determinar a categoria gramatical das expressões que se enquadram na designação de adjectivo-nome. A verdade é que, por um lado, nem todos os adjectivos predicativos aceitam, pela sua própria natureza, quantificação (*cf.* (68)) e, pelo outro, nem todos podem ocupar uma posição pré-nominal (*cf.* (69)).

(68) O Zé é muito (*tuberculoso + ?fascista + idoso)

(69) Conheci um (*tuberculoso + *fascista + ?idoso) indivíduo

Face a tais evidências linguísticas, coloca-se, então, a questão de saber se expressões como *tuberculoso*, *fascista* e *idoso* possuirão efectivamente valor adjectival, ou se, pelo contrário, deverão ser exclusivamente analisadas como nomes, uma vez que, como estes, não admitem complementação (construção infinitiva ou mesmo nominal), não variam em grau (com a excepção de *idoso*) e não podem ocupar a posição pré-nominal. Com efeito, elas aproximam-se mais de *caçador* e *tarefa*, aceitando

⁴⁶ De referir que o autor assume que a propriedade pré-nominal é manifestada apenas pelos *adjectivos predicativos*, já que os *adjectivos não predicativos* a que o autor se refere não exibem essa propriedade (por se tratar, naturalmente, de *adjectivos de relação*).

somente a posição adnominal à direita e a função de aposto (*cf.* (70) e (71), respectivamente).

(70) Conheci um indivíduo (tuberculoso + fascista + idoso)

(71) Conheci o Zé, um (tuberculoso + fascista + idoso)

Na *Parte II* (§ II, 5), teremos oportunidade de demonstrar que a construção caracterizadora indefinida pode, efectivamente, integrar um número significativo de adjectivos intransitivos humanos, como os ilustrados nos exemplos acima. Serão, igualmente, descritas as principais características dos adjectivos que exibem a referida propriedade distribucional.

5.4 A noção de contínuo/permeabilidade categorial ou vagueza gramatical

Kerleroux (1996: 113ss), seguindo de perto o programa sintáctico proposto por Milner (1989), trata os casos de que temos vindo a falar como resultantes de um fenómeno sintáctico que designa por «distorsão categorial». Na perspectiva da autora, a distorsão categorial caracteriza-se pela desarmonia que se observa entre a etiqueta categorial de um dado termo, atribuída ao nível lexical, e a posição sintáctica que ele ocupa.

Noailly (1999: 131ss), pelo contrário, não considera que os termos lexicais sejam providos de uma categoria intrínseca. A autora admite, em vez disso, a existência de um contínuo entre categorias gramaticais, em particular, entre adjectivos e nomes. Esse contínuo, ou, se preferirmos, permeabilidade entre categorias justificaria as incursões constantes dos adjectivos em contextos caracteristicamente nominais, e vice-versa.

A posição de Noailly vai, aliás, um pouco ao encontro do conceito de vagueza gramatical, tal como é definido, por exemplo, em Santos (1998): «Quando a um objecto (linguístico) pode ser atribuída, num dado esquema classificativo, mais do que uma classificação, então esse objecto é vago em relação à distinção efectuada pelos dois valores. Esse objecto pode então ser usado como membro de qualquer das duas categorias, e pode ser interpretado como representando ambas». Nesta perspectiva, a autora considera, por exemplo, que a palavra *amigo*, em (72), é vaga, uma vez que apresenta simultaneamente propriedades de adjectivo e de nome. «Por um lado, pode ser modificado por *muito* como é a regra para os adjectivos; por outro lado, a frase é análoga a ele é *tio do Pedro*, sendo *tio* indiscutivelmente um nome» (*idem: ibidem*).

(72) Ele é amigo do Pedro [Santos, 1998]

Na verdade, embora se possa considerar que certas palavras, como é o caso de *amigo*, exibem, numa mesma construção sintáctica, comportamentos próprios de duas categorias gramaticais, o que apontaria para a dificuldade em lhes atribuir apenas uma dessas categorias gramaticais, observa-se que, em geral, essas expressões não correspondem a verdadeiros «representantes» de ambas as classes sintácticas. Por exemplo, embora *amigo* possa comutar com uma expressão nominal como *tio*, em (72), observa-se que estas palavras não parecem poder ser, no entanto, naturalmente coordenadas por meio da conjunção copulativa *e* (cf. (73)). A mesma estrutura de coordenação é, contudo, possível, se *amigo* se encontrar relacionado com uma forma adjectival, como por exemplo, *cúmplice* (cf. (74)).

(73) ?*Ele é amigo e tio do Pedro

(74) Ele é amigo e cúmplice do Pedro

A noção de categoria vaga tem vindo a ser implementada na anotação linguística do COMPARA (Inácio & Santos, 2006). A análise das directrizes de anotação especificadas no referido documento levanta, no entanto, algumas dúvidas, que se prendem directamente com a dificuldade objectiva em distinguir a ambiguidade da vagueza linguística. Esta afirmação pode ser clarificada, se atentarmos no tratamento conferido pelas autoras, por exemplo, à palavra *amigo*, na construção abaixo reproduzida.

EBJC1(695): --... Ouvindo-o falar uma vez, quem não seria seu **amigo**? ia a Prometida dizendo.
[Inácio&Santos, 2006: 20]

De acordo com Inácio & Santos (2006: 19), a palavra *amigo*, entendida como sendo sistematicamente ambígua entre nome e adjectivo, deverá receber a etiqueta *N*, uma vez que «é antecedida por um determinante possessivo e não se antepõe a um nome próprio».

Ora, o emprego desta palavra não é, em nossa opinião, muito diferente daquele que foi utilizado por Santos (no exemplo (72)) para ilustrar a vagueza gramatical. Com efeito, o *GN* humano introduzido pela preposição *de*, *o Pedro*, tradicionalmente designado como complemento determinativo do nome, caracteriza-se por poder ser

substituído por um possessivo, com valor deíctico, sem que o sentido da frase em que ocorre seja substancialmente alterado (*cf.* (75)).

- (75) Ele é amigo do Pedro
= Ele é seu amigo

De modo idêntico, mas inversamente, é possível reconstituir esse complemento, no exemplo em questão, por recurso à análise, no texto⁴⁷, do valor de referência transportado pelo possessivo.

- (76) [...] Ouvindo-o falar uma vez, quem não seria seu amigo? [...]
= [...] Ouvindo-o falar uma vez, quem não seria amigo de Kurtz? [...]

Sem querer enveredar, por ora, na discussão sobre se o valor gramatical de *amigo*, no exemplo em questão, corresponde, ou não, efectivamente a um nome⁴⁸, queríamos sobretudo chamar a atenção para o paralelismo sintáctico e semântico observado entre as construções ilustradas em (75) e (76).

Parece-nos razoável pressupor que (i) se se admitir que a ambiguidade pode ser resolvida em (76), então, ela também deveria poder sê-lo em (75), o que significa que em ambos os casos é possível atribuir a *amigo* uma categoria gramatical precisa; (ii) se, pelo contrário, se considerar que não é possível optar por uma das categorias em (75), também não o deverá ser em (76), levando a que, em ambos os casos, *amigo* seja etiquetado com uma categoria gramatical vaga.

Outra questão de carácter fundamental que se coloca está relacionada com o interesse prático da introdução de categorias vagas (ou, noutra perspectiva, híbridas) num sistema de classificação gramatical. Do ponto de vista da análise lexical de um texto, parece indiferente que a palavra *amigo* tenha associada duas categorias gramaticais, *N* e *Adj*, ou apenas uma, *Adj_N*, uma vez que ambas as soluções dão indicação de que não é possível atribuir, num determinado contexto, uma única etiqueta ou uma etiqueta precisa, respectivamente, àquela palavra. Efectivamente, a principal vantagem da etiqueta híbrida poderia eventualmente colocar-se em termos de

⁴⁷ Exemplo de J. Conrad (1902), *Heart of Darkness*, <http://www.gutenberg.net/etext96/hdark12a.txt>, Projecto Gutenberg, 1996, capítulo 3 (<http://www.linguateca.pt>).

⁴⁸ Em nossa opinião, a palavra parece ter exclusivamente valor adjectival. Por exemplo, *amigo* pode ser modificado por um *Adv Quant* como *muito*: *Quem não seria muito seu amigo?* Por outro lado, *seu* parece comportar-se mais como pronome do que como determinante. A prova disso é que se assumirmos que o *Dposs* pode ser sempre antecedido de artigo, observa-se que essa actualização, na frase, implica uma alteração de significado: *Quem não seria seu amigo?* ≠ *Quem não seria o seu amigo?*

processamento computacional da língua, mais particularmente em sistemas (ou aplicações) que pressuponham, à partida, uma etiquetagem linear não ambígua dos textos (por exemplo, Ribeiro, 2003). Nos sistemas (ou aplicações) que permitam a manutenção de etiquetas ou análises concorrentes, como é, por exemplo, o caso dos sistemas *Intex* (Silberztein, 2000), *Unitex* (Paumier, 2003; 2006) e *Nooj* (Silberztein, 2004), essa questão não parece colocar-se.

5.5 O adjetivo na posição de núcleo de um *GN* lexicalizado

Todos os exemplos que discutimos, até agora, envolviam *GN* livres. Porém, o fenómeno que estamos a estudar é muito abrangente, observando-se igualmente em *GN* lexicalizados, ou nomes multipalavra⁴⁹ (cf. (77)-(79)).

(77) Os (**professores + E**) **catedráticos** dão, em média, 6 horas de aulas por semana

(78) O Zé teve de extrair um (**dente + E**) **molar**

(79) O Zé deseja fazer sozinho a travessia do (**Oceano + E**) **Atlântico**

Os exemplos mostram que o constituinte adjectival dos compostos nominais sublinhados pode, pois, aparecer na posição de núcleo do *GN*, caso o nome com que ele se combina se encontre lexicalmente reduzido. Para dar conta desta situação, a prática lexicográfica tem atribuído a cada uma destas expressões, além da informação de *Adj*, a informação de nome.

Consideramos, contudo, que, nestes casos, a ambiguidade lexical registada nos dicionários é claramente superficial. Com efeito, o valor veiculado pela forma adjectival é o mesmo, quer ela se encontre sozinha quer apareça na posição de atributo de um nome, que está implícito na construção e que é, por isso, facilmente reconstituível.

De referir que o valor adjectival das expressões em causa só tem existência no domínio do expressão multipalavra. Quando usados isoladamente, em consequência do apagamento do constituinte nominal, os *Adj* comportam-se, em tudo, como o *N* multipalavra que representam.

Um número considerável de nomes multipalavra, nomeadamente os que apresentam uma estrutura interna do tipo *Nome Adjectivo* – uma das mais

⁴⁹ Para uma análise das propriedades formais dos nomes multipalavra, em português, veja-se, por exemplo, Baptista (1994).

representativas em português europeu (Baptista, 1994; Mota *et al.*, 2004) –, têm a propriedade de poderem ser representados por apenas um dos seus constituintes⁵⁰. Esta propriedade não é observável apenas em português; pelo contrário, este fenómeno é igualmente produtivo noutras línguas, como é, por exemplo, o caso do francês (G. Gross, 1988; Monceaux, 1993; M. Gross, 1999).

O apagamento do constituinte nominal da unidade multpalavra com a estrutura *N Adj* obedece, em geral, a um conjunto de restrições linguísticas que se prendem não só com a própria natureza do nome composto e dos elementos por que é constituído, mas também com a construção em que se encontra integrado.

Como refere G. Gross (1988: 68), a possibilidade de apagamento da núcleo de grupo nominal lexicalizado, próprio ((*Polícia + E*) *Judiciária*) ou comum ((*vinho + E*) *tinto*), está associada à função de subclassificação do adjectivo. Os adjectivos classificadores, isto é, os adjectivos que permitem designar um elemento de uma determinada série ou classe, caracterizam-se por poderem geralmente integrar uma frase definidora do tipo: (i) *Det N Adj ser um Adj* ou (ii) *Det N Adj ser um tipo de N* (Monceaux, 1993: 216-217; Baptista, 1994: 31).

- (80) Um professor catedrático é um professor
- (81) Um dente molar é um dente
- (82) O Oceano Atlântico é um oceano
- (83) Um professor catedrático é um tipo de professor
- (84) Um dente molar é um tipo de dente
- (85) *O Oceano Atlântico é um tipo de oceano

Os nomes compostos que remetem para um referente específico e único (particularizante), como é o caso do nome próprio *Oceano Atlântico*, nem sempre podem integrar frases classificadoras (*cf.* (85)).

Nos compostos até agora ilustrados, o adjectivo formava com o nome uma combinação lexical única, o que poderia levar a pressupor que a elisão do nome só teria sido possível dada a fixidez interna da combinatória. Porém, o processo de redução

⁵⁰ De notar, no entanto, que a redução lexical de um ou mais constituintes das unidades lexicais multpalavra é observável em outros tipos de estruturas sintácticas: *O Zé não gosta de* ((*vinho do + E*) *Porto*); *O Zé é adepto do* (*Futebol Clube do + E*) *Porto*.

lexical não se observa somente em unidades onde se verifica um grau muito elevado de fixidez entre os constituintes do composto. Ele é igualmente produtivo, por exemplo, em combinatórias onde, para a posição de nome reduzido, concorrem dois ou mais elementos lexicalmente válidos. Esse é, por exemplo, o caso do adjectivo *hidratante*, que pode, isoladamente, representar diferentes termos de cosmética, por exemplo, um *creme hidratante*, um *leite hidratante* ou uma *loção hidratante* (cf. (86)), ou de *analgésico*, que pode estar associado ao nome *medicamento* ou à forma como ele está a ser ministrado, por exemplo, *comprimido* ou *supositório* (cf. (87)). Cada uma dessas expressões forma com o adjectivo um novo termo composto, *medicamento analgésico* e (*comprimido* + *supositório*) *analgésico*, respectivamente.

(86) A Maria ainda não colocou o (E + creme + leite + loção) hidratante

(87) Hoje, a Maria já tomou vários (E + medicamentos + comprimidos + supositórios) analgésicos

Nestes exemplos, os termos nominais das unidades multipalavra são semanticamente próximos e a análise do contexto não permite decidir por um deles. A interpretação da frase não depende, no entanto, da especificação do elemento nominal da expressão, pelo que a reconstituição do mesmo não parece ser essencial.

Contudo, nem sempre assim é. Tomemos como exemplo as expressões ilustradas em (88)-(90).

(88) Dedicou uma das suas histórias, «A Cela de Vidro» (Europa-América), a Spider, um **siamês** com o focinho cor de chocolate [CP]

(89) Nascidos a 5 de Março num bairro da região de Diffa (a 1.500 km a leste de Niamey), os **siameses** de sexo masculino estão ligados pelo abdómen (...) [Panapress⁵¹].

(90) Foi por imposição do colonizador francês que os **siameses** e os vietnamitas tiveram de devolver partes do Camboja e do Laos que já tinham «engolido» (...) [CP]

O adjectivo *siamês*, representa em cada uma das frases ilustradas uma unidade lexical distinta, cujo valor é possível de determinar, tendo em consideração o contexto em que estão integradas e o conhecimento que se tem sobre o mundo. Em (88), *siamês* encontra-se a representar o nome multipalavra, *gato siamês*, uma vez que co-ocorre com

⁵¹ Exemplo extraído da página (31/03/03):

<http://www.panapress.com/freenewspor.asp?code=por002454&dte=31/03/2003>

o nome *focinho*, específico a nomes animados não humanos. Em (89), o mesmo *Adj* representa também um nome animado, mas, neste caso, de natureza humana, *irmãos* ou *gémeos siameses*. Neste caso, é fundamentalmente o conhecimento que se tem do mundo que nos permite fazer essa inferência: como se sabe, os irmãos ou gémeos siameses caracterizam-se por estarem ligados entre si, através de um ou mais órgãos, uma situação explicitada no contexto. Em (90), o *Adj* representa, desta vez, um *GN* livre com referência genérica, referindo um *Nhum plural* ou *colectivo* (*os habitantes ou representantes do povo de Sião*). O facto de o *Adj* de nacionalidade se encontrar numa estrutura de coordenação copulativa com um *Adj* da mesma natureza sintáctico-semântica (*vietnamitas*) permite determinar o seu significado e estatuto léxico-sintáctico na frase.

Em todas as situações ilustradas, os adjectivos encontravam-se num contexto (sintáctico, semântico, discursivo) característico, o que permitiu a reconstituição do nome reduzido e a identificação do termo composto que se encontravam a representar isoladamente. Em outros casos, porém, se os adjectivos não apresentarem uma distribuição característica, a reconstituição do nome nem sempre é possível, como ilustra o exemplo (91).

(91) Pareciam dois siameses

Sem outra informação adicional que o contexto poderá providenciar, não é possível distinguir, de forma clara, uma de entre as várias unidades lexicais a que o adjectivo *siamês* pode estar associado. Neste caso em concreto, consideramos que a frase tem duas análises possíveis: uma em que se pressupõe a existência de um nome multpalavra humano (*gémeos siameses*) ou animado (*gatos siameses*), parcialmente representado na construção pelo constituinte adjectival; outra em que se pressupõe a existência de um *GN decepado* (§ II, 7), cujo núcleo pode depender referencialmente de outra expressão nominal, presente num domínio sintáctico mais alargado.

O conjunto de adjectivos classificadores com que um dado nome se combina, apesar de poder ser, em alguns casos, extenso, é necessariamente finito (Baptista, 1994). Embora nem sempre se mostre possível (ou sequer adequado) estabelecer *a priori* quais os adjectivos que podem funcionar como potenciais classificadores nominais, e ocupar, por isso, a posição de nome reduzido no *GN* composto, é possível constatar que a elipse nominal em questão é particularmente produtiva em unidades lexicais compostas que

remetem para termos técnicos pertencentes a diferentes domínios de especialidade (M. Gross, 1999).

5.5.1 Manuseamento dos recursos lexicais

Na nossa perspectiva, a possibilidade de redução/reconstituição dos elementos nominais em certas unidades multipalavra constitui um fenómeno de natureza essencialmente lexical, o qual poderá ser, em parte, resolvido através do manuseamento adequado das informações das entradas compreendidas nos diferentes recursos lexicais.

Em termos práticos, esse processo deverá envolver, numa primeira fase, a revisão exaustiva das entradas dos dicionários (de palavras simples), de modo a eliminar entradas nominais como, por exemplo, *maiúscula*, *inteiro*, *labial*, cujo valor é exclusivamente adjectival. De salientar que, em casos pontuais, a permanência da própria entrada adjectival nos dicionários não se justifica. Esta observação aplica-se, por exemplo, ao adjectivo *maiúsculo*, que só aparece associado a um conjunto muito restrito de nomes, em concreto *letra ou character*, formando com eles um nome composto. A eliminação da entrada adjectival *minúsculo*, pelo contrário, não se coloca, uma vez que, além de poder ocorrer no domínio do composto *letra minúscula*, pode igualmente funcionar como modificador livre de um nome como, por exemplo, *casa (uma casa minúscula)*.

Os dicionários de palavras compostas, em particular os que descrevem os nomes multipalavra, também requerem um tratamento especial, dado que será imprescindível que eles determinem as situações em que os elementos nominais das expressões com a estrutura *Nome – Adjectivo* podem estar omissos nos textos.

Por fim, depois de tratadas as entradas que apresentam essa propriedade, será necessário elaborar gramáticas locais que, ao serem aplicadas em combinação com estes dicionários, permitam, sempre que possível, reconstituir de forma adequada os elementos dos compostos que não estão lexicalmente realizados.

Este trabalho não será, contudo, levado a cabo no âmbito desta dissertação, uma vez que diverge, em termos substanciais, da nossa pesquisa fundamental, centrada na análise e formalização de construções sintácticas (livres) com predicadores adjectivais humanos.

6 RECENSEAMENTO DOS DADOS

No capítulo anterior, colocámos em confronto diferentes abordagens que tentam explicar o facto de certas expressões tradicionalmente classificadas como adjectivos poderem ocorrer em contextos tipicamente associados aos nomes. Numa perspectiva mais tradicional, considera-se que os adjectivos só podem ocorrer num *GN decepado* ou numa *construção caracterizadora indefinida* depois de se terem lexicalizado como nomes. Uma outra proposta de análise, alternativa a esta, é a de considerar que certos tipos de adjectivos podem efectivamente ocupar ambas as construções sintácticas referidas. No entanto, os critérios linguísticos subjacentes a esta análise são, em geral, vagos e de difícil reprodutibilidade. Uma outra aproximação para o estudo do fenómeno em questão consiste em considerar que, em certos contextos, determinadas expressões (como é o caso dos nomes e dos adjectivos) não têm um valor linguístico preciso, funcionando, pois, como uma categoria híbrida, ou, noutro plano, vaga. Em nenhuma das abordagens apontadas se clarifica, porém, quais as unidades lexicais que podem integrar o contexto ou contextos sintácticos em análise.

Ora, a análise dos dados por nós recolhidos aponta no sentido de que um número significativo de adjectivos em português tem, efectivamente, a propriedade de integrar um *GN decepado* e, em muitos casos, de aparecer também numa *construção caracterizadora indefinida*. Entre os adjectivos que manifestam esse comportamento, destacam-se, em particular, aqueles que admitem, normalmente, na posição de sujeito, um *Nhum*. Esses adjectivos, sobretudo, os que demonstram poder ocorrer numa construção caracterizadora indefinida, exprimem, em geral, qualidades (do foro psicológico ou físico) frequentemente associadas a um certo valor depreciativo (*cf.* (1)-(2)).

(1) O Zé é (E + um) (desonesto + covarde + feio + gordo + infeliz + fascista)

(2) O Zé é (E + *um) (honesto + sincero + bonito + magro + feliz + fascista)

De notar, no entanto, que, embora seja menos frequente, certos adjectivos que possuem um valor precisamente contrário ao anteriormente referido podem igualmente aparecer no contexto em questão (*cf.* (3)).

(3) O Zé é (E + um) (querido + sortudo + felizardo)

Estas observações, de carácter geral, só podem, no entanto, ser feitas depois de, por um lado, (i) determinar em extensão a aplicabilidade do fenómeno que se está estudar e, pelo outro, (ii) estabelecer as relações entre esse fenómeno e outros que eventualmente se observem nas construções sintácticas em análise. Como demonstrou M. Gross (1975: 17-46), o conhecimento da gramática de uma língua implica um estudo sistemático e aprofundado das construções sintácticas possíveis, pois, só dessa forma é possível apreender os fenómenos gerais, e colocá-los eventualmente em confronto com aquilo que se considera ser os casos marginais ou excepções.

No quadro teórico do Léxico-Gramática, a *introspecção* (isto é, o *conhecimento do linguista*) constitui um método primordial no recenseamento e análise dos dados. A utilização exclusiva de *corpus* pode limitar, à partida, o conjunto de dados a estudar, ou, pelo contrário, fornecer dados *a priori* já bem definidos, tornando-se, então, redundante, a sua investigação (M. Gross, *idem: ibidem*). Segundo Gross, uma metodologia de aquisição de dados baseada exclusivamente em *corpora* peca ainda por ignorar as formas agramaticais da língua, as quais considera serem tão importantes como as outras na percepção de um dado fenómeno linguístico.

As nossas listagens de adjectivos foram desenvolvidas seguindo de perto os fundamentos teórico-metodológicos do Léxico-Gramática. A utilização de *corpora* constitui um mecanismo auxiliar, que consideramos essencial, em qualquer trabalho desta natureza, nomeadamente no que respeita à atestação de exemplos e validação (ainda que não concludente) de intuições.

6.1 Constituição das listas de adjectivos

Esta investigação baseia-se na análise de 4.250 predicados adjectivais, que têm em comum o facto de (i) serem intransitivos e de (ii) admitirem, na posição sintáctica de sujeito, um *Nhum*.

Os adjectivos em questão foram recenseados a partir de uma listagem inicial que continha cerca de 17.300 entradas adjectivais, obtida a partir da aplicação dos dicionários do *LabEL*⁵² ao *CETEMPUBLICO* (Santos & Rocha, 2001)⁵³, utilizando o

⁵² O dicionário de palavras simples (*DELAS*) contém cerca de 120.000 palavras simples (lemas). O dicionário de expressões multipalavra (*DELAC*) compreendia, na altura, cerca de 79.000 entradas, a maioria das quais pertencentes à categoria nome. Cada uma destas entradas, simples ou composta, está classificada de acordo com os seus atributos morfológicos (categoria gramatical, informações flexionais,

sistema *Unitex* (Paumier, 2003). Esta listagem inicial foi alvo de várias operações de selecção, que passamos, sucintamente, a descrever.

Numa primeira fase, procedemos à subclassificação sintáctico-semântica dos adjectivos, seguindo os critérios e notações linguísticas definidos em Carvalho (2001: 7-36). Entre outros aspectos, esta primeira subclassificação permitiu distinguir os adjectivos que podem apresentar valor predicativo (13.875 lemas) dos restantes. Os adjectivos não predicativos foram subclassificados em *adjectivos de relação* (*Adj Rel*), e *adjectivos determinativos* (*Adj Det*), perfazendo um total de 3.375 formas.

Numa fase posterior, restringimos a nossa análise aos adjectivos predicativos, eliminando as formas adjectivais que não obedeciam aos critérios que estipulámos à partida: ter um uso intransitivo e construir-se com um sujeito humano. Entre outras razões, excluímos da nossa análise os adjectivos transitivos uma vez que grande parte destes *Adj* foram já estudados por Casteleiro (1981). Além disso, consideramos que as nossas listagens constituem um conjunto de dados suficientemente representativo para a análise do fenómeno que pretendemos estudar.

Refira-se ainda que as entradas que se nos afiguraram de uso pouco comum (como é, entre outros, o caso de *aurito*, *mesto*, *picadinho* e *secundogénito*)⁵⁴ foram igualmente colocadas de parte, ainda que preenchessem os requisitos antes explicitados. Idealmente, esta selecção deveria ter sido feita recorrendo aos valores de frequência que cada uma das unidades lexicais apresenta, em relação às demais, em *corpora*, uma vez que isso permitiria (i) ajuizar melhor o seu valor e comportamento sintáctico, por um lado, e (ii) obter uma maior cobertura do próprio *corpus* a tratar, pelo outro. Contudo, a inexistência de um conjunto vasto de textos morfossintacticamente anotados para o português, por um lado, e a elevada taxa de homografia que afecta praticamente todas as palavras do léxico, pelo outro, justificam a opção de não termos adoptado tal procedimento.

tais como género e número, diminutivos, aumentativos e superlativos, no caso dos nomes e adjectivos), e ainda alguns atributos sintáctico-semânticos.

⁵³ Este corpus constitui a maior compilação de textos jornalísticos em português de domínio público, contendo cerca de 180 milhões de palavras.

⁵⁴ No corpus em questão, (i) o *Adj aurito* tem apenas 1 ocorrência, encontrando-se no domínio de uma expressão composta, que corresponde a um termo técnico do domínio da zoologia (*Aurelia aurita*); (ii) o *Adj mesto* aparece 5 vezes (3 das quais resultantes de lapso: *mesta* em vez de *nesta*), notando-se que, em nenhum caso o *Adj* aparece construído com um *Nhum*; (iii) *picadinho*, por sua vez, ocorre 22 vezes no *corpus*, embora represente, na maioria dos casos, um nome de culinária ou um adjectivo que modifica nomes da mesma classe semântica, e não um *Nhum*; (iv) o *Adj secundogénito* aparece apenas 3 vezes (em posição pré-nominal), encontrando-se em todos os casos relacionado com um *Npr*.

Por fim, procurámos agrupar os adjectivos predicativos intransitivos humanos em classes sintáctico-semânticas homogéneas, sempre que isso se revelou possível. Assim, além dos *adjectivos de nacionalidade (Adj Nac)*, cujas principais propriedades já tinham sido inicialmente descritas em Carvalho (2001), distinguimos ainda os adjectivos que se encontram associados à manifestação de uma dada *doença* ou *manifestação sintomática*, os quais designaremos, daqui em diante, como *adjectivos de doença (Adj Doen)*, e, finalmente, os adjectivos que remetem para uma determinada crença, doutrina ou movimento (religioso, político, económico, literário, artístico, etc.), a que nos referiremos como *Adj Filo*. Aos adjectivos que não cabem em nenhuma destas subclasses sintáctico-semânticas, atribuímos simplesmente a notação *Hum* (de *humano*). A tabela da Figura 1 dá indicação do número de entradas adjectivais que constitui cada uma destas subclasses.

Adjectivos Intransitivos Humanos				
Subclasse	Hum	Doen	Nac	Filo
Nº de entradas	3.109	187	651	303
Total	4.250			

Figura 1. Classificação geral dos *Adjectivos Intransitivos Humanos*

Os *Adj Hum* foram, posteriormente, organizados em 12 subclasses sintácticas mais finas, estabelecidas com base nas respectivas propriedades sintáctico-semânticas. As principais propriedades dos *Adj* em estudo serão apresentadas, em detalhe, na *Parte II*. Os critérios tidos em consideração na subclassificação destes adjectivos encontram-se representados no diagrama da Figura 2. Por uma questão de clareza e organização do texto, eles apenas serão apresentados e discutidos na *Parte III* da dissertação.

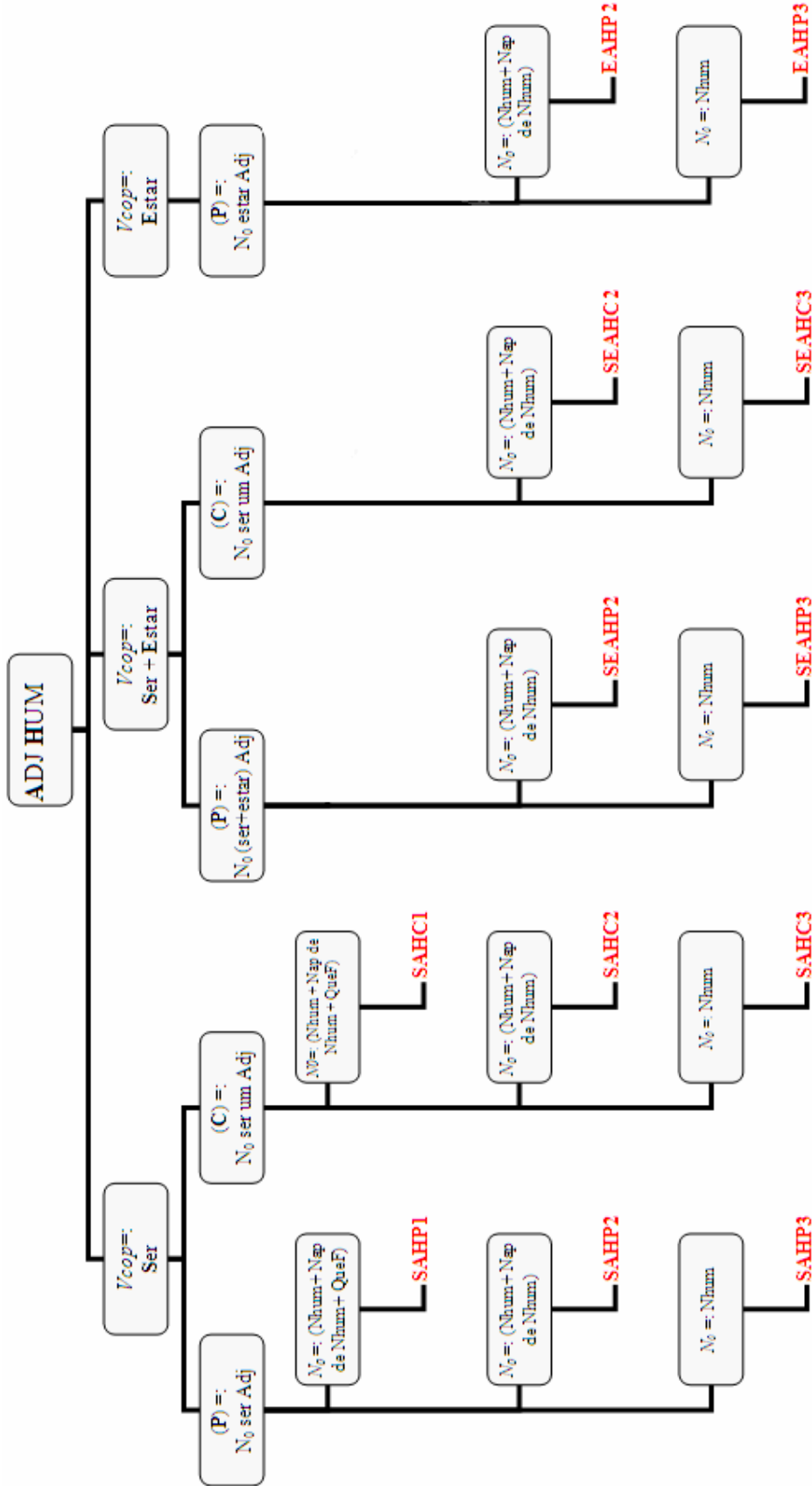


Figura 2. Critérios de subclassificação dos *Adj Hum*

Os códigos de baixo das caixas designam as classes léxico-sintáticas apuradas: 'S' designa os *Vcop* 'Ser', 'E' os que se constroem com o *Vcop* 'Estar' e 'SE' os adjectivos que aceitam ambos os auxiliares. 'AH' indica que se trata de um *Adj Hum*. 'C' distingue os adjectivos que têm a propriedade de ocorrer no âmbito de uma construção caracterizadora indefinida; 'P' caracteriza os adjectivos que apenas aceitam o contexto predicativo. Os algoritmos 1, 2 e 3 referem o preenchimento léxico-sintático da posição argumental de sujeito: '1' está associado aos adjectivos que se podem construir quer com um *Nhum*, quer com um *GN* com *Nap* quer com uma completiva-sujeito; '2' representa os *Adj* que aceitam apenas as duas primeiras construções sintáticas; '3' representa os *Adj* que se constroem com *N* estritamente humanos.

PARTE II



PROPIEDADES LÉXICO-SINTÁCTICAS

1 PROPRIEDADES LÉXICO-SINTÁCTICAS

Proceder a uma análise léxico-sintáctica de um qualquer predicado significa identificar e formalizar as propriedades distribucionais e transformacionais dos elementos predicativos dessa unidade sintáctica, uma vez que é o predicador que estabelece o número e o tipo de argumentos da construção em que aparece e que determina as operações sintácticas que podem operar sobre a referida construção.

Nesta segunda parte, analisaremos e descreveremos as propriedades léxico-sintácticas mais gerais dos *adjectivos intransitivos humanos*, em português, que tivemos em consideração na elaboração e organização das matrizes.

No capítulo 2, serão focadas as restrições sintáctico-semânticas impostas pelo *Adj* ao preenchimento lexical da posição de sujeito, nomeadamente de tipo *humano* (§ II, 2.1) e *não humano* (§ II, 2.2). Discutiremos ainda as especificidades dos *GN* sujeito cujo *Nhum* se encontra na posição de complemento de um *nome apropriado* (*Nap*), com o qual mantém, em geral, uma relação de *inalienabilidade* (§ II, 2.3). Trataremos igualmente os diferentes tipos de transformações que estes últimos *GN* podem sofrer, tendo especialmente em conta a natureza do *Nap* envolvido, nomeadamente, *Nabst* (§ II, 2.3.1) ou *Npc* (§ II, 2.3.2), e a relação de apropriação que este mantém com o *Nhum* e com o *Adj* da construção.

No capítulo 3, discutiremos as restrições combinatórias que se observam entre o *Adj* e os verbos copulativos com que este se poderá construir, designadamente, *ser* (§ II, 3.1), *estar* (§ II, 3.2), e respectivas extensões aspectuais e/ou estilísticas (§ II, 3.3).

No capítulo 4, retomaremos a problemática da distribuição dos adjectivos em contexto adnominal.

No capítulo 5, apresentaremos e analisaremos um conjunto de distribuições características de certos adjectivos, em particular, os que permitem veicular um juízo de valor negativo ou depreciativo por parte do enunciador. Na secção § II, 5.1, focaremos a *construção caracterizadora indefinida*, procurando clarificar o estatuto gramatical e sintáctico dos predicadores envolvidos nessa construção, por um lado, e questionando as eventuais relações que se podem observar entre a construção caracterizadora indefinida e a construção predicativa, pelo outro (§ II, 5.1.1). Os adjectivos que integram a construção caracterizadora indefinida têm a propriedade de ocorrer igualmente no âmbito de uma *construção cruzada*, um *GN* com características peculiares, de que falaremos na secção § II, 5.2. Em § II, 5.2.2, discutiremos algumas propostas que têm vindo a ser referidas na

literatura para a análise destas construções sintáticas, abordando a questão de saber se estes *GN* corresponderão a estruturas de base ou, se, pelo contrário, poderão ser transformacionalmente derivados a partir de outras estruturas linguísticas. Os adjectivos que têm a propriedade de ocorrer quer no âmbito de uma construção caracterizadora indefinida quer no de uma construção cruzada caracterizam-se ainda por poderem ser igualmente encontrados noutras construções sintáticas, que, do ponto de vista da intenção comunicativa, podem ser classificadas como *construções de insulto*. Na secção § II, 5.3, abordaremos uma dessas construções, que designamos como *exclamativas de insulto*. Estas construções serão analisadas no âmbito de uma estrutura sintáctica complexa, que envolve o recurso ao operador metalinguístico *chamar*.

No capítulo 6, serão descritas e analisadas as propriedades dos adjectivos que podem superficialmente integrar uma construção aparentemente idêntica à construção caracterizadora indefinida, no sentido em que aparecem, em posição predicativa, precedidos de um *Dind*, embora se distingam daquelas pelo facto de exigirem a presença, na frase, de um *Modif* obrigatório.

No capítulo 7, aprofundaremos as propriedades dos adjectivos que têm a propriedade de desempenhar a função de núcleo de um *GN decepado*, cujo elemento nominal reduzido poderá corresponder a um *nome classificador (Nclas) humano* com referência genérica (§ II, 7.1) ou, pelo contrário, poderá corresponder a um nome ou expressão com uma referência particularizante (§ II, 7.2), recuperável a partir do estabelecimento das relações de correferência e resolução de anáforas no texto.

Por fim, o capítulo 8 está reservado à análise e ao tratamento dos adjectivos que têm a propriedade de aceitar, para a posição sintáctica de complemento, uma construção com a forma *para com Nhum* (§ II, 8.1), argumentando a favor da tese de que essa construção não constitui um complemento essencial do adjectivo.

2 RESTRIÇÕES SINTÁCTICO-SEMÂNTICAS AO PREENCHIMENTO LEXICAL DA POSIÇÃO N₀

Um dos critérios utilizados na constituição da listagem dos predicados adjectivais que nos propusemos analisar e formalizar prende-se directamente com as restrições impostas pelos adjectivos relativamente ao preenchimento sintáctico-semântico da posição argumental de sujeito (*N₀*). Pré-estabelecemos que trataríamos apenas *Adj* que seleccionassem, para esta posição sintáctica, *Nhum*, noção que discutiremos em seguida.

2.1 N₀ =: *Nhum*

Embora a noção de «humano» seja tradicionalmente encarada como uma propriedade estritamente semântica, observa-se que os nomes susceptíveis de receber esta informação (*Nhum*) podem ser caracterizados com base num conjunto de critérios sintácticos (M. Gross, 1975: 47-49). Neste sentido, a propriedade distribucional *Nhum* pode ser vista simultaneamente como uma propriedade semântica e sintáctica.

Considera-se que um dado nome tem características humanas, se esse nome (ou o *GN* de que é núcleo) puder ser substituído por um nome próprio de pessoa, como *Zé* ou *Maria* (cf. (1)-(2)).

- (1) (O rapaz + O Zé) é inteligente
- (2) (A actriz + A Maria) é simpática

Os *GN* em que os *Nhum* estão integrados (os quais designamos como *GN humanos*) podem ser retomados anaforicamente na resposta à interrogação formulada por meio do pronome *Quem?*, como podemos observar em (3) e (4).

- (3) { P- Quem é inteligente?
R- (O rapaz + O Zé)
- (4) { P- Quem é simpática?
R- (A actriz + A Maria)

Os *GN humanos* caracterizam-se igualmente por poderem ocupar a posição sintáctica de sujeito dos empregos próprios (ou, se preferirmos, não figurados) de *verbos de opinião*, como *pensar* ou *crer*, ou *declarativos*, como *dizer* ou *afirmar* (cf. (5)-(6)).

- (5) O «cartoonista» pensa que é cedo para julgar Vera Lagoa (...) [CP]

- (6) O ministro das Finanças de Tóquio, Masayoshi Takemura, afirmou lamentar a atitude de Washington (...) [CP]

Além dos nomes que podem ser definidos como intrinsecamente humanos, como é o caso de *rapaz* (cf. (1)), e dos nomes que designam os membros de grupos sócio-profissionais, como *atriz*, *cartoonista*, e cargos institucionais ou políticos, como *ministro das Finanças* (cf. (2), (5) e (6), respectivamente), regista-se uma enorme variedade de outras expressões lexicais que podem ocupar as posições sintácticas caracterizadas distribucionalmente por serem preenchidas por *Nhum*. Destacam-se, entre outras, as expressões que, na perspectiva de M. Gross (*ibidem*: 48), podem ser vistas como «extensões» de *Nhum*. Observemos os exemplos (7)-(9).

- (7) «A GNR de Albufeira é simpática (...) [CP]
- (8) (...) o gabinete de Cavaco Silva pensa que é por esta via que se podem criar «novos postos de trabalho (...) [CP]
- (9) É intenção do Largo do Caldas -- agora que «a casa está já arrumada» -- passar à segunda fase [CP]

Na posição sintáctica de sujeito do *Adj simpático*, o *GN* =: *GNR de Albufeira*, em (7), pode comutar com um *Nhum* (como *Maria*), verificando-se o mesmo em relação a *gabinete de Cavaco Silva*, em (8), e a *Largo do Caldas*, em (9), que, nestes casos, exercem a função de sujeito do verbo *pensar* e do *Npred intenção*, respectivamente⁵⁵.

Há, contudo, autores que consideram esta noção demasiado abrangente. G. Gross (1995), por exemplo, defende que a classe dos *Nhum* não representa um conjunto sintacticamente homogéneo, o que significaria que o traço «humano» não constitui uma informação capaz de descrever, com a precisão desejável, as restrições de selecção dos predicadores de uma língua natural. Como ilustra o autor (*idem*: 72-73), embora se possa afirmar que um verbo transitivo predicativo⁵⁶ como *nomear* se constrói com três argumentos humanos (<*N*₀=: *Nhum*> *nomear* <*N*₁=: *Nhum*> <*N*₂=: *Nhum*>), esta

⁵⁵ Estas expressões designam, num determinado universo de referência, uma entidade única (o que, à partida, poderia levar a crer que essas unidades lexicais não fossem afectadas pelo fenómeno da ambiguidade), contudo, verifica-se que elas podem ser ambíguas a diversos níveis. É, por exemplo, o caso das expressões ilustradas no texto, que, além de *Nhum*, poderão representar um lugar, e desempenhar a função de locativo, se surgirem, por exemplo, na posição sintáctica de complemento de um verbo como *deslocar-se*. Sobre os problemas inerentes à identificação e tratamento das *entidades mencionadas (EM)*, vejam-se, entre outros, Satoshi & Ranchhod (2007) e Santos & Cardoso (2007).

⁵⁶ Para um estudo dos verbos transitivos predicativos, em português, veja-se Marrafa (1985).

informação não permite, por si só, dar conta das restrições que se observam sobretudo em relação ao preenchimento da posição notada como N_2 (cujo núcleo desempenhará, de acordo com a nomenclatura tradicional, a função de *nome predicativo do objecto directo*). Na verdade, constata-se que apenas um certo tipo (ou subclasse) de *Nhum* – *nomes de funções* ou *cargos* – são susceptíveis de ocupar tal posição sintáctica (cf. (10)-(11)).

(10) (...) a federação sueca nomeou o treinador Tommy Soderberg seleccionador nacional [CP]

(11) Os ministros aproveitaram ainda para nomear o diplomata português Luís de Almeida Sampaio conselheiro político do general norte-americano Eric Shinsek (...) [CP]

Nem em (10) nem em (11) é, pois, possível substituir o *nome de função* ou *cargo* (*seleccionador nacional*, *conselheiro político*) por um nome de qualquer outro tipo, por exemplo, um *nome de profissão* (cf. (12)-(13)).

(12) *A federação sueca nomeou o treinador Tommy Soderberg (empresário + futebolista)

(13) *Os ministros aproveitaram ainda para nomear o diplomata português Luís de Almeida Sampaio (linguista + jornalista) do general norte-americano Eric Shinseki

G. Gross considera, portanto, que é necessário recorrer a especificações sintáctico-semânticas mais precisas, tendo essencialmente em conta as (in)compatibilidades que se observam entre os operadores (ou predicadores) e os respectivos argumentos⁵⁷.

Ora, a pertinência de uma dada informação linguística, semântica ou de outra natureza, depende em larga medida dos objectivos pretendidos e/ou da aplicação que se quer dar a essa informação. É possível que a subespecificação dos *Nhum* em classes sintáctico-semânticas mais precisas se revista de extrema importância na descrição de certas construções sintácticas, em particular, na descrição de predicados como, por exemplo, *nomear*, que discutimos anteriormente. Estamos em crer que a eventual subclassificação dos *Nhum* será igualmente imprescindível no âmbito de tarefas de *PLN* que envolvam uma desambiguação fina do significado das expressões linguísticas.

⁵⁷ São poucos os verbos que apresentam um paradigma distribucional idêntico ao de *nomear*; é, entre outros, o caso de *indigitar*, *designar* e *ordenar*. É possível, no entanto, registar outros predicadores (verbais ou de outra natureza) que apresentam, tais como os anteriormente mencionados, fortes restrições distribucionais quanto ao preenchimento léxico-sintáctico-semântico das posições argumentais com que se constroem. Por exemplo, *engravidar*, *emprenhar*, *estar grávida*, *estar prenhe*, *dar à luz*, *amamentar* e *dar mama* são operadores que requerem para a posição sintáctica de sujeito um *N animado* e/ou *humano*, cujo género natural seja o feminino.

Contudo, uma vez que as subclasses apresentadas pelo autor, de um modo geral, não parecem modificar o conjunto das propriedades das construções adjetivais aqui estudadas, considerámos suficiente, para efeitos deste trabalho, a distinção entre *Nhum* e *N-hum* (§ II, 2.2). De facto, na análise dos dados que nos propusemos analisar, não vimos necessidade de desdobrar nenhuma entrada em função da subespecificação léxico-sintáctico-semântica dos diferentes tipos de sujeito humano com os quais o elemento predicador se pudesse eventualmente construir.

2.2 N₀ =: *N-hum*

Como refere M. Gross (1975: 49-50), a notação *N-hum* não constitui uma propriedade distribucional representativa de uma classe sintáctico-semântica homogénea; pelo contrário, ela não é mais do que um meio formal de precisar a distribuição dos *Nhum*. Neste sentido, a informação *N-hum* deverá ser associada aos nomes que demonstrem não poder ocupar as posições sintácticas onde se esperaria encontrar um *Nhum*.

Certos *Adj*, como é, por exemplo, o caso de *tóxico* e de *contagioso*, constroem-se obrigatoriamente com *N-hum* (cf. (14) e (15), respectivamente), o que significa que a posição sintáctica de sujeito desses *Adj* não pode ser preenchida por um nome próprio, como *Zé* ou *Maria*.

(14) (Esse produto + o flúor + *O Zé) é tóxico, quando usado em grandes quantidades

(15) (O vírus da papeira + A doença da Maria + *A Maria) é muito contagioso/a

Qualquer um destes *GN* pode ser retomado anaforicamente na resposta à pergunta introduzida pela forma pronominal *O que?*, mas nunca por *Quem?*, como podemos observar nos exemplos (16) e (17).

(16) { P: (O que + *Quem) (E + é que) é tóxico, quando usado em grandes quantidades?
 { R: (Esse produto + o flúor + *O Zé).

(17) { P: (O que + *Quem) (E + é que) é muito contagioso?
 { (O vírus da papeira + A doença do Zé + *O Zé).

Os *Adj* que, como os anteriormente ilustrados, interditam a presença de um *Nhum* na posição *N₀* não constam das nossas listagens. Como já tivemos oportunidade de referir, nas matrizes que construámos, considerámos apenas os *Adj* que demonstraram poder construir-se com sujeitos humanos.

Contudo, a propriedade distribucional *N-hum* está prevista nas matrizes, por forma a contemplar os *Adj* que, em posição de sujeito, aceitam tanto *Nhum* como *N-hum*⁵⁸. É, por exemplo, o caso de *bonito*, ilustrado em (18)-(20).

(18) Tânia é alta, muito bonita, extremamente simpática e sempre alegre. [CP]

(19) Vem dentro de uma caixa muito bonita. [CP]

(20) A Gare do Oriente é muito bonita... [CP]

Nestes casos, o significado do adjectivo é fundamentalmente idêntico e a natureza sintáctico-semântica do nome não interfere com as restantes propriedades sintácticas registadas nas *matrizes* (especificação do *Vcop*, possibilidade de modificação por um *Adv* quantificador ou por um morfema de grau, entre outras).

Pelo contrário, nos casos em que isso não se verifica, isto é, sempre que a interpretação e/ou o comportamento sintáctico do adjectivo seja visivelmente diferente, consoante ele se encontre relacionado com um *Nhum* ou com um *N-hum* (cf. (21)-(22)), apenas retivemos nas nossas matrizes a construção com *Nhum*.

(21) Agora que **está liso**, até do PCP Alexandre Alves foi corrido. [CP]

(22) O tronco **é liso** e cinzento [CP]

As diferenças semânticas que se observam entre os adjectivos das construções anteriormente ilustradas podem ser expressas em termos formais. Por exemplo, em (21), *liso* constrói-se com um *Nhum* =: *Alexandre Alves*, e é obrigatoriamente auxiliado pelo *Vcop estar* (cf. (23)).

(23) Agora que (*é + **está**) liso, até do PCP Alexandre Alves foi corrido.

Em (22), pelo contrário, *liso* encontra-se relacionado com *N-hum*, seleccionando, neste caso, o *Vcop ser* (cf. (24)).

(24) O tronco (é + ?***está**) liso e cinzento

Antes de terminar esta secção, convém clarificar que a informação de *N-hum* não se encontra declarada nas matrizes que compreendem os *Adj Doen*, os *Adj Nac* e os *Adj Filo*. O principal motivo para tal procedimento tem a ver com o facto de os *Adj* de cada uma destas subclasses assumirem regularmente um estatuto sintáctico diferente conforme se

⁵⁸ Refira-se que apenas cerca de 3% dos *Adj Hum* analisadas aceitam os dois sujeitos, *Nhum* e *N-hum*.

encontrem relacionados com *Nhum* ou com *N-hum*. De facto, os *Adj Nac* e os *Adj Filo* são sistematicamente homógrafos entre *predicativos* e *não predicativos* (mais concretamente, *Adj Rel*). Pelo contrário, essa homografia apenas afecta algumas entradas agrupadas sob a designação de *Adj Doen*. De um modo geral, quando combinados com *N-hum* (em particular, com *Nabst*), os adjectivos das subclasses mencionadas comportam-se como os *Adj Rel* (cf. (25)-(27)).

- (25) «Após ingerirem a mistura sem triptofano, 10 das 15 mulheres manifestaram sintomas **depressivos** breves mas clinicamente significativos» (...) [CP]
- (26) E, mais grave, multiplicam-se nos países ricos as reacções **racistas e xenófobas**. [CP]
- (27) Uma exposição que divulgará as grandes figuras da história **portuguesa** no Oriente (...) [CP]

Isto quer dizer que os *Adj* ilustrados nos exemplos acima não têm capacidade de selecção argumental (como qualquer outro *Adj não predicativo*); aliás, eles podem nomeadamente ser vistos como um complemento especificador de certos nomes (M. Gross, 1981; Goes, 2005), equivalente a uma construção nominal introduzida por preposição (cf. (28)-(30))⁵⁹.

- (28) 10 das 15 mulheres manifestaram sintomas **de depressão** breves mas clinicamente significativos
- (29) E, mais grave, multiplicam-se nos países ricos as reacções **de racismo e xenofobia**.
- (30) Uma exposição que divulgará as grandes figuras da história **de Portugal** no Oriente (...)

Porém, quando modificam *Nhum*, os *Adj* em questão possuem, em geral, valor predicativo, o que, entre outros aspectos, significa que se podem ligar ao *GN* sujeito por meio de um *Vcop*, no caso, *ser* (cf. (31)-(33)).

- (31) Criticaram-me muito dizendo que **era depressivo**, mas eu estava mesmo deprimido! [CP]
- (32) «Quem **é racista e xenófobo** deseja a morte da Europa», diz ao Público Artur Morão, professor de Filosofia da Universidade Católica de Lisboa. [CP]
- (33) O autor da peça **é português**, está vivo e sabe brincar com as convenções, respeitando-as e desrespeitando-as a seu bel-prazer [CP]

⁵⁹ Para um estudo aprofundado sobre as propriedades sintáctico-semânticas dos *Adj Rel*, vejam-se, entre outros, Bartning (1976), Monceaux (1997) e Goes (2005).

2.3 N₀ =: *Nap de Nhum*

Como referimos na *Parte I* (§ I, 3.1.2), certas construções adjetivais caracterizam-se por apresentar, na posição sintática de sujeito, um *Nhum* ou um *GN* complexo, com a estrutura *Nap de Nhum*, cujos nomes mantêm entre si uma relação de inalienabilidade (Boons *et al.*, 1976; Guillet & Leclère, 1981). Esse é, por exemplo, o caso de *irresponsável e louro*, ilustrados em (34) e (35), respectivamente.

(34) O Zé foi muito irresponsável
 = (O comportamento + A atitude) do Zé foi muito irresponsável

(35) O Zé é louro
 = Os cabelos do Zé são louros

Nesta situação em particular, a subclassificação dos nomes em *Nhum* e *N-hum* revela-se, por si só, insuficiente para captar, com a precisão e o rigor necessários, as restrições que se observam entre o *Adj* e os diferentes *GN* a que pode estar associado.

As construções adjetivais com *Nap* distinguem-se precisamente pela interdependência que se observa entre três elementos: o nome apropriado, o nome que aparece na posição de complemento do *Nap* (nos exemplos, o *Nhum*) e o *Adj*. A variação de um destes elementos introduz necessariamente modificações semânticas e sintáticas nas frases em que ocorrem. Observemos os exemplos (36) e (37).

(36) A Ana é deslumbrante
 = (O corpo + A aparência + O aspecto) da Ana é deslumbrante

(37) Esse vestido é deslumbrante
 = (O corte + O design + O modelo) desse vestido é deslumbrante

Estes exemplos mostram que a especificação lexical do *Nap* numa dada construção adjetival varia de acordo com a natureza semântica do nome com o qual se encontra relacionado. Na presença do *Adj deslumbrante*, nomes como, por exemplo, *corpo*, *aparência* e *aspecto* podem, naturalmente, ser considerados como apropriados a um *Nhum*, como *Ana*, mas não a um *N-hum*, como *vestido*⁶⁰.

⁶⁰ A aceitabilidade das construções com *Nap* parece ainda poder variar em função do *Vcop* envolvido. Por exemplo, verifica-se que a comutação do *Vcop ser* por *estar*, em (36), torna a construção com *Nap* menos natural: *A Ana está deslumbrante = ?(O corpo + A aparência + O aspecto) da Ana está deslumbrante*.

A informação *Nhum/N-hum* mostra-se, ainda assim, incapaz de ajudar a determinar o *Nap* subjacente a uma determinada construção, como ilustram os exemplos (38) e (39).

- (38) Esse livro é deslumbrante
 = (A história + A narrativa + *O corte + *O design + *O modelo) desse livro é deslumbrante
- (39) Esse vestido é deslumbrante
 = (O corte + O design + O modelo + *A história + *A narrativa) desse vestido é deslumbrante

De facto, embora *livro* seja, como *vestido*, um *N-hum*, observa-se que o conjunto de *Nap* que podem especificar cada um destes nomes é diferente.

Conclui-se, portanto, que, na análise das construções com *Nap*, se deve ter em conta não unicamente as restrições que se observam entre o *Adj* e o nome que pode, superficialmente, ocupar sozinho a posição *N₀*, mas também a relação que existe entre esse nome e o *Nap*, no interior do *GN*.

Coloca-se, então, a questão de saber como formalizar todas estas restrições nas matrizes sintácticas, por forma a dar conta, por um lado, das diferentes realizações sintácticas que o *GN* sujeito de um dado *Adj* pode assumir, e, pelo outro, das relações de equivalência que se podem estabelecer entre as diferentes construções sintácticas registadas.

Uma possível abordagem ao problema seria a de identificar o conjunto de nomes apropriados possíveis na língua⁶¹, formalizando, em matrizes independentes, as propriedades sintáctico-semânticas dessas expressões. O objectivo final seria, pois, o de relacionar as entradas nominais dessas *matrizes* com os predicadores adjectivais (ou outros) com os quais elas se pudessem construir. Esta linha de investigação, que consideramos importante retomar futuramente, não foi, no entanto, seguida, uma vez que tal implicaria um estudo sistemático e aprofundado das propriedades sintáctico-semânticas dos *Nap*, o que, na nossa opinião, constitui, por si só, um objecto autónomo de investigação.

Uma outra hipótese de tratamento dos dados, que pode ser vista como uma primeira aproximação à solução anteriormente apresentada, foi adoptada, por exemplo, por Meydan (1995). Num primeiro momento, a autora classificou, com base em critérios fundamentalmente semânticos, os diferentes nomes candidatos a uma relação de

⁶¹ Veja-se, a este propósito, os trabalhos de Molinier (1988), Meydan (1995), Laporte (2004a), entre outros.

apropriação, de modo a poder posteriormente organizá-los, ainda que de forma mais ou menos intuitiva, em classes semanticamente homogéneas.

No que respeita aos adjectivos que se constroem com *Nhum*, Meydan distinguiu quatro subclasses de *Nap*, a saber: (i) nomes que designam *partes do corpo* (*Npc*), tais como *rosto e tez*; (ii) nomes que designam *particularidades abstractas* (*Npabst*), como *carácter e humor*; (iii) nomes de *comportamento* (*Ncomport*), tais como *comportamento e atitude*, e, de maneira residual, (iv) outros *nomes predicativos* (*Npred*), como *argumento e observação*.

Numa segunda etapa, a autora caracterizou sintacticamente as classes de *Nap* previamente definidas, recorrendo a um conjunto de operações que podem, em geral, ser observadas em construções com *Nap*, designadamente: reestruturação do *GN* [*Reestr GN*], redução metonímica do *Nap* [*Red Nap*] e equivalência a uma frase com *Vsup Nap* [*Vsup Nap*], como ilustrado em (40).

- (40) (O comportamento + A atitude) do Zé foi muito irresponsável
 [Reestr GN] = O Zé foi muito irresponsável (no seu comportamento + na sua atitude)
 [Red Nap] = O Zé foi muito irresponsável
 [Vsup Nap] = O Zé teve (um comportamento + uma atitude) irresponsável

Em casos particulares, foi-lhe igualmente possível estabelecer uma relação de equivalência entre a frase com *Nap* e uma frase com um advérbio morfologicamente associado, por exemplo, {*físico, fisicamente*}⁶², ilustrado em (41).

- (41) (O corpo + aspecto físico + físico) do Zé é atraente
 [Reestr GN] = O Zé é atraente de (corpo + aspecto físico + físico)
 [Red Nap] = O Zé é atraente
 [Vsup Nap] = O Zé tem um (corpo + aspecto físico + físico) atraente
 [Adv] = O Zé é (*corporalmente + fisicamente) atraente

Noutras situações, embora possa existir uma expressão adverbial morfologicamente associada ao *Nap*, como acontece com {*corpo, corporalmente*}, não é possível estabelecer uma relação sintáctica ou transformacional entre as expressões. Esta relação mostra-se igualmente impossível, se comutarmos o *Adv* simples por uma expressão adverbial

⁶² De referir que *físico* poderá estar relacionado com a expressão multipalavra *aspecto físico*, também ilustrada no exemplo (§ I, 3.4.).

complexa com a estrutura =: *do ponto de vista Adj*, que poderá estar na sua origem (Molinier & Levrier, 2000), como podemos observar em (42).

- (42) (O corpo + aspecto físico + físico) do Zé é atraente
 [Adv] = O Zé é atraente do ponto de vista (?*corporal + físico)

Em português, em particular no caso das construções que estamos a estudar, não encontramos critérios sintácticos suficientemente fortes para subclassificar os *Nap* em *Npabst*, *Ncomport* e *Npred*, como proposto por Meydan. Como demonstraremos em seguida, as diferenças sintácticas relevantes observadas manifestam-se sobretudo entre as construções que integram este conjunto de nomes, que designaremos genericamente como *Nabst*, e as que envolvem *Npc*, pelo que apenas essas duas classes de *Nap* se encontram formalmente representadas nas *matrizes*.

2.3.1 *Nap* =: *Nabst*

A operação de reestruturação do *GN* é, como vimos, uma das propriedades que caracterizam as frases com *Nap* (Meydan, 1995: 143-276), em particular, as construções adjectivais cujo *Nap* corresponde a um *Nabst*.

Relembramos que a operação de reestruturação, tal como é definida por Guillet & Leclère (1981: 100-101), permite relacionar uma frase que contém um *GN* com a estrutura [*Na de Nb*] com uma outra frase, de sentido próximo ou equivalente, onde o *Na* e o *Nb* aparecem em posições estruturalmente independentes. No caso dos adjectivos intransitivos, o *Nb* permanece na posição de sujeito e o *Na* passa a encontrar-se na posição de complemento (dito *complemento de eco*) do *Adj*. Este complemento é introduzido por uma preposição, que pode variar em função, fundamentalmente, da natureza do *Nap* envolvido.

Nas construções adjectivais que envolvem um nome apropriado abstracto =: *Nabst*, verifica-se que a preposição *em* é a que mais frequentemente introduz o *Nap* na posição de complemento⁶³ (cf. (43)-(44)).

- (43) (O comportamento + A atitude) do Zé foi irresponsável
 [Reestr GN] = O Zé foi irresponsável (em + ?com) (o seu comportamento + a sua atitude)

⁶³ Idêntica situação pode ser observada nas construções nominais predicativas suportadas por *ser de* (Baptista, 2005: 71).

- (44) (O discurso + Os argumentos) do Zé foi/foram convincente/s
 [Reestr GN] = O Zé foi convincente (em + com) (o seu discurso + os seus argumentos)

Em certas construções, como as que ilustrámos acima, parece ser igualmente possível encontrar outras preposições, como é, por exemplo, o caso de *com*. No entanto, na presença desta preposição, o *GN* complemento parece apresentar sobretudo um valor causal, eventualmente instrumental, não observável quando o mesmo é introduzido pela preposição *em*. A construção com a preposição *com* pode, casualmente, neste contexto, ser colocada em relação com uma outra que integra uma conjunção subordinativa causal, como *por causa de* (cf. (45)).

- (45) O Zé foi convincente com (o seu discurso + os seus argumentos)
 = O Zé foi convincente por causa de (o seu discurso + os seus argumentos)

Essa relação não é tão evidente no caso de a preposição envolvida ser *em* (cf. (46)).

- (46) O Zé foi convincente em (o seu discurso + os seus argumentos)
 ≠ O Zé foi convincente por causa de (o seu discurso + os seus argumentos).

Assim, e tendo em conta que os contornos sintácticos e semânticos subjacentes à variação da preposição que introduz o complemento de eco não são ainda suficientemente conhecidos, optámos por registar nas *matrizes* apenas a preposição *em*. Esta preposição, aparentemente compatível com qualquer *Nabst*, é obrigatoriamente acompanhada por um *determinante possessivo (Dposs)*, correferente com o *Nhum* que aparece na posição de sujeito (cf. (47)-(48)).

- (47) O Zé_i foi muito irresponsável em (o seu_i + *o meu_j) comportamento
 (48) O Zé_i foi convincente em (os seus_i + *os meus_j) argumentos

Como refere Baptista (2005: 73), esta condição deixa de se colocar se o *Nap* receber uma modificação particularizante, por exemplo, uma oração relativa (cf. (49)-(50)).

- (49) O Zé foi muito irresponsável no comportamento que teve
 (50) O Zé foi convincente no discurso que fez

Neste caso, o verbo da relativa corresponde ao *Vsup* do *Npred* apropriado que aparece na posição de complemento de eco.

2.3.1.1. *Nap* e diferentes graus de apropriação

Nos exemplos anteriormente apresentados, o *GN* com *Nap* era susceptível de reestruturação sintática. No entanto, a referida transformação nem sempre se mostra possível. Como demonstraram Guillet & Leclère (1981), a aplicabilidade desta transformação está fortemente condicionada pelo grau de apropriação que o *Nap* apresenta na construção.

De acordo com estes autores, é possível determinar três graus de apropriação, que reflectem a relação que o *Nap* mantém com o nome e com o predicador. Assim, nas construções com *Nap*, os nomes podem ser (*idem*: 109-111):

- (i) *nomes estritamente apropriados*, isto é, nomes que, numa dada posição sintática, contêm o essencial da informação já fornecida por outros elementos da construção; pode considerar-se que esse é, por exemplo, o caso de *humor*, em (51), cuja probabilidade de ocorrência, na frase, é extremamente elevada.

(51) O humor do Zé é muito sarcástico

- (ii) *nomes normalmente apropriados*, isto é, nomes que, embora não apresentando uma probabilidade de ocorrência tão elevada como a dos nomes estritamente apropriados, podem ser considerados como apropriados à construção, como parece ser o caso de *piada*, em (52).

(52) As piadas do Zé são muito sarcásticas

- (iii) *nomes pouco ou mal apropriados*, isto é, nomes que apresentam um baixo grau de probabilidade de ocorrência numa determinada construção, como é o caso de *sorriso*, em (53).

(53) O sorriso do Zé é muito sarcástico

Como salientam os autores, os *nomes estritamente apropriados* podem ser lexicalmente reduzidos, uma vez que estabelecem uma relação metonímica ‘perfeita’ entre as estruturas [*Nap de Nhum*] e *Nhum*. A operação de reestruturação do *GN* produz, no entanto, frases normalmente mal formadas (*cf.* (54)).

- (54) O humor do Zé é muito sarcástico
 [Red Met] = O Zé é muito sarcástico
 [Reestr GN] = *Zé é muito sarcástico no seu humor

Por sua vez, os *nomes normalmente apropriados* fornecem os melhores exemplos de frases reestruturadas, tanto em francês como em português. Contudo, na nossa opinião, é, por vezes, difícil apelar a uma relação metonímica (total ou parcial) entre a frase com sujeito complexo e a frase com sujeito humano (cf. (55))⁶⁴.

- (55) As piadas do Zé são muito sarcásticas
 [Red Met] ≠ O Zé é muito sarcástico
 [Reestr GN] = Zé é muito sarcástico nas suas piadas

Por fim, os *nomes pouco apropriados* prestam-se mal a ambas as operações anteriormente evocadas (cf. (56)).

- (56) O sorriso do Zé é muito sarcástico
 [Red Met] ≠ O Zé é muito sarcástico
 [Reestr GN] = ?*Zé é muito sarcástico no seu sorriso

Dado que nas matrizes que elaborámos não explicitámos lexicalmente os *Nap*, pelas razões já anteriormente apontadas, assumimos que, desde que fosse possível a reestruturação do *GN*, a propriedade de o adjectivo se construir com um *Nap* seria assinalada, nas matrizes, como positiva⁶⁵. No futuro, consideramos importante formalizar as propriedades desses nomes, o que permitirá averiguar se as informações presentemente descritas nas *matrizes* estarão, ou não, sujeitas a alterações em função da sua discriminação.

⁶⁴ Em rigor, a reestruturação do *GN* não faz apelo necessariamente a relações metonímicas. Quanto muito, poder-se-á dizer que a existência da relação metonímica potencia as duas operações: redução metonímica e reestruturação do *GN*. Outras relações entre dois nomes que podem ser abrangidas pelas transformações mencionadas são, por exemplo, as *relações de posse* e as *relações de autoria* (ilustrada no exemplo).

⁶⁵ Nas matrizes, as linhas correspondem às entradas léxico-sintáticas e as colunas às propriedades tidas em consideração na descrição dessas construções. Na intersecção de cada linha com cada uma das colunas figura um sinal «+» ou «-», consoante essa propriedade se observe, ou não, respectivamente (cf. § III, 1).

2.3.2 *Nap* =: *Npc*

Certos adjectivos seleccionam, para a posição sintáctica de sujeito, um *GN* complexo com um *Nap* =: *Npc*. É o caso de *ruivo*, *peludo* e *franzino*, ilustrados nos exemplos que apresentamos seguidamente.

- (57) A Maria é ruiva
 = Os cabelos da Maria são ruivos
- (58) O Zé é peludo
 = (O corpo + O peito + As costas) do Zé é/são peludo/as
- (59) O Zé é muito franzino
 = (O corpo + O porte + O ar + A aparência) do Zé é muito franzino/a

Observa-se que *ruivo* se combina estritamente com *cabelo*; *peludo* parece aceitar um conjunto mais alargado de *Npc*, que remetem para o corpo, na sua totalidade, ou para uma das suas partes específicas; por fim, o *Adj franzino* tem a propriedade de se poder combinar com *Nap* como, por exemplo, *porte*, *ar* e *aparência*, que, muito embora não correspondam à noção tradicional de *Npc* (até por se tratar de *Nabst*), podem ser entendidos como extensões «globalizantes» dos *Npc*⁶⁶.

Tal como já o assinalaram outros autores (por exemplo, Meydan, 1995; 1999; Baptista, 2005), as construções que envolvem *Npc* apresentam, normalmente, maiores constrangimentos à reestruturação do *GN* do que as construções que envolvem nomes apropriados de outra natureza, em particular, os *Nabst*.

A este propósito, Meydan (1999: 65) refere que a operação em questão se pode efectuar, com maior facilidade, em condições particulares, nomeadamente (i) quando «o *Npc* é uma parte precisa e o *Adj* qualificativo implica um julgamento de valor por parte do locutor» ou (ii) quando «o *Npc* é uma parte globalizante (*altura, estatura, físico, porte...*)».

Colocam-se-nos, contudo, algumas reservas quanto à natureza destas observações. Por um lado, é difícil definir em extensão os adjectivos que, referindo-se a um *Npc*, veiculam, em si mesmos, um juízo de valor por parte do locutor ou enunciador. Pelo outro lado, é possível conceber situações em que um determinado *Npc* pode ser entendido como

⁶⁶ Adoptamos o termo *globalizante*, empregue por Meydan (1995: 65) para fazer referência a *Npc* tais como: “*taille*”, “*physique*” e “*carrure*”.

uma parte *globalizante*, como é o caso de *figura*, e, ainda assim, o processo de reestruturação do *GN* não parece poder operar (*cf.* 60)).

(60) A figura do Zé é esguia
[Reestr GN] = ?*O Zé é esguio de figura

Pelo contrário, deparamo-nos com outros casos em que, embora o *Npc* não pareça obedecer a este requisito semântico (por exemplo, *rosto*), a operação de reestruturação do sujeito mostra-se produtiva (*cf.* (61)-(62)).

(61) O rosto do Zé é magro
[Reestr GN] = O Zé é magro de rosto

(62) O rosto do Zé está muito bronzeado
[Reestr GN] = O Zé está muito bronzeado no rosto

Ora, a possibilidade ou, pelo contrário, a interdição da operação de reestruturação do *GN* talvez se deva essencialmente, também nestes casos, à (in)compatibilidade que se observa entre esta transformação e o grau de apropriação do *Npc* subjacente às construções.

Em (60), o *Npc* =: *figura* pode ser visto como um *nome estritamente apropriado* ao *Adj* =: *esguio*, o que levaria a que a reestruturação do *GN* sujeito não pudesse operar; pelo contrário, este *Npc* pode ser metonimicamente reduzido, sem que a frase resultante sofra qualquer perda significativa de informação (*cf.* (63)).

(63) A figura do Zé é esguia
[Red Met] = O Zé é esguio

Por sua vez, o facto de o *Npc* =: *rosto* ser um *nome normalmente apropriado* aos adjectivos *magro* e *bronzeado* explicaria o facto de as frases (61) e (62) poderem ser alvo de um processo de reestruturação do *GN*.

Contrariamente ao que sucede com os *Nabst*, os *Npc* podem, como vimos, ser introduzidos pela preposição *de*, quando preenchem a posição de complemento de eco da frase reestruturada, embora, em alguns casos, seja igualmente possível encontrar a preposição *em* (*cf.* (63)).

A preposição *de* não obriga à presença de determinante, o qual, a estar realizado, terá de corresponder a um artigo definido (*cf.* (64)).

- (64) As ancas da Maria são estreitas
 [Reestr GN] = A Maria é estreita de (E + as) ancas

A preposição *em*, pelo contrário, obriga à presença de um *Ddef* (*cf.* (65)):

- (65) As pernas da Maria estão bronzeadas
 [Reestr GN] = A Maria está bronzeada em (*E+ as) pernas

Refira-se, contudo, que, ao contrário do que se observa com o *Nabst*, o *Dposs* não só não é requerido pelo *Npc*, como a sua presença torna a frase inaceitável.

- (66) As pernas da Maria estão bronzeadas
 [Reestr GN] = A Maria está bronzeada em (as + *suas) pernas

Por vezes, a escolha da preposição parece estar intimamente relacionada com o valor aspectual da construção, veiculado essencialmente pelo *Vcop* com o qual o *Adj* se constrói. Em concreto, a preposição *de* parece ser preferível, no caso de o *Adj* se construir com *ser*, um verbo que co-ocorre, em geral, com adjectivos que veiculam propriedades *intrínsecas* ou *permanentes* (§ I, 3.2). A preposição *em*, pelo contrário, parece ter melhor aceitabilidade quando o *Adj* selecciona *estar*, situação em que propriedade transmitida assume, regularmente, um carácter mais *pontual*. O confronto das construções ilustradas em (67) e (68) procuram ilustrar esse comportamento.

- (67) Os ombros do homem eram muito largos
 [Reestr GN] = O homem (...) era muito largo de ombros [CP]
 [Reestr GN] = ?O homem (...) era muito largo nos ombros

- (68) A face e as costas do homem estavam arranhadas
 [Reestr GN] = O homem (...) estava arranhado na face e nas costas [CP]
 [Reestr GN] = *O homem (...) estava arranhado de face e de costas

Em (67), o *Npc* =: *ombro* é preferencialmente introduzido pela preposição *de*, uma vez que o *Adj* da construção =: *largo* é auxiliado pelo *Vcop ser*. Em (68), pelo contrário, apenas a preposição *em* parece ser possível, uma situação talvez motivada pelo facto de o *Adj* =: *arranhado* se construir exclusivamente com *estar*.

Refira-se, no entanto, que certos *Nap* terão de ser obrigatoriamente introduzidos pela preposição *de*, apesar de se encontrarem integrados numa construção adjectival com *estar*, como é, por exemplo, o caso de *bem-conservado*, em (69).

(69) O corpo do camponês está bem conservado

[Reestr GN] = O camponês está bem conservado de corpo

[Reestr GN] = *O camponês está bem conservado no corpo

Todas estas restrições se encontram previstas nas matrizes que construímos.

3 SELECÇÃO DOS VERBOS COPULATIVOS

Nas matrizes léxico-sintácticas adjectivais, há todo o interesse em especificar os diferentes *Vcop* a que os adjectivos podem estar associados, entre outras razões, porque: (i) os adjectivos podem apresentar diferentes significados e distribuições, consoante se encontrem auxiliados por *ser* ou *estar*, bem como por uma das variantes aspectuais/estilísticas destes verbos; (ii) a determinação do valor aspectual dos adjectivos numa dada construção depende, entre outros factores, dos verbos copulativos com os quais estes predicadores se encontram relacionados; (iii) na maior parte dos casos, a correcta identificação e etiquetagem dos próprios *Vcop* (sobretudo, os que são homógrafos de formas lexicais plenas) só pode ser efectuada no âmbito da construção adjectival. Além disso, como já se disse antes, a selecção dos verbos copulativos *ser* e/ou *estar* foi um dos critérios utilizados na subclassificação dos adjectivos.

Assim, nas *matrizes* que elaborámos, encontram-se especificadas, em cada uma das entradas léxico-sintácticas, as restrições impostas pelo adjectivo relativamente à natureza dos *Vcop* elementares com que pode co-ocorrer, bem como ao conjunto de extensões aspectuais e estilísticas que estes verbos podem assumir.

Certas classes de adjectivos (como é o caso dos *Adj Nac* e dos *Adj Filo*) apresentam uma grande regularidade em relação a esta propriedade distribucional, construindo-se sistematicamente com o *Vcop ser*, e não admitindo *estar*. Essa sistematicidade não é, porém, observada noutras classes sintácticas, em particular, na classe que integra os predicadores a que atribuímos a notação genérica *Adj Hum*.

Considerando que o conjunto de factores que determinam o uso do *Vcop*, nestes casos, é vasto e complexo, mostrou-se necessário estabelecer critérios metodológicos precisos que nos permitissem decidir qual ou quais os auxiliares que deveriam figurar nas matrizes sintácticas que compreendem esses elementos. Definiu-se, portanto, como construção de base (e de teste), a construção humana com o *Vcop* elementar no presente do indicativo. Decidimos optar por esta construção porque nos parece ser uma construção mais neutra do que as que envolvem outros tempos e aspectos verbais. A análise das diferenças entre as diversas construções temporais e aspectuais é um trabalho que terá de ser desenvolvido em linhas de investigação futuras.

As diferenças quanto à selecção do *Vcop* permitiram distinguir três subclasses de *Adj Hum*, os quais se encontram distribuídos por estas classes de forma bastante assimétrica: uma grande percentagem dos *Adj Hum* (aprox. 75%) apenas autorizam *ser* (cf. (1)), cerca de 13% requerem exclusivamente o *Vcop estar* (cf. (2)) e os restantes 12% admitem ambos os auxiliares (cf. (3)-(4)).

- (1) Ele **é** egoísta. [CP]
- (2) A mulher **está grávida** de nove meses. [CP]
- (3) É assim: vamos mostrar que **ser gordo** ou **magro** tanto faz. [CP]
- (4) «Não há qualquer sinal de sub-nutrição... não **estão gordos**, mas também não **estão** demasiado **magros**» disse Bornman. [CP]

Estes valores são, naturalmente, aproximativos, uma vez que as matrizes se encontram em constante desenvolvimento e revisão, mas dão já uma imagem global suficientemente nítida do fenómeno. Alerta-se, no entanto, para o facto de que, muito embora o subconjunto dos *Adj* que estudámos - *adjectivos intransitivos humanos* – admita preferencialmente *ser*, não podemos daí inferir que os restantes *Adj* predicativos se comportam da mesma maneira. Casteleiro (1981: 210-211) mostrou, por exemplo, que, em português, a quase totalidade dos adjectivos que se constroem com factiva e/ou completiva sujeito aceita exclusivamente *ser*; por sua vez, a distribuição de *ser* e de *estar* é mais equilibrada no caso de os adjectivos se construírem com factiva e/ou completiva objecto.

As restrições exibidas pelo *Adj* relativamente à natureza do *Vcop* estão, frequentemente, sujeitas a alterações, se na frase intervierem certos modificadores temporais e aspectuais e/ou modificadores apropriados à construção, como é o caso de *ultimamente* e de *muito*, em (5).

- (5) Ultimamente, ele está muito egoísta

Com efeito, o valor aspectual da construção adjectival determina a possibilidade de um *Adv* poder operar sobre ela. Por exemplo, se o adjectivo se construir com *ser*, nenhum dos modificadores anteriormente ilustrados parece ser possível.

- (6) ?*Ultimamente, ele é muito egoísta

Ora, o que está em causa não são as propriedades distribucionais do adjectivo, em si mesmo, mas um conjunto de factores externos à predicação que estamos a descrever.

Assim, seguindo o critério metodológico anteriormente referido, considerámos como construção de base aquela em que o adjectivo aparece combinado com o *Vcop* no presente do indicativo, e sem a interferência de qualquer modificador, apresentando uma aceitabilidade normal (cf. (7)).

(7) Ele (é + ?*está) egoísta

É essa a informação que consta, pois, nas matrizes. Tal procedimento visa estabelecer, numa base metodológica sólida, um padrão relativamente ao qual poderão vir a ser aferidas eventuais diferenças quanto à selecção do auxiliar.

Na nossa perspectiva, essas variações talvez pudessem ser descritas de forma adequada em gramáticas locais, que explicitem as circunstâncias sintácticas que levam a que um dado adjectivo, construído, em princípio, com *ser*, possa aparecer auxiliado por *estar*⁶⁷.

Dado que as propriedades distribucionais que registámos nas *matrizes* se baseiam, de um modo geral, num método essencialmente introspectivo (§ I, 6), procurámos, sempre que isso nos pareceu pertinente ou adequado, recorrer igualmente a outros métodos complementares, com vista à validação das informações linguísticas apuradas. No que respeita às restrições de co-ocorrência entre o *Adj* e o *Vcop* elementar por ele seleccionado, verificámos, ainda que de uma forma aproximativa, se as construções que foram assinaladas como interditas nas *matrizes* se encontravam, ou não, atestadas em *corpora*. Dessas experiências falaremos nas secções seguintes (§ II, 3.1 e § II, 3.2).

⁶⁷ Teremos de deixar para um momento posterior a construção das referidas gramáticas, uma vez que isso nos desviaria do nosso objecto de investigação.

3.1 Adj construídos com ser

De modo a proceder à verificação das restrições assinaladas nas *matrizes* a propósito da ocorrência do *Adj Hum* com os verbos auxiliares *ser* e *estar*, procedemos à selecção dos adjectivos que foram assinalados como admitindo exclusivamente o *Vcop ser* (isto é, os adjectivos que, nas *matrizes*, verificam simultaneamente as propriedades «+ser» e «-estar»)⁶⁸. Os adjectivos seleccionados (2.353, de um total de 3.109) foram integrados num grafo, parcialmente representado na Figura 3.

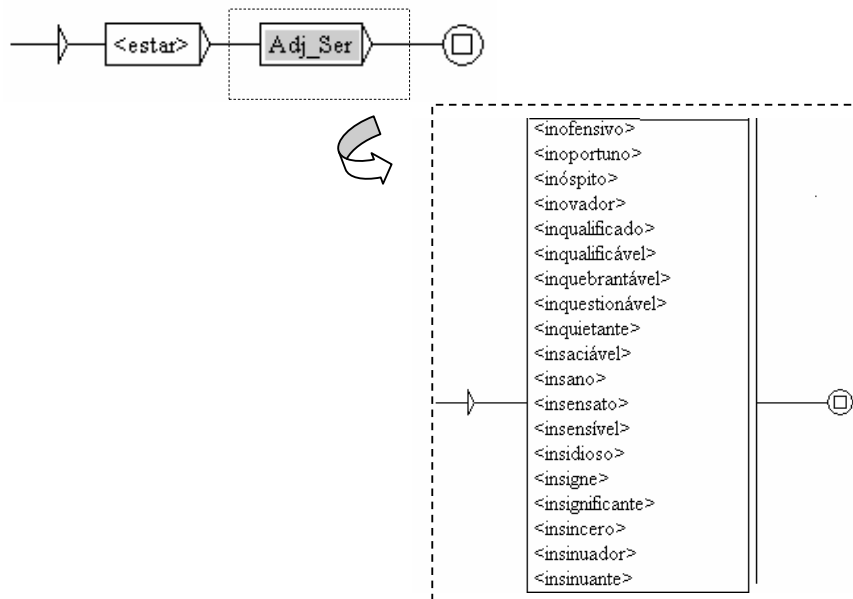


Figura 3. Grafo para identificação de sequências constituídas por um potencial *Adj Hum* que, nas *matrizes*, se encontra marcado como admitindo exclusivamente o *Vcop ser* (*subgrafo Adj_Ser*), precedido de uma potencial forma do verbo *estar*.

Esse grafo foi aplicado, pelo sistema *Unitex*, a um fragmento do *CETEMPublico*⁶⁹, permitindo identificar 821 sequências, cujos casos mais representativos encontrados apresentamos na Concordância 1, a seguir ilustrada.

- [1] vários países europeus. E [estamos conscientes](#) de que o turismo cultural
- [2] ocialistas democráticos e [estamos convencidos](#) de que a sociedade deveri
- [3] pirismo pela ideologia. «[Estou curiosa](#) por saber se alguém aparecerá c

⁶⁸ Por forma a limitar o número de concordâncias a analisar, optámos por não considerar, na expressão regular, os incisos (por exemplo, quantificadores) que se podem observar entre o *Vcop* e o *Adj*, por um lado, e a eventualidade de *estar* se encontrar representado no *corpus* por uma das suas possíveis extensões aspectuais, pelo outro.

⁶⁹ O extracto utilizado neste exercício é constituído por 6.385.531 *tokens* (138.230 formas diferentes). Do conjunto de *tokens* identificados, 5.162.111 (138.174 formas diferentes) correspondem a formas alfabéticas.

- [4] ros segundo os quais Bush [estaria decidido](#) a acelerar o mais possível a
- [5] substantivo em «A laranja [está madura](#)» e adjectivo em «Comprei um colete
- [6] Marques. O país ainda não [está maduro](#). Mas decorrente de tudo isto, o D
- [7] a derrota consumava-se. «[Estou orgulhoso](#) dos meus jogadores pela forma
- [8] A gestora afirmou ainda: «[estamos orgulhosos](#) por poder afirmar que em P

Concordância 1. Extracto da concordância obtida por aplicação do grafo da Figura 1 a um fragmento do *CetemPublico*

Na maioria dos casos, as expressões identificadas correspondem a adjectivos homógrafos dos representados nas matrizes, distinguindo-se formalmente daqueles por seleccionarem o *Vcop estar* (e não *ser*). É, entre muitos outros, o caso de *consciente* [1], *convencido* [2], *curioso* [3], *decidido* [4] e *orgulhoso* [7, 8], exemplificados nas concordâncias. Estes adjectivos, quando construídos com *estar*, caracterizam-se ainda por poderem ser acompanhados de um complemento (nominal ou frásico), o qual não é possível quando as mesmas expressões lexicais se combinam com *ser*. Dito de outro modo, os *Adj* auxiliados por *estar* são, nas construções em análise, transitivos, sendo intransitivos nos casos em que admitem o verbo *ser*. Trata-se, portanto, de adjectivos diferentes, devendo, por isso, figurar em matrizes sintácticas distintas.

Os adjectivos das concordâncias apresentadas em [5] e [6] exibem igualmente distribuições sintácticas distintas das representadas nas matrizes. O *Adj maduro*, quando se combina com sujeitos humanos é, em condições normais, auxiliado por *ser*, como acontece em (8).

- (8) «Os investidores são maduros e sabem que mais uma vez se trata de um «bluf» do BP. [CP]

O verbo de ligação terá de ser *estar*, nos casos em que o mesmo *Adj* se encontra a modificar um *N-hum*, como *laranja*, em [5].

A presença, na frase, de certos modificadores, como, por exemplo, o *Adv* de negação =: *não* e o *Adv* de valor aspectual inconcluso =: *ainda* faz com que a construção adjectival ilustrada na concordância [6] – na qual o *Adj* se encontra associado a uma *extensão de Nhum* =: *país* através do *Vcop estar* – seja possível. Como referimos anteriormente, estas construções terão de ser alvo de análise e formalização numa fase posterior.

Pudemos confirmar que, de um modo geral, a informação relativa à interdição de co-ocorrência destes adjectivos com o *Vcop estar* está basicamente correcta. Naturalmente,

o alargamento do padrão representado no grafo deverá permitir outros fenómenos que aqui não foram referidos.

3.2 *Adj* construídos com *estar*

À semelhança do que fizemos anteriormente, procurámos identificar, no mesmo *corpus*, as expressões adjectivais que, tendo sido marcadas nas *matrizes* como co-ocorrendo exclusivamente com o *Vcop estar* (um total de 370 entradas), aparecem, neste caso, atestadas com *ser*. Essas expressões foram, como no exercício anterior, integradas num grafo, que apresentamos em seguida, na Figura 4.

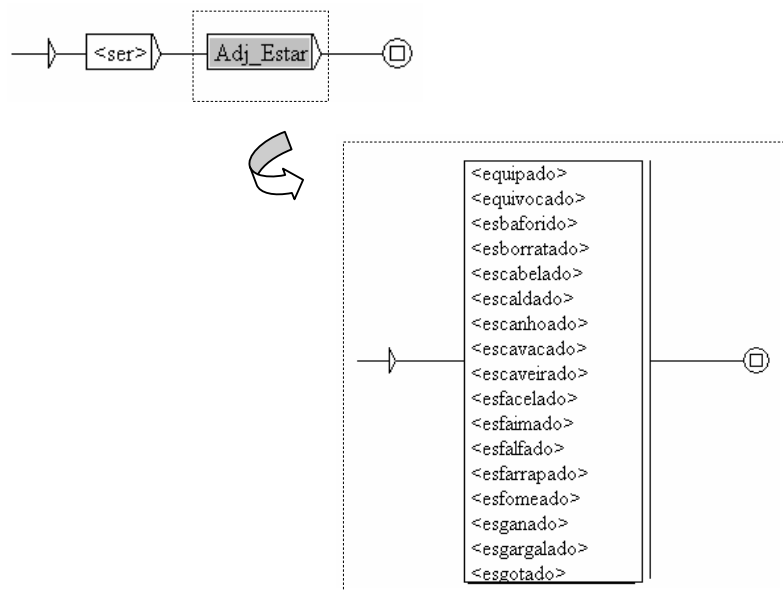


Figura 4. Grafo para identificação de sequências constituídas por um potencial *Adj Hum* que, nas *matrizes*, se encontra marcado como admitindo exclusivamente o *Vcop estar* (*subgrafo Adj_Estar*), precedido de uma potencial forma do verbo *ser*.

A aplicação do grafo ao *corpus* permitiu identificar 818 ocorrências. A concordância 2 mostra alguns exemplos ilustrativos das expressões encontradas.

- [1] os prisioneiros eram abatidos a tiro, executados mesmo ali. </s> <
- [2] amente secretos são conservados em condições primitivas, e que ele p
- [3] os nem a música é criada por historiadores, mas foi a razão por que
- [4] s duas empresas foram criadas pela EPUL, pela empresa de construção
- [5] O namorado dela foi ferido e ela vai todos os dias ao hospital. </s>
- [6] enas dois dias, foi ferido por um atirador furtivo quando regressava

- [7] inal da semana: foi morta pelo irmão, de 17 anos, que a levava (depo
 [9] as vezes fome e fui vestido mais que uma vez pela colectividade, da

Concordância 2. Extracto da concordância obtida por aplicação do grafo da Figura 2 a um fragmento do *CetemPublico*

A maioria das concordâncias que seleccionámos ilustram uma situação bastante recorrente: um número considerável dos *Adj* identificados fazem parte de uma construção passiva perifrástica, na qual o agente se pode encontrar lexicalmente expresso [3, 4, 6, 7 e 8] ou localmente omitido [1, 2, 5]. Ora, estas construções não foram tidas em consideração nas *matrizes*, uma vez que não correspondem a predicados claramente intransitivos (objecto da nossa investigação).

Os dados que apresentámos nas secções anteriores demonstram que é difícil construir automaticamente recursos lexicais fiáveis com base unicamente nas informações representadas em *corpora*. A mera atestação de que um adjectivo se pode combinar com um dado *Vcop* é, do ponto de vista linguístico, insuficiente para determinar com precisão o seu significado e construção, nomeadamente por não permitir distinguir entre adjectivos homógrafos (com significados e construções diferentes). Parece-nos, pois, amplamente justificada a metodologia do Léxico-Gramática ao preconizar uma cuidadosa análise, caso a caso, das propriedades distribucionais/combinatórias dos elementos predicativos. O estabelecimento dessas informações linguísticas, sob a forma de matrizes léxico-sintácticas ou outros formalismos equivalentes, é uma etapa indispensável para numerosas tarefas de *PLN* e, em particular, para a resolução automática de ambiguidades lexicais.

3.3 Extensões aspectuais e/ou estilísticas dos *Vcop* elementares

Sem ser nosso objectivo proceder a uma descrição completa e exaustiva dos verbos que, tal como *ser* e *estar*, podem funcionar como auxiliares dos predicados adjectivais em análise, procurámos especificar nas *matrizes* os *Vcop* que demonstraram ter uma maior representatividade no *corpus* de trabalho e que, do ponto de vista sintáctico, se comportam da mesma forma que os verbos copulativos elementares com os quais podem comutar. É o caso de *andar*, *permanecer*, *viver*, *encontrar-se*, *sentir-se*, *mostrar-se*, *revelar-se* e *tornar-se*, verbos que, como referimos na *Parte I* (§ I, 3.2.1), têm igualmente a propriedade de comutar com os verbos-suporte *ser* e/ou *estar*.

3.3.1.1. Extensões de *estar*

Os predicadores adjectivais auxiliados por *estar* são os que mais naturalmente parecem aceitar outros verbos copulativos, que constituem, em geral, extensões aspectuais do *Vcop* elementar. Algumas das extensões aspectuais de *estar* estão associadas à noção de permansividade. Por exemplo, *permanecer* e *encontrar-se* são geralmente usados para transmitir um processo durativo, cujo início é possível determinar (*cf.* (9)-(10)).

(9) Vinte anos após o «big bang» da informática empresarial, os gestores permanecem confusos e intranquilos [CP]

= (...) os gestores (estão + *são) confusos e intranquilos

(10) Segundo a polícia, os corpos de 155 pessoas foram encontrados, mas 90 pessoas encontram-se ainda desaparecidas (...) [CP]

= (...) 90 pessoas (estão + *são) ainda desaparecidas

No caso do verbo *andar*, o início do processo, ainda em decurso, parece ser mais difícil de precisar. Este verbo, contrariamente aos anteriormente mencionados, mostra ter sobretudo um valor aspectual habitual ou frequentativo (*cf.* (11)).

(11) O presidente da Câmara de Lisboa anda preocupadíssimo. [CP]

= O presidente da Câmara de Lisboa (está + *é) preocupadíssimo

O aspecto de situação habitual ou frequente também pode ser veiculado por *viver*, tendo em conta que, neste caso, o verbo transmite igualmente um certo valor de repetição ou iteratividade da construção em que está inserido (*cf.* (12)).

(12) Os dias das rusgas nocturnas para controlo do passe já passaram, mas agora vivemos muito mais aterrorizados do que anteriormente. [CP]

= (...) agora (estamos + *somos) muito mais aterrorizados do que anteriormente

O verbo *ficar* apresenta um valor resultativo/incoativo, ou seja, o estado em descrição é visto como o resultado de um processo concluído (*cf.* (13)).

(13) «Não fiques triste, havemos de recuperar.» [CP]

= «Não (estejas + *sejas) triste, havemos de recuperar»

Os valores aspectuais expressos pelos verbos auxiliares indicados são, pois, idênticos aos apresentados pelos mesmos quando exercem a função de *Vsup* de nomes predicativos construídos com *estar* (Ranchhod, 1990: 100-116).

O verbo *sentir-se* poderá, tal como os verbos anteriormente referidos, corresponder a uma extensão do *Vcop estar* (Valetopoulos, 2003), embora a sua principal função não pareça ser a de imprimir na construção em que ocorre um valor aspectual específico. Segundo Valetopoulos (*idem*: 180), este verbo auxilia especialmente *Adj* que exprimam «um fenómeno psico-fisiológico através do qual um estímulo externo ou interno tem um efeito modificador específico sobre o ser vivo», como parece ser o caso de *fatigado*, em (14), e de *envergonhado*, em (15).

- (14) Gastei o meu tempo, e sinto-me fatigado [CP]
= Gastei o meu tempo, e (estou + *sou) fatigado

- (15) (...) os seus jogadores deviam sentir-se envergonhados pela forma como se baterem com o Alverca [CP]
= os seus jogadores deviam (estar + *ser) envergonhados pela forma como se baterem com o Alverca

Trata-se, com efeito, de um verbo semanticamente menos ‘neutro’ (tendo, consequentemente, um domínio de aplicação mais restrito) do que os anteriormente referidos⁷⁰.

Apesar de todos os verbos em questão constituírem potenciais substitutos do *Vcop estar*, observa-se que nem todos os predicadores adjectivais que se combinam com este verbo são necessariamente compatíveis com todas as suas extensões ou variantes, quer aspectuais quer estilísticas, como ilustram os exemplos (16)-(17).

- (16) O Zé (está + anda + encontra-se + ficou + permanece + vive) adoentado
(17) O Zé (está + *anda + ?encontra-se + ficou + ?*permanece + *vive) saciado

⁷⁰ Este verbo também pode aparentemente comutar com o *Vcop ser*, mas, nessa situação, não é claro que *sentir-se* se comporte como auxiliar adjectival. De facto, a substituição do *Vcop ser* por este verbo parece implicar alterações significativas ao nível da interpretação das expressões em que isso sucede: *É importante uma pessoa sentir-se culpada* [CP] ≠ *É importante uma pessoa ser culpada*; *O conhecedor pisca o olho, sente-se inteligente* [CP] ≠ *O conhecedor pisca o olho, é inteligente*. Por essa razão, não o considerámos, para já, nas nossas matrizes como possível variante de *ser*. Trata-se de uma questão que carece, no entanto, de uma investigação aprofundada, que teremos de realizar futuramente.

Os exemplos vão, uma vez mais, ao encontro da ideia de que, sem a interferência de outros factores externos à predicação (por exemplo, a presença de certos advérbios temporais e/ou aspectuais), a especificação lexical e aspectual do *Vcop* na construção é fundamentalmente da responsabilidade do adjectivo. Por exemplo, *adoentado* admite qualquer um dos verbos explicitados em (16); *saciado*, pelo contrário, talvez por estar associado a uma propriedade de carácter mais pontual, parece ser sobretudo compatível com *estar* e *ficar* (cf. (17)).

3.3.1.2. Extensões de *ser*

As construções adjectivais com *ser* têm, em geral, um valor aspectual permansivo. Com efeito, *tornar-se* parece ser o único verbo que poderá ser considerado uma variante específica de *ser*, o qual explicita, de acordo com a tradição gramatical (Bechara, 2001), uma «mudança de estado», expressa, por exemplo, em (18).

- (18) Lady Di decidiu tornar-se autónoma e independente. [CP]
= Lady Di decidiu (ser + *estar) autónoma e independente

3.3.1.3. Extensões comuns a *ser* e a *estar*

Certos verbos, como *é*, por exemplo, o caso de *mostrar-se* e *revelar-se*, parecem poder figurar em contextos onde é igualmente possível encontrar os *Vcop* *ser* e/ou *estar*, como mostram os exemplos a seguir.

- (19) Panic, a princípio, mostrou-se frio [CP]
= Panic, a princípio, (foi + *esteve) frio
- (20) Yitzhak Rabin (...) não se mostrava arrependido. [CP]
= Yitzhak Rabin (...) não (*era + estava) arrependido.
- (21) O sal na comida, os nervos e o «stress», a má alimentação e o álcool foram as causas da hipertensão arterial mais apontadas pelos inquiridos, que se revelaram globalmente bem informados. [CP]
= (...) foram as causas da hipertensão arterial mais apontadas pelos inquiridos, que (eram + estavam) globalmente bem informados

Neste contexto, os verbos em questão comportam-se como os *Vcop* elementares correspondentes, não modificando as relações que se estabelecem entre o *Adj* e o sujeito da construção. Eles podem ser vistos como variantes estilísticas de *ser* e *estar*, no sentido em que servem fundamentalmente para actualizar ou especificar o sentido que os *Vcop* elementares não possuem. As variantes estilísticas permitem evitar repetições, e traduzem, em geral, um nível de língua mais cuidado ou um maior enriquecimento vocabular por parte do falante ou enunciador.

O emprego pronominal destes verbos pode, no entanto, comutar com a forma não pronominal *revelar* e *mostrar*, acompanhada do *Vcop* elementar, *ser* ou *estar*, o que pode suscitar dúvidas quanto ao seu estatuto sintáctico enquanto auxiliares adjectivais.

Baptista (2001) propôs que o pronome reflexo do verbo *revelar-se* fosse analisado como um vestígio da redução de uma oração completiva, finita ou infinitiva, com o *Vaux* *ser* ou *estar*, cujo sujeito é obrigatoriamente correfente com o sujeito da frase principal (cf. (22)).

- (22) Apesar da inexperiência, Paulo Pires revelou-se talentoso (...) [CP]
 = Apesar da inexperiência, Paulo Pires revelou (que era + ser) talentoso

Este comportamento sintáctico é igualmente exibido por outros verbos pronominais, por exemplo, *mostrar-se* (cf. (23)).

- (23) José António Santos, da Valouro, mostrou-se disponível para participar num novo projecto com a Sonae (...) [CP]
 = José António Santos, da Valouro, mostrou (que estava + estar) disponível para participar num novo projecto com a Sonae

Contudo, a referida análise não pode ser alargada a todos os verbos pronominais, por exemplo, *encontrar-se* (cf. (24)) e *tornar-se* (cf. (25)), embora desempenhem, como os anteriormente ilustrados, a função de auxiliares adjectivais.

- (24) A criança (...) encontra-se livre de perigo e regressou já a casa. [CP]
 = *A criança encontra (que está + estar) livre de perigo e regressou já a casa
- (25) Warhol tornou-se famoso por ser um filósofo do vazio e do silêncio [CP]
 = *Warhol tornou (que era + ser) famoso por ser um filósofo do vazio e do silêncio

Estes dados levam, pois, a questionar o próprio estatuto sintáctico dos verbos pronominais em discussão. Será que *mostrar-se* e *revelar-se* são, a este nível, idênticos aos verbos *encontrar-se* e *tornar-se*? Estamos em crer que a resposta a esta questão envolveria uma investigação sistemática e aprofundada dos verbos pronominais, em particular, os que podem exibir o estatuto de auxiliar, por forma a determinar as condições sintácticas que, eventualmente, possibilitariam a relação de equivalência (transformacional, ou de outra natureza) entre a construção completiva e o pronome reflexo.

No entanto, quando se encontram num contexto de auxiliaridade, os usos pronominais dos verbos *revelar-se* e *mostrar-se* não podem ser analisados como verbos lexicalmente plenos, um valor que possuem, por exemplo, em (26) e (27).

- (26) Robert Crumb (...) revelou-se aos leitores franceses pela primeira vez na revista «Action»... em 1968. [CP]
- (27) Em 1979, pouco depois de chegar ao poder, o pequeno Deng mostrou-se ao público americano (e ao mundo) (...) [CP]

Nos exemplos apresentados, os verbos em questão constituem os elementos predicativos das construções, e não podem, por essa razão, comutar com nenhuma forma dos verbos copulativos elementares (*cf.* (28)-(29)).

- (28) Robert Crumb (revelou-se + *era + *esteve) aos leitores franceses pela primeira vez na revista «Action»
- (29) Em 1979, pouco depois de chegar ao poder, o pequeno Deng (mostrou-se + *era + *esteve) ao público americano (e ao mundo) , assistindo a um «rodeo» no Texas

Portanto, há razões para considerar que *revelar-se* e *mostrar-se* são homógrafos entre verbos plenos e *Vcop*, motivo pelo qual estes últimos foram tidos em consideração nas nossas *matrizes*.

No que respeita aos usos não pronominais destes verbos, eles não poderão ser classificados como *Vcop*, uma vez que não podem comutar nem com *ser* nem com *estar*, podendo, no entanto, servir de auxiliares a toda a construção adjectival (*cf.* (133) e (134)). De facto, quando precedem os *Vcop ser* ou *estar*, estes verbos parecem desempenhar uma

função idêntica à de outros auxiliares dos *Vcop*, como é, por exemplo, o caso de *continuar*, ilustrado nos exemplos (30) e (31)⁷¹.

- (30) À margem desta «guerrilha» política, a oposição socialista continua prudente [CP]
 À margem desta «guerrilha» política, a oposição socialista continua (E + a ser) prudente.
- (31) (...) mostraram que continuam vivos e cheios de energia. [CP]
 (...) mostraram que continuam (E + a estar) vivos e cheios de energia.

Nestes casos, é possível apagar/reconstituir a forma infinitiva do *Vcop* elementar (conjuntamente com a preposição que o liga ao *Vcop*), ficando o *Vaux continuar* a ocupar superficialmente essa posição. A omissão ou, pelo contrário, a explicitação do *Vcop* não altera o significado global das frases. Por outro lado, a presença do *Vaux continuar* apenas introduz um novo valor aspectual à construção.

No entanto, a omissão dos *Vcop* elementares não é possível no caso de serem auxiliados pelos verbos *revelar* ou *mostrar* (cf. (32)-(33)).

- (32) (...) 9,2 por cento das mulheres e 6,4 por cento dos homens revelaram ser clinicamente obesos. [CP]
 9,2 por cento das mulheres e 6,4 por cento dos homens revelaram (*E + ser) clinicamente obesos.
- (33) Costinha revelou estar nervoso (...) [CP]
 Costinha revelou (*E + estar) nervoso
- (34) Nas meias-finais, a cubana Savon mostrou ser mais forte (...) [CP]
 Nas meias-finais, a cubana Savon mostrou (*E + ser) mais forte
- (35) A Fesap também mostra estar renitente em relação ao projecto [CP]
 A Fesap também mostra (*E + estar) renitente em relação ao projecto

Neste aspecto, os adjectivos assemelham-se, por exemplo, aos nomes predicativos suportados por *ser de*, os quais não permitem, à semelhança dos *Adj*, o apagamento do *Vsup* (Baptista, 2005: 29-31).

⁷¹ Esta solução é também apresentada por M. Gross (1998: 28) para a análise dos verbos *paraître* e *sembler*, do francês. Baptista (2001: 10-11) propõe que a mesma análise deve ser aplicada ao *V continuar*, nos casos em que este aparece na posição de auxiliar de predicadores nominais e adjectivais.

4 RESTRIÇÕES À POSIÇÃO DOS ADJECTIVOS EM CONTEXTO ADNOMINAL

Em português, os adjectivos predicativos têm a propriedade de poderem ocupar regularmente a posição adnominal à direita, o que nos leva a considerar que essa seja a sua posição de base.

Os adjectivos que classificámos como *Adj Doen*, *Adj Nac* e *Adj Filo* aparecem obrigatoriamente pospostos ao *Nhum*, no grupo nominal (cf. (1), (2) e (3), respectivamente).

(1) Testes frequentes são ainda indispensáveis às grávidas e às **crianças diabéticas**. [CP]

*Testes frequentes são ainda indispensáveis às grávidas e às **diabéticas crianças**

(2) Os **escritores brasileiros** estão desencantados. [CP]

*Os **brasileiros escritores** estão desencantados

(3) Eles expressam um receio genuíno em relação aos seus **compatriotas cristãos** (...) [CP]

*Eles expressam um receio genuíno em relação aos seus **cristãos compatriotas**

Este comportamento deixa de se observar, contudo, no caso do núcleo do *GN* corresponder a um *Npr*. De facto, como já tínhamos referido na *Parte I* (§ I, 3.3), os *Npr* parecem interferir directamente nas propriedades dos adjectivos, interditando a sua presença em contexto pós-nominal (cf. (4)-(6)).

(4) Tem vários problemas, como por exemplo o **diabético Gary Mabbutt** (...) [CP]

*Tem vários problemas, como por exemplo o Gary Mabbutt diabético (...)

(5) Nomes novos são também os dos **nortenhos Francisco Assis e José Lemos**. [CP]

*Nomes novos são também os dos Francisco Assis e José Lemos nortenhos.

(6) Antes, o **socialista Raul Martins** já se tinha insurgido contra o excessivo protagonismo de Mangerão. [CP]

*Antes, o Raul Martins socialista já se tinha insurgido contra o excessivo protagonismo de Mangerão.

Por estarem associados a um referente específico e único (particularizante), os *Npr* não admitem, pois, modificadores com valor restritivo.

Em posição pré-nominal, estes *Adj* parecem exercer uma função de aposto (o qual ocorre tipicamente à direita do *N*), podendo ser colocados em relação com uma frase relativa apositiva (cf. (7)-(9)).

- (7) Tem vários problemas, como por exemplo o **diabético Gary Mabbutt** (...) [CP]
 = Tem vários problemas, como por exemplo o Gary Mabbutt, que é diabético (...)
- (8) Nomes novos são também os dos **nortenhos Francisco Assis e José Lemos**. [CP]
 = Nomes novos são também os dos Francisco Assis e José Lemos, que são nortenhos.
- (9) Antes, o **socialista Raul Martins** já se tinha insurgido contra o excessivo protagonismo de Mangerão. [CP]
 = Antes, o Raul Martins, que era socialista, já se tinha insurgido contra o excessivo protagonismo de Mangerão.

Os adjectivos que foram classificados como *Adj Hum* apresentam um comportamento sintáctico heterogéneo, também no que diz respeito a esta propriedade distribucional.

Certos *Adj Hum* podem aparentemente surgir à direita e à esquerda do nome, contudo, em função da sua distribuição sintáctica, podem veicular significados e comportamentos sintácticos distintos. Atente-se nas expressões adjectivais ilustradas em (10) e (11) em confronto com as ilustradas em (12) e (13).

- (10) Não entendo como é que **pessoas inteligentes e responsáveis** permitem que isto aconteça. [CP]
- (11) Este **inteligente e culto cidadão** alentejano foi aplaudido pelos seus **inteligentes conterrâneos** (...) [CP]
- (12) A experiência do «capitão» será importante, frente a uma **equipa calculista**, como é o FC Porto. [CP]
- (13) (...) a chefia dos **frios e calculistas serviços britânicos de contra-espionagem**, o célebre MI5, vai ser entregue a uma mulher, Stella Rimington (...) [CP]

Trata-se, à primeira vista, de construções sintácticas e semanticamente próximas. Por exemplo, *inteligente* encontra-se, em ambas as frases, numa estrutura de coordenação adjectival, exercendo modificação sobre um *Nhum* =: *pessoa*, em (10), e *cidadão*

(*alentejano*), em (11). O adjectivo *calculista*, por sua vez, está associado a um *Nhum colectivo* =: *equipa*, em (12), e *serviços (britânicos) de contra-espionagem*, em (13).

Contudo, em (10) e (12), os adjectivos apresentam um valor restritivo, que pode ser explicitado mediante o recurso a uma oração relativa restritiva (*cf.* (14)-(15)).

- (14) Não entendo como é que pessoas que são inteligentes e que são responsáveis permitem que isto aconteça.
- (15) A experiência do «capitão» será importante, frente a uma equipa que é calculista, como é o FC Porto.

Em posição pré-nominal (exemplos (11)-(13)), os *Adj Hum* parecem, no entanto, adquirir um valor «subjectivo», que corresponde a uma apreciação subjectiva por parte do locutor ou enunciador e, nessa situação, apenas a leitura apositiva ou explicativa se revela adequada (*cf.* (16)-(17)).

- (16) Este cidadão alentejano, que é inteligente e culto, foi aplaudido pelos seus conterrâneos, que são inteligentes
- (17) a chefia dos serviços britânicos de contra-espionagem, que são frios e calculistas, vai ser entregue a uma mulher

Os eventuais empregos subjectivos dos adjectivos não foram tidos em consideração nas *matrizes* sintácticas que elaborámos, pois, não se trata de uma característica dos adjectivos, mas resulta de um conjunto de factores inerentes ao discurso, em muitos casos, difíceis de formalizar e reproduzir. Com efeito, praticamente todos os adjectivos podem, em última análise, surgir em contexto pré-nominal.

Assim, a propriedade pré-nominal explicitada nas *matrizes* foi exclusivamente associada aos elementos que demonstraram poder ocorrer, em qualquer circunstância, à esquerda de um *Nhum*, sem que se observe uma alteração significativa ao nível da sua interpretação (isto é, da interpretação que possuem quando se encontram em contexto pós-nominal) nesta posição sintáctica. É o caso dos *Adj excelente* e *misterioso*, ilustrados, respectivamente, nos exemplos (18) e (19).

- (18) Foi sempre um excelente músico e uma excelente pessoa. [CP]
 = Foi sempre um músico excelente e uma pessoa excelente.

- (19) Este telefonema, feito cerca de uma hora e meia depois de o misterioso indivíduo ter abandonado a Praça D. Pedro IV, apontava ainda um caixote (...) [CP]
- = Este telefonema, feito cerca de uma hora e meia depois de o indivíduo misterioso ter abandonado a Praça D. Pedro IV, apontava ainda um caixote (...)

Como temos vindo a discutir, a determinação do contexto sintáctico ocupado pelos adjectivos em posição adnominal não depende apenas das propriedades léxico-sintácticas exibidas por estes elementos; nela intervêm variadíssimos factores, o mais importante dos quais se prende com a natureza do nome com o qual o adjectivo aparece relacionado e com a estrutura sintáctica em que esses elementos estão integrados. De um modo geral, a deslocação dos *Adj Hum* para uma posição adnominal à esquerda parece encontrar maiores obstáculos no caso de estes se encontrarem a modificar um *Nclas humano*, como *pessoa* ou *indivíduo* (cf. (20)-(21)).

(20) (...) também ela é uma inteligente intérprete [CP]

(21) ?*Também ela é uma inteligente pessoa

De facto, apesar de *inteligente* poder ocorrer em posição pré-nominal, quando aparece combinado com um *Nhum* como *intérprete*, parece não exibir a mesma propriedade quando se encontra relacionado com o *Nclas pessoa*.

Nas matrizes sintácticas que elaborámos, esta propriedade sintáctica (propriedade pré-nominal) foi, portanto, registada para os adjectivos que, como *excelente* e *misterioso*, demonstraram poder modificar um *Nclas humano*, aparecendo à sua esquerda.

5 CONSTRUÇÕES ASSOCIADAS À CONSTRUÇÃO PREDICATIVA

Certos adjectivos que analisámos têm a propriedade de poderem integrar, a par da construção predicativa (*P*), uma *construção caracterizadora indefinida* (*C*) ou uma *construção cruzada* (*X*). É o caso de *ignorante* e de *ingrato*, que ilustramos em seguida (*cf.* (1) e (2)).

- (1) (P) Os tipos do LNEC **são ignorantes**
 (C) Os tipos do LNEC **são uns ignorantes**. [CP]
 (X) **Os ignorantes dos tipos do LNEC** <não tiveram em conta esses dados>
- (2) (P) Os investigadores **revelaram-se ingratos**
 (C) Os investigadores **revelaram-se uns ingratos**
 (X) <A indústria portuguesa sempre pronta a investir tão avultadas verbas na investigação e> **os ingratos dos investigadores** <sempre agarrados às saias do Governo!> [CP]

Em (*C*), o predicador, que se encontra obrigatoriamente auxiliado pelo *Vcop ser* (ou uma das suas variantes estilísticas, como é o caso de *revelar-se*), é precedido de um artigo indefinido (*Dind*). Em (*X*), a mesma expressão, que agora surge no âmbito de um *GN*, ocorre em posição pré-nominal, articulando-se com o nome através de *Prep =: de*.

O facto de, nestas construções, os *Adj* aparecerem numa posição caracteristicamente nominal, nomeadamente à direita de um determinante, e de estes não exibirem regularmente certas propriedades que exibiriam se se encontrassem numa construção predicativa tem levado a que sejam analisados como nomes.

Contudo, tratar este fenómeno como um problema meramente lexical (como tem sido tradicionalmente feito) constitui uma solução pouco económica, uma vez que obrigaria ao desdobramento lexical de praticamente todas as entradas associadas à categoria de *Adj*⁷².

O principal objectivo deste capítulo é, por um lado, o de procurar clarificar o estatuto categorial e sintáctico das expressões que têm a propriedade de ocorrer tanto na construção predicativa (*P*) como nas construções caracterizadora indefinida (*C*) e cruzada (*X*) e, pelo outro, o de determinar a sintaxe destas construções, estabelecendo as eventuais relações que se possam observar entre elas.

⁷² Esta solução contraria o princípio definido por Harris como «*least redundant grammar*» (Harris, 1991: 38, 49).

5.1 Distribuição da construção caracterizadora indefinida (C)

Um número considerável de expressões que classificámos como *Adj Hum* (aprox. 40%) aceita a construção caracterizadora indefinida. Semanticamente, estes adjectivos distinguem-se por exprimirem, na maior parte dos casos (cerca de 80%), um valor *negativo, depreciativo* ou *disfórico* (cf. (3)-(5)), embora seja possível encontrar, em (C), adjectivos que apresentam um valor contrário ao anteriormente referido, isto é, valor *positivo, laudativo* ou *eufórico* (cf. (6))⁷³.

- (3) «Esse senhor **é um mentiroso**», contrapõe o visado. [CP]
- (4) Eu, pelo contrário, **sou um cobarde, um fraco**... [CP]
- (5) «Alguns merecem e a gente desenrasca-os, outros **são uns ingratos**» [CP]
- (6) Despediu-se do público com carinho e ainda lhe tirou uma fotografia: **foi um querido**. [CP]

Alguns *Adj Doen* (cerca de 35%) também podem exibir esta propriedade distribucional. Trata-se de expressões associadas essencialmente a doenças do foro psicológico ou mental (cf. (7)), bem como a doenças que reflectem (a prática ou a consequência de) uma conduta socialmente reprovável (cf. (8)).

- (7) «O meu ex-marido **é um maniaco-depressivo** e o nosso casamento foi um inferno», declarou Robin Givens. [CP]
- (8) O pai dela **é um drogado!** [CP]

Os *Adj Filo* que demonstraram aceitar a construção caracterizadora indefinida, uma percentagem inferior a 10%, remetem para *ideologias, doutrinas, movimentos*, etc. que possuem, num dado contexto histórico-político-social, uma conotação marcadamente negativa. É, por exemplo, o caso de *fascista* e de *nazi*, em (9) e (10), respectivamente.

- (9) **É um fascista** esse senhor. [CP]
- (10) O Dr. Mengele **era** um ignorante, um criminoso, **um nazi**. [CP]

Em casos muito particulares, é possível encontrar, em construções como as que temos vindo a analisar, certas expressões que subclassificámos como *Adj Nac* (cf. (11)).

⁷³ Usamos os termos *eufórico* e *disfórico* no sentido em que são definidos, por exemplo, por Greimas e Courtés (1979), nomeadamente, para exprimir uma valorização *positiva* ou *negativa* por parte do sujeito face aos conteúdos representados num dado contexto semântico.

- (11) (...) Manfred acusa os romenos de serem «todos uns ciganos». [CP]

Neste contexto, o *Adj* parece adquirir um valor metafórico, comportando-se como um *Adj Hum*, e não como um *Adj Nac*. Por exemplo, *cigano* pode ser modificado por um quantificador, como *muito* (cf. (12)), bem como ser coordenado com um *Adj Hum*, como *desonesto* (cf. (13)), propriedades características dos *Adj Hum*, como já discutimos anteriormente.

- (12) Manfred acusa os romenos de serem todos muito ciganos

- (13) Manfred acusa os romenos de serem todos muito ciganos e desonestos

Os dados que analisámos levam a concluir que a construção caracterizadora indefinida é demasiado representativa nas matrizes para ser tratada como uma construção ‘excepcional’, tomando os contornos de uma propriedade léxico-sintáctica digna de registo em qualquer gramática da língua. Discutiremos, em seguida, as principais características destas construções sintáticas, colocando-as em confronto com as construções adjectivais predicativas, com as quais parecem estar, à partida, relacionadas.

5.1.1 Propostas para a análise da construção caracterizadora indefinida

À primeira vista, a construção caracterizadora indefinida (*C*) poderia ser analisada como uma paráfrase da construção adjectival predicativa (*P*), tendo em consideração que a presença do *Dind* não altera significativamente a interpretação das construções nem a natureza predicativa do *Adj*. De facto, as propriedades de selecção impostas pelos *Adj* são idênticas em ambas as construções sintáticas.

Nos exemplos até aqui ilustrados, o *Adj*, auxiliado pelo *Vcop ser* ou uma das suas extensões, construía-se com apenas um argumento, um *Nhum*, que desempenhava a função de sujeito na frase. No entanto, a relação de equivalência entre as construções (*P*) e (*C*) pode ser igualmente observada caso o predicador envolvido seleccione mais do que um argumento (cf. (14)-(15)).

- (14) (P) Sou viciado em viagens
(C) Sou um viciado em viagens. [CP]

- (15) (P) Suharto tornou-se perito na matéria
(C) Suharto tornou-se um perito na matéria. [CP]

O adjectivo *viciado* selecciona dois argumentos: o sujeito, que é igualmente representado por um *Nhum*, e um complemento nominal, cujo núcleo corresponde a um *N-hum*. Este *GN* é, em ambas as construções sintácticas, introduzido pela preposição *em*. O *GN* que desempenha a função de complemento do *Adj perito*, por sua vez, é introduzido, pela *Prep de*, tanto em (*P*) como em (*C*).

Na construção caracterizadora indefinida, o adjectivo preserva, como temos vindo a mostrar, as suas propriedades essenciais, nomeadamente o significado e a natureza predicativa, apresentando o mesmo número de argumentos e idênticas restrições quanto ao seu preenchimento lexical; observa-se ainda a manutenção do *Vcop* e das preposições que podem introduzir os eventuais complementos do adjectivo.

Porém, certas propriedades que o *Adj* exibía na construção predicativa deixam de se poder observar quando este se encontra precedido do *Dind*. Consideremos os exemplos ilustrados em (16).

- (16) (P) São muito estúpidos. [CP]
 (C) *São uns muito estúpidos.

O *Adj estúpido* pode ser modificado por um *Adv* quantificador ou intensificador como *muito*, em (*P*), mas a presença desse modificador, em (*C*), torna a frase agramatical. Pelo contrário, na construção caracterizadora indefinida, a quantificação sobre o *Adj* pode ser expressa por meio de uma forma adjectival como, por exemplo, *grande*; esse modificador não é, no entanto, aceitável, se o predicador adjectival integrar a frase predicativa (cf. (17)).

- (17) (P) *É grande mentiroso
 (C) É um grande mentiroso. [CP]

Com efeito, *grande* só prescinde aparentemente do *Dind* em condições particulares, nomeadamente quando se encontra no âmbito de uma construção como, por exemplo, a que destacamos em (18).

- (18) Apesar de os portugueses serem grandes dorminhocos (...) isso não os distancia muito do modo de vida dos seus vizinhos espanhóis [CP].
 = Apesar de os portugueses serem uns grandes dorminhocos (...) isso não os distancia muito do modo de vida dos seus vizinhos espanhóis.

Trata-se, em ambos os casos, de uma estrutura de tipo (C), a qual apresenta a particularidade de poder ser especificada pelo *Det zero* (aqui entendido como uma variante do *Dind*), uma vez que se encontra no âmbito de uma construção genérica. A interpretação genérica de (C) é possível graças a um conjunto de factores linguísticos que intervêm, em simultâneo, na frase, designadamente: (i) o adjectivo *dorminhoco* corresponde a um atributo de um *GN humano* com referência genérica ou não particularizante (*os portugueses*), cujas propriedades discutiremos em (§ II, 7); (ii) a relação entre o *Adj* e esse *GN* estabelece-se através de uma forma verbal semântica, temporal e aspectualmente compatível com o valor referencial em questão.

Apesar de se poderem observar restrições relativamente à ocorrência de certos elementos em (P) e em (C), em particular, os quantificadores, parece incontestável afirmar que as diferenças de interpretação entre estas construções, a existirem, são muito subtis. Poderão talvez estar relacionadas com aquilo que entendemos ser o menor ou maior grau de envolvimento do enunciador no acto ilocutório.

De um modo geral, verifica-se que o *Dind*, na construção caracterizadora indefinida, parece acentuar um maior envolvimento afectivo do sujeito da enunciação⁷⁴. Neste sentido, o *Dind* poderia ser analisado como um marcador de força ilocutória, equiparando-se, por exemplo, a um «advérbio de reforço»⁷⁵ como *mesmo*, que opera normalmente sobre construções adjectivais, sobretudo em frases com uma interpretação exclamativa (*cf.* (19)).

(19) «És mesmo parva, rapariga! [CP]

Repare-se que a interpretação intensiva do *Dind* não se observa apenas em construções adjectivais. Ela pode ser igualmente encontrada em construções nominais com *Vsup*, frequentemente relacionadas, morfológica e sintacticamente, com frases com predicador adjectival (*cf.* (20)).

(20) O Zé tem (uma + E) coragem!
 = O Zé é de (uma + ?E) coragem!
 = O Zé é (um +E) corajoso!

⁷⁴ Sobre as restrições de selecção de determinantes impostas pelos nomes predicativos com *ser de*, veja-se, uma vez mais, Baptista (2005: 117-126). Veja-se, ainda, numa outra perspectiva de análise, Culioli (1974).

⁷⁵ De um ponto de vista semântico, tais advérbios podem ser vistos como «reforçadores de verdade do valor de asserção» (Brito, 2003: 431-432).

Na construção com o *Vsup ter*, o *Dind* comuta com o determinante zero, sendo livremente acompanhado de um *Modif* com valor intensivo (nomeadamente, o próprio marcador de entoação exclamativa =: !). Na construção com *ser de*, o determinante parece ser, contudo, obrigatório.

Uma questão que se coloca, do ponto de vista sintáctico, é a de saber se (*P*) e (*C*) poderão estar transformacionalmente relacionadas, ou, pelo contrário, se se trata de duas distribuições sintácticas distintas de certos adjectivos.

Se se considerasse que as transformações são processos sintácticos orientados, poder-se-ia postular que a construção caracterizadora indefinida corresponderia à construção de base, a partir da qual seria possível obter a construção predicativa adjectival, apelando, por exemplo, à aplicação de uma operação sintáctica que explicasse a redução a zero do *Dind*, em (*P*) (cf. (21)).

(21) (C) O Dr. Mengele era um ignorante, um criminoso, um nazi. [CP]

(P) O Dr. Mengele era ignorante, criminoso, nazi.

Inversamente, poder-se-ia defender que a construção caracterizadora indefinida estaria associada à construção predicativa (entendida, neste caso, como a forma de base), por meio de um mecanismo formal que desse conta da inserção do *Dind*, em (*C*)⁷⁶.

Contudo, do ponto de vista da gramática harrissiana, que aqui adoptamos, as transformações são vistas como relações não orientadas, pelo que o que interessa não é determinar a orientação da eventual relação sintáctica entre (*P*) e (*C*), mas verificar a distribuição de cada uma destas construções, procurando perceber se elas se encontram sintacticamente relacionadas ou se, pelo contrário, têm existência autónoma.

Um número considerável de *Adj*, como *inteligente* (cf. (22)), aceita apenas a construção predicativa, o que inviabilizaria, pelo menos nesses casos, o estabelecimento de uma relação transformacional entre (*P*) e (*C*).

(22) (P) O Jonatão é inteligente. [CP]

(C) *O Jonatão é um inteligente.

⁷⁶ Refira-se, contudo, a reserva de M. Gross (1975: 27-28) relativamente aos processos de inserção de elementos gramaticais no quadro da gramática transformacional.

Conclui-se, portanto, que a construção adjectival predicativa é uma construção autónoma, isto é, não depende da existência de uma construção caracterizadora indefinida, à qual estaria eventualmente associada.

Por outro lado, os adjectivos que exibem a propriedade distribucional (*C*) podem igualmente ocorrer em (*P*), um facto que não apresenta qualquer surpresa, tendo em consideração que o nosso objecto de investigação se cinge a adjectivos predicativos, isto é, a adjectivos que têm a propriedade de integrar o contexto pós-cópula. Assim, se tivéssemos em conta apenas estes dados, seria possível considerar a hipótese de que a construção caracterizadora indefinida estaria sempre associada à construção adjectival predicativa.

Não é, contudo, claro que (*C*) e (*P*) possam ser transformacionalmente relacionadas. Por um lado, essa relação teria de ser unidireccional ou orientada ($C \rightarrow P$), o que violaria, como referimos anteriormente, um dos princípios da gramática harrissiana. Pelo outro lado, seria difícil justificar o facto de (*P*) não constituir uma forma de base, mas ser resultante de (*C*), que corresponde a uma construção sintáctica aparentemente menos geral e discursivamente mais marcada na língua.

Refira-se, ainda, que (*C*) não é uma construção específica dos predicadores adjectivais. Ela pode ser representada por certos nomes, como, é, por exemplo, o caso de *desgraça*, em (23), e de *espectáculo*, em (24).

(23) (C) Esta gente é uma desgraça (...) [CP]

(24) (C) O Padre António Vieira devia ser um espectáculo. [CP]

Nestes casos, o nome que integra a construção caracterizadora indefinida interdita a omissão do *Dind* (cf. (25)-(26)).

(25) *Esta gente é desgraça

(26) *O Padre António Vieira devia ser espectáculo

Não é, pois, possível estabelecer uma relação transformacional entre (*C*) e (*P*), o que reforça a ideia de que, nestes casos, (*C*) será analisada de forma mais adequada como uma construção independente de (*P*).

As construções nominais predicativas, bem como as possíveis relações que se poderão eventualmente observar entre esses predicados e os predicados adjectivais correspondentes, deverão, na nossa perspectiva, ser objecto de uma investigação autónoma. Esse estudo deveria ter em conta não só nomes simples, como os ilustrados no texto, mas

também numerosas expressões multipalavra, tais como *osso duro de roer* (cf. (27)), já abordadas, por exemplo, em Santos (1989).

(27) «Somos um osso duro de roer» (...) [CP]

Em forma de conclusão, é possível afirmar que os elementos centrais das construções caracterizadoras indefinidas, que, como vimos, podem ser tanto adjetivos como nomes, se caracterizam por (i) assumirem, do ponto de vista sintáctico, a função de predicador e por (ii) apresentarem regularmente um valor disfórico (ou depreciativo) ou, menos frequentemente, um valor eufórico (ou laudativo).

O facto de não ser possível estabelecer uma relação transformacional entre (*P*) e (*C*), pelas razões já anteriormente apontadas, leva-nos a considerar que se trata de duas distribuições possíveis de certos adjetivos, *grosso modo* equivalentes do ponto de vista semântico, observando-se que esta última é habitualmente usada em situações discursivas específicas, nomeadamente, em situações de discurso informal, onde é possível registar um claro envolvimento afectivo por parte do sujeito da enunciação.

5.2 Distribuição da construção cruzada (X)

Os adjetivos que podem integrar uma construção caracterizadora indefinida têm a particularidade de poder ocorrer igualmente em grupos nominais como os que destacamos nos exemplos (28)-(30).

(28) (X) A bicha andava muito devagar, e um homem furioso dizia para o tipo à frente dele: ' Vou até ao Kremlin para matar **o idiota do Gorbatchov** '. [CP]

(C) O Gorbatchov é um idiota

(29) (X) «**O fascista do Monteiro** vai [pela] esquerda para atacar pela direita», observa logo João Preguiça. [CP]

(C) O Monteiro é um fascista

(30) (X) «Diga lá **ao tonto do seu ministro** que a Galiza e a Espanha não podem ser tratadas como nações do terceiro-mundo». [CP]

(C) O seu ministro é um tonto

Nestas construções sintáticas, a que nos referiremos daqui em diante como *construções cruzadas* (X), o adjectivo está anteposto ao nome, e a relação entre estes elementos é estabelecida através de *Prep =: de*.

O termo *construção cruzada* («*construction croisée*», em francês) foi utilizado por G. Gross (1995: 77) para se referir a *GN* como os anteriormente exemplificados no texto. Esta designação foi, segundo cremos, introduzida por Boons *et al.* (1976: 242-251), e posteriormente adoptada por Salkoff (1983), no âmbito da análise de frases como as que ilustramos em seguida (cf. (31)-(32)).

(31) (S) N_i V Loc N_j =: Les abeilles pullulent dans le jardin [Boons et al., 1976 : 243]
[As abelhas abundam no jardim]

(32) (C) N_j V de N_i =: Le jardin pullule d'abeilles
[O jardim abunda de abelhas]

Este tipo de construções é muito diferente das que aqui estamos a analisar. Porém, apesar das diferenças de comportamento sintáctico que estão aqui em jogo, observa-se que, do ponto de vista discursivo, as construções anteriormente ilustradas poderão ter aspectos em comum com as exemplificadas em (28)-(30). Com efeito, em todos os casos é possível postular a permuta de uma expressão (o complemento locativo ou o próprio predicador) com o *GN* sujeito, tendo em vista sua ênfase ou tematização.

A construção cruzada não é exclusiva de adjectivos que tenham a propriedade de ocorrer na construção caracterizadora indefinida. De facto, muitos adjectivos predicativos podem integrar (X), mesmo que não admitam (C). É, por exemplo, o caso de *patético* e de *sensato*, ilustrados em (33) e (34).

(33) (X) **O patético do Freud** interpretaria esta manobra como um desejo por harmonia.
[Atlântico⁷⁷]
(P) Freud era patético
(C) ?*Freud era um patético

⁷⁷ Extraído do blogue *Os Atlânticos* (13/05/07): <http://www.atlantico-on-line.net/blogue/2007/05/13/tentar-perceber-o-que-e-o-liberal-conservador-ii/>

- (34) (X) Mais uma única contra-ordenação grave será suficiente para privar **o sensato do Sr. Viriato** da carta de condução [CP]
 (P) O Sr. Viriato é sensato
 (C) *O Sr. Viriato é um sensato

Os exemplos mostram que as construções (X) e (P) podem não estar directamente relacionadas. Em particular, a eventual relação de equivalência entre estas construções parece não ser evidente nos casos em que o adjectivo adquire, na construção cruzada, um valor depreciativo ou irónico, que não se observa na construção predicativa correspondente, como poderá ser o caso de (34).

As construções cruzadas podem ainda ser constituídas por certos nomes, cuja principal função no *GN* é idêntica à dos *Adj*, isto é, veiculam um juízo de valor acerca do sujeito, apresentando um valor depreciativo (*cf.* (35)) ou, menos frequentemente, laudativo (*cf.* (36)).

- (35) (X) Assim ia eu começar a discorrer sobre escritores, quando me apareceu **o diabo do frade, (...)** [CP]
 (C) O frade era um diabo
- (36) (X) Por tudo isto, «General della Rovere» não é uma obra verdadeiramente representativa **do génio de Rossellini.** [CP]
 (C) Rossellini era um génio

Nestes casos, o *GN* pode igualmente ser colocado em relação com uma construção caracterizadora indefinida, na qual o primeiro nome da construção cruzada desempenha a função de predicador.

Ora, tendo em consideração que os valores expressos tanto pelo *Adj* (que nos interessa aqui particularmente tratar) como pelo nome da construção cruzada são idênticos aos que estes exibem quando se encontram no âmbito de uma construção caracterizadora indefinida, há todo o interesse em proceder à análise destas construções sintácticas em paralelo, o que faremos nas próximas secções.

5.2.1 Contextualização

A sintaxe e a semântica dos *GN* em análise, também conhecidos como *GN incorporados* (trad. do francês, «*incorporés*», *cf.* Milner, 1973; 1978; Ruwet, 1982) ou como *GN*

binominais (trad. do inglês, «*binominal*», cf. Aarts, 1998; Dikken, 2006) tem suscitado o interesse de diferentes autores, reconhecendo todos a sua peculiaridade linguística.

Na maioria dos trabalhos apresentados sobre este assunto, tem-se considerado que as construções cruzadas, as quais possuem uma estrutura sintáctica superficialmente idêntica à de outros *GN* produtivos nas línguas, têm como particularidade o facto de:

- (i) o núcleo do *GN* corresponder, não ao primeiro elemento nominal (N_1), mas ao nome introduzido pela preposição (N_2);
- (ii) estar implícita uma relação predicativa entre os dois nomes da construção, na qual o primeiro nome desempenha a função de predicador e o segundo a de sujeito dessa predicação.

A título de clarificação, convém ressaltar que a unidade lexical que desempenha a função de predicador na construção cruzada não corresponde necessariamente a um nome, como tem sido comumente defendido na literatura. Como procuraremos demonstrar ao longo das próximas secções, a posição sintáctica em análise tanto pode ser preenchida por um nome como por um *Adj*.

Acrescente-se ainda que o facto de o núcleo destas construções corresponder não ao N_1 mas ao N_2 não constitui, por si só, uma característica definidora das construções cruzadas. Com efeito, N_2 pode igualmente corresponder ao núcleo de *GN* que apresentem, na posição N_1 , determinantes nominais (M. Gross, 1977) como os destacados nos exemplos a seguir (cf. (37)-(38)).

- (37) No ano passado candidatei-me, contra **um monte de adultos**, a um lugar no comité executivo do Partido Republicano do Utah [CP]
- (38) Quando se começa a mergulhar na coisa, percebe-se que há **uma montanha de interrogações** por responder [CP]

5.2.1.1. O elemento nuclear de (X)

Apesar de nem todos os autores conferirem o estatuto de núcleo ao elemento nominal introduzido pela preposição na construção cruzada, esta proposta de análise parece ser a que reúne maior consenso (Aarts, 1998). Contudo, certos autores, como por exemplo Napoli (1989), defendem que o N_1 funciona como núcleo das construções cruzadas, seguindo a ideia de Abney (1986) de que existem duas noções de núcleo (ou *cabeça*),

nomeadamente a *cabeça sintáctica* e a *cabeça semântica*. Nesta perspectiva, N_1 constituiria a cabeça sintáctica e N_2 a cabeça semântica.

Entre outros argumentos possíveis a favor da análise de que N_2 corresponde ao elemento nuclear de (X), podemos salientar o facto de as restrições léxico-sintácticas impostas pelo predicador da construção incidirem directamente sobre esse nome, e não sobre o primeiro elemento nominal ou adjectival. Atente-se nos exemplos ilustrados em (39)-(40).

(39) Maceira, no extremo sul do concelho de Leiria, está descontente com «**a porcaria do Plano Director Municipal**», que «não a deixa desenvolver», acrescenta Artur Francisco. [CP]

(40) (...) o tribunal vai obrigar os dois a passar uma hora inteira a apanhar **a porcaria do chão** de vários locais públicos, observados «in loco» por um funcionário do governo [CP]

Em (39), o predicador adjectival *descontente* selecciona um complemento, que equivale ao *GN* cujo núcleo é representado pelo *N* multipalavra =: *Plano Director Municipal*. O nome *porcaria* parece comportar-se como um *Modif* livre do núcleo nominal, podendo, por isso, ser apagado (conjuntamente com a preposição que o acompanha), sem que a frase de que fazia parte resulte agramatical ou que o seu significado seja visivelmente alterado (*cf.* (41)).

(41) Maceira, no extremo sul do concelho de Leiria, está descontente com (a porcaria de + E) o Plano Director Municipal, que «não a deixa desenvolver», acrescenta Artur Francisco

Pelo contrário, em (40), esse nome constitui um dos argumentos do verbo =: *apanhar*, pelo que não pode ser reduzido (*cf.* (42)).

(42) O tribunal vai obrigar os dois a passar uma hora inteira a apanhar (a porcaria de + *E) o chão de vários locais públicos, observados «in loco» por um funcionário do governo

Por sua vez, os *GN* representados nesta última construção poderão ser alvo de um processo de pronominalização, uma vez que correspondem a unidades sintácticas distintas (*cf.* (43)).

(43) O tribunal vai obrigar os dois a passar uma hora inteira a apanhar isso (do chão de vários locais públicos + daí)

Esse processo afectará obrigatoriamente todos os elementos da construção cruzada, uma vez que, como vimos, fazem parte de um único constituinte (*cf.* (44)).

- (44) Maceira, no extremo sul do concelho de Leiria, está descontente com isso (*do Plano Director Municipal + *disso)

Os elementos que constituíam a construção cruzada ilustrada em (39) correspondem ambos à mesma categoria gramatical (*N*), contudo, as observações que fizemos aplicam-se igualmente às construções cujo núcleo se encontra antecedido por um *Adj*, como sucede em (45) e (46).

- (45) **E os digníssimos dos passageiros** (...) esperam, calma e pacientemente, depois de um dia de trabalho, pelo próximo autocarro, que sairá às 19h55min. [AS⁷⁸]
- (46) No meio de tanto riso, **o desgraçado do Zé Carlos** cai da cadeira e quase parte a guitarra. [CP]

Em ambos os exemplos, os *Adj* =: *digno*⁷⁹ e *desgraçado* parecem funcionar como *Modif* livres, podendo ser omitidos na construção, sem que tal interfira com a aceitabilidade ou com o significado básico da mesma (cf. (47) e (48)).

- (47) E os (digníssimos dos + E) passageiros esperam, calma e pacientemente, depois de um dia de trabalho, pelo próximo autocarro, que sairá às 19h55min.
- (48) No meio de tanto riso, o (desgraçado do + E) Zé Carlos cai da cadeira e quase parte a guitarra.

A omissão do *Nhum* nestas construções só se revela, porém, possível se se considerar que esse nome se encontra explicitado numa outra frase do texto ou que está implícito no discurso, ficando, nesse caso, o *Adj* a desempenhar superficialmente a sua função (cf. (49)-(50)).

- (49) ?E os digníssimos esperam, calma e pacientemente, depois de um dia de trabalho, pelo próximo autocarro, que sairá às 19h55min.
- (50) No meio de tanto riso, o desgraçado cai da cadeira e quase parte a guitarra.

De facto, certos adjectivos têm a propriedade de representar isoladamente *GN* com uma referência específica ou particularizante, sendo possível proceder à reconstituição do

⁷⁸ Exemplo extraído do blogue *Águia Sonhadora* (31/07/07): http://olhosdeaguia.blogspot.com/2007_07_01_archive.html

⁷⁹ Note-se que o elemento predicativo, no exemplo, se encontra quantificado pelo morfema de grau superlativo, o que vem, em certa medida, reforçar a sua análise como adjectivo. Contudo, nem sempre esta propriedade parece ser exibida pelos adjectivos quando se encontram no âmbito da construção cruzada: *o parvo do Zé*; *?*o parvíssimo do Zé*.

elemento nuclear do *GN* mediante o estabelecimento das relações de referência, correferência e anáfora no texto (assunto que aprofundaremos em § II, 7.2).

Quer o núcleo se encontre lexicalmente realizado, quer se encontre superficialmente representado por uma forma adjectival, o *GN* de que fazem parte estes elementos poderá ser sempre pronominalizado por uma forma intrinsecamente humana, como é o caso do pronome pessoal *eles* (cf. (51)-(52)).

- (51) E (os digníssimos dos passageiros + os digníssimos + eles) esperam, calma e pacientemente, depois de um dia de trabalho, pelo próximo autocarro, que sairá às 19h55min.
- (52) No meio de tanto riso, (o desgraçado do Zé + o desgraçado + ele) cai da cadeira e quase parte a guitarra.

Como acontecia nos exemplos anteriormente ilustrados, o pronome assimila obrigatoriamente todo o *GN*, ou seja, o núcleo e os seus eventuais especificadores e modificadores (cf. (53)-(54)).

- (53) E os digníssimos (dos passageiros + *deles) esperam, calma e pacientemente, depois de um dia de trabalho, pelo próximo autocarro, que sairá às 19h55min.
- (54) No meio de tanto riso, o desgraçado (do Zé + *dele) cai da cadeira e quase parte a guitarra.

A determinação do estatuto sintáctico e semântico das expressões que podem anteceder o núcleo do *GN*, na construção cruzada, tem constituído uma das questões fundamentais a que vários autores têm procurado responder. Será também sobre essa questão que nos concentraremos em seguida.

5.2.1.2. O elemento predicativo de (X)

Na perspectiva de Milner (1973; 1978), o núcleo das construções cruzadas apenas poderá ser precedido de um nome que, no léxico, esteja marcado como [+*Qualidade*], como seria, por exemplo, o caso de *imbécile* (*imbecil*) e *salaud* (*patife*), ilustrados em (55) e (56), respectivamente⁸⁰.

⁸⁰ Refira-se que, de acordo com Milner (1973; 1978), os *nomes de qualidade* (por exemplo, *salaud*) aparecem em contextos sintácticos especiais, os quais estão à partida interditos aos nomes que não possuem essa propriedade (por exemplo, *médecin*, trad. *médico*): *Espèce de salaud!* vs **Espèce de médecin!*; *Luc a traité Mathieu de salaud* vs **Luc a traité Mathieu de médecin*. Inversamente, os nomes de qualidade estão

- (55) **Un imbécile de gendarme** m'a dressé une contravention ⁸¹

[Um imbecil de um polícia passou-me uma multa]

- (56) **Ce salaud de Pierre** a mis du sel dans mon thé

[Este patife do Pedro colocou sal no meu chá]

Ruwet (1982) mostrou, por sua vez, que este traço lexical, que surgiu da distinção entre nomes «*classificadores*» e «*não classificadores*»⁸², é artificial e não permite distinguir todas as expressões susceptíveis de ocupar a posição sintáctica em questão.

Segundo o autor, todos os nomes têm um conteúdo semântico específico, sendo esse conteúdo semântico que, associado às condições pragmáticas e ao conhecimento que se tem do mundo em geral, determina o carácter mais ou menos apropriado do seu emprego em contextos afectivos ou insultuosos, como acontece em (57) e (58).

- (57) **Ce rationaliste de Noam** les dérange avec ses idées innées. [Ruwet, 1982: 249]

[Este racionalista do Noam incomoda-os com as suas ideias inatas]

- (58) **Cet empiriste de Noam** les dérange avec ses idées innées. [idem: ibidem]

[Este empirista do Noam incomoda-os com as suas ideias inatas]

Com efeito, tanto *rationalista* como *empirista* – expressões que, de acordo com Milner, estariam associadas ao traço lexical [-*Qualidade*] – podem ocorrer no âmbito de uma construção cruzada, veiculando, no contexto em questão, um juízo de valor (no caso em concreto, depreciativo), por parte do sujeito da enunciação, sobre o *Nhum* a que se referem.

Apesar de concordarmos, na generalidade, com as críticas de Ruwet à proposta de subclassificação dos nomes apresentada por Milner, consideramos, contrariamente ao que defende este autor, que as unidades lexicais, qualquer que seja a categoria gramatical a que se encontrem associadas, não possuem, à partida, um *conteúdo semântico específico*; de facto, o seu significado só é apreensível quando estas se encontram numa estrutura sintáctica adequada, mais concretamente, numa frase (Gross, 1975). É precisamente a combinação que uma dada unidade lexical mantém com os demais elementos da estrutura sintáctica em que está integrada, por um lado, e a posição sintáctica que ela ocupa nessa

excluídos dos contextos onde são permitidos os nomes marcados como [- *Qualidade*], por exemplo, na posição *N2* de um *GN incorporado* (i.e. construção cruzada): *Un imbécile de médecin* vs **Un imbécile de salaud*. Alguns destes critérios linguísticos viriam a ser, anos mais tarde, reutilizados por G. Gross (1995) para caracterizar as classes de objectos a que se referiu como *qualidades* e *defeitos* (idem: 76).

⁸¹ Refira-se que, em português, a aceitabilidade da construção cruzada parece melhorar se a mesma corresponder a um *GN* definido: *?um imbecil de (E+um) polícia; o imbecil do polícia*.

⁸² Relembre-se que os *nomes de qualidade* são entendidos por Milner como *nomes não classificadores*.

estrutura, pelo outro, que determinam o seu significado e estatuto sintáctico (*idem*). Deste modo, se explica o facto de certas palavras poderem veicular, nas construções cruzadas, valores que normalmente não apresentariam se se encontrassem nouro tipo de construções sintácticas (*cf.* (34)).

Nesta linha de raciocínio, consideramos que, mais importante do que definir previamente as palavras que poderão potencialmente integrar a construção cruzada, é perceber melhor os contornos sintácticos e semânticos desta construção, o que procuraremos fazer em seguida.

5.2.2 *Propostas para a análise de (X)*

Na esteira de Pottier (1974), Fonseca (1985: 219) defendeu que os *Adj* que aparecem nas construções cruzadas – as quais designa como «*construções intensivas*» – devem ser analisados no âmbito de um processo enfático⁸³.

Entre os diversos fenómenos de focalização e tematização a que os adjectivos podem estar sujeitos, tem-se referido na literatura que, em português, a deslocação dos adjectivos para uma posição pré-nominal implica, na maioria dos casos, a aquisição por parte dos mesmos de uma certa ênfase na construção, assumindo, nessa situação, um valor *subjectivo* (Cunha & Cintra, 1984: 268-269), isto é, opor-se-ia ao emprego mais *objectivo* que apresenta em contexto pós-nominal. Neste sentido, poder-se-ia considerar que a anteposição do adjectivo ao nome, uma ordem que se observa, segundo estes autores, principalmente nas «formas afectivas da linguagem», corresponderia a uma estratégia essencialmente discursiva para realçar o valor veiculado pelo *Adj* nos *GN* em análise.

Esta hipótese, teoricamente plausível, coloca, no entanto, algumas dificuldades descritivas. Com efeito, os adjectivos que integram as construções cruzadas não se encontram em posição adnominal, estando ligados ao nome por meio de uma *Prep* =: *de*, o que significa que a mera aposição do *Adj* ao nome não permite, entre outras coisas, dar conta da função desempenhada pela preposição nestas construções.

Ora, Fonseca (1977: 49-50) já tinha demonstrado que a relação de atribuição, em português, se pode realizar num esquema combinatório em que o nome e o adjectivo não se encontram em contiguidade imediata. Por exemplo, em (59)-(60), a articulação entre estas duas categorias é estabelecida precisamente através da preposição *de*⁸⁴.

⁸³Segundo o autor, este processo enfático manifesta-se através da «*valorização* por procedimentos articulados à escolha de esquemas sintagmáticos da sua actualização no Enunciado» (Fonseca, 1985: 218; itálico nosso).

⁸⁴Veja-se também, a este propósito, Laporte (1995).

- (59) A acusação precisa de **algo de concreto** [Fonseca, 1977: 49]
 (60) A juventude procura **alguma coisa de diferente** [idem: ibidem]

Nestes exemplos, o *Adj* tem uma função restritiva, a qual é, como refere o autor, «reforçada pelo valor especificativo que aqui veicula a preposição» (*idem*: 50). Segundo o autor, a preposição tem a particularidade de poder ser apagada (*cf.* (61)-(62)), o que parece dar a indicação de que a mesma não desempenha uma função gramatical nestas construções sintácticas, podendo ser, antes, analisada como uma espécie de *marcador enfático*.

- (61) A acusação precisa de algo (de + E) concreto
 (62) A juventude procura alguma coisa (de +E) diferente

De facto, esse parece ser também o principal papel da preposição que aparece em determinadas construções cruzadas, nomeadamente, nas que destacamos em (63) e (64).

- (63) Talvez o próprio Mussolini tenha sido seu professor, já que Zewel (...) imitou claramente o **famoso do ditador** (...) [Ainfos⁸⁵]
 (64) **O desgraçado do Sanchez** foi a correr para casa e deu de caras com a família e os amigos a chorarem a morte de um desconhecido deitado no caixão. [CP]

Como sucedia nos exemplos anteriores, a preposição pode ser omitida, deixando, neste caso, o adjectivo em posição pré-nominal (*cf.* (65)-(66)).

- (65) Talvez o próprio Mussolini tenha sido seu professor, já que Zewel imitou claramente o famoso ditador
 (66) O desgraçado Sanchez foi a correr para casa e deu de caras com a família e os amigos a chorarem a morte de um desconhecido deitado no caixão.

De facto, as diferenças entre (63) e (65), por um lado, e entre (64) e (66), pelo outro, são praticamente imperceptíveis, observando-se, talvez, a perda de um certo comprometimento afectivo na apreciação do enunciador após o apagamento da preposição.

Na perspectiva de Dikken (2006: 162ss), os *GN binominais* (i.e. as construções cruzadas) que apresentam uma leitura *atributiva*⁸⁶ devem ser analisados como uma

⁸⁵ Exemplo extraído da versão *on-line* da página *A-infos* (08/09/01):

<http://www.ainfos.ca/01/sep/ainfos00123.html>

⁸⁶ Dikken (2006) considera que as construções cruzadas (às quais se refere como *qualitative binominal NP* [*QBNP*], quer dizer, *GN binominais qualitativos*) podem ser integradas em duas subclasses sintácticas

variante dos *GN* nos quais o elemento predicativo e o respectivo núcleo a que este se refere se encontram justapostos (*cf.* (67)).

- (67) An idiot of a doctor [Dikken, 2006: 162]
 [Um idiota de médico]
 = An idiot doctor [idem: ibidem]
 [Lit : Um idiota médico]

Esta análise não pode, contudo, ser directamente aplicada ao português, tendo em consideração que grande parte dos adjectivos que ocorrem na construção cruzada não aceitam regularmente a posição pré-nominal, como é o caso de *idiota*, em (68), e de *comunista*, em (69).

- (68) **O idiota do ministro** só se esqueceu que o Estado Português é o principal cliente da SOREFAME. [BdE⁸⁷]
 = *O idiota ministro só se esqueceu que o Estado Português é o principal cliente da SOREFAME.
 (69) «O presidente nunca quis essa igreja que, como ele gosta de dizer, foi desenhada 'por **esse comunista do Siza**'», comenta Alberto Araújo (...) [Expresso⁸⁸]
 = *«O presidente nunca quis essa igreja que, como ele gosta de dizer, foi desenhada 'por esse comunista Siza'», comenta Alberto Araújo

No primeiro exemplo, apenas a posição adnominal à direita parece ser possível, embora o *Adj* presente, nesse contexto sintáctico, uma leitura restritiva que não está patente na construção cruzada (*cf.* (70)).

- (70) O ministro idiota só se esqueceu que o Estado Português é o principal cliente da SOREFAME.

O *Adj comunista*, ilustrado em (69), não aceita igualmente o contexto adnominal à direita, uma vez que se encontra a qualificar um *Npr*.

distintas: atributivas e comparativas - *attributive QBNP* e *comparative QBNP* - ilustradas, respectivamente, nos seguintes exemplos: *an idiot of a doctor* (*um idiota de médico*) e *a jewel of a village* (*uma jóia de cidade*). Discutiremos, mais adiante, no texto as principais propriedades tidas em consideração na proposta de subclassificação apresentada pelo autor.

⁸⁷Exemplo extraído do blogue *Bloco de Esquerda* (18/03/04): <http://bde.weblog.com.pt/arquivo/009117.html>

⁸⁸Exemplo extraído da versão *on-line* do *Jornal Expresso*: <http://primeirasedicoes.expresso.clix.pt/ed1376/>

- (71) *«O presidente nunca quis essa igreja que, como ele gosta de dizer, foi desenhada 'por esse Siza comunista'», comenta Alberto Araújo

Estes dados levam a concluir que a construção cruzada não pode ser entendida, pelo menos em português, como uma variante de um *GN* no qual o adjectivo e o nome se encontrariam numa relação de aposição imediata ou de justaposição, como proposto por Dikken. Consequentemente, a preposição =: *de*, em (*X*), não pode ser analisada como um elemento facultativo, passível de redução.

Com efeito, a relação entre estas duas construções sintácticas só parece poder ser estabelecida se o *Adj* envolvido possuir a propriedade pré-nominal (caso de *pobre*, em (72)), como já anteriormente referido.

- (72) O pai da moça, orgulhoso da sua condição de cipriota grego, escorraçou-os e a polícia cipriota grega feriu **o pobre do rapaz**. [CP]
- = O pai da moça, orgulhoso da sua condição de cipriota grego, escorraçou-os e a polícia cipriota grega feriu o pobre rapaz.

Dikken (2006: 172) defende, contudo, que a relação entre o *GN bibominal* e o *GN* sem preposição está interdita apenas nos casos em que a primeira construção possui uma leitura *comparativa*, como é, na sua perspectiva, o caso de (73).

- (73) A jewel of a village [Dikken, 2006: 162]
[Uma jóia de cidade]
*A jewel village⁸⁹
[Uma jóia cidade]

De acordo com o autor, estes *GN*, superficialmente idênticos aos *GN binominais atributivos*, distinguem-se sintacticamente daqueles pelo facto de resultarem de um processo de inversão do elemento predicativo em relação ao seu sujeito, no âmbito de uma construção predicativa como a que ilustramos em (74).

- (74) The village is a jewel
[A cidade é uma jóia]

⁸⁹ Note-se que o elemento predicativo em questão corresponde a um nome, o que significa que, em português, a preposição não pode ser objecto de redução, uma vez que a justaposição não é gramatical, excepto para a formação de expressões compostas (unidades multipalavra).

Na perspectiva teórica em que o trabalho do autor se enquadra, a preposição, encarada em ambas as construções como uma *cópula nominal* («nominal copula»), representa a realização de diferentes elementos em cada uma das construções, *atributiva* e *comparativa*⁹⁰.

Considerar que, nestes casos, a construção cruzada deriva de uma outra estrutura de base, nomeadamente, de uma construção caracterizadora indefinida, implicaria encontrar argumentos que motivassem, entre outras, as seguintes operações sintáticas: (i) redução do *Vcop* e do *Dind* da construção caracterizadora indefinida; (ii) deslocação do elemento predicativo para uma posição pré-nominal; (iii) inserção da preposição para a formação da construção cruzada.

Estas operações sintáticas, difíceis de motivar, sobretudo (iii), não permitiriam igualmente explicar o facto de, em português, certos *Adj* (caso de *sensato*, ilustrado em (34), e que rerepresentamos em (75)) poderem integrar a construção cruzada, embora esta não se encontre necessariamente associada a uma construção caracterizadora indefinida.

- (75) (X) Mais uma única contra-ordenação grave será suficiente para privar **o sensato do Sr. Viriato** da carta de condução [CP]
(P) O Sr. Viriato é sensato
(C) *O Sr. Viriato é um sensato

Além disso, a análise de Dikken levaria a considerar que as construções cruzadas ilustradas em (76) e (77), abaixo, representam estruturas semântica e sintacticamente distintas entre si, uma vez que apenas a primeira construção pode ser colocada em relação com um *GN* onde o adjectivo aparece em posição ‘*atributiva*’, sem intermédio de uma preposição.

- (76) E depois vem **o emproado do treinador** (...) armar-se em grande! [Record⁹¹]
= E depois vem o emproado treinador (...) armar-se em grande!
(77) (...) **o parvo do ministro** está a apagar fogos com gasolina. [Semiramis⁹²]
= *o parvo ministro está a apagar fogos com gasolina.

⁹⁰ Em concreto, Dikken (2006: 164) refere que «the “nominal copula” *of* can serve as a lexicalization of the relator-head of the small-clause, and in Predicate Inversion constructions, it spells out the small-clause external linker».

⁹¹ Exemplo extraído da versão *on-line* do *Jornal Record* (28/08/07):

<http://www.record.pt/noticia.asp?id=755885&idCanal=6>

⁹² Exemplo extraído do blogue *Semiramis* (19/10/04): <http://semiramis.weblog.com.pt/arquivo/159259.html>

De acordo com a análise do autor, o *GN* ilustrado em (76) deveria, portanto, ser visto como uma forma resultante de um processo de inversão do predicador relativamente ao seu sujeito.

Contudo, o facto de a construção cruzada, em (77), poder ser colocada em relação com o *GN* atributivo, contrariamente ao que sucede em (76), é justificável, se tivermos em consideração que apenas o *Adj* do primeiro *GN* apresenta a propriedade pré-nominal. Isso não implica, contudo, que os adjectivos de cada uma das construções ilustradas apresentem interpretações semânticas diferentes (respectivamente, *atributiva* e *comparativa*, de acordo com a terminologia apresentada por Dikken), nem que essas construções derivem de estruturas sintácticas de base distintas.

No limite, poder-se-ia colocar a hipótese de que as construções cruzadas que envolvem adjectivos que possuem estritamente a propriedade pós-nominal, como acontece em (77), poderiam ser analisadas como uma forma resultante de um outro *GN*, por meio de um mecanismo que envolvesse, entre outras transformações, a deslocação do adjectivo de uma posição pós-nominal para uma posição pré-nominal. Essa hipótese é, contudo, facilmente contestável, se tivermos em consideração que (i) o *Adj*, em posição pós-nominal, pode não apresentar um comportamento sintáctico-semântico idêntico ao que apresentaria se se encontrasse em posição pré-nominal, mais particularmente no domínio de uma construção cruzada, e que (ii) o contexto adnominal à direita pode estar inclusivamente interdito ao *Adj*, designadamente quando este se combina com nomes próprios.

Qualquer que seja a categoria gramatical do predicador envolvido na construção cruzada, a relação de predicação subjacente ao *GN* pode, na maioria dos casos, ser formalizada com recurso a uma frase predicativa com o verbo *ser*. No caso de se tratar de um nome, essa construção terá de corresponder a uma construção caracterizadora indefinida; no caso de se tratar de um *Adj*, o mesmo *GN* pode ainda ser parafraseado por uma frase predicativa, desde que esse *Adj* não apresente um sentido irónico ou metafórico, que só a construção caracterizadora indefinida consegue captar.

O facto de não ser possível estabelecer uma relação sistemática entre (*X*) e (*P*), por um lado, e entre (*X*) e (*C*), pelo outro, bem como a ausência de soluções formais adequadas que permitam relacionar transformacionalmente estas construções sintácticas, levam,

portanto, a considerar que a construção cruzada constitui uma forma de base, quer dizer, não pode ser derivada a partir de outras formas sintácticas⁹³.

5.3 O verbo *chamar* e as exclamativas parciais

Os adjectivos que têm a propriedade de ocorrer quer numa construção caracterizadora indefinida quer numa construção cruzada caracterizam-se por poderem ser igualmente encontrados noutras construções sintácticas, que, do ponto de vista da intenção comunicativa, podem ser classificadas como *construções de insulto* (Ruwet, 1982).

São habitualmente utilizados como *insultos* os *Adj* que desempenham a função gramatical de *predicativo do objecto* numa construção com determinados verbos transitivo-predicativos⁹⁴, como é o caso de *chamar* (cf. (78)-(79)).

(78) Podem eventualmente **chamar-me parvo** por ter aderido a um projecto com tão absurda particularidade (...) [CP]

(79) Ninguém disse que tinha subornado árbitros e pago viagens a toda a gente, ninguém **chamou idiota, imbecil ou estúpido** a ninguém. [CP]

Os *Adj de insulto* podem igualmente co-ocorrer com outros verbos de idêntico sentido, por exemplo, com os verbos *apelidar* e *alcunhar* (cf. (80) e (81), respectivamente).

(80) Costumam os defensores do «sim» **apelidar de hipócritas** os defensores do «não» [CP]

(81) Ao lado de Menezes, estará Durão Barroso, outrora por si **alcunhado** como «**elitista, sulista e liberal**» no célebre congresso do PSD que marcou a despedida de Cavaco Silva. [CP]

Nestas construções, o predicativo do objecto é introduzido por *Prep =: de*. Refira-se que o próprio verbo *chamar* pode apresentar uma configuração sintáctica idêntica a estes verbos (cf. (82)).

(82) Fico naturalmente incomodado por me **chamarem de doido** na praça pública, mas há coisas piores e que me incomodariam muito mais (...) [CP]

Os adjectivos que co-ocorrem com os referidos verbos podem igualmente formar, com o modificador entonacional exclamativo «!», diferentes formas de exclamativas «parciais» (Brito *et al.*, 2003: 482-483), por exemplo, as ilustradas em (83)-(85).

⁹³ Refira-se que a ideia de que os *GN* em análise constituem formas de base fora igualmente defendida por outros autores, por exemplo, Milner (1973; 1978) e Ruwet (1982).

⁹⁴ Sobre as propriedades dos verbos transitivos-predicativos, em português, veja-se Marrafa (1993).

- (83) É a justiça, **tonto!** [CP]
 (84) É o sindicalismo, **seus estúpidos!** [CP]
 (85) **Ó desgraçado, Ó desgraçado!** ... [CP]

De um modo geral, este tipo de exclamativas são constituídas pelos adjectivos que têm a propriedade de ocorrer numa construção caracterizadora indefinida, como é o caso dos elementos anteriormente ilustrados. Pelo contrário, os *Adj* que não apresentam esta propriedade distribucional (por exemplo, *bondoso*, *bem-educado* e *inteligente*) também não podem figurar no âmbito de uma exclamativa parcial (*cf.* (86)-(88)).

- (86) *É a justiça, (bondoso + bem educado + inteligente)!
 (87) *É o sindicalismo, seus (bonitos + bem educados + inteligentes)!
 (88) *Ó (bonitos + bem educados + inteligentes)!...

De acordo com Harris (1976: 122ss), os diferentes tipos de entoação frásica, nomeadamente a exclamação, podem ser analisados no âmbito de uma estrutura oracional complexa que envolve um operador metalinguístico apropriado (neste caso, *exclamar*), passível de redução a zero (*cf.* (89)).

- (89) Eu exclamo que tu és tonto.
 Eu exclamo: tu és tonto!
 Tu és tonto!

As entoações assertiva, interrogativa e imperativa podem, nesta perspectiva, ser associadas, por exemplo, aos operadores *dizer*, *perguntar* e *ordenar*⁹⁵, respectivamente. Estes operadores metalinguísticos caracterizam-se por seleccionarem três argumentos, que representam, respectivamente o locutor (*eu*), o receptor (*tu*) e a *asserção*, *pergunta* ou *ordem*, apresentadas sob a forma de *QueF* (introduzida pelas conjunções *que* ou *se*).

- (90) Eu digo-te que ele desapareceu
 Eu digo-te: ele desapareceu
 Ele desapareceu

⁹⁵ Veja-se, numa perspectiva teórica diferente da que aqui apresentamos, o estudo de Faria (1972) sobre a formação das construções imperativas, em português.

(91) Eu pergunto-te se ele desapareceu
 Eu pergunto-te: ele desapareceu?
 Ele desapareceu?

(92) Eu ordeno-te que tu desapareças
 Eu ordeno-te: (tu) desaparece!
 (Tu) desaparece!

Tal como acontece nas exclamativas, o verbo performativo destas construções pode ser reduzido a zero (conjuntamente com os seus dois primeiros argumentos), depois de ter transmitido a entoação característica a cada uma das formas por ele seleccionadas.

A principal função do verbo performativo seria, pois, a de transmitir a entoação à frase com que se constrói, podendo ser, posteriormente, apagado (conjuntamente com os restantes elementos apropriados à construção).

Contudo, o operador exclamativo em questão não permite, por si só, dar conta da inaceitabilidade das construções ilustradas em (86)-(88), por oposição às exemplificadas em (83)-(85), como mostram os exemplos abaixo.

Eu exclamo : Tonto!

Tonto!

Eu exclamo : Bondoso!

*Bondoso!

Estes dados levam-nos, portanto, a considerar que as exclamativas parciais, em particular as que incluem adjectivos de insulto, embora possam ser analisadas de acordo com um mecanismo transformacional idêntico ao apresentado por Harris, estão associadas a um outro operador metalinguístico. Com efeito, as referidas construções podem ser interpretadas no âmbito de uma estrutura sintáctica complexa, que envolve o recurso a um operador metalinguístico apropriado como *chamar*, o qual possui uma função performativa idêntica à de *exclamar*.

(93) Eu chamo[-te]: tonto!
 Tonto!

(94) Eu chamo[-vos]: (seus + meus) estúpidos!
 (Seus + Meus) estúpidos!

- (95) Eu chamo[-te]: desgraçado!...
Desgraçado!...

A redução deste operador metalinguístico, bem como a do complemento (*indirecto*) sobre o qual recai o insulto, deixaria, assim, o adjectivo a representar isoladamente a frase exclamativa.

O facto de este verbo se construir obrigatoriamente com adjectivos que tenham a propriedade de integrar a construção (C) explica que a formação de exclamativas parciais com adjectivos como, por exemplo, *bondoso*, *bem-educado* e *inteligente* não se revele possível, uma vez que nenhum destes elementos preenche os requisitos de selecção impostos pelo verbo performativo apropriado subjacente a tais construções (*cf.* (96)).

- (96) ?*Eu chamo[-te]: (bondoso + bem-educado + inteligente)!
?* (Bondoso + Bem-educado + Inteligente)!

De referir ainda que as expressões fáticas que podem frequentemente ocorrer nas construções de insulto, como é o caso de *seu*, *meu* e *ó* (*cf.* (83)-(85)) poderão ser vistas, eventualmente, como elementos residuais de outras expressões metalinguísticas que permitem evocar directamente a atenção do interlocutor. Trata-se, no entanto, de um tópico que ultrapassa o nosso objecto de investigação, e que carece de um estudo sistemático e aprofundado, que aqui não podemos levar a cabo.

6 O DIND E O MODIF OBRIGATÓRIO

Certos adjectivos, que classificámos como não aceitando a construção caracterizadora indefinida, podem ser encontrados à direita de um *Dind*, desde que acompanhados de um *Modif* obrigatório (o qual pode ter a forma de uma relativa, de um complemento determinativo ou de um *Adj*). Esse é, por exemplo, o caso dos *Adj Nac* e dos *Adj Filo*, ilustrados nos exemplos a seguir (*cf.* (1)-(2) e (3)-(4), respectivamente).

- (1) (...) a esposa do proprietário da Farmácia Marques **era uma grega sumptuosa**, de nádegas de ânfora e pupilas acesas [CP]
- (2) O chanceler alemão Helmut Kohl **é um europeu entusiástico** (...) [CP]
- (3) Não quer dizer que eu seja um católico exímio, **sou um católico bem pecador**. [CP]
- (4) Nomeado em Novembro, o governador civil de Lisboa **é um socialista convicto** (...) [CP]

Como já mencionámos na primeira parte deste trabalho, o facto de certos *Adj* estarem sujeitos a nova modificação adjectival tem constituído um dos principais argumentos a favor da tese de que os mesmos tenham sofrido um processo de conversão categorial. Esta hipótese está directamente relacionada com a ideia de que, em português, a justaposição adjectival é um fenómeno pouco produtivo e de aplicação muito restrita. Casteleiro (1981: 64), por exemplo, defende que «a combinação de adjectivos de subclasses diferentes, como modificadores do mesmo substantivo, só é possível desde que o adjectivo predicativo apareça justaposto ao item não predicativo [aqui entendido como *adjectivo de relação*] ou então ocupe a posição pré-nominal»⁹⁶.

Ora, os exemplos que antes apresentámos mostram que a combinação de adjectivos não é tão restritiva como refere Casteleiro, embora esteja sujeita a constrangimentos, que se prendem, nomeadamente, com a natureza sintáctico-semântica das subclasses adjectivais envolvidas (Carvalho, 2001: 32-35). Assim, por exemplo, à direita de um *Adj Nac* poderá ocorrer qualquer um dos adjectivos das subclasses analisadas (*cf.* (1) e (2)), à excepção dos que apresentem idêntico estatuto sintáctico-semântico (*cf.* (5)-(6)).

- (5) a esposa do proprietário da Farmácia Marques era uma grega (*alemã + *europeia)
- (6) O chanceler alemão Helmut Kohl é um europeu (*alemão + *americano)

⁹⁶ Note-se, no entanto, que as unidades lexicais que antecedem o *Adj Pred* são analisadas, pelo autor, como nomes, e não como adjectivos.

Os *Adj Filo* parecem apresentar menores restrições relativamente à especificação da subclasse de adjectivos a que podem estar apostos. Estes *Adj* podem efectivamente combinar-se entre si, contudo, a relação de aposição está igualmente dependente da natureza semântica das expressões envolvidas. Vejamos os exemplos (7) e (8).

- (7) (...) a vítima, atingida no peito pelos disparos, é um **católico republicano**. [CP]
- (8) Embora Blair seja um **socialista cristão** assumido, é pouco provável que a sua filiação religiosa interesse muito aos eleitores de Inglaterra (...) [CP]

As expressões destacadas em cada uma destas construções apresentam as mesmas propriedades sintácticas, razão pela qual foram integradas na mesma subclasse adjectival. Porém, de um ponto de vista semântico, elas pouco têm em comum. Neste sentido, poder-se-ia considerar que o processamento adequado das construções em análise passaria obrigatoriamente pela integração dos *Adj Filo* em classes semanticamente mais homogéneas, por forma a dar conta das restrições combinatórias ilustradas, por exemplo, em (9) e (10).

- (9) *A vítima, atingida no peito pelos disparos, é um **católico cristão**
- (10) ?*Embora Blair seja um socialista **monárquico assumido** (...)

À primeira vista, a inaceitabilidade destas construções parece dever-se à impossibilidade de aposição de dois *Adj Filo* pertencentes ao mesmo campo semântico, que poderíamos designar grosseiramente como «*religião*» (a que pertenceriam, por exemplo, *católico* e *cristão*) e «*política*» (de que fariam parte adjectivos como, por exemplo, *socialista* e *monárquico*).

Contudo, a facilidade que existe em encontrar contra-exemplos para o que se acabou de afirmar mostra que esta questão ultrapassa os limites da análise sintáctico-semântica. Atente-se em (11) e (12).

- (11) As relações entre **crístãos católicos** e **crístãos ortodoxos** são actualmente difíceis. [CP]
- (12) Mário Cal Brandão, um **socialista republicano**, de antes quebrar que torcer, não fugiu ao tom e quis, «antes de mais, desejar muitas felicidades ao menino». [CP]

Muito embora *cristão* não constitua um modificador adequado ao *Adj católico* (cf. (9)), este último (assim como *ortodoxo*) pode modificar *cristão*. A aposição destes adjectivos está, pois, condicionada não apenas pela sua natureza semântica como também

pela relação de hiperonímia/hiponímia que os mesmos mantêm entre si. Parece, contudo, menos evidente apelar a essa relação, em (12).

Embora de forma não sistemática, certos *Adj Hum* e alguns *Adj Doen* obrigam igualmente à presença de um *Modif* (adjectival ou de outra natureza) quando surgem precedidos do *Dind*. É, respectivamente, o caso de *solteiro* (cf. (13)) e de *diabético* (cf. (14)).

(13) (...) Grover Cleveland (fim do século XIX), um **solteiro famoso** (...) [CP]

(14) O jovem líbio é um **toxicodependente recuperado**, esclareceu Roy. [CP]

De um modo geral, os adjectivos que têm a propriedade de integrar uma construção caracterizadora indefinida (como é o caso de *idiota* e de *alcoólico*, em (15) e (16), respectivamente) podem igualmente receber nova modificação adjectival.

(15) Ele é um **idiota veloz**, que já perdeu várias corridas por falta de tranquilidade emocional. [CP]

(16) (...) chamaram-me super-gangster e disseram que eu era um **alcoólico patético**, cuja carreira tinha chegado ao fim [CP]

Podem ser vistos como excepções à regra, certos adjectivos multipalavra como é, por exemplo, o caso de *mal-agradecido* (cf. (17)) e *doido varrido* (cf. (18)), uma vez que, apesar de poderem integrar uma construção caracterizadora indefinida, não parecem aceitar nova modificação adjectival.

(17) Dizem até que Guterres é um mal-agradecido [CP]

Dizem até que Guterres é um mal-agradecido (?*egoísta + ?*patético + *socialista)

(18) (...) o agente Mário revelou-se um doido varrido [CP]

(...) o agente Mário revelou-se um doido varrido (*inconsciente + *analfabeto + *tuberculoso)

O facto de estas expressões não aceitarem nova modificação adjectival reforça uma vez mais a sua análise enquanto adjectivos. De facto, se as unidades multipalavra *mal-agradecido* e *doido varrido* constituíssem formas nominais (como advogaria a tradição, uma vez que se encontram em posição pós-determinativa), tais restrições sintácticas não se deveriam colocar.

7 GN DECEPADOS

Os adjectivos humanos construídos com o *Vcop ser* podem frequentemente encontrar-se na posição de núcleo de um *GN decepado*, isto é, de um grupo nominal cujo elemento nuclear, um nome de natureza humana, não está lexicalmente explícito. Nas próximas secções, discutiremos as propriedades dos adjectivos que têm a propriedade de desempenhar a função de núcleo de um *GN* com referência genérica (§ II, 7.1) ou, pelo contrário, com referência particularizante (§ II, 7.2).

7.1 *Adj* na posição de núcleo de um *GN* genérico

Nos exemplos (1)-(4) a seguir ilustrados, os adjectivos ocorrem imediatamente à direita do artigo definido ou do determinante zero, representando *GN* humanos com referência genérica.

- (1) É preciso ultrapassar as nossas diferenças, que **os ricos** se aproximem **dos pobres**, que **os moderados** e **os radicais** superem os seus limites. [CP]
- (2) Hoje em dia, com a insulina e com uma dieta alimentar, **o diabético** vive mais tempo (...) [CP]
- (3) Entre **portugueses** e **alemães**, a dupla nacionalidade existia até finais de 1969, tendo sido alterada devido à onda de emigração portuguesa para a Alemanha [CP]
- (4) Para **os católicos** é uma questão irrelevante. [CP]

O elemento nominal subjacente a estas construções sintácticas corresponde a um *Nclas* humano, passível de ser lexicalmente reconstituído (§ I, 5.2.), como podemos verificar em (5) e (6).

- (5) É preciso ultrapassar as nossas diferenças, que os **indivíduos** ricos se aproximem dos **indivíduos** pobres, que os **indivíduos** moderados e os **indivíduos** radicais superem os seus limites.
- (6) Entre **cidadãos** portugueses e **cidadãos** alemães, a dupla nacionalidade existia até finais de 1969, tendo sido alterada devido à onda de emigração portuguesa para a Alemanha.

A natureza lexical do *Nclas* poderá variar de acordo com as propriedades veiculadas pelo *Adj*. Por exemplo, o nome *cidadão* parece ser mais apropriado a um *Adj* de *nacionalidade*, como *português* e *alemão* (cf. (6)), do que aos *Adj Hum* ilustrados em (5).

Refira-se que a maioria dos *Adj Hum* que se constroem com o *Vcop ser* tem a propriedade de aceitar, entre o *Vcop* e o próprio adjectivo, um *Nclas* humano, como *peessoa* ou *indivíduo* (cf. (7)-(8)).

(7) «Ele é uma **peessoa** tímida, introvertida [CP]

(8) Refere que «não é um **indivíduo** culto», mas que foi «sempre cortês e delicado». [CP]

De um ponto de vista transformacional, estas construções podem ser analisadas como frases complexas, resultantes de um processo de concatenação de uma frase classificadora com o predicador adjectival, por meio de um processo de formação de adjunto adnominal, no quadro de uma oração relativa (M. Gross, 1981: 21-22, 48-49).

(9) Ele é uma pessoa # Essa pessoa é tímida

[Rel] = Ele é uma pessoa que é tímida

[Red Rel] = Ele é uma pessoa tímida

O facto de a frase resultante da operação de redução da relativa conter um *nome não específico* (*Nne*), isto é, um nome que, no sentido harrissiano, apresenta um grau de verosimilhança bastante elevado com praticamente qualquer tipo de operador humano, e de o mesmo se encontrar numa posição sintáctica apropriada, leva a que esse *N=*: *peessoa*, bem como o *Dind* que o introduz, possa ser reduzido a zero. Obter-se-ia, assim, a frase com o adjectivo em posição predicativa, o qual poderá ter de ser alvo de um *rearranjo morfológico*, sempre que apresente uma concordância diferente da do sujeito da frase, com que agora se relaciona directamente.

A reconstituição do núcleo do *GN*, quando possível, obriga, na maior partes dos casos, a uma análise complexa, que apela simultaneamente a factores de ordem sintáctico-semântica e de ordem discursivo-pragmática. Tomemos, a título ilustrativo, o caso de *benfiquista*, exemplificado em (10)-(13).

(10) Os benfiquistas vão jogar em casa (...) [CP]

(11) Os benfiquistas vestiram-se de vermelho e branco e encheram as bancadas do estádio como poucas vezes o fizeram. [CP]

(12) Os benfiquistas vão às urnas escolher o elenco que vai gerir os destinos do clube. [CP]

(13) Os benfiquistas não disseram quais são esses meios. [CP]

Na posição sintáctica de sujeito de um verbo como *jogar* (cf. (10)), pode-se considerar que o *Nclas* a que o *Adj* se refere é *jogador* ou *atleta*. O contexto situacional descrito em (11), permite concluir que o *Adj* pode estar associado a uma expressão como *adepto* ou *simpatizante*, mas não a *jogador* ou a *atleta*. Neste caso, não é a sintaxe da frase, mas o conhecimento que se tem do mundo e da sua organização interna que permite fazer essa inferência: sabe-se que são os *adeptos* de um clube, e não os seus *jogadores*, que «enchem as bancadas do estádio». São igualmente factores de ordem pragmática que permitem deduzir que o elemento nominal que está implícito em (12) é *sócio*, e não *adepto*, se tivermos em conta que, pelo menos na realidade jurídica portuguesa, apenas os sócios têm direito de voto nos actos eleitorais dos clubes desportivos. O exemplo ilustrado em (13) mostra que a interpretação e o processamento adequado do *GN* passaria por uma análise mais alargada do contexto, que vai além do domínio frásico.

Nos exemplos em discussão, o *Adj* não parece, contudo, comportar-se como um adjectivo predicativo, mas como um *adjectivo de relação* (*Adj Rel*). Isto significa, entre outros aspectos, que o *GN* em que esses elementos aparecem não pode estar associado a uma frase relativa restritiva com *Vcop* (cf. (14)-(16)).

(14) Os jogadores benfiquistas
 ≠ Os jogadores que são benfiquistas

(15) Os adeptos benfiquistas
 ≠ Os adeptos que são benfiquistas

(16) Os sócios benfiquistas
 ≠ Os sócios que são benfiquistas

Neste contexto, o *Adj* é equivalente ao complemento determinativo com a forma *de GN* =: *do Benfica* (cf. (17)-(19)).

(17) Os jogadores benfiquistas
 = Os jogadores do Benfica

(18) Os adeptos benfiquistas
 = Os adeptos do Benfica

(19) Os sócios benfiquistas
 = Os sócios do Benfica

Para dar conta, de forma adequada, dos diferentes valores expressos nos *GN* ilustrados, poder-se-ia, então, (i) considerar que *benfiquista*, enquanto nome, apresenta várias significações, eventualmente outras diferentes das que discutimos anteriormente, ou, em alternativa (ii) defender que esta expressão, que possui valor adjectival, tem apenas uma interpretação (e a prova disso é que pode ser sempre parafraseada pela mesma construção em todos os exemplos), admitindo-se que o que varia no grupo nominal é o nome, que, por ser apropriado à construção, pode estar lexicalmente reduzido.

Esta última análise é corroborada pela evidência de que os adjectivos preservam, no *GN decepado*, as propriedades que normalmente exibiriam se se encontrassem em contexto adnominal. Por exemplo, os adjectivos que possuem a propriedade de grau (caso de *jovem*, *pobre* e *rico*) podem surgir precedidos de um *Adv* quantificador ou intensificador, independentemente de o nome estar omissso no *GN*, como ilustrado em (20) e (21).

(20) Ficaram os velhos, as mulheres e **os muito jovens** [CP]

(21) **Os verdadeiramente pobres e os verdadeiramente ricos** são tão raros que chegam a ser exóticos» [CP]

Podem igualmente receber os morfemas descontínuos de grau *o ... (mais + menos)*, formando aquilo que as gramáticas têm designado como *grau superlativo relativo de superioridade e de inferioridade*, respectivamente (cf. (22)-(23)).

(22) Os alimentos recolhidos serão depois entregues a instituições que com eles prepararão refeições para **os mais carenciados**. [CP]

(23) Para **os menos românticos**, o casamento de Mandela com Graça Machel deveria entender-se como uma jogada política (...) [CP]

Os adjectivos que ocupam isoladamente a posição nuclear do *GN* têm a propriedade de poderem ser ainda modificados por advérbios que normalmente não incidiriam sobre *Nhum*, como é, por exemplo, o caso de *moralmente* e *minimamente* (cf. (24)-(25) e (26)-(27), respectivamente).

(24) «Só aqueles que não querem ver e **os moralmente obtusos** é que se podem desculpar nestas circunstâncias (...) [CP]

(25) *Só aqueles que não querem ver e **os moralmente (indivíduos + enfermeiros + ministros)** é que se podem desculpar nestas circunstâncias

- (26) «Dar», como sabem os **minimamente letrados**, é um verbo transitivo (...) [CP]
- (27) *«Dar», como sabem os **minimamente (rapazes + estudantes + alunos)**, é um verbo transitivo

Os argumentos que apresentámos levam, pois, a concluir que (i) determinados *GN* com referência genérica podem ser superficialmente representados por um *Adj humano* e que (ii) o núcleo dessas construções sintáticas corresponde a um *Nclas* apropriado passível de ser reduzido/reconstituído.

7.2 *Adj* na posição de núcleo de um *GN* não genérico

Os *Adj Hum* também têm a propriedade de representarem *GN* com uma referência específica ou particularizante. Nessa situação, o nome subjacente à construção não corresponderá necessariamente a um *Nclas*, e, na maior parte dos casos, a sua reconstituição só se revela possível mediante o estabelecimento das relações de referência, correferência e anáfora no texto.

A anáfora, entendida por alguns autores (Kleiber, 1994) como um fenómeno de natureza sobretudo textual, consiste numa expressão que depende referencialmente de uma outra expressão, mencionada ou evocada anteriormente no texto (conhecida como *termo antecedente*).

A *anáfora nominal*, um dos tipos de anáfora mais produtivos e mais estudados, nomeadamente no âmbito do processamento das línguas naturais (Mitkov, 2003: 269), é geralmente vista como o resultado de um prolongamento do antecedente, por meio de um processo que envolve a sua repetição ou substituição (Figueiredo, 2003: 398).

Nas anáforas ditas prototípicas, são reconhecidas as anáforas *fiel* e *infiel* (Kleiber, 1994). No primeiro tipo, o antecedente e a expressão anafórica são idênticos; no segundo (o que nos interessa aqui discutir), diz-se que a anáfora se expressa através de uma expressão diferente do termo antecedente, um «aposto» (Brito *et al.*, 2003: 802) que poderá corresponder a uma expressão qualitativa, que traduz «um ponto de vista particular, um juízo de valor, uma opinião favorável, irónica, crítica» por parte do enunciador (Figueiredo, 2003: 399).

Os exemplos (28) e (29) são analisados pelos autores que antes referimos como casos de *anáfora infiel*.

- (28) Mas a mim **aquele malandro** apenas me paga sete por cento, e ainda por cima mal e a desoras... [CP]
- (29) Desta vez, **o psicopata** passeia-se por Tânger, porque resolve acompanhar Héloïse numa das raras inspirações que ela concretiza, entre todas as que tem por ano. [CP]

Os adjectivos assinalados – tradicionalmente analisados como nomes – são precedidos de um artigo definido ou de um demonstrativo, os quais têm a particularidade de estabelecer uma relação de referência unívoca com um outro *GN*, que se encontra, de um modo geral, expresso anteriormente no texto.

Embora o *corpus* utilizado não permita recuperar as construções que integrariam o antecedente dos *GN* acima ilustrados⁹⁷, depreende-se que em causa está um *Nhum*, como, por exemplo, o que recriamos em (30) e (31).

- (30) **O Zé**_i *esbanja dinheiro com toda a gente*. Mas a mim **aquele malandro**_i, apenas me paga sete por cento, e ainda por cima mal e a desoras...
- (31) **O indivíduo**_i *que assassinou essas mulheres* *continua em liberdade*. Desta vez, **o psicopata**_i passeia-se por Tânger

Como refere M. Gross (1977: 119), a interpretação da co-referência pode ser explicitada através de uma oração relativa, como a que ilustramos em (32), a qual exhibe um conjunto de propriedades específicas.

- (32) CET ÉTUDIANT est entré dans le bureau, L'ÉTUDIANT QUE JE VIENS DE MENTIONNER a demandé l'heure [Gross, 1977: 119, sublinhados nossos]
[ESTE ESTUDANTE entrou no gabinete, O ESTUDANTE QUE ACABEI DE MENCIONAR perguntou as horas]

Como se pode observar, o verbo lexical da relativa (na tradução do exemplo anterior, *mencionar*) tem um estatuto metalinguístico, servindo para referir um outro *GN* expresso no texto; (ii) o tempo verbal exibido por esse verbo deve ser o passado (*passado imediato*); (iii) o sujeito da construção corresponde ao sujeito da enunciação (*eu*).

Esta relativa pode ser igualmente aplicada aos exemplos ilustrados em (30) e (31), contudo, a explicitação do modificador relativo obriga, nestes casos, à reconstituição do núcleo do *GN* anafórico, que se encontra superficialmente representado por um adjectivo.

⁹⁷ Por razões de direitos de autoria, as notícias do *Jornal Público* foram segmentadas em extractos, os quais sofreram posteriormente um processo de ordenação aleatória, de modo a impedir a sua reconstituição (Santos & Rocha, 2001).

O núcleo desse *GN* pode ser idêntico ao nome expresso no *GN* antecedente (cf. (33)) ou pode também corresponder a um *Nclas humano*, se, por exemplo, a expressão a que estiver correferencialmente ligado for um *Npr* (cf. (34)).

(33) *O indivíduo_i que assassinou essas mulheres continua em liberdade.* Desta vez, o indivíduo, QUE ACABO DE MENCIONAR, **que é (E + um) psicopata**, passeia-se por Tânger (...)

(34) *O Zé_i esbanja dinheiro com toda a gente.* Mas a mim aquele tipo_i, QUE ACABO DE MENCIONAR, **que é (um + E) malandro**, apenas me paga sete por cento, e ainda por cima mal e a desoras...

Contrariamente ao que se tem defendido, consideramos que a função do adjectivo, nestes *GN*, não é, portanto, a de retomar anaforicamente o termo antecedente, mas a de exprimir um juízo de valor acerca desse termo, que se poderá encontrar localmente omitido. Esse adjectivo tem obrigatoriamente uma leitura explicativa, quer dizer, apenas pode ser derivado a partir de uma relativa explicativa ou apositiva, uma vez que (i) o *GN* em que está integrado se encontra inteiramente determinado ou definido, e (ii) a adjunção do adjectivo ao nome não altera o seu valor de referência.

Ora, tendo em consideração que os adjectivos que têm a propriedade de representar os *GN* anafóricos exibem um valor semântico idêntico ao que exibiriam se se encontrassem no âmbito de uma construção caracterizadora indefinida, o *Vcop* da relativa apositiva em que surgiriam esses adjectivos pode ser opcionalmente acompanhado de um *Dind*, como ilustrado nos exemplos.

Como demonstrou M. Gross (1977: 119), a presença de qualquer *Modif* restritivo interdita a correferência, o que, na sua perspectiva, dá a indicação de que a correferência é uma forma zero de *Modif* restritivo. Os casos em que a mesma não está explícita deverão, portanto, ser analisados como resultantes do apagamento de um modificador com conteúdo referencial (*Modif* → *E*). Esta regra deverá aplicar-se obrigatoriamente aos *GN* demonstrativos porque eles são portadores de correferência (*idem*: 122).

Segundo o autor, esta regra permite afirmar que todos os *GN* =: *Ddef N* (sem *Modif*) são formas derivadas⁹⁸. Dito de outro modo, todos os *GN* com artigo definido (não genérico) compreendem obrigatoriamente um modificador. Quando este não se encontra realizado significa que se trata de um modificador referencial e está omitido, dando a

⁹⁸ Estão, naturalmente, excluídos desta análise os *Npr*.

indicação de que o *GN* em causa é correferente com um outro. O conteúdo do *Modif* referencial está intimamente relacionado com a natureza e com a posição dos performativos. As posições dos *GN* portadores de correferência dependem dos performativos, um parâmetro que não foi considerado em estudos anteriores ao de M. Gross.

8 COMPLEMENTO PARA COM NHUM

Os adjectivos intransitivos caracterizam-se por não requererem nenhum outro interveniente na frase além do seu argumento sujeito. No entanto, é possível encontrar certos *Adj Hum* que classificámos como intransitivos construídos com determinado tipo de complementos, nomeadamente com o complemento *para com Nhum*, o qual tem uma interpretação *benefactiva*. A questão que se coloca é a de saber qual o estatuto sintáctico desempenhado por este complemento nas construções adjectivais em análise.

A presença do complemento *para com Nhum* numa dada construção depende essencialmente das propriedades do adjectivo em jogo, bem como do valor aspectual veiculado na predicação. Este complemento revela-se sobretudo natural com adjectivos que permitam exprimir uma apreciação sobre um determinado comportamento ou atitude pontuais manifestados pelo *Nhum* sujeito relativamente a um outro *Nhum*, que surge na posição de complemento⁹⁹. Surgem, normalmente, construídos com este tipo de complemento, adjectivos como, por exemplo, *injusto* e *simpático*, ilustrados, respectivamente, nos exemplos (1) e (2).

- (1) Toni está a ser **injusto** para com os profissionais da comunicação social [CP]
Toni está a ser **injusto** (para com os profissionais da comunicação social + E)
- (2) A assistência foi **simpática** para com ele [CP]
A assistência foi **simpática** (para com ele + E)

A posição sintáctica dos adjectivos que têm a propriedade de se construir com este complemento pode, em geral, ser igualmente preenchida por uma construção *QueF* (cf. (3)) ou ainda por um *GN* complexo com *Nap* (cf. (4)).

- (3) Sou tão amigo do dr. Jorge Coelho (...) que seria **injusto** estar a comentar uma frase que representa um conjunto de ideias que não sei quais são [CP]
(...) seria **injusto** (para com ele + E) estar a comentar uma frase que representa um conjunto de ideias que não sei quais são

⁹⁹ Valetopoulos (2003: 235-247) classifica os adjectivos que, em grego e em francês, se podem construir com este tipo de complemento como *adjectivos de comportamento*.

- (4) (...) o comportamento de Amir era extremista, abertamente **hostil**, tanto para com a polícia como para com a imprensa [CP]
 (...o comportamento de Amir era extremista, abertamente **hostil**, (tanto para com a polícia como para com a imprensa + E)

A evidência de que é possível omitir, em qualquer uma das construções anteriormente ilustradas, o complemento *para com Nhum*, sem que isso afecte a aceitabilidade global da construção, tem constituído um argumento a favor da sua análise como complemento não essencial (ou facultativo).

Contudo, as frases resultantes da omissão deste complemento parecem ter, muitas vezes, uma interpretação elíptica, o que poderia levar a considerar que os referidos complementos fazem parte da rede argumental destes adjectivos. A referida interpretação não está, no entanto, necessariamente presente em construções como as que exemplificamos em (5) e (6), cujo predicador é sintáctica e semanticamente idêntico ou próximo dos ilustrados nos exemplos anteriores.

- (5) Cristiane Torloni é **mal-educada, ingrata, mentirosa, parva** e convencida (...) [CP]
 (6) As pessoas acusam-me de **ser violento e mal-educado**. [CP]

De facto, quando os auxiliares adjectivais se encontram num tempo verbal que imprima um valor permansivo, habitual ou atemporal à construção, como sucede nos exemplos acima, o *Adj Hum* não parece requerer (obrigatoriamente) o *complemento para com Nhum*. Nesta situação, o adjectivo não refere um comportamento pontual do sujeito, exprimindo, pelo contrário, uma particularidade intrínseca ou habitual do mesmo¹⁰⁰.

Nestes casos, é possível reconstituir um *Nclas humano* (por exemplo, *Nclas =: pessoa*) à esquerda do adjectivo (*cf.* (7) e (8)).

- (7) Cristiane Torloni é uma pessoa mal-educada, ingrata, mentirosa, parva e convencida
 (8) As pessoas acusam-me de ser um indivíduo violento e mal-educado

A reconstituição do *Nclas* revela-se, contudo, de difícil aceitabilidade, se o adjectivo apresentar uma leitura aspectual pontual, como ilustrado em (9) e (10).

¹⁰⁰ Refira-se que a leitura permansiva do adjectivo pode ser igualmente aferida, quando na frase intervêm outros operadores aspectuais (por exemplo, o *Adv sempre*), mesmo que o adjectivo se encontre auxiliado por uma forma perfectiva do verbo, como sucede no exemplo: *O povo espanhol sempre foi generoso, nunca admitiu que se fechasse as portas aos estrangeiros*. [CP]

- (9) Toni está a ser (E + ?*um indivíduo) injusto para com os profissionais da comunicação social
- (10) A mãe foi (E + ?*uma pessoa) violenta para com o filho

Com efeito, os adjectivos que analisámos podem efectivamente apresentar estes dois valores aspectuais, pontual e permansivo, observando-se que estes valores estão normalmente associados a comportamentos sintácticos distintos, que se prendem, nomeadamente com a relação que o adjectivo estabelece com o complemento *para com Nhum*. Em seguida, discutiremos algumas propostas de análise acerca da estrutura de base das construções em que podem surgir estes complementos.

8.1.1 Propostas para a análise da construção *para com Nhum*

Vivès (1982), que estudara os complementos *para com Nhum* no âmbito das construções adjectivais em francês, propôs que esta construção constituísse um complemento, não do adjectivo, mas de um *Nap*, subjacente a um *GN* complexo, que ocupa a posição de sujeito frásico. Em concreto, o autor considera que uma frase como, por exemplo, a exemplificada em (11), pode ser obtida a partir de um conjunto de transformações que explicitaremos em seguida.

- (11) Jean est ferme avec Léa
[O Jean foi firme para com a Léa]

Segundo o autor, a estrutura de base desta frase pressupõe o reestabelecimento do *Nap* =: *attitude*, na posição sintáctica de sujeito, o qual é acompanhado do complemento *Prep Nhum* =: *avec Léa*¹⁰¹.

- (a) (Na de Nb Prep Nc)₀ être Adj =: L'attitude de Jean avec Léa est ferme
[A atitude do Jean para com a Léa foi firme]

A operação de reestruturação aplicada a esta construção permitiria obter a frase (b), na qual o *Nap* se encontra na posição de complemento do adjectivo.

¹⁰¹ Em francês, as preposições envolvidas no tipo de construção em análise podem ser: *avec, envers, vis-à-vis* e *à l'égard de*. Em português, pelo contrário, «o fenómeno parece restringir-se à *Prep*=: *para com* (e, eventualmente, às *Prep* =: *relativamente a, em relação a*)» (Baptista, 2005: 158; nota 46).

(b) [Reestr] = Nb être Adj Prep Na Prep Nc = :

Jean est ferme dans son attitude avec Léa

[O Jean foi firme na sua atitude para com a Léa]

A frase (c) resultaria, por sua vez, da redução a zero do *Nap* em (b).

(c) [Prep Na z.] = Nb être Adj Prep Nc = :

Jean est ferme avec Léa

O Jean foi firme para com a Léa]

Finalmente, a construção apresentada em (d) seria obtida após o apagamento do complemento do *Nap*.

(d) [Prep Nc z.] = Nb être Adj = :

Jean est ferme

[O Jean foi firme]

Retomando a análise proposta por Vivès, Meydan (1995: 174-175) apresentou, anos mais tarde, um conjunto de transformações análogas às definidas pelo autor, para dar conta da relação que se estabelece entre frases como as ilustradas em (12), as quais se caracterizam por apresentarem, na posição sintáctica de sujeito, (i) uma *QueF* com um verbo *apropriado*, acompanhado do complemento *para com Nhum*, ou (ii) um *Nhum*, em sua representação.

(12) Que Luc se comporte ainsi avec Léa est violent de sa part

[Que o Luc se comporte assim com a Léa é violento da sua parte]

= Luc est violent avec Léa

[O Luc é violento com a Léa]

Segundo a autora, a construção de base integraria, na posição de sujeito frásico, uma completiva com sujeito humano e, na posição de complemento, o sintagma preposicional que introduziria uma segunda ocorrência do nome expresso no sujeito da completiva (§ I, 3.1.1).

(a) (Que N₀ V Prep N_i)₀ être Adj de la part de N₀ =:

Que Luc se comporte ainsi avec Léa est violent de sa part

[Que o Luc se comporte assim com a Léa é violento da sua parte]

A operação de elevação do sujeito da completiva para a posição de sujeito principal e a permuta da sequência verbal para a direita do adjetivo [MSS] permitiriam derivar a construção representada em (b).

(b) [MSS] = N_0 être Adj de Vinf Prep N_1 = :
 Luc est violent de se comporter ainsi avec Léa
 [O Luc é violento em se comportar assim com a Léa]

O apagamento da sequência infinitiva apropriada [*de Vinf z.*] em (b) daria lugar à estrutura (c).

(c) [*de Vinf z.*] = N_0 être Adj Prep N_1 = :
 Luc est violent avec Léa
 [O Luc é violento com a Léa]

Por fim, a sub-estrutura apresentada em (d) seria obtida mediante a redução do complemento do verbo apropriado [*Prep N. z.*].

(d) [*Prep N z.*] = N_0 être Adj =: Luc est violent
 [O Luc é violento]

A principal reserva em relação a estas análises consiste essencialmente na dificuldade em justificar o facto de a redução operar isoladamente sobre o *Nap* ou *Vap*, deixando intactos os seus complementos. Como observou Baptista (2005: 158-159), as frases resultantes de reestruturação do *GN*, cujo *Npred* se constrói com outros complementos, obriga a que esses complementos acompanhem o *Npred*, sendo objecto de redução obrigatória, quando o *Npred* de que dependem é apagado (cf. (13)).

(13) As críticas do Presidente russo, Boris Ieltsin, a esta intervenção foram cáusticas
 [CP]
 [Reestr GN] = O Presidente russo, Boris Ieltsin, foi cáustico nas suas críticas a esta intervenção
 [Red Nap] = O Presidente russo, Boris Ieltsin, foi cáustico (E + *a esta intervenção)

O exemplo mostra que o *GN* =: *a esta intervenção*, argumento do *Nap crítica*, terá de ser apagado se o *Npred* sofrer um processo de redução lexical.

O autor propõe, assim, seguindo a linha de argumentação utilizada por Ranchhod (1985), que, em casos como o que temos vindo a descrever, o complemento *para com Nhum* constitui um argumento do *Npred* da construção principal.

Ranchhod (1985: 354-356) demonstrou, a propósito das construções com o *Vsuper*, que os *Npred* que aceitam este tipo de complementos têm a propriedade de aceitar uma completiva-sujeito, observando a existência de uma relação de correferência obrigatória entre um dos constituintes da completiva-sujeito e a forma *para com Nhum* (cf. (14))¹⁰².

- (14) Omitires a verdade à Maria_i é uma deslealdade para com (ela_i + *ele_j)
[Ranchhod, 1985: 354]

Esta relação correferencial manifesta-se igualmente nas construções com *ser de* (cf. (15)).

- (15) Que o Zé minta à Ana, é de uma grande deslealdade para com ela, [Baptista, 2005:154]

Em ambas as construções, o complemento *para com Nhum* é, pois, entendido como um argumento essencial do *Npred*, defendendo-se que as frases resultantes da redução deste complemento têm uma interpretação elíptica, uma vez que o «*Nhum* parece estar de alguma forma implicado na predicação expressa pelos nomes predicativos» (Baptista, 2005: 153).

Nos casos em que a relação de correferência não se encontra lexicalmente expressa (cf. (16)), Baptista considera que o *Nhum* da construção completiva se encontra lexicalmente omitido, sendo possível explicitar essa relação através da sua reconstituição (cf. (17)).

- (16) Que o Zé tenha aberto a porta foi de uma grande amabilidade para com a Ana
[Baptista, 2005: 156]

- (17) Que o Zé tenha aberto a porta à Ana foi de uma grande amabilidade para com ela
[Baptista, 2005: 156]

O complemento da completiva-sujeito é, neste caso, analisado pelo autor como um «dativo alargado», quer dizer, como uma espécie de complemento «benefactivo» que, embora não sendo essencial, permite explicitar a pessoa envolvida no processo descrito pela *QueF*.

¹⁰² De forma a evitar a repetição do *Nhum* na frase, a segunda ocorrência do nome, que surge na posição de complemento do *Npred*, estaria sujeita, de acordo com a autora, a um processo de pronominalização. Também pode acontecer que o primeiro *Nhum* esteja representado pela forma pronominal, cataforicamente associada ao nome expresso na posição de complemento: *Teres-lhe omitido a verdade foi uma deslealdade para com a Maria* [Ranchhod, 1985: 355].

Nas propostas de análise que apresentámos, parte-se do princípio de que a posição de sujeito dos predicadores que aceitam o complemento *para com Nhum* é preenchida por uma construção completiva ou um por *GN* complexo com *Nap*. Considera-se, por outro lado, que o *Nhum* desse complemento está correferencialmente ligado a um outro *Nhum* expresso (explícita ou implicitamente) na posição de sujeito. Contudo, é possível dar conta de situações em que nenhuma destas condições se observa (*cf.* (18)).

(18) Aladino **está a revelar-se um ingrato** para com o génio que tanta sorte lhe trouxe [CP]

Em (18), o adjectivo *ingrato* encontra-se no âmbito de uma construção caracterizadora indefinida, seleccionando, para a posição sintáctica de sujeito um *Nhum*, o qual não pode ser derivado a partir de uma completiva-sujeito (*cf.* (19)) nem de um *GN* complexo (*cf.* (20)), como demonstrámos em § II, 5.1.

(19) *Que o Aladino se comporte assim para com o génio que tanta sorte lhe trouxe está a revelar-se um ingrato para com ele

(20) *O comportamento do Aladino para com o génio que tanta sorte lhe trouxe está a revelar-se um ingrato para com ele

O complemento *para com Nhum*, em (19), não pode, portanto, ser analisado como um complemento de um *V* ou de um *Npred* apropriados, que surgiriam na posição de sujeito (Vivès, 1982; Meydan, 1995), mostrando-se igualmente impossível apelar, neste caso, a uma relação de dependência correferencial entre o *Nhum* deste complemento e outra expressão nominal que estaria presente na completiva-sujeito (Ranchhod, 1985; Baptista, 2005).

A questão que se coloca é, pois, a de saber de onde derivar este complemento. De um ponto de vista sintáctico, o complemento *para com Nhum* parece comportar-se como um circunstancial, no sentido em que (i) a sua presença não parece ser obrigatória na construção e (ii) está fora do escopo do adjectivo. Com efeito, contrariamente ao que se observa com os complementos essenciais do adjectivo, que podem, juntamente com aquele, ser retomados anaforicamente por uma forma clítica do pronome demonstrativo, verifica-se que este complemento não é afectado pelo fenómeno da pronominalização (*cf.* (21)-(22)), apresentando igualmente grande mobilidade frásica (*cf.* (22)-(23)).

(21) A mãe foi violenta para com o filho e o pai também o foi para com a mãe

- (22) Violenta, a mãe foi-o, para com o filho
- (23) Para com o filho, a mãe foi violenta e, para com as restantes crianças, foi benevolente

Contudo, não são ainda claros, no actual estado de conhecimento, os mecanismos de inserção que permitiriam introduzir o referido complemento na construção.

Sem considerar que esta discussão está complementamente encerrada, os dados analisados permitem-nos afirmar que os adjectivos que aceitam este tipo de complemento podem, à partida, apresentar dois valores aspectuais distintos, os quais podem ser expressos através do *Vcop* e/ou de certos modificadores temporais e aspectuais presentes na construção. Verificámos, além disso, que, quando a construção em que o adjectivo está integrado tem uma interpretação pontual, a posição argumental de sujeito pode ser preenchida por uma construção *QueF* e o adjectivo pode surgir acompanhado do complemento *para com Nhum*, o qual se encontrará correferencialmente ligado ao *Nhum* envolvido no processo descrito pela completiva. Por sua vez, a leitura permansiva interdita, em geral, a construção *QueF*, o que significa que o complemento *para com Nhum*, a existir, é autónomo do sujeito. Assim, pensamos que há razões para considerar que os adjectivos em discussão podem integrar duas construções sintácticas distintas: (i) uma que pressupõe a existência de uma completiva na posição de sujeito, e na qual o adjectivo estabelece com esse sujeito uma relação de qualificação indirecta (§ I, 3.1.1); (ii) outra (que aqui estudámos), cujo adjectivo se constrói obrigatoriamente com um *Nhum*, qualificando-o directamente. Neste último caso, em particular, o complemento benefactivo não parece, como vimos, constituir um complemento essencial do adjectivo.

PARTE III

▪

MATRIZES

LÉXICO-SINTÁCTICAS

1 MATRIZES LÉXICO-SINTÁCTICAS

As matrizes do Léxico-Gramática permitem representar, de uma forma simples, compacta e sistemática, as propriedades lexicais, sintáticas e semânticas dos predicados de uma língua natural. Elas podem ser vistas como dicionários sintáticos, cujas entradas correspondem não a unidades lexicais, mas a unidades léxico-sintáticas, nomeadamente a frases simples (ou elementares). Cada entrada (linha da *matriz*) é constituída por um elemento predicativo (no caso em concreto, um adjectivo), cujo lema se encontra lexicalmente explicitado, e por um conjunto de propriedades (colunas da *matriz*) consideradas relevantes para a sua descrição. Os sinais «+» e «-» dão a indicação de que o adjectivo exhibe ou não, respectivamente, cada uma das propriedades tidas em consideração nas colunas das *matrizes*.

As propriedades descritas nas matrizes podem ser de tipo distribucional (restrições quanto ao número e quanto à natureza sintático-semântica dos argumentos seleccionados pelo predicador), de tipo transformacional (processos sintáticos que podem operar sobre os predicados) e/ou de tipo lexical (restrições quanto à especificação lexical de certos elementos na construção, por exemplo, as preposições que introduzem o *GN* resultante de reestruturação, bem como os eventuais nomes e verbos morfologicamente associados aos predicadores adjectivais em análise).

Retomando a analogia entre dicionários electrónicos e matrizes léxico-sintáticas, é possível considerar que as propriedades distribucionais descritas nas matrizes equivalem aos atributos sintático-semânticos previstos nas entradas de alguns dicionários, sobretudo os mais precisos do ponto de vista descritivo, como é, por exemplo, o caso dos dicionários que o *LabEL* tem vindo a desenvolver¹⁰³. Por sua vez, as propriedades transformacionais das *matrizes* podem, em certa medida, ser equiparadas aos atributos flexionais dos dicionários, no sentido em que permitem gerar/reconhecer novas variantes (neste caso, léxico-sintáticas) a partir de uma mesma forma, que se convencionou ser a forma de base (também conhecida como forma canónica ou lema, nos dicionários). Neste sentido, uma das grandes vantagens das matrizes consiste precisamente em representar, numa mesma entrada, diferentes estruturas linguísticas, morfossintacticamente relacionadas, tomando como ponto de partida a mesma estrutura de base (ou, se quisermos, forma canónica).

¹⁰³ Para uma descrição detalhada das informações tidas em consideração nestes dicionários, vejam-se, de novo, Ranchhod *et al.* (2004) e Ranchhod (2005).

As matrizes constituem, pois, um recurso linguístico de extremo interesse, não só do ponto de vista teórico, mas igualmente do ponto de vista computacional. Graças a um mecanismo de grafos parametrizados (Senellart, 1999; Roche, 1993, Blanc & Constant, 2005), de que dispõem, por exemplo, os sistemas Intex (Silberztein, 1993), Unitex (Paumier, 2003) e *Nooj* (Silbertzein, 2004), é possível construir gramáticas locais que exploram directamente as informações representadas nas matrizes, permitindo, desse modo, a sua aplicação na análise automática de texto (Senellart, 1999; Constant, 2003; Fairon *et al.*, 2005).

No capítulo seguinte (§ III, 2), faremos uma breve exposição das matrizes que construímos, as quais se encontram apresentadas em anexo, destacando, em particular, os critérios formais subjacentes à sua organização e as principais características de cada classe assim apurada. Procuraremos, posteriormente (§ III, 3), clarificar a noção e o funcionamento dos referidos grafos, exemplificando o modo como poderão ser aplicados aos textos, em diversas operações de análise, nomeadamente na identificação e etiquetagem de diferentes tipos de construções (frases e *GN*) com predicadores adjectivais.

2 ORGANIZAÇÃO DAS MATRIZES LÉXICO-SINTÁCTICAS

As matrizes do Léxico-Gramática que têm vindo a ser desenvolvidas no âmbito da descrição de diferentes tipos de predicados encontram-se geralmente organizadas de acordo com a estrutura sintáctica (número e tipo de argumentos) exibida pelo elemento predicativo, seja ele de natureza verbal (M. Gross, 1975), adjectival (entre outros, Meunier, 1981; Casteleiro, 1981) ou nominal (entre outros, Giry-Schneider, 1987; Ranchhod, 1990).

Embora isso não seja visto como o objectivo fundamental da descrição, pode acontecer que as entradas de uma dada classe sintáctica sejam homogéneas também do ponto de vista semântico. Esse é, de acordo com Laporte (2004b: 100), o caso da classe de adjectivos que Meunier (1999) classificou como «*adjectifs de qualité*» (*adjectivos de qualidade*), de que já falámos na primeira parte da dissertação (§ I, 3.1.1). Relembramos que esta classe semântica de adjectivos, constituída por predicadores tais como *honnête* (*honesto*), adiante ilustrado, se caracteriza sintacticamente por: (i) o adjectivo ser de tipo intransitivo, isto é, não requer um complemento essencial; (ii) a posição sintáctica de sujeito poder ser preenchida por um *Nhum*, um *GN* com *Nap* ou, ainda, por uma construção completiva; (iii) a construção com completiva-sujeito manter uma relação sintáctica com uma outra frase (complexa), com a estrutura *Nhum être Adj de V-inf W* (*Nhum ser Adj em V-inf W*)¹⁰⁴.

- (1) Era um homem sério e **honesto**. [CP]
- (2) Não é **honesto** evocar o nome de Sá Carneiro para apoiar ou desapoiar quem quer que seja [CP]¹⁰⁵
- (3) (...) a Fnac foi muito **honesto** em cancelar as encomendas e em devolver o dinheiro [TZ]¹⁰⁶

¹⁰⁴ Como já tivemos oportunidade de referir, em português, a preposição que mais frequentemente introduz este complemento é a *Prep*=: *em*.

¹⁰⁵ Neste exemplo, a construção *QueF*, com função de sujeito, encontra-se em final de frase. Esta construção resulta da aplicação de uma operação sintáctica conhecida, *permuta de comprimento* (Harris, 1976: 148), a qual consiste na deslocação do constituinte estruturalmente mais longo (neste caso, o sujeito) para o final de frase. De um modo geral, a frase resultante apresenta uma aceitabilidade sensivelmente melhor do que a frase cujos constituintes preservam a sua ordem linear: *Evocar o nome de Sá Carneiro para apoiar ou desapoiar quem quer que seja não é honesto*. Pelo contrário, se se proceder à pronominalização da completiva-sujeito pelo pronome demonstrativo *isso*, este ocupará, preferivelmente, a sua posição de base na frase: *Isso não é honesto*.

¹⁰⁶ Exemplo extraído da página *Techzone* (15/12/2006):
<http://www.techzonept.com/showthread.php?t=122042&page=11>

É sempre interessante conseguir encontrar classes semanticamente homogêneas com base em critérios estritamente formais, entre outros aspectos, porque isso torna possível a sua reprodutibilidade¹⁰⁷.

Embora menos comum no âmbito dos trabalhos do Léxico-Gramática, é possível estabelecer, em casos particulares, certas classes sintático-semânticas, tendo como base o domínio lexical ou da área vocabular dos predicadores envolvidos. Por exemplo, Ranchhod (1990: 264-277) demonstrou que os nomes predicativos que classificou como correspondendo a *nomes de doença* (*Ndoen*) se caracterizam por terem uma construção sintáctica comum: trata-se de predicadores intransitivos, alguns dos quais aceitam facultativamente, na posição de complemento, um *GN* cujo núcleo é um *Npc*, o qual desempenha uma função locativa; estes *Npred* têm ainda a particularidade de admitir, sem exceção, os verbos-suporte *estar com* e *ter* (cf. (4) e (5)).

(4) O «rapper» Eazy-E (...) anunciou quinta-feira, em Los Angeles, que **está com sida** [CP]

(5) Desde Novembro do ano passado que António sabe que **tem sida**. [CP]

Chacoto (2005: 203-204) mostrou também que o léxico dos *Npred de desporto*, construídos com o *Vsup fazer*, se comportam sintacticamente de modo idêntico. Entre outros aspectos, estes nomes têm a propriedade de integrarem uma construção intransitiva e de seleccionarem, para a posição sintáctica de sujeito, um *Nhum* [+agentivo] obrigatório; neste caso, o *Npred* pode ser igualmente suportado por *praticar*, aqui entendido como uma variante estilística de *fazer* (cf. (6)-(7))¹⁰⁸.

¹⁰⁷ Ainda que consideremos inquestionável o facto de os adjectivos estudados por Meunier (1999) terem uma sintaxe e uma semântica comum, parece-nos pouco feliz a designação atribuída pela autora a esta subclasse adjectival, *Adj qualificativos*. Por um lado, este termo tem sido usado na literatura para referir um conjunto bastante heterogêneo de adjectivos (cf. Parte I, § 1.1); pelo outro lado, a classe de adjectivos a que está associada esta noção coloca de parte um vasto conjunto de elementos que, muito embora se aproximem semanticamente dos adjectivos em discussão, apresentam um comportamento sintáctico distinto daqueles. Veja-se, por exemplo, o caso de *íntegro*, ilustrado nos exemplos a seguir: *Trata-se de militares honestos e íntegros* [CP]; *?*Não é íntegro evocar o nome de Sá Carneiro para apoiar ou desapojar quem quer que seja*; *?*a Fnac foi muito íntegra em cancelar as encomendas e em devolver o dinheiro*. Com efeito, apesar de *íntegro* ser semanticamente próximo de *honesto* (eles podem inclusivamente ser vistos como potenciais sinónimos), observa-se que estes adjectivos apresentam propriedades distribucionais distintas. Contrariamente ao que se observa com *honesto*, *íntegro* parece não aceitar a completiva-sujeito; na posição de complemento, a completiva infinitiva revela-se igualmente marginal ou inaceitável.

¹⁰⁸ Veja-se ainda, a este propósito, o trabalho de Mathieu (2000). A autora parte de uma classe semântica de verbos bem definida, em francês, a que chama de «verbos de sentimento», procurando reagrupá-los em classes mais finas do ponto de vista do seu significado (verbos que exprimem «amor», «tristeza», etc.). Após uma descrição exaustiva das propriedades formais de cada uma das subclasses previamente

- (6) Plenamente integrado, Cláudio **faz ginástica e natação** no Benfica [CP]
- (7) E também faz outros desportos - **pratica judo** desde criança (foi, aliás, terceiro no campeonato nacional da modalidade) e ainda **bodyboard**. [CP]

Ora, neste trabalho de investigação, propusemo-nos analisar, como temos vindo a referir, adjectivos predicativos intransitivos que se constroem com sujeitos humanos. Partimos, portanto, de uma classe distribucionalmente uniforme, a partir da qual procurámos estabelecer outras subclasses sintácticas.

Como mencionámos na *Parte I* (§ I, 6.1), a subclassificação dos adjectivos estudados foi efectuada em duas fases distintas, mas complementares. Numa primeira fase, foram identificadas algumas subclasses de adjectivos, designadamente, os *Adj Nac*, os *Adj Filo* e os *Adj Doen*, tendo especialmente em conta o domínio lexical dos predicadores envolvidos. Os adjectivos que não integravam nenhuma destas subclasses (a que atribuímos a notação genérica de *Adj Hum*) foram, numa fase posterior de análise, integrados em subclasses sintácticas mais finas, recorrendo a critérios estritamente formais. Seguidamente, apresentaremos as principais propriedades sintácticas de cada uma das classes e subclasses de adjectivos apuradas.

2.1 Adj Nac

Os *Adj Nac* constituem, como referimos, uma classe homogénea, quer do ponto de vista semântico, quer do ponto de vista sintáctico, razão pela qual se encontram integrados numa matriz léxico-sintáctica própria, SAN.

Os adjectivos desta classe, que perfazem um total de 651 entradas, constroem-se obrigatoriamente com o *Vcop* elementar *ser* (*cf.* (8)-(9)) ou, eventualmente, com a variante aspectual *tornar-se*, a qual explicita, regularmente, uma mudança de nacionalidade, «real» ou «afectiva», por parte do sujeito a que se referem (*cf.* (10));

- (8) Muitas das mães **são caboverdianas e guineenses** (...) [CP]
- (9) Afinal, Spindler até **é europeu** e conhece Portugal... [CP]
- (10) (...) o filho de um marroquino nascido em França **tornar-se-á francês** ao atingir a maioria [CP]

definidas, Mathieu demonstrou ser possível encontrar regularidades sintácticas em cada uma das subclasses semânticas previamente estabelecidas.

Estes adjectivos não aceitam, numa situação discursiva regular, quantificação nem variação em grau (*cf.* (11)).

- (11) Já não será ilegal importar referências de Michael Jackson, que é norte-americano e trabalha para uma companhia japonesa [CP]

Já não será ilegal importar referências de Michael Jackson, que é (E + *muito + *pouco) norte-americano e trabalha para uma companhia japonesa

Contudo, é possível surgirem, em determinados contextos, acampanhados de advérbios habitualmente classificados como quantificadores (*cf.* (12)-(13)).

- (12) (...) nasceu mais um Sellers, inglês, **muito inglês**, tanto quanto o primeiro que no século XVII largou o torrão natal para dar fama ao vinho do Porto. [CP]

- (13) Em criança vestiram-no de menina, deram-lhe nome de mulher e ensinaram-lhe inglês para não ser roubado pelo demónio; (...) em Hollywood era **demasiado oriental**, em Hong Kong **muito ocidental**. [CP]

Nesta situação, os adjectivos não referem directamente uma nacionalidade, mas uma particularidade entendida como prototípica dos indivíduos que possuem essa nacionalidade, comportando-se como *Adj Hum*. Os advérbios *muito* e *demasiado*, neste contexto, deixam, também eles, de se comportar como meros quantificadores, podendo comutar com outras expressões adverbiais, tradicionalmente designadas como *advérbios de modo*, como é, por exemplo o caso de *genuinamente* (*cf.* (14)), *marcadamente* e *tipicamente* (*cf.* (15)).

- (14) Nasceu mais um Sellers, inglês, (**muito + genuinamente**) **inglês**, tanto quanto o primeiro que no século XVII largou o torrão natal para dar fama ao vinho do Porto.

- (15) Em Hollywood era (**demasiado + marcadamente**) **oriental**, em Hong Kong (**muito + tipicamente**) **ocidental**. [CP]

Assim, as colunas das matrizes que representam a propriedade de quantificação e variação do *Adj Nac* em grau encontram-se sistematicamente marcadas com o sinal «-». Trata-se de uma propriedade definitória desta classe léxico-sintáctica, que poderia não figurar na matriz. Contudo, a opção de manter este tipo de informação nas matrizes prende-se com duas ordens de factores: um, de natureza essencialmente teórico-metodológica, que se baseia na ideia de que as classes devem ser descritas em extensão;

outro, de natureza essencialmente prática, que tem a ver com a utilidade computacional dessas informações.

Os *Adj Nac* caracterizam-se ainda por poderem desempenhar a função de núcleo de um *GN* com referência genérica (cf. (16)) ou de uma construção classificadora. Neste último caso, admitem esta construção, desde que recebam modificação particularizante (por exemplo, através de um adjectivo com valor restritivo, como acontece em (17)).

(16) Certo, o Presidente de **todos os franceses** não entra no recinto do Congresso. [CP]

(17) O director de Portugal ficou entusiasmado e contactou o vice-presidente da Microsoft para a Europa, que **é um francês extraordinário**. [CP]

Pelo contrário, estes adjectivos não podem integrar, em condições regulares, a construção caracterizadora indefinida (cf. (18));

(18) ?*O director de Portugal ficou entusiasmado e contactou o vice-presidente da Microsoft para a Europa, que **é um francês**.

Todas estas propriedades são gerais aos *Adj Nac*, encontrando-se formalizadas na matriz sintáctica em que se encontram representados. Com efeito, as únicas colunas da matriz onde se regista alguma variação (em ambos os casos, de tipo lexical) dizem respeito à especificação do nome locativo (*Nloc*) a que estão, em geral, morfologicamente associados (cf. (19)), bem como à natureza do *Npred* sobre o qual estes adjectivos podem exercer modificação.

(19) O Presidente **francês**, Jacques Chirac, chegou ontem a Madrid no meio de grandes medidas de segurança, para uma cimeira com o primeiro-ministro Felipe Gonzalez [CP]

= O Presidente **da França**, Jacques Chirac, chegou ontem a Madrid no meio de grandes medidas de segurança, para uma cimeira com o primeiro-ministro Felipe Gonzalez

De acordo com a semântica que veiculam, os *Adj Nac* podem, pois, funcionar como *Modif* obrigatório de um conjunto limitado de nomes predicativos, entre outros, os que explicitámos nas matrizes, nomeadamente, *origem*, *nacionalidade*, *naturalidade*, *etnia* e/ou *raça* (cf. (20)-(23)).

(20) O linguista de **origem lituana** Algirdas-Julien Greimas, morreu ontem, em Paris, depois de ter estado cerca de um mês hospitalizado. [CP]

- (21) Esta colectiva reúne, pelos espaços disponíveis do Instituto Franco-Português, obras de artistas de **nacionalidade francesa** [CP]
- (22) (...) o maestro Vladimir Stoyanov, cidadão português de **naturalidade búlgara** (...) sugeriu formar a orquestra, já não com 30 membros mas apenas com uma dúzia. [CP]
- (23) Há no mundo entre 12 e 15 milhões de pessoas de **etnia cigana**. [CP]

Estas informações lexicais revestem-se de grande utilidade em diferentes operações de análise de texto, em particular, as que envolvem o estabelecimento de relações de correferência e anáfora no texto, essenciais em tarefas como *Reconhecimento de Entidades Mencionadas* ou em sistemas de *Pergunta-Resposta*, razão pela qual se encontram especificadas na matriz. No capítulo 3, ilustraremos, com um caso prático, o modo como estas informações poderão ser exploradas na análise e etiquetagem de *GN* que incluam estes adjectivos.

2.2 Adj Filo

Como no caso anterior, os adjectivos que classificámos como *Filo* (representados na matriz SAF) caracterizam-se por apresentar uma grande regularidade em termos sintácticos, embora se observe uma menor homogeneidade no que respeita à sua natureza semântica. A principal razão pela qual não se procedeu a uma subclassificação semântica mais fina dos *Adj Filo* deve-se ao facto de essas (hipotéticas) subclasses não apresentarem entre si diferenças significativas em termos sintácticos.

De um ponto de vista meramente formal, os *Adj Filo* aproximam-se dos *Adj Nac*, entre outros aspectos, pelo facto de admitirem o mesmo *Vcop* e variante aspectual ou estilística, *ser* e *tornar-se*, respectivamente (cf. (24)-(25)).

- (24) Tem 12 anos, é natural de Vlasnica, Bósnia-Herzegovina, chama-se Admir Dedic, é **muçulmano** e está alojado no campo sérvio de Kozikovo. [CP]
- (25) (...) estes eslavos caíram sob o domínio da civilização ocidental, **tornaram-se católicos** e foram quase sempre controlados pelo império Austro-Húngaro dos Habsburgos. [CP]

Tal como os *Adj Nac*, os *Adj Filo* têm também a propriedade de desempenhar a função de núcleo de uma construção classificadora com *Modif* obrigatório (cf. (26)), bem como a de representar sozinhos um *GN* com referência genérica (cf. (27)).

(26) Aglieri **é um católico muito devoto**.

(27) Para **os católicos** é uma questão irrelevante .

Pelo contrário, os *Adj Filo* distinguem-se dos *Adj Nac* pelo facto de poderem integrar, em alguns casos, uma construção caracterizadora indefinida. Essa distribuição parece ser sobretudo produtiva se o adjectivo puder ser utilizado para tecer um juízo de valor (em geral, depreciativo) acerca do sujeito a que se reporta (*cf.* (28)).

(28) **É um fascista** esse senhor. [CP]

Os adjectivos que apresentam esta propriedade distribucional aproximam-se, em termos sintácticos, de certos *Adj Hum*. Como aqueles, o adjectivo pode, por exemplo, receber modificação por um *Adv* quantificador (*cf.* (29)), bem como construir-se com uma completiva-sujeito (*cf.* (30)).

(29) Pior só mesmo Manuel Alegre que é absolutamente fascista e ditador por natureza. [Pulo do Lobo]

(30) «É antidemocrático, é até fascista, dizer que não devemos utilizar linguagem publicitária na propaganda política (...)» [CP]

Para já, optámos por associar estas propriedades sintácticas aos *Adj Filo* que exibem este comportamento, não procedendo, portanto, ao seu desdobramento lexical (designadamente, em *Adj Filo* e *Adj Hum*). O principal motivo para esta tomada de posição deve-se a razões de ordem essencialmente prática. Por um lado, o não desdobramento destes adjectivos evita o aumento de ambiguidades nos recursos a aplicar aos textos; pelo outro lado, a explicitação das referidas propriedades sintácticas na matriz SAF permite distinguir os *Adj Filo* que podem ser empregues ‘metaforicamente’ dos que não apresentam essa propriedade. Este procedimento pode ser ainda sustentado, se tivermos em consideração que os *Adj Filo* preservam, em parte, o seu significado original (isto é, o significado que apresentariam se se encontrassem, por exemplo, no âmbito de uma construção predicativa).

2.3 Adj Doen

Os *Adj Doen* foram agrupados numa única matriz léxico-sintáctica, SEAD. Embora os elementos que compõem esta classe apresentem uma maior variação em termos

distribucionais do que os adjetivos das subclasses sintáctico-semânticas anteriormente apresentadas, eles representam um grupo lexical homogéneo, com um conjunto de especificidades sintácticas em comum, o que nos levou a optar por não proceder à sua fragmentação em classes distribucionais mais específicas.

Os adjetivos reunidos na referida matriz sintáctica (que perfazem um total de 187 entradas) constituem uma amostragem de um vocabulário de uma área específica, embora não correspondam necessariamente a termos técnicos ou científicos. Na sua maioria, trata-se de adjetivos associados a *Ndoen*, tais como os estudados por Ranchhod (1990: 264-277). Como refere a autora, geralmente, esses nomes são «aqueles que os falantes não-especialistas do domínio utilizam quando pretendem referir qualquer situação doentia localizada ou não numa parte determinada do organismo» (*idem*: 267).

Contrariamente aos *Adj Nac* e aos *Adj Filo*, os *Adj Doen* podem aceitar ambos os verbos copulativos elementares, *ser* e *estar*¹⁰⁹. Como já se referiu, a selecção do *Vcop ser* ou *estar*, e das respectivas variantes lexicais, depende em boa medida das propriedades semânticas veiculadas pelo adjectivo. De um modo geral, *ser* combina-se preferencialmente com adjectivos relativos a doenças congénitas (*cf.* (31)) ou crónicas (*cf.* (32)).

- (31) Genie não **era autista**, segundo conclui Frith, pois também teve um desenvolvimento mental e afectivo espectacular quando recuperou a liberdade. [CP]
- (32) Há mulheres que só quando estão grávidas é que vêm a saber que **são hipertensas!** [CP]

O verbo *estar*, pelo contrário, é seleccionado por adjectivos que se referem, em muitos casos, a doenças passageiras (*cf.* (33)) ou a manifestações sintomáticas de doenças (*cf.* (34)).

- (33) Outra fonte governamental disse que Suharto, 76 anos, **está engripado**, mas que, além disso, não sofre de mais nada. [CP]
- (34) A criança **estava desidratada** (vestia roupas de Inverno) e apresentava equimoses devido a quedas sucessivas da cama (... [CP]).

¹⁰⁹ Diferentemente do que se observa com os *Adj Hum*, os *Adj Doen* encontram-se proporcionalmente distribuídos, se tivermos em conta esta propriedade distribucional: 36% das entradas formalizadas constroem-se exclusivamente com *ser*; 34% dos *Adj* são auxiliados obrigatoriamente por *estar*; 30% admitem tanto *ser* como *estar*.

Mas nem sempre assim é; por exemplo, o adjectivo *paraplégico* representa uma doença habitualmente não reversível (isto é, não passageira), embora aceite ambos os verbos auxiliares (cf. (35)-(36)).

(35) Ele próprio **era paraplégico** (...) [CP]

(36) Manuel Sousa **está paraplégico** há mais de 20 anos. [Jornal de Leiria¹¹⁰]

Nesta situação, isto é, quando o mesmo adjectivo admite *ser* e *estar*, observa-se que a construção adjectival apresenta, na maior parte dos casos, uma interpretação permansiva, mesmo quando em causa está o *Vcop estar*, como corroboram os exemplos (37)-(40).

(37) Trinta por cento dos portugueses fumam, 20 por cento **são obesos** e quatro em cada dez pesam em excesso [CP]

(38) Correm porque **estão obesos**, assustados ou tensos. [CP]

(39) **Era tuberculoso**, também ele, e finou-se com a idade de Cristo. [CP]

(40) Em 1991, 225 em cada 100 mil angolanos **estavam tuberculosos**. [CP]

Estes exemplos distinguem-se claramente dos apresentados em (41) e (42), onde se registam diferenças de significado apreciáveis, conforme o adjectivo seja auxiliado por *ser* ou por *estar*.

(41) Para o médico, Valentim **é epiléptico**. [CP]

(42) Ana **está epiléptica** [Ranchhod, 1990: 269]

Como observou Ranchhod (1990: 269), nas construções que envolvem certos *Adj Doen* do foro «psicológico» ou «neurológico», como é o caso das construções anteriormente exemplificadas, «a interpretação das expressões [com *estar*] é preferencialmente metafórica».

Quando auxiliado por *estar*, o adjectivo *epiléptico* não exprime, efectivamente, uma doença ou uma manifestação de doença, tendo adquirido um novo significado (*nervoso, irrequieto*), pelo que o mesmo não se encontra associado a esse *Vcop*, na matriz **SEAD**. Trata-se, efectivamente, de formas homógrafas, que, neste caso, deverão ser integradas em matrizes sintácticas distintas, **SEAD** e **SEAHP3**.

¹¹⁰ Exemplo extraído da versão *on-line* do *Jornal de Leiria* (15/10/07): <http://www.jornaldeleiria.pt/index.php?article=1836&visual=1>

Além de *ser* e *estar*, os *Adj Doen* podem estar ligados ao *GN* sujeito através de outros *Vcop*, tais como: *andar*, *ficar*, *encontrar-se*, *sentir-se* e *tornar-se*, verbos que, à exceção do último, correspondem, a extensões aspectuais de *estar* (cf. (43)-(47)).

- (43) **Andará enjoado?** [CP]
- (44) Barth Green, um dos neurocirurgiões que o tratou, afirmou que o piloto só não **ficou paraplégico** por uma questão de milímetros [CP]
- (45) (...) um médico correu a ver alguém que **se encontrava engripado**. [CP]
- (46) «**Senti-me tão tonto** que quase caí durante o primeiro 'set', mas tive sorte, que a chuva veio» [CP]
- (47) Os jovens (...) estão confrontados com o risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis e de **se tornarem toxicod dependentes**. [CP]

No que respeita ao preenchimento léxico-sintático da posição argumental de sujeito, tem-se considerado que os *Adj Doen* (Valetopoulos, 2003: 196-220; Catena, 2006: 242-246), bem como predicadores nominais (*Ndoen*) a que frequentemente estes estão morfologicamente associados (Labelle, 1986; Ranchhod, 1990: 264-277), se constroem estritamente com *Nhum*, não tendo sido referido, pelo menos de forma explícita, a possibilidade de, em certos casos, esse nome poder comutar com um *GN* complexo com a estrutura *Npc de Nhum*, como acontece em (48).

- (48) Porém, quando os **dentes de leite** [das crianças] estão **cariados**, ficam ainda muito mais fracos (...) [Jornal de Domingo¹¹¹]
- = Porém, quando os **dentes de leite** [das crianças] estão com **cáries**, ficam ainda muito mais fracos (...)

No primeiro exemplo, *dente de leite* corresponde a um *nome estritamente apropriado* aos predicadores adjectival e nominal, *cariado* e *cárie*, respectivamente. No entanto, ele apenas pode ser metonimicamente reduzido ou deslocado para a posição de complemento de eco, caso se encontre no âmbito de uma construção com *Npred* (cf. (49)).

- (49) Porém, quando os dentes de leite das crianças estão com cáries (...)

¹¹¹ Exemplo extraído da versão *on-line* do *Jornal de Domingo* (12/10/07): <http://www.jornaldedomingo.com.br/artigos/rosane/?id=1026>

[Red Nap] = Porém, quando as crianças estão com cáries (...)

[Reestr GN] = Porém, quando as crianças estão com cáries nos dentes de leite (...)

Quando o predicador envolvido é de tipo adjectival, nenhuma destas operações sintácticas parece ser possível (*cf.* (50)).

(50) Porém, quando os dentes de leite das crianças estão cariados (...)

[Red Nap] = *Porém, quando as crianças estão cariadas (...)

[Reestr GN] = *Porém, quando as crianças estão cariadas nos dentes de leite (...)

Assim, o adjectivo *cariado*, bem como todos aqueles que exibem um comportamento semelhante (por exemplo, *gangrenado*), não figuram nas nossas listagens, uma vez que a posição sintáctica de sujeito não pode, como vimos, ser preenchida por um *Nhum*.

Pelo contrário, tivemos em consideração nas matrizes os adjectivos cuja posição sintáctica de sujeito pode ser preenchida quer por uma construção com *Nap* quer por um *Nhum*, ainda que este último possa resultar da aplicação de uma transformação sobre um outro *GN* de base, como sucede em (51) e (52).

(51) (...) dançarina tinha um corpo escultural, porém **sua face estava flácida** e com rugas. [Wikipédia¹¹²]

[Reestr GN] = a dançarina tinha um corpo escultural, porém estava flácida e com rugas na face

[Red Nap] ≠ a dançarina tinha um corpo escultural, porém estava flácida e com rugas

(52) (...) **a parte visível do seu rosto estava inchada** e desfigurada. [CP]

[Reestr GN] = [ela] estava inchada e desfigurada (?de + na) parte visível do seu rosto

[Red Nap] ≠ [ela] estava inchada e desfigurada

Em nenhum dos exemplos apresentados se nos afigura apropriado estabelecer uma relação parafrástica entre a construção de base e a eventual construção metonímica correspondente, uma vez que o grau de apropriação que se observa entre o *Npc* e o *Adj Doen* assim não o permite. Com efeito, essa operação sintáctica apenas se revela

¹¹² Exemplo extraído do artigo da Wikipédia consagrado a *Nadine Georgine Payot* (11/10/2007): http://pt.wikipedia.org/wiki/Nadine_Georgine_Payot

possível nos casos em que o *Npc* corresponde a um *nome estritamente apropriado*, como é, por exemplo, o caso de *voz*, em (53).

- (53) O jogo ainda não começou e **as vozes já estão roucas** [CP]
[Red Nap] = O jogo ainda não começou e eles já estão roucos
[Reestr GN] = *O jogo ainda não começou e eles já estamos roucos (de + da + nas) vozes

A operação de reestruturação sintáctica do sujeito, aparentemente possível em (51) e (52), não se aplica, no entanto, em (53). Estes dados não apresentam qualquer novidade em relação ao que já tínhamos anteriormente dito: esta transformação é sobretudo produtiva nos casos em que o *Nap* subjacente ao *GN* sujeito apresenta um grau de apropriação dito *normal* relativamente ao predicador com que aparece relacionado (§ II, 2.3.1.1).

Ora, partindo do pressuposto de que os *Adj Doen* que seleccionam, para a posição sintáctica de sujeito, um *GN* com *Nap* aceitam, na sua maioria¹¹³, um *Nap* com um grau de apropriação ‘normal’, optámos por considerar, nas matrizes que construímos, a referida transformação. Esta propriedade permite distinguir os adjectivos que aceitam, na posição de complemento de eco, um *Npc*.

Não explicitámos, pelo contrário, a possibilidade de existência de uma relação metonímica entre o *GN* complexo com *Nap* e a construção com *Nhum*, uma vez que o eventual estabelecimento desta relação obrigaria à especificação lexical do *Npc* envolvido, tarefa que não foi, como já o referimos, possível realizar no âmbito deste trabalho.

A matriz **SEAD** dá ainda conta da possibilidade de certos *Adj Doen*, em particular os referentes a doenças neurológicas ou psicológicas, poderem ser usados ‘metaforicamente’ (tal como sucede com certos *Adj Filo*) em construções de apreciação marcada, nomeadamente no âmbito de uma construção caracterizadora indefinida, ou em determinadas construções de insulto, nomeadamente, uma exclamativa parcial com a forma (*Seu+Meu*) *Adj!*, como ilustrado nos exemplos (54) e (55), respectivamente.

- (54) Ele é um atrasado mental
(55) (Meu+ Seu) atrasado mental!

¹¹³ Registámos apenas 7 casos em que isso não se parece observar, que dizem respeito, nomeadamente a: *atrofiado*, *dormente*, *entumecido*, *escrofuloso*, *gangrenado*, *gangrenoso* e *rouco*.

2.4 Adj Hum

Os adjectivos que agrupámos sob a designação genérica de *Adj Hum* constituem, como já o dissemos, uma classe semanticamente heterogénea. Discutiremos, nas próximas secções, as dificuldades inerentes ao estabelecimento de critérios formais sistemáticos que permitissem a integração destes adjectivos em subclasses homogéneas, também do ponto de vista semântico.

Assim, na subclassificação dos *Adj Hum*, tivemos em consideração critérios de natureza estritamente formal, os quais se prendem particularmente com:

- (i) a especificação do *Vcop* elementar, *ser* e/ou *estar*;
- (ii) a propriedade de o adjectivo poder, ou não, integrar uma construção caracterizadora indefinida;
- (iii) o preenchimento léxico-sintáctico da posição de sujeito.

O primeiro critério sintáctico mencionado permitiu agrupar os adjectivos em três grandes classes operativas, as quais se distinguem entre si pelo facto de o elemento predicativo (i) se construir obrigatoriamente com *ser*, (ii) admitir exclusivamente *estar*, ou, pelo contrário, (iii) aceitar ambos os auxiliares.

O primeiro grupo de adjectivos inclui unidades lexicais como *inteligente* (cf. (56)), do segundo grupo fazem parte elementos como, por exemplo, *contente* (cf. (57)) e, por fim, predicadores como, por exemplo, *magro* (cf. (58)-(59)) constituem a terceira classe de adjectivos mencionada.

(56) Ela é **inteligente** por natureza. [CP]

(57) O professor está **contente**. [CP]

(58) O artista norte-americano é **magro**, de feições correctas, imparcial e afável. [CP]

(59) Você está mais **magro**. [CP]

O segundo critério formal por nós utilizado no âmbito da tarefa de organização dos adjectivos em classes sintácticas mais homogéneas baseia-se, como referimos, na evidência de que apenas certos adjectivos têm a propriedade de ocorrer no âmbito de uma construção caracterizadora indefinida (cf. (60)-(61)).

(60) Esse gajo é um **prepotente**. [CP]

Esse gajo é (E + um) prepotente

- (61) (...) o padrão é **compreensivo** mas também diz que há limites» [CP]
 (...) o padrão é (E + *um) compreensivo mas também diz que há limites»

Esta distribuição permitiu proceder a uma subclassificação mais fina dos adjectivos que podem ser auxiliados por *ser* (ou por uma das suas extensões aspectuais ou estilísticas), tendo em consideração que apenas esses adjectivos podem integrar a referida construção sintáctica.

Os adjectivos que demonstraram exibir esta propriedade distribucional representam um conjunto relativamente homogéneo também do ponto de vista semântico. Trata-se de adjectivos que têm como particularidade o facto de poderem ser usados em situações discursivas características, nomeadamente em contextos de apreciação, na maioria dos casos negativa, por parte do enunciador. Essa apreciação pode materializar-se através de diferentes fórmulas sintácticas, por exemplo, através do recurso a uma construção cruzada (*cf.* (62)) e a certo tipo de exclamativas parciais, como a que ilustramos em (63), prevista nas matrizes.

- (62) (...) vamos calar os arrogantes dos ingleses de uma vez por todas [JR¹¹⁴]

- (63) (...) toma lá seu arrogante! [JR¹¹⁵]

O último critério formal utilizado na subclassificação sintáctica dos *Adj Hum* diz respeito às restrições impostas pelos mesmos relativamente ao preenchimento léxico-sintáctico da posição de sujeito. Foi possível subagrupá-los em três classes principais: (i) adjectivos que se podem construir tanto com um *GN* estritamente humano, como com uma construção com *Nap* ou ainda com uma completiva-sujeito; (ii) adjectivos que interditam a presença da completiva-sujeito; (iii) adjectivos que se constroem exclusivamente com *Nhum*.

A combinação dos critérios formais que acabámos de apresentar permitiu a identificação de 12 subclasses sintácticas de *Adj Hum*, as quais se encontram representadas no quadro da Figura 5.

¹¹⁴ Exemplo extraído da versão *on-line* do *Jornal Record*:
<http://www.record.pt/noticia.asp?id=712870&idCanal=832>

¹¹⁵ Exemplo extraído da versão *on-line* do *Jornal Record*:
www.record.pt/noticia.asp?id=713124&idCanal=832

Classe	Critérios Formais						Nº Entradas
	N ₀			V _{cop}		CCI	
	Nhum	Nap de Nhum	QueF	ser	estar		
SAHP1	+	+	+	+	-	-	549
SAHP2	+	+	-	+	-	-	367
SAHP3	+	-	-	+	-	-	359
SAHC1	+	+	+	+	-	+	343
SAHC2	+	+	-	+	-	+	217
SAHC3	+	-	-	+	-	+	518
EAHP2	+	-	-	-	+	-	104
EAHP3	+	+	-	-	+	-	266
SEAHP2	+	+	-	+	+	-	139
SEAHP3	+	-	-	+	+	-	124
SEAHC2	+	+	-	+	+	+	54
SEAHC3	+	-	-	+	+	+	67
Total							3107

Figura 5. Critérios de subclassificação sintáctica dos *Adj Hum*

2.4.1 Classes SAH

Os adjetivos das matrizes *SAH* (*Ser_Adj_Hum*) têm em comum o facto de se construírem exclusivamente com o *Vcop* elementar *ser*. Dependendo da natureza do predicador envolvido, os adjetivos desta subclasse sintáctica podem admitir, além de *ser*, certas variantes aspectuais ou estilísticas, por exemplo, *mostrar-se*, *revelar-se* e *tornar-se*, verbos igualmente tidos em consideração nas matrizes.

2.4.1.1. Matriz SAHP1

Os adjetivos compreendidos na matriz *SAHP1* cabem *grosso modo* na definição sintáctico-semântica proposta por Meunier (1999), *Adj de qualidade*, no sentido em que aceitam, para a posição sintáctica de sujeito, um *Nhum* (cf. (64)), uma construção com *Nap* =: *Nabst* (cf. (65)) ou uma construção *QueF*, a qual pode igualmente ocorrer na posição de complemento do adjectivo (cf. (66) e (67), respectivamente).

(64) Fiquei muito bem impressionado, **as médicas** são **amáveis** e não atendem a correr. [CP]

- (65) **As suas palavras** são muito **amáveis** [Coração da Cidade¹¹⁶]
- (66) Foi **amável** da sua parte **apoiar-me**. [A Christie-*vp*¹¹⁷]
- (67) Foi tão **amável em ter-me convidado** e eu acabei por lhe estragar o jantar. Que indelicadeza da minha parte! [João de Mancelos¹¹⁸]

Embora não seja possível estabelecer, para já, eventuais relações de equivalência entre as construções com um *GN humano* e com uma construção *QueF* (pelas razões já anteriormente apontadas), optámos por reunir, nas nossas matrizes, todas estas distribuições dos adjectivos sob a mesma entrada léxico-sintáctica. Este procedimento assenta no pressuposto de que o adjectivo apresenta, em cada uma destas construções, o mesmo significado, exibindo idênticas restrições quanto às restantes propriedades sintácticas tidas em consideração nas matrizes (por exemplo, a propriedade de quantificação e variação em grau)¹¹⁹.

Os *GN* sujeito que envolvem um *Nap*=: *Abst* podem, em geral, ser alvo de um processo de reestruturação sintáctica, o qual consiste na deslocação do *Nap* para a posição de complemento de eco. Essa operação sintáctica encontra-se prevista nas matrizes que concebemos. As matrizes descrevem igualmente a natureza da preposição que introduz o *GN* reestruturado (neste caso, a preposição *em*), bem como o determinante que antecede o *Nap* nesse *GN* (neste caso, *Dposs*).

Importa referir ainda que mais de metade dos adjectivos compreendidos na matriz SAHPI admitem, na posição de complemento, um *GN* com interpretação benefactiva, como ilustrado em (68).

- (68) País quase totalmente católico, **amável para com os seus visitantes**, de brandos costumes, Portugal pára para receber o representante máximo da Igreja Católica. [CP]

¹¹⁶ Exemplo extraído do blogue Coração da Cidade (21/12/06):

<http://coracaodacidade.blogs.sapo.pt/2582.html?.isPopup=true>

¹¹⁷ Exemplo extraído d'*O Natal de Poirot* (vers. Port), de Agatha Christie), divulgado na página (11/10/07): <http://www.scribd.com/doc/12644/Agatha-ChristieO-Natal-de-Poirot>

¹¹⁸ Exemplo extraído do conto *Serena*, de João de Mancelos, divulgado na página (19/09/07): <http://mancelos.googlepages.com/>

¹¹⁹ As características de algumas das construções adjectivais completivas tidas em consideração nas nossas entradas foram minuciosamente estudadas por Casteleiro (1981), embora, na sua descrição, o autor não tenha levado em conta as distribuições alternativas à completiva, nomeadamente os *GN*, com que os *Adj* também se podem construir. Neste trabalho, não aprofundámos a sintaxe das construções *QueF* (pois esse não era o nosso propósito). Para esse efeito, remetemos o leitor para o estudo daquele autor.

2.4.1.2. Matriz SAHP2

A matriz SAHP2 integra os adjectivos que seleccionam para a posição de sujeito uma construção não frásica, isto é, um *GN*, simples ou complexo (mais precisamente, um *Nhum* ou uma construção com *Nap*).

A especificação do *Nap*, designadamente *Npc* ou *Nabst*, subjacente às construções com *GN* complexo poderia, à primeira vista, permitir a distinção entre duas classes sintáctico-semânticas de adjectivos, que poderíamos genericamente designar como adjectivos que veiculam *propriedades ou atributos físicos* (cf. (69)) e adjectivos que veiculam *propriedades do foro psicológico ou comportamental* (cf. (70)).

- (69) Magro e de **rosto moreno**, João Chambel não revela a usual intransigência dos seus camaradas de partido. [CP]
- (70) (...) o então secretário-geral do PS consideraria que «o **comportamento** do Presidente da República não foi **correcto** do ponto de vista democrático e institucional». [CP]

Contudo, essa proposta de subclassificação deixaria de parte um número considerável de outros adjectivos que, emboraoubessem *a priori* nas referidas subclasses semânticas, não poderiam ser tidos em consideração, uma vez que não aceitam, na posição sintáctica de sujeito, uma construção com *Nap*. É, por exemplo, o caso dos adjectivos ilustrados em (71) e (72).

- (71) É um simpático e respeitado avô, meio **calvo**, **barrigudo**, bigodinho grisalho. [CP]
 = ?*A cabeça do avô é meio calva
 = *A barriga do avô é barriguda
- (72) Mandou suspender o programa dos jornalistas **abelhudos** e pô-los com um processo de despedimento às costas. [CP]
 = ?*(O comportamento + A atitude) dos jornalistas é **abelhudo/a**

Estes dados tornam claro que a aceitação ou a interdição, pelo adjectivo, de uma construção com *Nap*, bem como a determinação da natureza lexical desse nome, não permitem delimitar com a extensão e o rigor necessários classes sintáctico-semânticas globalmente homogéneas. Porém, de um ponto de vista meramente descritivo, há todo o interesse em especificar nas matrizes a natureza léxico-sintáctica do *Nap*.

Como temos vindo a referir, os *GN* que incluem *Nap* estão frequentemente sujeitos a um processo de reestruturação sintáctica, observando-se que, em função da

natureza sintáctico-semântica do *Nap* envolvido, a especificação lexical da preposição e eventuais determinantes que introduzem o *GN* reestruturado pode diferir (cf. (73)-(74)).

- (73) (...) era um senhor baixo, de óculos, **magro de rosto**, mas de maneiras muito agradáveis porque sorria sempre, enquanto falava.
- (74) (...) são ignorantes e fazem gala nisso; são **trauliteiros e soezes no seu comportamento e modo de agir** [CP]

Como sucede nos exemplos apresentados, de um modo geral, os *Nabst* são introduzidos pela preposição *em* e o determinante que o especifica corresponde a um *Dposs*. Pelo contrário, a preposição que geralmente introduz os *Npc* é a preposição *de*, observando-se ainda que estes nomes não apresentam de um modo geral determinante. Todas estas restrições foram tidas em consideração na elaboração das matrizes.

Constata-se ainda que os adjectivos que aceitam um *GN* com *Nap* =: *Nabst*, na posição sintáctica de sujeito, podem, eventualmente, seleccionar uma construção com interpretação *benefactiva* =: *para com Nhum* ou *causal* =: *em Vinf*, na posição de complemento de eco (cf. (75) e (76), respectivamente).

- (75) Muito **crítico para com a esquerda**, que acusou de fazer o «jogo da direita», o líder do PSR também não poupou Manuel Monteiro (...) [CP]
- (76) Nesta reflexão sobre o futuro da economia europeia pós-GATT, o professor alemão é **peremptório em afirmar que «os salários vão descer»** (...) [CP]

Nenhuma destas propriedades distribucionais pode, no entanto, ser observada no caso de o *Nap* corresponder a um *Npc*. Com efeito, a existir algum elemento realizado na referida posição sintáctica, ele terá de corresponder ao *Npc*, resultante de um processo de reestruturação sintáctica de *GN*.

2.4.1.3. Matriz SAHP3

A matriz SAHP3 agrupa os adjectivos que seleccionam, para a posição sintáctica de sujeito, um *Nhum*, como é, por exemplo, o caso de *corpulento* e *bem formado*, ilustrados em (77) e (78), respectivamente.

- (77) O jurado mais original tem cerca de 30 anos, é **corpulento**, louro, barbudo e de cabelos compridos. [CP]

(78) Se for **bem formado**, há-de tomar as decisões certas», adiantou Fernando Sequeira. [CP]

Isto quer dizer que a posição sintáctica de sujeito, nestes casos, não pode ser preenchida nem por uma construção com *Nap* nem por uma construção *QueF*, as quais constituem, como vimos, outras distribuições possíveis de muitos *Adj Hum*.

Refira-se ainda que os adjectivos compreendidos nesta matriz interditam, de um modo geral, a presença dos complementos (não essenciais ou facultativos) com interpretação *benefactiva* e/ou *causal*. Em concreto, apenas foram assinalados três casos de adjectivos em que esse comportamento não se observa: *bom*, *cumpridor* e *devoto*. Os exemplos (79)-(81) ilustram situações em que alguns destes adjectivos surgem acompanhados de um complemento benefactivo introduzido pela preposição *para com*.

(79) O Senhor é muito bom para com todos [MundoCatolico¹²⁰]

(80) O especialista considerou ainda que temos "um Estado pouco cumpridor" para com os órgãos da imprensa de inspiração cristã, prestadores de serviço público. [Amigo do Povo¹²¹]

(81) Os membros (...) são devotos para com o papa [NEH¹²²]

A construção infinitiva, com valor causal, embora nos pareça possível nos casos anteriormente mencionados, mostrou-se mais difícil de atestar. Na verdade, apenas encontramos atestações para o adjectivo *bom* (cf. (82)).

(82) (...) Deus foi bom em ter colocado alguém assim em minha vida [Recanto das Letras¹²³]

2.4.1.4. Matrizes SAHC

Os adjectivos compreendidos na matrizes SAHC(1, 2, 3) distinguem-se fundamentalmente dos adjectivos das matrizes sintácticas correspondentes, SAHP(1, 2, 3) pelo facto de terem a propriedade de ocorrer no âmbito de uma construção caracterizadora indefinida. Os adjectivos que apresentam esta propriedade distribucional caracterizam-se por poderem

¹²⁰ Exemplo extraído do site Mundo Católico (11/09/07):

<http://www.mundocatolico.org.br/Evangelho/evante110907.htm>

¹²¹ Exemplo extraído da página *Amigo do Povo* (11/09/07):

<http://www.amigodopovo.com/imprensa229.html>

¹²² Exemplo extraído da página do *Núcleo de Estudantes de História do ISCTE*

<http://neh.no.sapo.pt/documentos/a%20contra%20reforma.htm>

¹²³ Exemplo extraído do site *Recanto das Letras*: <http://recantodasletras.uol.com.br/cartas/645787>

igualmente ocorrer noutras construções sintácticas, por exemplo, no âmbito de uma exclamativa parcial, como a ilustrada em (83).

(83) Bares há muitos, **seus palermas!** [CP]

Trata-se, como já o dissemos, de construções que, do ponto de vista da intenção comunicativa, podem ser encaradas como *insultos*. Numa situação de discurso indirecto, estes adjectivos de *insulto* podem ainda ser encontrados na posição de objecto de verbos como por exemplo *insultar*, exercendo, de acordo com a tradição gramatical, a função de *predicativo do objecto* (cf. (84)).

(84) (...) o cavalheiro insultou-me de «**palerma**» e outros mimos .[CP]

Os adjectivos que integram as construções sintácticas anteriormente ilustradas têm, de um modo geral, uma conotação negativa associada. Assim, a especificação destas propriedades distribucionais permite, entre outros aspectos, distinguir os adjectivos que, integrando uma construção caracterizadora indefinida, possuem uma interpretação claramente negativa ou depreciativa.

Quando se encontram em contexto predicativo ($N_0 V_{cop} Adj$), os adjectivos da matriz SAHC(1,2,3) apresentam um comportamento idêntico ao dos adjectivos da matriz sintáctica correspondente, SAHP(1,2,3). Porém, quando se encontram no âmbito de uma construção caracterizadora indefinida, os mesmos adjectivos seleccionam, para a posição sintáctica de sujeito, um *Nhum*, interditando a presença de uma construção com *Nap* ou de uma construção *QueF*.

Tais constrangimentos não se encontram, contudo, explicitados nas matrizes, uma vez que não se procedeu ao desdobramento das entradas léxico-sintácticas, tendo por base estas propriedades distribucionais. Isso não constitui, na nossa perspectiva, um problema, no sentido em que estas restrições poderão ser adequadamente formalizadas nas gramáticas que explorarão as informações das matrizes do Léxico-Gramática, como demonstraremos em § II, 3.

2.4.2 Classes EAH

Os adjectivos que integram as matrizes EAH são obrigatoriamente auxiliados pelo *Vcop* *estar* ou uma das suas extensões aspectuais, quando se encontram em posição predicativa.

Muitos destes adjectivos encontram-se associados a uma forma verbal, como sucede em (85)¹²⁴.

- (85) Só mais tarde é que chegou ao pé de mim e me disse que **estava endividado**»,
contrapõe D. António Rafael. [CP]
- = Só mais tarde é que chegou ao pé de mim e me disse que **se endividara**»,
contrapõe D. António Rafael

Contudo, nem sempre assim é. Por vezes, os adjectivos apenas se encontram morfológicamente relacionados com um *Npred*, normalmente suportado por *estar com*, como é o caso de *faminto*, ilustrado em (86).

- (86) Mas cinco anos depois o povo **estava faminto** (...) [CP]
- = Mas cinco anos depois o povo **estava com fome**

Registámos ainda casos de adjectivos que não têm um predicador verbal nem nominal morfológicamente associado, como é, por exemplo, o caso de *cabisbaixo* (cf. (87)).

- (87) Muito sério, **cabisbaixo**, nem olhou para trás. [CP]

Como procedemos para as restantes matrizes, sempre que existe um nome ou um verbo morfológicamente associado ao adjectivo, ele foi registado nas entradas adjectivais correspondentes.

Os adjectivos desta classe caracterizam-se ainda por poderem ser auxiliados pelos verbos *andar*, *ficar*, *permanecer* e *sentir-se*, aqui entendidos como variantes aspectuais e/ou estilísticas de *estar*.

A matriz **EAH1** compreende os adjectivos cuja posição sintáctica de sujeito terá de ser obrigatoriamente preenchida por um *Nhum*, como é o caso de *acordado*, em (88).

- (88) Não sabemos se **está acordado** ou a sonhar... [CP]

A matriz **EAH2** integra os adjectivos que aceitam, para a mesma posição sintáctica, uma construção com *Nap*. De uma maneira geral, nestas construções, o *Nap* corresponde a um *Npc* (cf. (89)).

¹²⁴ Note-se que estes verbos, na sua maioria intransitivos, não têm uma passiva perifrástica associada, pelo que dificilmente o *Adj* poderia ser visto como resultante de um processo de apassivação.

- (89) Segundo Mário José, (...) o **corpo** não estava ainda muito **desfigurado**, à excepção das marcas de facadas que ostentava. [CP]

Como já tínhamos demonstrado, as construções com *Nap* estão sujeitas a um processo de reestruturação sintáctica, que envolve a deslocação do *Npc* para a posição de complemento de eco. Essa operação sintáctica revelou-se possível em cerca de 67% das entradas analisadas. A preposição *que*, nestas construções, introduz preferencialmente o *Nap* na posição de complemento de eco é a preposição *em* (cerca de 80% dos casos).

2.4.3 Classes *SEAH*

Os adjectivos reunidos nas matrizes **SEAH** distinguem-se dos adjectivos das subclasses sintácticas anteriormente referidas pelo facto de se poderem construir com ambos os *Vcop* elementares. Quando se encontram auxiliados por *ser*, exibem um comportamento sintáctico idêntico ao dos adjectivos compreendidos nas classes **SAH**; quando surgem auxiliados por *estar*, eles comportam-se como os adjectivos descritos nas classes **EAH**. Refira-se, no entanto, que as distribuições *PI* e *CI* não se revelaram possíveis em relação aos adjectivos desta classe, aproximando-os, neste aspecto, dos predicadores estritamente auxiliados por *estar*.

3 UTILIZAÇÃO DAS MATRIZES EM PLN

Como já o dissemos, as informações das matrizes podem ser utilizadas em diferentes aplicações de processamento de texto, através de um mecanismo de grafos parametrizados, os quais definiremos mais adiante. Antes, procuraremos fazer uma apresentação sucinta e simplificada da representação dos grafos utilizados no sistema *Unitex* (Paumier, 2003; 2006) e do modo como os mesmos podem ser aplicados neste sistema de processamento de linguagem natural.

3.1 O sistema Unitex

No *Unitex*, todos os recursos linguísticos são internamente representados por *transdutores de estados finitos*, como é o caso dos dicionários e das gramáticas para análise morfológica ou sintáctica, ou por *autómatos de estados finitos*, como é o caso das gramáticas para reconhecimento e dos próprios textos que ainda não foram objecto de qualquer processamento¹²⁵.

Neste sistema, os transdutores de estados finitos são editáveis em grafos, cuja representação difere, em alguns aspectos, das representações clássicas, designadamente:

- (i) as transições estão representadas nos próprios nós;
- (ii) cada nó (representado numa caixa) é constituído por uma sequência de entrada, ou *input* (que figura no interior dessa caixa), e por uma sequência de saída, ou *output* (que se encontra representada debaixo da caixa);
- (iii) cada grafo contém apenas um estado inicial (seta mais à esquerda) e um estado final ou terminal (duplo círculo);
- (iv) os grafos podem fazer referência a outros grafos, também conhecidos como sub-grafos (os quais se encontram representados nas caixas a sombreado).

Tipicamente, nos grafos sintácticos, as entradas são constituídas por palavras ou pelos atributos linguísticos a que as mesmas se encontram associadas nos dicionários, e as saídas pela informação linguística (categoria gramatical, atributos sintáctico-semânticos, estrutura sintáctica, etc.) que deverá ser produzida após a aplicação dos transdutores aos textos.

¹²⁵ Não é nosso objectivo entrar aqui na discussão sobre os mecanismos de estados finitos, em geral, e a sua aplicação ao processamento de linguagem natural, em particular. Para esse efeito, veja-se, por exemplo, Roche & Schabes (1997) e Jurafsky & Martin (2000; 2007).

Os autómatos de estados finitos são um tipo particular de transdutores, no sentido em que a sua aplicação aos textos não produz qualquer informação linguística, a não ser a informação binária de que a sequência que se encontra representada na entrada foi, ou não, reconhecida.

3.2 Características dos grafos parametrizados

A aplicação das matrizes do léxico-gramática aos textos faz-se, como dissemos, através de um mecanismo de grafos parametrizados. Este mecanismo permite fazer a intersecção das propriedades léxico-sintáticas descritas nas matrizes com as estruturas linguísticas representadas nos grafos.

Os grafos parametrizados recorrem ao uso de *referências*, que fazem apelo às informações linguísticas contidas em cada uma das colunas das matrizes a que se encontram associados. Essas referências são representadas através do carácter @ (arroba), o qual surge imediatamente acompanhado da identificação da coluna da matriz (*A, B, C, etc.*) onde está explicitada a propriedade a que as mesmas fazem referência.

Para cada linha da matriz é automaticamente gerada uma cópia do grafo principal (também conhecido como *metagrafo*), na qual as referências são substituídas de acordo com o conteúdo das células que resultam da intersecção da linha (ou predicado) tratada com as colunas (ou propriedades) correspondentes.

Nas células da matriz que contêm material lexical explícito, a referência do metagrafo é substituída pelo conteúdo da célula. Se a célula da matriz for preenchida pelo sinal «+», a referência que faz apelo a essa célula será substituída por <E>, isto é, o caminho do grafo não é interrompido. Pelo contrário, se a célula contiver o sinal «-», o nó do grafo que contém a referência correspondente será suprimida, bem como todo o caminho que passa por (ou depende de) esse nó.

Os grafos parametrizados podem ser aplicados aos textos em diferentes modos, designadamente, em modo de pesquisa simples (*locate*), em modo de fusão (*merge*) ou ainda em modo de substituição (*replace*), e ser aplicados em diversas operações de análise de texto, desde as mais simples (por exemplo, reconhecimento de um padrão ou estrutura linguística) até às mais complexas (por exemplo, etiquetagem e modificação da linearização de constituintes), como ilustraremos nas próximas secções.

3.3 Exemplos de aplicação dos grafos parametrizados aos textos

Nas secções que se seguem, apresentamos, a título meramente ilustrativo, alguns tipos de processamento que poderão ser efectuados sobre as construções adjectivais que estudámos, tirando partido da subclassificação sintáctica dos adjectivos que propusemos, em geral, e das propriedades léxico-sintácticas dos adjectivos compreendidos em cada uma dessas subclasses, em particular.

3.3.1 Reconhecimento e etiquetagem de predicados adjectivais construídos com *estar*

O metagrafo apresentado na Figura 6 corresponde a um fragmento da gramática que construímos para a identificação e análise de estruturas sintácticas (que correspondem, em geral, a frases elementares), cujo predicador, de tipo adjectival, é auxiliado por uma forma do *Vcop estar* ou por uma das variantes aspectuais e/ou estilísticas que este verbo pode assumir.

Esta gramática é usada em combinação com as informações léxico-sintácticas descritas na matriz **EAH**, a qual compreende os adjectivos (representados na coluna *T*) que se constroem estritamente com o *Vcop* elementar *estar*. Em cada entrada adjectival da matriz encontra-se igualmente especificada a possibilidade de o adjectivo ser auxiliado por outros *Vcop* (nomeadamente, por *andar*, *ficar*, *permanecer*, *viver*, *encontrar-se*, *sentir-se*, *mostrar-se* e *revelar-se*), informações que foram igualmente tidas em consideração na elaboração da gramática, através da menção às colunas da matriz onde essas restrições se encontram formalizadas.

As formas pronominais dos *V encontrar-se*, *sentir-se*, *mostrar-se* e *revelar-se*, que tanto podem aparecer em posição de próclise ou de mesóclise, estão representadas no grafo encaixado *ProClitH*. Podem ainda aparecer junto de outros verbos auxiliares, permitidos nestas construções, os quais se encontram representados no subgrafo *Vaux*¹²⁶

¹²⁶ Trata-se, neste caso, de uma gramática muito simplificada dos verbos auxiliares. Para um estudo mais aprofundado sobre o problema de representação geral dos métodos utilizados para a formalização destas construções, veja-se, por exemplo, Ranchhod (2001).

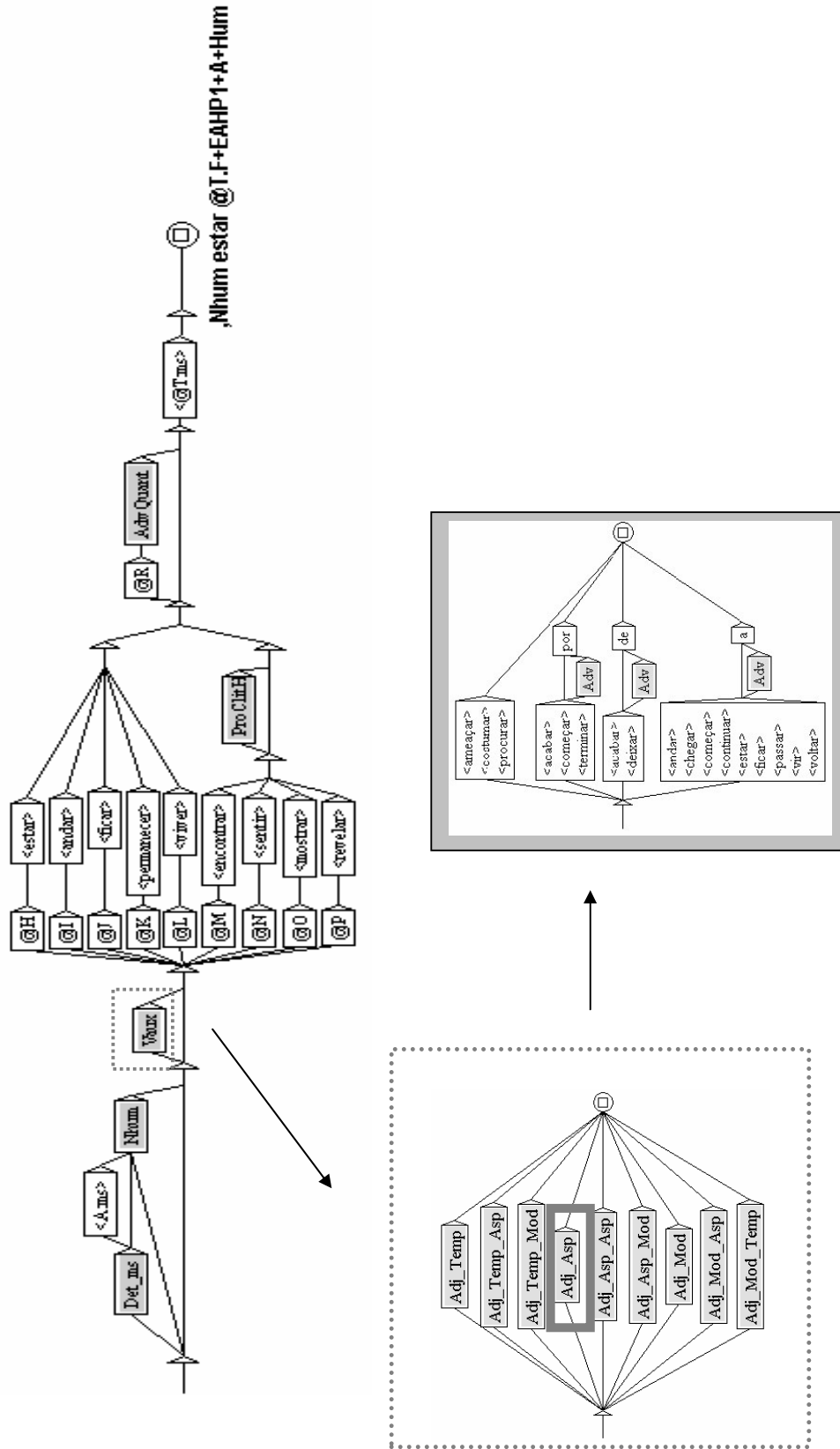


Figura 6. Fragmento da gramática EAH_ms.grf e respectivas chamadas aos subgrafos Vaux (caixa à esquerda) e Adj_Asp (caixa mais à direita)

Os adjectivos representados nesta gramática aceitam frequentemente modificação por um ou mais advérbios quantificadores (por exemplo, *muito*, *extremamente*, *muito pouco*, etc.), representados no subgrafo *AdvQuant*. As restrições a estas propriedades encontram-se formalizadas na coluna *R* da matriz em questão, referenciada no grafo.

No que respeita ao preenchimento da posição sintáctica de sujeito, determinámos que esta teria de ser ocupada por um *GN* humano, descrita na gramática local *Nhum*, a qual se encontra ainda em fase de desenvolvimento. Com efeito, esta gramática, ainda muito incompleta, reconhece fundamentalmente entidades mencionadas (recorrendo sobretudo às características formais destas expressões) e nome (simples ou multpalavra) que estejam dicionarizados com este atributo sintáctico-semântico. Por fim, a gramática *Det_ms* descreve as combinações de determinantes que podem especificar o elemento nuclear desses *GN*.

A Concordância 3, a seguir apresentada, revela uma amostra dos resultados obtidos pela aplicação (em modo *merge*) do fragmento da gramática *EAH-ms.grf* ao *corpus* de trabalho.

- [1] up «desapareceu», [Zamorano andou perdido,Nhum estar perdido.F+EAHP1+A+Hum](#)
- [2] ter em conta que [a empresa está muito desconcentrada,Nhum estar desconcentrado.F+EAHP1+A+Hum](#)
- [3] om mais golos. {S}[A formação de Barcelos está isolada,Nhum estar isolado.F+EAHP1+A+Hum](#)
- [4] costura em 1992, [Per Spook está falido,Nhum estar falido.F+EAHP1+A+Hum](#)
- [5] ncamente melhor» {S}[Federico Fellini está melhor,Nhum estar bom.F+EAHP1+A+Hum](#)
- [6] m Ano do Dragão. {S}[Os deuses deviam estar zangados,Nhum estar zangado.F+EAHP1+A+Hum](#)
- [7] de leite a mais de [um milhão de crianças poderá estar comprometida,Nhum estar comprometido.F+EAHP1+A+Hum](#)
- [8] órcio ocidental. {S}[A Rússia ficou irritada,Nhum estar irritado.F+EAHP1+A+Hum](#)
- [9] ste e Lisboa. {S}Se [Tim Burton ficou deprimido,Nhum estar deprimido.F+EAHP1+A+Hum](#)

- [10] uz falhou um corte, Donizete ficou isolado,Nhum estar isolado.F+EAHP1+A+Hum
- [11] } {S}Aparentemente, Menezes terá ficado isolado,Nhum estar isolado.F+EAHP1+A+Hum
- [12] nha, em Bruxelas {S}Cruz ficou satisfeito,Nhum estar satisfeito.F+EAHP1+A+Hum
- [13] JS. {S}No entanto, este responsável permaneceu incontactável,Nhum estar incontactável.F+EAHP1+A+Hum
- [14] e o 25 de Abril. {S}As personagens não vivem isoladas,Nhum estar isolado.F+EAHP1+A+Hum
- [15] iste. {S}Porquê. {S}Sinto-me muito emocionada,Nhum estar emocionado.F+EAHP1+A+Hum

Concordância 3. Extracto da concordância (alfabeticamente organizada de acordo com o *Vcop* das construções), obtida por aplicação, em modo *merge*, da gramática *EAHP1.grf* ao *corpus*

As construções reconhecidas no texto (que, nas concordâncias, se encontram antes da vírgula) foram associadas àquilo que convencionámos ser a sua forma canónica: *Nhum estar <Adj>*. Os atributos destas construções (expressões separadas pelo sinal «+») são idênticos: *F* (indica que a construção identificada corresponde a uma frase); *EAHP1* (dá a indicação da matriz sintáctica em que as propriedades destes predicados se encontram formalizadas); *A* (define a categoria do predicador envolvido) e, por fim, *Hum* (determina a subclasse sintáctico-semântica desse adjectivo).

Como se vê, as expressões identificadas têm em comum o facto de o adjectivo se construir com o *Vcop estar* [2-7] ou com uma das suas variantes, como é o caso de *andar* [1], *ficar* [8-12], *permanecer* [13], *viver* [14] e *sentir-se* [15]. As concordâncias mostram ainda que os *Vcop* podem surgir sozinhos ou acompanhados de um outro auxiliar, por exemplo, com valor *modal* [6, 7] ou *temporal* [11]. No que diz respeito ao preenchimento lexical da posição sintáctica de sujeito destas construções, observa-se que ela se encontra representada por um *Nhum*, próprio [1, 4, 5, 9, 10, 11, 12] ou comum [7, 13, 14], ou ainda por aquilo que se definiu como *extensão de Nhum* [2, 3, 6, 8]. Em [15], o *Nhum* não se encontra lexicalmente realizado.

O formato da saída gerada pelo grafo é idêntico ao que apresentam as entradas dos dicionários utilizados no sistema *Unitex*:

<forma_flexionada,forma_canónica.POS+Atributos>

Isto significa que esta gramática pode ser aplicada conjuntamente com os recursos lexicais na análise de texto, permitindo, entre outros aspectos, a etiquetagem das construções que descreve, e resolvendo, indirectamente, as potenciais ambiguidades lexicais associadas aos constituintes destas expressões. Depois de etiquetadas, é igualmente possível extrair estas construções dos textos (como se de unidades lexicais se tratasse), por exemplo, através da sua forma canónica ou um dos seus atributos. Em concreto, a expressão:

<Nhum estar isolado>

identificará, no texto, todas as sequências associadas a esta forma de base, como é o caso das construções ilustradas na Concordância 4.

- [1] a demonstrar que [a população de Estarreja não está isolada](#) na sua
- [2] m pontapé longo, [Baltazar ficou isolado](#) e rematou de fora da área
- [3] PSD e PP vorosa. [Mota Amaral e Vieira de Carvalho ficaram isolados](#)
- [4] o são difíceis e [os grandes senhores viviam muito isolados](#), acabav
- [5] onseguir entrar. [Os músicos estão quase isolados](#): «Também quere
- [6] os seus pares e [António Campos acabaria por ficar isolado](#)
- [7] antrópica» pois «[um homem fica isolado](#) depois da traição da mulher

Concordância 4. Extracto da concordância obtida através da localização da forma canónica
<Nhum estar isolado>

Como ilustrado na concordância acima, a expressão regular permitiu reconhecer construções nas quais os adjectivos se encontram auxiliados não apenas pelo *Vcop estar*, mas por qualquer uma das variantes registadas na matriz que este verbo pode assumir. Deste modo, é possível uniformizar o tratamento destas construções sintácticas, contribuindo para um melhor manuseamento dos dados em tarefas de análise e extracção de informação.

3.3.2 Reconhecimento e etiquetagem de *GN* com *Adj Nac*

O grafo representado na Figura 7 corresponde a um fragmento da gramática que descreve *GN* que compreendam *Adj Nac* e cujos constituintes se apresentem na forma do masculino plural.

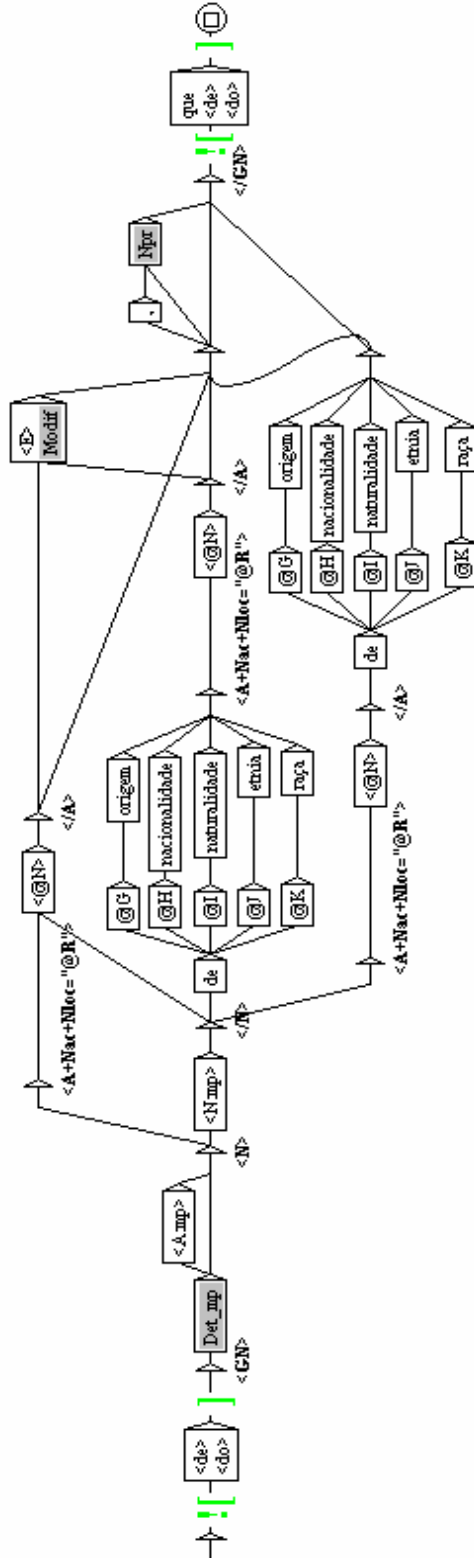


Figura 7. Fragmento da gramática GN_AdjNac_mp.grf

As marcas explícitas de género e número associadas ao núcleo do *GN* e respectivos especificadores (determinantes) e modificadores (adjectivos), no *FST*, garantem a concordância morfológica obrigatória entre todos estes elementos, evitando, deste modo, a aplicação errónea da gramática a sequências do texto que não correspondam à estrutura sintáctica que se pretende reconhecer e analisar. Por essa razão, grafos idênticos foram construídos para as restantes combinações de género e número.

Os elementos contidos entre os parênteses rectos permitem delimitar o contexto, à esquerda e à direita, de aplicação da gramática. Neste caso, esse contexto é definido de forma negativa (símbolo «/»), o que significa que as sequências representadas nos grafos só irão emparelhar com as sequências que, no texto, não sejam precedidas da preposição *de* nem seguidas dessa mesma preposição ou da forma *que* (a qual, como se sabe, tanto poderá corresponder a uma conjunção como a um pronome). Estas restrições contextuais impedem, por exemplo, a aplicação da gramática a *GN* que integrem outras unidades sintácticas maiores, as quais não pretendemos, para já, desmembrar.

Em concreto, este metagrafo, utilizado em combinação com as informações descritas na matriz *SAN*, permite reconhecer e etiquetar *GN* cujo adjectivo (representado na coluna *N* da referida matriz) se encontra a modificar directamente um *Nhum*, ou um dos *Npred* explicitados nas colunas *@G* a *@K* da mesma matriz. As restrições combinatórias que se observam entre o adjectivo e cada um destes nomes encontram-se, como já o dissemos, explicitadas na matriz sintáctica em questão, e são formalizadas no *FST*, após a intersecção do metagrafo com cada uma das entradas dessa matriz.

Nesta gramática, descreve-se ainda a possibilidade de o adjectivo poder isoladamente representar o núcleo do *GN*, no caso de o elemento nominal não se encontrar lexicalmente realizado no texto. Além disso, os *Adj Nac* são frequentemente acompanhados de um nome próprio (representado no subgrafo *Npr*) ou de um modificador adjectival (representado no subgrafo *Modif*), situações que também foram tidas em consideração na elaboração da gramática.

Para ilustração, aplicámo-la, em modo de fusão (*merge*), ao *corpus* de trabalho, tendo obtido resultados como, por exemplo, os que apresentamos na Concordância 5.

- [1] [sista que envolveu <GN> alguns <N> correctores </N>
<A+Nac+Nloc="Japão"> japoneses </GN>](#)
- [2] [{S}Mário Barros {S}<GN> Os <N> docentes universitários </N>
<A+Nac+Nloc="Grã-Bretenha"> britânicos </GN>](#)

- [3] o, constituído por <GN> seis <N> indivíduos </N> de origem <A+Nac+Nloc="África"> africana </GN>
- [4] tribunal turco, de <GN> oito <N> deputados </N> de origem <A+Nac+Nloc="Curdistão"> curda </GN>
- [5] s classificaram-se <GN> dois <N> pilotos </N> <A+Nac+Nloc="Alemanha"> alemães , <N+Npr> Kurt Thiim </N> e <N+Npr> Claus Ludwig </N> </GN>
- [6] o conceder. {S}Mas <GN> dois <N> senadores </N> de origem <A+Nac+Nloc="Irlanda"> irlandesa , <N+Npr> Edward Kennedy </N> e <N+Npr> Patrick Moynihan </N> </GN>
- [7] oridades sérvias e <GN> os <N> líderes independentistas </N> <A+Nac+Nloc="Albânia"> albaneses locais </GN>
- [8] neceram em Lisboa, <GN> os referidos <N> jornalistas </N> <A+Nac+Nloc="Angola"> angolanos </GN>
- [9] . {S}No mesmo ano, <GN> 22,1 por cento dos <A+Nac+Nloc="Braga"> bracarenses </GN>
- [10] elo Branco não. {S}<GN> Os <A+Nac+Nloc="Castelo Branco"> albicastrenses </GN>
- [11] mediam forças com <GN> os <A+Nac+Nloc="Alemanha"> alemães <N+Npr> Patrick Baur </N> e <N+Npr> Patrick Kuehnen </N> </GN>
- [12] exilado Bei Dao e <GN> os <A+Nac+Nloc="França"> franceses <N+Npr> Michel Tournier </N> e <N+Npr> Le Clézio </N> </GN>
- [13] da. {S}Em Londres, <GN> os <A+Nac+Nloc="Irlanda"> irlandeses católicos </GN>
- [14] utores distraídos, <GN> os irrepreensíveis <A+Nac+Nloc="Alemanha"> alemães </GN>
- [15] ma boa receita. {S}<GN> Os <A+Nac+Nloc="Itália"> italianos mais cautelosos </GN>

Concordância 5. Extracto da concordância (organizada de acordo com a estrutura sintáctica dos *GN*), obtida por aplicação, em modo *merge*, da gramática *GN_AdjNac_mp.grf* ao corpus

As informações descritas nas saídas do grafo foram, como se vê, associadas às sequências do texto por ele reconhecidas. Essas sequências correspondem a *GN* cujos constituintes se encontram no masculino plural, os quais, nas concordâncias, aparecem delimitados pela etiqueta *<GN>* e destacados a sublinhado. Aos elementos nominais foi associada a etiqueta de *<N>* ou *<Npr>*, consoante se trate de um nome comum ou de

um nome próprio, respectivamente. Os adjetivos de nacionalidade receberam a informação relativa à sua subclasse sintáctico-semântica $\langle A+Nac \rangle$, bem como a informação do *nome locativo* ($Nloc$) a que os mesmos se encontram morfosintacticamente associados. Isso foi possível através da referência, no metagrafo, à coluna da matriz SAN onde esses nomes se encontram devidamente explicitados.

Nas linhas de concordância ilustradas em [1] e [2], o *Adj Nac* encontra-se a modificar um *Nhum*. Por sua vez, em [2] e [3], o adjetivo exerce a função de *Modif* obrigatório de um *Npred apropriado* =: *origem*, em ambos os casos. Os *GN* representados nas concordâncias exemplificadas em [5] e [6] incluem ainda um outro *GN*, em aposição, o qual especifica os *Npr* previamente referidos na construção. Em [7] e [8], o *GN* contém, além do *Adj Nac*, um outro elemento adjectival, o qual pode, de acordo com a sua natureza sintáctica, ocupar uma posição pós- ou pré-nominal, como mostram os exemplos. As concordâncias apresentadas de [9] a [15] ilustram *GN* idênticos aos anteriormente mencionados, com a diferença de que, nestas construções, o *Adj Nac* desempenha superficialmente a função de núcleo do *GN*, uma vez que este não se encontra lexicalmente explicitado.

3.3.3 Reconhecimento e etiquetagem de construções cruzadas

O grafo da Figura 8 representa um pequeno fragmento de uma gramática que permite identificar e etiquetar um tipo particular de *GN*, a que chamámos construções cruzadas.

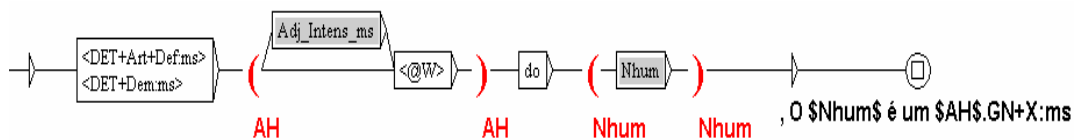


Figura 8. Fragmento da gramática $CX_{ms}.grf$, criada para a identificação e etiquetagem de construções cruzadas

Como já o dissemos, nessas construções, o adjetivo precede o núcleo do *GN*, relacionando-se com ele através da preposição *de*. O elemento adjectival encontra-se representado na caixa do grafo identificada pelos caracteres $\langle @W \rangle$, os quais fazem referência à matriz SAHCl, cujo conteúdo será explorado por esta gramática. Esse adjetivo poderá ser facultativamente antecedido de uma outra forma adjectival, com valor intensivo (como as que, a título ilustrativo, se encontram explicitadas no sub-grafo *Adj_Intens_ms*).

As expressões descritas no fragmento da gramática que apresentamos referem um indivíduo único e determinado, valores que se encontram expressos no grafo, nomeadamente através da especificação do determinante demonstrativo (que pode anteceder o adjectivo) e/ou do artigo definido (o qual pode comutar com o demonstrativo, em posição pré-adjectival); este último deverá ainda estar obrigatoriamente realizado na posição de especificador do *Nhum*¹²⁷.

Em termos de formato propriamente dito, o grafo que estamos a descrever difere dos anteriormente ilustrados, no sentido em que recorre ao uso de variáveis. Trata-se, pois, de um tipo particular de transdutor – *transdutor com memória* –, o qual permite guardar em variáveis internas (representadas pelos parênteses curvos) as sequências desejadas, permitindo a reutilização dessas sequências, nas saídas, para os mais variados fins, por exemplo, para a etiquetagem e eventual reorganização do texto seleccionado em memória.

A Concordância 6, obtida por aplicação da gramática *CX_ms.grf*, em combinação com a matriz SAHC1, ilustra o modo como estas variáveis poderão ser exploradas.

- [1] família de Audrey: o crápula do pai, O pai é um crápula.GN+CX:ms
- [2] continuar a aturar o idiota do Eriksson, O Eriksson é um idiota.GN+CX:ms
- [3] Kremlin para matar o idiota do Gorbatchov, O Gorbatchov é um idiota.GN+CX:ms
- [4] Alatas vai receber o palerma do Tillman, O Tillman é um palerma.GN+X:ms
- [5] , a pirosa da mãe, o trifulha do tio, O tio é um trifulha.GN+CX:ms

Concordância 6. Extracto da concordância (alfabeticamente organizada), obtida por aplicação, em modo *merge*, da gramática *CX_ms.grf* ao *corpus*

As construções cruzadas identificadas no texto foram associadas a uma construção caracterizadora indefinida, a qual, para efeitos meramente práticos de futura utilização da gramática, se convencionou ser a forma canónica. A relação que se observa entre as construções sintácticas mencionadas é, neste caso, possível de estabelecer, uma vez que os adjectivos da matriz a que o metagrafo faz referência têm a

¹²⁷ No grafo, o artigo aparece contraído com a preposição *de*.

propriedade de integrar a construção caracterizadora indefinida (e, por conseguinte, a construção cruzada), apresentando em ambas as formas sintáticas idêntico significado.

Para gerar a saída das concordâncias, recorreremos, pois, ao uso das variáveis $\$Nhum\$$ e $\$AH\$$, as quais possibilitaram a reimpressão do *Nhum e do Adj Hum* (e respectivos intensificadores) na etiqueta, de acordo com as posições sintáticas que os mesmos ocupariam na construção caracterizadora indefinida.

Uma vez mais, a utilização, na saída dos grafos, de um formalismo idêntico ao dos dicionários permite, pois, que ambos os recursos possam ser conjuntamente aplicados na etiquetagem de textos. Desse modo, é possível reutilizar as informações produzidas pelo grafo nos mais variados tipos de processamento, nomeadamente em operações de pesquisa e extracção de informação. Por exemplo, a gramática em questão permite extrair de *corpora* todas as formas sintáticas que tenham em comum com estas expressões pelo menos um dos seus atributos, por exemplo, a informação de *GN* ou de construção cruzada (*X*). O facto de termos associado, à construção cruzada, a construção caracterizadora equivalente, torna igualmente possível a extracção de todas as ocorrências de (*X*) e de (*C*) num dado texto, a partir de uma simples pesquisa através da forma que se convencionou ser a canónica, digamos da forma <O Gorbatchov é um idiota>, representada na Concordância 6.

3.3.4 Reestruturação do *GN* sujeito: permuta e etiquetagem

O fragmento da gramática representado na Figura 9 representa os predicados adjectivais sobre cujo *GN* sujeito operou um processo de reestruturação sintáctica, responsável pela deslocação do *Nap* para a posição de complemento de eco do adjectivo.

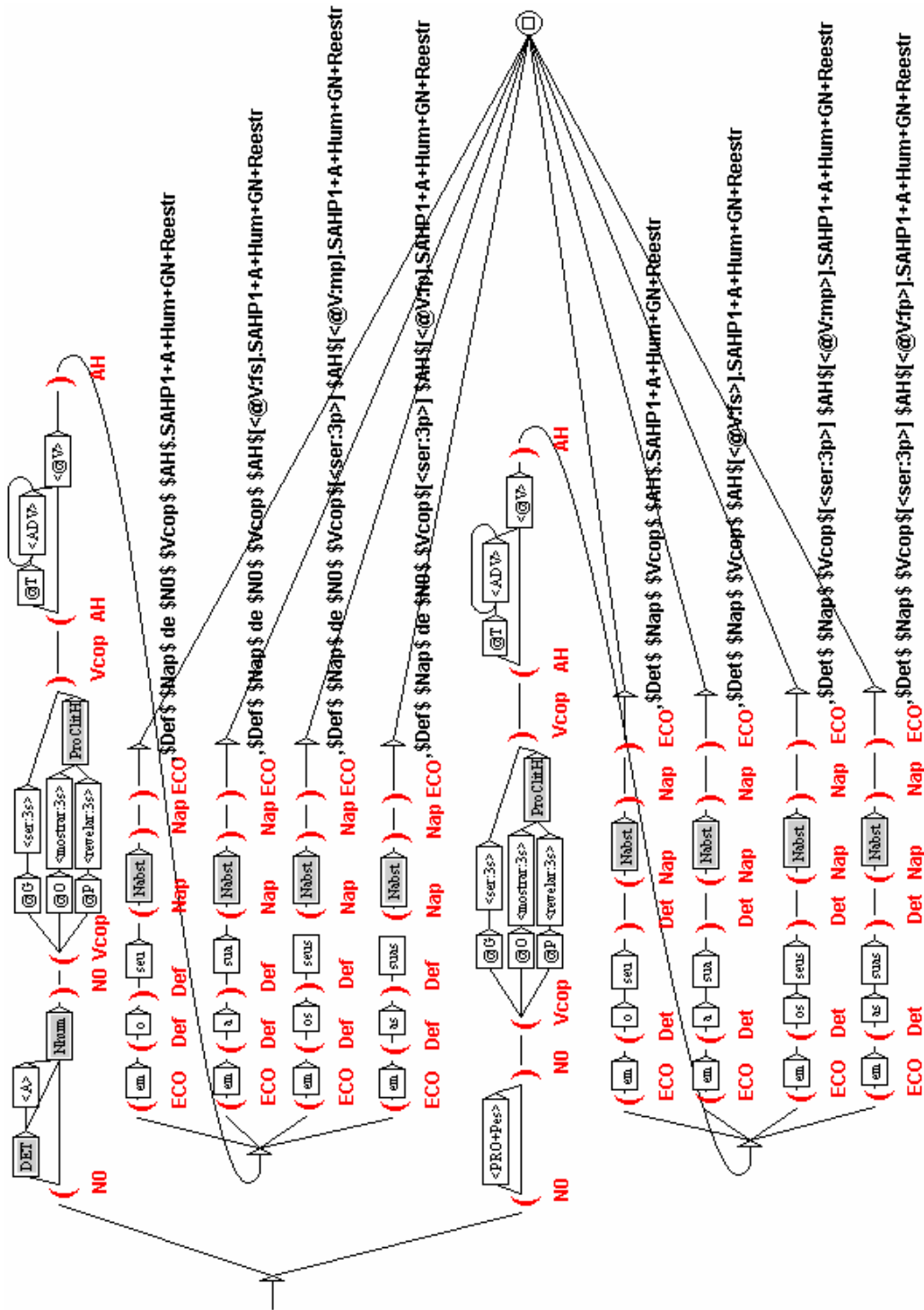


Figura 9. Fragmento da gramática Reestr-GN_ms.grf

Esta gramática deverá, portanto, ser aplicada conjuntamente com a(s) matriz(s) cujos adjectivos admitam, para a posição de sujeito, um *GN* com *Nap*, mais especificamente um *Nap*=: *Nabst*. Neste caso, as variáveis a que o grafo faz referência reportam-se à *matriz SAHP1*, a qual compreende, como já foi anteriormente referido, os adjectivos que parecem colocar menores restrições em relação ao preenchimento léxico-sintáctico da posição *N₀*.

No grafo, o adjectivo é representado através da referência *@V*; as referências *@G*, *@O* e *@P* especificam os verbos copulativos que com ele podem co-ocorrer, respectivamente, *ser*, *mostrar-se* e *revelar-se*. O primeiro *Vcop* é sempre possível (e, nessas circunstâncias, a variável poderia estar omitida no grafo); os restantes dependem da natureza do adjectivo (o que significa que os caminhos em questão só serão produzidos se essa propriedade estiver positivamente assinalada em cada uma das entradas da matriz).

O metagrafo descreve ainda a possibilidade de ocorrência de uma ou mais formas adverbiais imediatamente à esquerda do adjectivo. Optámos, neste caso, por não restringir a natureza do advérbio (ignorando, por exemplo, as informações descritas na matriz acerca da possibilidade de modificação do adjectivo por um *Adv* quantificador), uma vez que os *Adv* que podem surgir no contexto em questão podem pertencer a variadas subclasses sintáctico-semânticas.

A aplicação desta gramática aos textos permitirá, assim, a identificação de construções cuja posição sintáctica de sujeito contenha um *Nhum* (representado no subgrafo com o mesmo nome), eventualmente antecedido de um determinante ou de uma combinação possível de determinantes (representados no subgrafo denominado como *DET*), ou seu representante (como é o caso do pronome pessoal). Serão igualmente reconhecidas as construções sintácticas nas quais o *Nhum* não se encontre (localmente) explicitado. Por sua vez, a posição de complemento (de eco) do adjectivo deverá ser ocupada por um *GN* cujo núcleo corresponda a um dos *Nabst* previstos no subgrafo a que atribuímos a mesma designação. A gramática obriga ainda a que esse *GN* seja introduzido pela preposição *de*, e que o elemento nuclear do mesmo se encontre especificado, no texto, por um determinante possessivo.

Como no exemplo anteriormente ilustrado, o grafo que utilizámos para descrever e analisar as construções sintácticas em questão recorre ao uso de variáveis indexadas, permitindo, neste caso em concreto, a reorganização do texto, de acordo com a sua

estrutura de base original. A Concordância 7 apresenta alguns dos resultados obtidos por aplicação desta gramática, em modo de fusão, ao *corpus* de trabalho.

- [1] e, tem a mesma opinião: </s> <s> «Grant é declaradamente masculino em o seu comportamento, o comportamento de Grant é declaradamente masculino.SAHP1+A+Hum+GN+Reestr
- [2] disse Pimenta Machado. </s> <s> {S}Inaki Ahiza, presidente do clube basco, foi moderado em os seus comentários, os comentários de Inaki Ahiza, presidente do clube basco, foi[ser:3p] moderado[moderado:mp]. SAHP1+A+Hum+GN+Reestr
- [3] Regionais) , então encabeçado por o actual presidente da Câmara de Viana, Branco Morais, foi especialmente contundente nas suas críticas, as críticas do actual presidente da Câmara de Viana, Branco Morais, foi[ser:3p] especialmente contundente[contundente:fp]. SAHP1+A+Hum+GN+Reestr
- [4] pular Diogo Machado que fosse mais objectivo nas suas intervenções,as suas intervenções fosse[ser:3p] mais objectivo[objectivo:fp]. SAHP1+A+Hum+GN+Reestr
- [5] ação de as relações com a Turquia, foram menos reservados em as suas críticas. as suas críticas foram menos reservados[reservado:fp].SAHP1+A+Hum+GN+Reestr

Concordância 7. Extracto da concordância, obtida por aplicação, em modo *merge*, da gramática *Reestr_GN_ms.grf* ao corpus de trabalho

Nas concordâncias [1], [2] e [3], o *Nap* (respectivamente, *comportamento*, *comentários* e *críticas*), que ocupava a posição de complemento de eco no texto, foi deslocado, conjuntamente com a forma do artigo que o precedia, para a posição de sujeito frásico (posição de base), após a aplicação da referida gramática. Isto foi possível graças ao uso das variáveis utilizadas no grafo. Nestes casos, a forma do possessivo não foi recuperada na forma canónica, uma vez que o *Nhum* (a que está ligada por correferência) está presente na posição de sujeito.

Pelo contrário, nas concordâncias ilustradas em [4] e [5] o *Nhum* não se encontra expresso na frase reconhecida pela gramática, uma situação que, em geral, advém da não realização lexical do mesmo no contexto local (situação ilustrada no primeiro caso) ou ainda da presença de incisos entre o *GN* sujeito e o predicador adjectival (situação

ilustrada no último exemplo). Nestes casos, optámos por reimprimir, na forma de base, a combinação de determinantes abrangidos pela variável *DET*.

No que respeita à deslocação do *Nap* para a sua posição sintáctica de base, observa-se que é necessário proceder a determinados ajustes morfológicos, uma vez que este nome pode exibir um paradigma flexional distinto do apresentado pelo *Nhum* que aparece (explícita ou implicitamente) na posição sintáctica de sujeito. Assim, sempre que os traços de género e/ou número do *Nap*, no texto, sejam diferentes dos apresentados pelo *Nhum*, o metagrafo gera, para cada saída, as informações flexionais que o *Vcop* e o adjectivo da construção deverão receber (*pessoa-número*, no caso do verbo, e género e número, no caso do adjectivo), em concordância com o novo sujeito gramatical. Este procedimento, cujo resultado está patente nas concordâncias [2]-[5], poderia ter sido evitado se o sistema permitisse efectuar, de forma automática, a actualização em termos de concordância morfológica dos referidos elementos.

A etiqueta atribuída às construções identificadas pela gramática inclui, como se se pode ver, a identificação da matriz onde os adjectivos das construções analisadas se encontram formalizados (**SAHP1**), a informação de que o predicador da construção é um *A+Hum*, e de que a construção em causa contém um *GN* sobre o qual operou um processo de reestruturação sintáctica (*Reestr*). É possível identificar no texto estas construções, a partir de qualquer um dos atributos mencionados.

CONCLUSÕES GERAIS

O programa de investigação que nos propusemos realizar foi cumprido. Recenseámos, analisámos e classificámos 4.250 adjectivos intransitivos humanos. Determinámos e formalizámos as principais propriedades distribucionais e transformacionais exibidas por estes predicadores. Essas propriedades prendem-se, particularmente, com:

- (i) o preenchimento léxico-sintáctico da posição argumental de sujeito, tendo em consideração a possibilidade de o adjectivo poder seleccionar, além de um *Nhum*, um *GN* complexo com nome apropriado (*Nabst* ou *Npc*) ou, ainda, uma construção *QueF*;
- (ii) as restrições à reestruturação do *GN* sujeito com nome apropriado;
- (iii) a selecção dos *Vcop* elementares, *ser* e *estar*, bem como as variantes aspectuais que cada um destes verbos pode admitir, nomeadamente, *andar*, *ficar*, *permanecer*, *viver*, *encontrar-se*, *mostrar-se*, *revelar-se*, *sentir-se* e *tornar-se*;
- (iv) a modificação por um *Adv Quant* e/ou por um morfema de grau;
- (v) as restrições à posição sintáctica destes elementos em contexto adnominal à direita ou à esquerda;
- (vi) a complementação (facultativa) por uma construção infinitiva =: *em Vinf*, com interpretação *causal* e/ou por um *GN humano*, introduzido pela *Prep* =: *para com*, apresentando, em geral, uma interpretação *benefactiva*.

Além destas propriedades gerais, procurámos igualmente analisar e determinar outras propriedades distribucionais apresentadas por certos adjectivos, algumas das quais têm vindo a ser especificamente atribuídas aos nomes. Estudámos, em particular, os casos em que os adjectivos intransitivos humanos podem ocorrer no âmbito de:

- (i) um grupo nominal, com um valor de referência genérico ou particularizante, no qual o adjectivo desempenha (superficialmente) a função de núcleo;
- (ii) uma *construção caracterizadora indefinida*, i.e., uma construção na qual o adjectivo se encontra, em contexto predicativo, precedido de um artigo indefinido;

- (iii) uma *construção cruzada*, i.e., um *GN* no qual o adjetivo, em posição prénominal, se encontra ligado ao nome através de *Prep =: de*;
- (iv) um tipo específico de *exclamativas parciais*, que designámos como *exclamativas de insulto*, nas quais o adjetivo pode surgir à direita de um *Dposs* como *meu* ou *seu*.

No que diz particularmente respeito às construções mencionadas em (i), observámos que os *Adj humanos* construídos com o *Vcop ser* podem, em geral, representar sozinhos um *GN decepado*, isto é, um grupo nominal cujo elemento nuclear, um nome de natureza humana, não está lexicalmente explícito. Procurámos demonstrar que, quando o *GN* tem um valor de referência genérico, o núcleo dessas construções sintácticas corresponde a um *Nclas* apropriado, passível de ser reduzido/reconstituído. Mostrámos que, nos casos em que o adjetivo se encontra a representar isoladamente um *GN* com um valor de referência particularizante, é igualmente possível proceder à reconstituição do elemento nuclear do *GN*, neste caso, mediante o estabelecimento das relações de referência, correferência e anáfora no texto. Defendemos que a principal função do adjetivo, neste caso, não é a de retomar anaforicamente o termo antecedente, mas a de exprimir um juízo de valor acerca desse termo, o qual se encontra localmente omitido. Nesta situação, o adjetivo tem obrigatoriamente uma leitura explicativa, quer dizer, apenas pode ser derivado a partir de uma relativa explicativa, de natureza apositiva.

Relativamente à construção caracterizadora indefinida, verificámos que os adjetivos que têm a propriedade de poder integrar esta construção sintáctica (cerca de 40% dos adjetivos analisados) estão, na sua maioria (80% dos casos), associados a um valor negativo ou depreciativo. Demonstrámos que os adjetivos, nestas construções, exibem um significado idêntico àquele que exibiriam se se encontrassem numa construção predicativa e preservam a sua natureza predicativa, impondo o mesmo número de argumentos e idênticas restrições quanto ao preenchimento lexical das respectivas posições argumentais. Observámos também que as diferenças de significado entre a construção caracterizadora indefinida e a construção predicativa são praticamente imperceptíveis, verificando-se, talvez, um maior comprometimento afectivo do enunciador, na primeira construção. Ficou, contudo, demonstrado não ser

possível estabelecer uma relação transformacional *directa* entre estas construções sintácticas, o que leva a crer que se trata, efectivamente, de duas distribuições distintas.

Os adjectivos humanos intransitivos podem ser igualmente encontrados noutras estruturas sintácticas, discursivamente marcadas, como é o caso da *construção cruzada* e da *exclamativa de insulto*.

Vimos que, na construção cruzada, a relação de predicação subjacente ao *GN* pode, na maioria dos casos, ser formalizada com recurso a uma frase predicativa com o *Vcop ser*, desde que o adjectivo não apresente um sentido irónico ou metafórico, que só a construção caracterizadora indefinida consegue captar. Discutimos, a este propósito, algumas soluções formais que têm vindo a ser apresentadas na literatura para a análise destes grupos nominais, procurando demonstrar a fragilidade de todas elas no que concerne à hipótese de derivação das construções cruzadas a partir de outras construções sintácticas, designadamente, uma construção caracterizadora indefinida, ou um outro *GN*.

No que respeita às exclamativas parciais de insulto, verificámos que elas são fundamentalmente constituídas por adjectivos que tenham a propriedade de ocorrer numa construção caracterizadora indefinida. Argumentámos em favor da tese de que as referidas construções podem ser adequadamente analisadas no âmbito de uma estrutura sintáctica complexa, que envolve o recurso a um operador metalinguístico apropriado como *chamar*, o qual possui uma função performativa idêntica à de *exclamar*.

Com este nosso trabalho, esperamos, pois, ter contribuído para a construção do Léxico-Gramática dos adjectivos, em português, encetado por Casteleiro (1981) e, mais especificamente, para um melhor conhecimento da sintaxe e semântica dos adjectivos intransitivos humanos, por um lado, e das respectivas construções que os mesmos podem integrar, pelo outro.

Acreditamos que a investigação que conduzimos contribuirá igualmente para uma melhor compreensão do fenómeno da ambiguidade, em geral, e permitirá distinguir, com base em critérios de análise sólidos e sistemáticos, os casos de verdadeira homografia dos restantes, sobretudo a que afecta adjectivos e nomes. De facto, grande parte das ambiguidades registadas nos dicionários do português, e em particular, as que se observam entre nomes e adjectivos, pode ser drasticamente

reduzida, se, por meio de um mecanismo transformacional bem motivado, puderem ser eliminadas as entradas que se encontram associadas a uma dada classificação apenas para justificar a sua presença em contextos sintáticos tradicionalmente reservados a outras categoriais gramaticais. A extensão deste estudo a outros pares de homógrafos favorecerá, certamente, a criação de recursos lexicais menos ambíguos, mais sistemáticos e, sobretudo, mais precisos.

Esperamos ter igualmente demonstrado a importância e a utilidade dos métodos de análise e formalismos adoptados nas nossas descrições, no âmbito do processamento automático de texto, nomeadamente, no que diz respeito às tarefas de análise sintáctica automática e extracção automática de informação.

Como perspectivas de trabalho futuro, julgamos que seria importante explorar alguns dos aspectos que fomos mencionando ao longo da dissertação, mas cujo estudo aprofundado sairia do âmbito da presente investigação. Destacamos, entre outras linhas de investigação possíveis, as seguintes:

- (i) proceder a uma análise mais fina dos nomes apropriados que se podem construir com cada um dos predicadores analisados;
- (ii) determinar, a partir das descrições já efectuadas, a variação em termos de comportamento sintático dos adjectivos, em função (a) dos diferentes auxiliares com que se pode construir; (b) dos diferentes modificadores temporais e aspectuais intervenientes nas construções adjectivais, (c) e em articulação com os tempos verbais exibidos pelos auxiliares dos adjectivos;
- (iii) explorar de forma sistemática as relações que se estabelecem entre os predicados adjectivais e as construções verbais, nominais e adverbiais morfossintacticamente relacionadas;
- (iv) elaborar gramáticas para análise sintáctica automática, em particular, para identificação e etiquetagem de *GN* com adjectivos, que explorem directamente as informações já descritas nas matrizes, e as que vierem a ser cumulativamente adicionadas no futuro.

BIBLIOGRAFIA

- Aarts, Bas (1998), «Binominal Noun Phrases in English». In *Transactions of the Philological Society* 96: 1, pp. 117-158.
- Abney, Steven (1987), *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*, PhD Thesis, MIT.
- Baptista, Jorge (1994), *Estabelecimento e formalização de classes de nomes compostos*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Baptista, Jorge (2000), *Sintaxe dos Predicados Nominais Construídos com Verbo-Suporte SER DE*, Dissertação de Doutoramento, Universidade do Algarve (publicada em 2005).
- Baptista, Jorge (2001), «The verb revelar (to reveal) and other related verbs with predicative nouns in Portuguese». Comunicação apresentada no *20th International Colloquium Compared Lexicon and Grammars*, London, 9th-12th September (não publicada).
- Baptista, Jorge (2005), *Sintaxe dos predicados nominais com SER DE*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Bartning, Inge (1976), *Remarques sur la syntaxe et la sémantique des pseudo-adjectifs dénominiaux en français*, Stockholm: Institut d'Etudes Romanes, University of Stockholm.
- Blanc, Olivier; M. Constant (2005), «Lexicalization of grammars with parameterized graphs». In *Proceedings of RANLP 2005*, Bulgária: Incoma, pp. 117-121.
- Boons, Jean-Paul; A. Guillet; Ch. Leclère (1976), *La structure des phrases simples en français: constructions intransitives*. Genève: Droz.
- Borillo, André (1988), «Le lexique de l'espace: les noms et les adjectifs de localisation interne», In *Cahiers de Grammaire* 13, Toulouse: UTM, pp. 1-22.
- Brito, A. Maria (2003), «Categorias Sintáticas». In Mateus *et al.* (2003), pp. 323-432.
- Brito, A. Maria; I. Duarte; G. Matos (2003), «Tipologia e distribuição das expressões nominais», In Mateus, *et al.* (2003), pp. 797-867.
- Carvalho, Paula (2001), *Gramáticas de resolução de ambiguidades resultantes da homografia de nomes e adjectivos*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Carvalho, Paula; C. Mota; E. Ranchhod (2002), «Complex Lexical Units and Automata». In Ranchhod, E.; N. Mamede (eds.), *Proceedings of the Third International Conference, PORTAL, Advances in Natural Language Processing, LNAI 2389*, Heidelberg: Springer-Verlag, pp. 229-238.
- Carvalho, Paula; E. Ranchhod (2003), «Analysis and disambiguation of nouns and adjectives in Portuguese by FST». In *Proceedings of the Workshop on Finite State Methods in Natural Language Processing*, EACL'03, Budapest, pp. 105-112.

- Casteleiro, João (1981), *Sintaxe transformacional do adjetivo – regência das construções completivas*, Lisboa: INIC.
- Catena Rodulfo, Àngels (2006). *Contribución a la formalización del adjetivo para la traducción automática español-francés*, Tesis Doctoral, Universitat Autònoma de Barcelona.
- Chacoto, Lucília (2005), *O Verbo Fazer em Construções Nominais Predicativas*, Dissertação de Doutoramento, Universidade do Algarve.
- Constant, Matthieu (2003), «Converting Linguistic Systems of Relational Matrices into Finite State Transducers». In *Proceedings of the Workshop on Finite State Methods in Natural Language Processing*, EACL03, Budapest, pp. 75-82.
- Corbin, Danielle (1991), «Introduction – La formation des mots: structures et interprétations». In *Lexique 10*, Villeneuve d'Ascq: Presses Univeritaires de Lille, pp. 7-30.
- Correia, Margarita (2002), «A conversão em português, com particular incidência na construção de substantivos deadjektivais». In *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 Anos do CLUP*, Vol. 2, Porto: CLUP, pp. 19-29.
- Culioli, Antoine (1974), «A Propos des énoncés exclamationnels». In *Langue Française 22*, Paris: Larousse, pp. 6-15.
- Demonte, Violeta (1999), «El Adjetivo: Clases y Usos. La Posición del Adjetivo en el Sintagma Nominal». In Bosque, I.; V. Demonte (1999), pp. 129-215.
- Dikken, den Marcel (2006), *Relators and Linkers. A Study of Predication, Predicate Inversion, and Copulas*, Linguistic Inquiry Monographs, MIT Press.
- Duarte, Inês (2003), «A família das construções inacusativas». In Mateus *et al.* (2003), pp. 507-548.
- Eleutério, Samuel; E. Ranchhod; H. Freire; J. Baptista (1995), «A System of Electronic Dictionaries of Portuguese». In *Linguisticae Investigationes 19: 2* Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins, pp. 57-82.
- Eleutério, Samuel; E. Ranchhod; C. Mota; P. Carvalho (2003), «Dicionários Electrónicos do Português. Características e Aplicações». In Miyares, L.; Moreno C.; Silva, M. (eds.), *Actas do VIII Simposio Internacional de Comunicación Social*, Centro de Lingüística Aplicada, Santiago de Cuba, pp. 636-642.
- Fairon, Cédric; S. Paumier; P. Watrin (2005), «Can we parse without tagging?». In *Proceedings of the Language & Technology Conference: Human Language Technologies*, Poznan, Poland, pp. 473-477.
- Faria, Isabel Hub (1972), «Sobre a formação das imperativas em português». In *Boletim de Filologia* Tomo XXII, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, pp. 341-359.

- Figueiredo, Olívia (2003). *A Anáfora Nominal em textos de alunos. A língua no discurso*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Fonseca, Joaquim (1977), *Pragmática linguística e ensino do Português*, Coimbra: Almedina.
- Fonseca, Joaquim (1985), «Sintaxe, Semântica e Pragmática das Comparações Emblemáticas e Estruturas Aparentadas», In *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, 2ª série, vol. 2, Porto, pp. 213-250.
- Fonseca, Joaquim (1989), «Aspectos da Sintaxe do Adjectivo em Português», In *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, 2ª Série, vol. 6, Porto, pp. 43-57.
- Garrigues, Mylène (1997), «Une méthode de désambiguïsation locale Nom/Adjectif pour l'analyse automatique de textes». In *La description syntaxique des adjectives pour les traitements informatiques*, *Langages* 126, Paris: Larousse, pp. 60-78.
- Garrigues, Mylène (1998), «La place de l'adjectif en français et sa formalisation dans un dictionnaire électronique». In B. Lamiroy (org.), *Le lexique-grammaire, Travaux de Linguistique* 37, Bruxelles: Duculot, pp. 91-107.
- Giry-Schneider, Jacqueline (1987), *Les prédicats nominaux en français. Les phrases simples à verbe support*. Genève: Droz.
- Giry-Schneider, Jacqueline (1997), «Sur quoi peut porter un adjectif épithète?». In *Langages* 126, Paris: Larousse, pp. 11-38.
- Giry-Schneider, Jacqueline (2005), «Les adjectifs intensifs: syntaxe et sémantique». In G. Gross (ed.), *Les adjectifs non prédicatifs, Cahiers de lexicologie* 86, Paris: Garnier, pp. 163-177.
- Goes, Jan (2005), «Les adjectifs arguments: syntaxe et sémantique». In G. Gross (ed.), *Les adjectifs non prédicatifs, Cahiers de lexicologie* 86, Paris: Garnier, pp. 11-33.
- Gonçalves, Anabela; T. Costa (2002), *(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares. Descrição e Implicações para o Ensino do Português como Língua Materna*. Lisboa: Edições Colibri. Associação de Professores de Português.
- Gross, Gaston (1988), «Degré de figement des noms composés». In *Langages* 90, Paris: Larousse, pp. 57-72.
- Gross, Gaston (1995), «À propos de la notion d'humain». In Labelle, J.; Ch. Leclère (eds.), *Lexiques-Grammaires Comparés en Français, Linguisticae Investigationes Supplementa* 17, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 71-80.
- Gross, Gaston (2005), «Un dictionnaire électronique des adjectifs du français». In G. Gross (ed.), *Les adjectifs non prédicatifs, Cahiers de lexicologie* 86, Paris: Garnier, pp. 35-57.
- Gross, Maurice (1975), *Méthodes en syntaxe*, Paris: Hermann.

- Gross, Maurice (1977), *Grammaire Transformationnelle du Français. Syntaxe du Nom*. Paris: Larousse.
- Gross, Maurice (1981), «Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique». In *Langages* 63, Paris: Larousse, pp. 7-52.
- Gross, Maurice (1984), «Une famille d'adverbes figés: les constructions comparatives en *comme*», *Revue québécoise de Linguistique* 13: 2, pp. 237-269.
- Gross, Maurice (1986), *Grammaire transformationnelle du français: 3 – Syntaxe de l'adverbe*, Paris: ASSTRIL.
- Gross, Maurice (1988a), «Adjectifs composés». In *Grammaire et Histoire de la Grammaire*, Aix-en-Provence: Université de Provence, pp. 211-229.
- Gross, Maurice (1988b), «Methods and Tactics in the Construction of a Lexicon-Grammar». In *Linguistics in the Morning Calm 2, Selected Papers from SICOL 1986*, Seoul: Hanshin Publishing Company, pp. 177-197.
- Gross, Maurice (1996), «Les verbes supports d'adjectifs et le passif». In *Langages* 121, Paris: Larousse.
- Gross, Maurice (1999a), «Sur la définition d'auxiliaire du verbe». In *Langages* 135, Paris: Larousse, pp. 8-21.
- Gross, Maurice (1999b), «Nouvelles applications des graphes d'automates finis à la description linguistique». In C. Fairon (ed.), *Analyse lexicale et syntaxique: le système INTEX, Lingvisticae Investigationes 17 (Volume Spécial)*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 249-262.
- Grossmann, Francis; A. Tutin (2005), «Joie profonde, affreuse tristesse, parfait bonheur. Sur la prédicativité des adjectifs intensifiant certains noms d'émotion». In G. Gross (ed.), *Les adjectifs non prédicatifs, Cahiers de lexicologie* 86, Paris: Garnier, pp. 1-18.
- Guillet, Allain; Ch. Leclère (1981), «Restructuration du groupe nominal». In *Langages* 63, Paris: Larousse, pp. 99-125.
- Harris, Zellig (1955), «Co-occurrence and transformation in linguistic structure». In Harris (1981), pp. 143-210.
- Harris, Zellig (1964), *The Elementary Transformations*, TDAP 54, University of Pennsylvania.
- Harris, Zellig (1968), *Mathematical Structures of Language*, New York: Wiley-Interscience.
- Harris, Zellig (1976), *Notes du Cours de Syntaxe*, Maurice Gross (Trad.), Paris: Édition du Seuil.
- Harris, Zellig (1981), *Papers on Syntax*, Henry Hiz (ed.), Dordrecht: D. Reidel Publishing Company.

- Harris, Zellig (1991), *A theory of Language and Information. A Mathematical Approach*, Oxford: Clarendon Press.
- Inácio, Susana; D. Santos (2006), *Documentação da anotação da parte portuguesa do COMPARA*, Versão 2.0. (15 de Dezembro de 2006), disponível em: , <http://www.linguateca.pt/COMPARA/DocAnotacaoPortCOMPARA.pdf/>.
- Jurafsky, Dan; J. Martin (2000), *Speech and Language Processing: An Introduction to Natural Language Processing, Computational Linguistics and Speech Recognition*, Prentice Hall.
- Jurafsky, Dan; J. Martin (2007), *Speech and Language Processing: An Introduction to Natural Language Processing, Computational Linguistics and Speech Recognition* (em actualização), disponível em: <http://www.cs.colorado.edu/~martin/slp.html>.
- Kerleroux, Françoise (1996), *La coupure invisible. Études de syntaxe et de morphologie*, Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- Kleiber, Georges (1994), *Anaphores et Pronoms*, Luvain-la-Neuve: Duculot.
- Kupferman, Lucien (1991), «Structure événementielle de l'alternance un/Ø devant les noms humains attributs». In *Langages* 102, Paris: Larousse, pp. 52-73.
- Labelle, Jacques (1986), «Grammaire des noms de maladie». In *Syntaxe des Noms, Langue Française*, Paris: Larousse, pp. 108-125.
- Laporte, Éric (1995), «Appropriate nouns with obligatory modifiers». In *Language Research* 31: 2, Seoul National University, pp. 251-289.
- Laporte, Éric (1997a), «Les mots. Un demi-siècle de traitements». In *T.A.L.*, 38: 2, Paris: Association pour le Traitement automatique des langues, pp. 47-68.
- Laporte, Éric (1997b), «Noms appropriés à modifieur obligatoire». In *La description syntaxique des adjectives pour les traitements informatiques*, *Langages* 126, Paris: Larousse, pp. 79-104.
- Laporte, Éric (2001a), «Resolução de ambiguidades». In E. Ranchhod (org.), *Tratamento das Línguas por Computador*, Lisboa: Caminho, pp. 49-89.
- Laporte, Éric (ed.) (2001b), *Description et levée des ambiguïtés*, *Linguisticae Investigationes* 24 (Fascicule Spécial), Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins.
- Laporte, Éric (2004a), «Restructuration and the subject of adjectives». In Laporte, Éric; Ch. Leclère; M. Piot; M. Silberstein (eds.), *Syntax, Lexis and Lexicon-Grammar, Papers in honour of Maurice Gross*, *Linguisticae Investigationes Supplementa* 24, Amsterdam-Philadelphia: Benjamins, pp. 373-388.
- Laporte, Éric (2004b), «Uma descrição sintática e semântica dos adjetivos do francês para aplicações computacionais», In M. Carmelita Dias & V. Quental (eds.), *Processamento Automático do Português*, *PaLavra* 12, Rio de Janeiro: Galo Branco, pp. 91-105.

- Laporte, Éric (2005), «Une classe d'adjectifs de localisation». In G. Gross (ed.), *Les adjectifs non prédicatifs, Cahiers de lexicologie* 86, Paris: Garnier, pp. 145-161.
- Leeman, Danielle (1996), «Attributs du sujet et verbes attributifs». In *Actes du colloque Lexique, syntaxe et analyse automatique des texte, Linx*, 34/35, Centre de Recherches Linguistiques de l'Université Paris X-Nanterre, pp. 187-196.
- Marrafa, Palmira (1985), *A construção transitiva-predicativa em português*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Marrafa, Palmira (1993), *Predicação secundária e predicados complexos em português: análise e modelização*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Mathieu, Yvette (2000), *Verbes de sentiment: De l'analyse linguistique au traitement automatique*, Paris: CNRS Editions.
- Meunier, Annie (1981), *Nominalisations d'adjectifs par verbes supports*, Thèse de troisième cycle, LADL, Université Paris 7.
- Meunier, Annie (1999), «Une construction complexe *N_{ohum} être Adj de V⁰-inf W* caractéristique de certains adjectifs à sujet humain». In *Langages* 133, Paris: Larousse, pp. 12-44.
- Meydan, Métiyé (1995), *Transformations des constructions verbales et adjectivales en français. Elaboration du Lexique-Grammaire des adjectifs déverbaux*, Thèse de Doctorat, Université de Paris 7.
- Meydan, Métiyé (1999), «La restructuration du sujet dans des phrases adjectivales à substantif approprié». In *Langages* 133, Paris: Larousse, pp. 59-80.
- Meyers, Adam, R. Grishman, M. Kosaka (2002), «Formal Mechanisms for Capturing Regularizations». In *Proceedings of Third International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC 2002)*, Las Palmas de Gran Canaria, Spain, pp. 723-730.
- Milner, Jean-Claude (1973), *Arguments linguistiques*, Paris: Mame.
- Milner, Jean-Claude (1978), *De la Syntaxe à l'interprétation*, Paris: Le Seuil.
- Milner, Jean-Claude (1989), *Introduction à une science du langage*, Paris: Le Seuil.
- Mitkov, Ruslan (2003), *The Oxford Handbook of Computational Linguistics*, London: Oxford University Press.
- Mohri, Mehryar (1994) «Combinaisons appropriées des constructions complétives». In *Langages*, Paris: Larousse, pp. 47-63.
- Molinier, Christian ; F. Levrier, (2000), *Grammaire des adverbes, description des formes en –ment*, Genève-Paris: Droz.

- Molinier, Christian (1988) «Un cas de relation métonymique dans une structure prédicative adjectivale». In *Cahiers de Grammaire* 13, Toulouse: Université de Toulouse – Le Mirail, pp. 83-99.
- Monceaux, Anne (1993), *La formation des noms composés de structure Nom Adjectif. Elaboration d'un dictionnaire électronique*, Thèse de Doctorat, Paris, Université Paris 7.
- Monceaux, Anne (1997), «Adjectifs de relation, complémentation et sous-classification». In *La description syntaxique des adjectives pour les traitements informatiques*, *Langages* 126, Paris: Larousse, pp. 39-59.
- Mota, Cristina ; P. Carvalho; E. Ranchhod (2004), «Multiword Lexical Acquisition and Dictionary Formalization». In *Proceedings of the Workshop on Enhancing and Using Electronic Dictionaries*, pp. 73-76, COLING 2004, University of Geneva, Switzerland.
- Nam, Jee-Sun (ed.) (1997), *La description syntaxique des adjectives pour les traitements informatiques*, *Langages* 126, Paris: Larousse.
- Napoli, Donna (1989), *Predication Theory: A Case Study for Indexing Theory*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Noailly, Michèle (1999), *L'adjectif en français*, Paris: Éditions Ophrys.
- Paumier, Sébastien (2003), «A time-efficient token representation for parsers». In *Proceedings of the Workshop on Finite State Methods in Natural Language Processing*, EACL03, Budapest, pp. 83-90.
- Paumier, Sébastien (2006), *Manuel d'Utilisatin Unitex 1.2.*, Université de Marne-la-Vallée, disponível em <http://www-igm.univ-mlv.fr/ManuelUnitex.pdf>.
- Picabia, Lélia (1978), *Les constructions adjectivales en français: systématique transformationnelle*, Genève: Droz.
- Ranchhod, Elisabete (1983), «On the support verbs *ser* and *estar* in Portuguese». In *Linguisticae Investigationes* 7: 2, Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins, pp. 315-353.
- Ranchhod, Elisabete (1985), «A romance construction with constrained coreference». In *Linguisticae Investigationes* 9: 2, Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins, pp. 343-363.
- Ranchhod, Elisabete (1990), *Sintaxe dos Predicados Nominais com Estar*, Lisboa: INIC.
- Ranchhod, Elisabete (1993), «Uma imagem da gramática». In *Revista da Faculdade de Letras* 15, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 109-119.
- Ranchhod, Elisabete (1999) «Ressources linguistiques du portugais implémentées sous INTEX». In C. Fairon (ed.), *Analyse lexicale et syntaxique: le système INTEX*, *Linguisticae Investigationes* 17 (Volume Spécial), Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins, pp. 263-277.

- Ranchhod, Elisabete; C. Mota; J. Baptista (1999), «A Computational Lexicon of Portuguese for Automatic Text Parsing». In *Proceedings of SIGLEX' 99: Standardizing Lexical Resources*, 37th Annual Meeting of the ACL, College Park, Maryland, USA, pp. 74-81.
- Ranchhod, Elisabete (2001a), «O uso de dicionários e de autómatos finitos na representação lexical das línguas naturais». In *Tratamento das Línguas por Computador*, E. Ranchhod (org.), Lisboa: Caminho, pp. 13-47.
- Ranchhod, Elisabete (2001b), *Representação, reconhecimento e etiquetagem de sequências de verbos auxiliares através de transdutores de estados finitos*. Sumário da lição de síntese, elaborado para dar cumprimento ao disposto no Art.º 9 do Decreto-Lei 301/72 de 14 de Agosto. Lisboa: Universidade de Lisboa (policopiado).
- Ranchhod, Elisabete (2003), «O Lugar das Expressões 'Fixas' na Gramática do Português». In Castro, Ivo e I. Duarte (orgs.), *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mira Mateus*, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, pp. 239-254.
- Ranchhod, Elisabete; P. Carvalho (2003), «Unidades Lexicais Complexas. Problemas de Análise e Etiquetagem». In Miyares, L.; Moreno C.; Silva, M. (eds.), *Actas do VIII Simposio Internacional de Comunicación Social*, Vol. 1, Centro de Lingüística Aplicada, Santiago de Cuba, pp. 212-216.
- Ranchhod, Elisabete (2004), «Remarks on the Complementation of Aspectual Verbs». In Laporte, Éric; Ch. Leclère; M. Piot; M. Silberztein (eds.), *Syntaxe, Lexique et Lexique-Grammaire, Volume dédié à Maurice Gross, Linguisticae Investigationes Supplementa 24*, Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Ranchhod, Elisabete; P. Carvalho; C. Mota; A. Barreiro (2004), «Portuguese Large-scale Language Resources for NLP Applications». In *Proceedings of 4th LREC*, LREC 2004, Lisboa, pp. 1755-1758.
- Ranchhod, Elisabete (2005), «Using Corpora to Increase Portuguese MWU Dictionaries. Tagging MWU in a Portuguese Corpus». In *Proceedings from the Corpus Linguistics Conference Series*, Vol. 1, University of Birmingham.
- Ribeiro, Ricardo (2003), *Anotação Morfosintáctica Desambiguada do Português*, Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico.
- Riegel, Martin (1985), *L'adjectif attribut*, Paris: PUF.
- Riegel, Martin (1994), «La catégorie grammaticale de l'attribut». In Riegel, Martin; J-C. Pellat; R. Rioul (eds.), *Grammaire méthodique du français*, Paris: PUF.
- Roche, Emmanuel (1993), *Analyse syntaxique transformationnelle du français par transducteurs et lexique-grammaire*, Thèse de Doctorat, Université Paris 7.
- Roche, Emmanuel; Y.Schabes (1997), *Finite-State Language Processing*, Cambridge, Mass./London: MIT Press.

- Ruwet, Nicolas (1982), *Grammaire des Insultes et Autres Études*, Paris: Le Seuil.
- Salkoff, Morris (1983), «Bees Are Swarming in the Garden: A Systematic Synchronic Study of Productivity». In *Language* 59: 2, Paris: Larousse, pp. 288-346.
- Santos, Ana Maria (1989), *Ser um osso duro de roer: algumas considerações sobre as expressões idiomáticas em SER N MOD*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Santos, Diana (1998) «A relevância da vagueza para a tradução, ilustrada com exemplos de inglês para português». In *TradTerm* 5.1, *Revista do centro interdepartamental de tradução e terminologia*, FFLCH, Universidade de São Paulo, pp. 41-70.
- Santos, Diana; P. Rocha (2001), «Evaluating CETEMPúblico, a free resource for Portuguese», *Proceedings of the 39th Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics*, Toulouse, pp. 442-449.
- Santos, Diana (ed.) (2007), *Avaliação Conjunta. Um Novo Paradigma no Processamento Computacional da Língua Portuguesa*, Lisboa: IST Press.
- Santos, Diana; N. Cardoso (eds.) (2007), *Reconhecimento de entidades mencionadas em português: Documentação e actas do HAREM, a primeira avaliação conjunta na área*, disponível em <http://www.linguateca.pt/LivroHAREM/>.
- Sekine, Satoshi; E. Ranchhod (eds.) (2007), *Named Entities: Recognition, Classification and Use*, Special Issue of *Linguisticae Investigationes* 30:1, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Senellart, Jean (1999), *Outils de reconnaissance d'expressions linguistiques complexes dans de grands corpus*, Thèse de doctorat, Université Paris 7.
- Silberztein, Max (1993), *Dictionnaires électroniques et analyse automatique de textes: le système INTEX*, Paris: Masson.
- Silberztein, Max (1997), «The lexical Analysis of Natural Language». In *Finite-State Language Processing*, E. Roche e Y. Schabes (eds.), Cambridge, Mass./London: MIT Press, pp. 175-203.
- Silberztein, Max (2004), «NooJ: A Cooperative, Object-Oriented Architecture for NLP». In: *INTEX pour la Linguistique et le traitement automatique des langues, Cahiers de la MSH Ledoux*, Presses Universitaires de Franche-Comté.
- Valetopoulos, Freiderikos (2003), *Les adjectifs prédicatifs en grec et en français: de l'analyse syntaxique à l'élaboration des classes sémantiques*, Thèse de Doctorat, Université Paris 13.
- Vendler, Zeno (1968), *Adjectives and Nominalizations*, Paris: Mouton.
- Vivès, Robert (1982), «Une analyse possible de certains compléments prépositionnelles». In *Linguisticae Investigationes* 6-1, Amsterdam: Jonh Benjamins, pp. 227-233.

Zribi, Anne (1972), «Sur un Cas de Construction Pseudo-Prédicative», *Recherches Linguistiques* 1, Paris: Université de Paris-Vincennes.

Gramáticas

Bechara, Evanildo (2001), *Moderna Gramática Portuguesa*, 37ª edição revista e ampliada, Rio de Janeiro: Editora Lucerna.

Bosque, Inacio; V. Demonte (1999), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, 3 vol., Real Academia Española, Colección Nebrija y Bello. Madrid: Espasa.

Cunha, Celso; L. Cintra (1986), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 14ª edição, Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Grevisse, Maurice (1993), *Le bon usage*, 13ª edição, Paris: Duculot.

Mateus, M. Helena; A. Brito; I. Duarte; I. Faria (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª edição, Lisboa: Caminho.

Quirk, Randolph; S. Greenbaum (1995), *A University Grammar of English*, Essex: Longman.

Riegel, Martin; J-C. Pellat; R. Rioul (1994), *Grammaire méthodique du français*, Paris: PUF.

Dicionários

Casteleiro, J. Malaca (coord.) (2001), *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa: Editorial Verbo.

Costa, J. Almeida; A. Sampaio e Melo (coord.) (1999), *Dicionário da Língua Portuguesa*, 8ª ed. revista e actualizada, Porto: Porto Editora.

Fernandes, Francisco (coord.) (1995), *Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjectivos*, 23ª ed., São Paulo: Ed. Globo.

Greimas e Courtés (1979) *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima *et al.*, São Paulo: Cultrix.

Dicionários *on-line*:

Dicionário da Língua Portuguesa On-Line. Texto Editores, Universal:

<http://www.priberam.com/dlpo/dlpo.aspx>

Infopedia, Enciclopédia e Dicionários, Porto Editora:

<http://www.infopedia.pt/>

ANEXO 1

.

MATRIZES LÉXICO-SINTÁCTICAS

ANEXO

MATRIZES LÉXICO-SINTÁCTICAS

As matrizes léxico-sintáticas que apresentamos em seguida constituem a base material deste estudo. Cada matriz corresponde a uma classe léxico-sintática estabelecida segundo os critérios formais descritos no texto. O quadro abaixo recorda essa classificação.

A D J	Matriz	Critérios Formais						Exemplo
		N ₀			V _{cop}		CCI	
		Nhum	Nap de Nhum	QueF	ser	estar		
H u m	SAHP1	+	+	+	+	-	-	O Zé é honesto A atitude do Zé é honesta Que o Zé faça isso é honesto da sua parte
	SAHP2	+	+	-	+	-	-	O Zé é atlético O porte do Zé é atlético
	SAHP3	+	-	-	+	-	-	O Zé é comunicativo
	SAHC1	+	+	+	+	-	+	O Zé é (E + um) arrogante O comportamento do Zé é arrogante Que o Zé se comporte assim é arrogante da sua parte
	SAHC2	+	+	-	+	-	+	O Zé é (E + um) introvertido A maneira de ser do Zé é introvertida
	SAHC3	+	-	-	+	-	+	O Zé é (E + um) azelha
	EAHP2	+	-	-	-	+	-	O Zé está bronzeado O rosto do Zé está bronzeado
	EAHP3	+	+	-	-	+	-	O Zé está zangado
	SEAHP2	+	+	-	+	+	-	O Zé (é + está) cadavérico O rosto do Zé (é + está) cadavérico
	SEAHP3	+	-	-	+	+	-	O Zé é calvo
	SEAHC2	+	+	-	+	+	+	O Zé (é + está) esquelético As pernas do Zé (são + estão) esqueléticas O Zé é um esquelético
	SEAHC3	+	-	-	+	+	+	O Zé (é + está) alucinado O Zé é um alucinado
N a c	SAN	+	-	-	+	-	-	O Zé é português
F i l o	SAF	+	-	-	+	-	+/-	O Zé é socialista O Zé é (E + um) fascista
D o e n	SEAD	+	+/-	-	+/-	+/-	+/-	O Zé é autista O Zé está constipado O Zé (é + está) anorético As pernas do Zé estão inchadas O Zé é (E + um) cleptomaniaco

Os aspectos gerais tidos em consideração na elaboração das matrizes dizem respeito designadamente a:

- (i) preenchimento léxico-sintáctico da posição argumental de sujeito: *nome humano* (*Nhum*), *nome não-humano* (*N-hum*), construção com *Nap* (*Nap de Nhum*), de tipo *abstracto* (*Nabst*) ou designativo de uma *parte do corpo* (*Npc*), e construção completiva (*QueF*);
- (ii) selecção dos verbos copulativos (*Vcop*) elementares, *ser* e *estar*, e respectivas variantes aspectuais e/ou estilísticas: *andar*, *ficar*, *permanecer*, *viver*, *encontrar-se*, *sentir-se*, *mostrar-se*, *revelar-se* e *tornar-se*;
- (iii) inserção facultativa de um *Nclas humano* entre o *Vcop* e o *Adj* (*UM Nclas*);
- (iv) possibilidade de o *Adj* ocorrer, em posição predicativa, precedido de um *Dind*, desde que acompanhado de um *Modif* obrigatório (*UM + Modif*);
- (v) quantificação do *Adj* através de um *Adv Quant* e/ou de um morfema de grau;
- (vi) posição do adjectivo em contexto adnominal, à direita (*N Adj*) ou à esquerda (*Adj N*);
- (vii) reestruturação do *GN* sujeito com *Nap*, bem como a especificação das preposições que introduzem o *GN* resultante desta operação sintáctica;
- (viii) presença dos complementos facultativos com função *causal* (*em Vinf*) ou *benefactiva* (*para com Nhum*);
- (ix) possibilidade de o *Adj* integrar uma construção caracterizadora indefinida (*CCD*);
- (x) possibilidade de o *Adj* formar uma exclamativa de insulto (*((Seu+Meu) Adj!)*);
- (xi) existência de uma construção nominal e/ou verbal associada.

Apresentamos, no final, um índice geral dos adjectivos predicativos compreendidos nas matrizes, com a indicação da respectiva classe léxica-sintáctica.

ANEXO 2

.

ÍNDICE GERAL DOS ADJECTIVOS INTRANSITIVOS HUMANOS

abandalhado	SEAHC2	adulador	SAHC1
abastado	SAHP3	adulterino	SAHP3
abatido	EHP2	adúltero	SAHC3
aberrante	SAHP1	adulto	SAHP1
abissínio	SAN	adventista	SAF
abjecto	SAHP1	aéreo	SEAHC3
abnegado	SAHP2	afamado	SAHP3
abolicionista	SAF	afanado	EHP3
abonado	SEAHP3	afásico	SEAD
abonecado	SEAHP2	afável	SAHP1
abrasileirado	SAHP2	afectivo	SAHP2
abrutalhado	SAHP2	afetuoso	SAHP1
absentista	SAF	afegão	SAN
absolutista	SAF	afidalgado	SAHP2
abstémio	SAHC3	afoito	SAHP1
abstencionista	SAF	afortunado	SAHC3
abstinente	SAHC3	afrancesado	SAHP2
abstraccionista	SAF	africano	SAN
abstruso	SAHP1	áfrico	SAN
aburguesado	SAHP2	afro	SAN
abúlico	SEAD	agarotado	SAHP2
acabado	EHP2	agarrado	SAHC3
acabrunhado	EHP3	agasalhado	EHP2
acaciano	SAF	ágil	SAHP3
acadiano	SAN	agnóstico	SAF
acalorado	EHP3	agoniado	SEAD
acamado	EHP3	agonizante	EHP3
acanhado	SEAHC2	agoureiro	SAHC3
acelerado	SEAHP3	agourento	SAHC1
acerado	SAHP2	agradável	SAHP1
acerbo	SAHP1	agressivo	SAHP1
acessível	SAHP2	aguerrido	SAHP2
achinesado	SAHP2	aguiarense	SAN
aciganado	SAHP2	airoso	SEAHP2
acolhedor	SAHP1	ajanutado	SEAHP3
acomodadiço	SAHP3	ajuizado	SAHP1
acomodado	SAHP3	alagoano	SAN
acomodatício	SAHP3	alarmista	SAHC1
aconchegado	EHP3	alarve	SAHC3
acordado	EHP3	albanês	SAN
açoriano	SAN	albano	SAN
acriançado	SAHP2	albicastrense	SAN
acrítico	SAHP2	albigense	SAF
activo	SAHP3	albino	SEAD
actualista	SAF	alcacerense	SAN
aculturado	SEAHP2	alcantarense	SAN
acutilante	SAHP1	alcobacense	SAN
adestrado	SAHP3	alcoólico	SEAD
adiposo	SEAHP2	alcoolizado	EHP3
admoestador	SAHC2	aldealense	SAN
adoentado	EHP3	alegre	SEAHP3
adolescente	SAHP3	alegrete	EHP3
adormecido	EHP3	alegrote	EHP3
		aleijado	SEAHP2

aleivoso	SAHP2	americanóforo	SAHC3
alemão	SAN	amigo da onça	SAHC3
alenquerense	SAN	amigo da pinga	SAHP3
alentado	SAHP2	amigo dos copos	SAHP3
alentador	SAHC1	amistoso	SAHP2
alentejano	SAN	amnésico	SEAD
alexandrino	SAN	amoral	SAHP1
alfabetizado	SAHP3	amorável	SAHP1
alfamista	SAN	amorfo	SEAHP2
algarvio	SAN	amoroso	SAHP1
alhandrense	SAN	amuado	EAHP3
alicantino	SAN	anabaptista	SAF
alienado	SEAD	anafado	SEAHP2
alienado	SAHC3	anamita	SAN
almadense	SAN	anão	SAHP3
almóada	SAF	anarquista	SAF
almodovarense	SAN	ancião	SAHP3
almorávida	SAF	andaluz	SAN
aloirado	SEAHP2	andino	SAN
alourado	SEAHP2	andorrano	SAN
alpino	SAN	andrajoso	EAHP3
alquebrado	EAHP2	anexionista	SAF
alsaciano	SAN	angelical	SAHP2
altaneiro	SAHP2	angélico	SAHP2
alterense	SAN	angelita	SAF
altivo	SAHP2	anglicano	SAF
alto	SEAHP2	anglófilo	SAHC3
altruísta	SAHC1	anglófobo	SAHC3
aluado	SEAHP3	angolano	SAN
alucinado	SEAD	angolar ₁	SAN
alucinado	SEAHC3	angolar ₂	SAN
alumiado	SAHP2	angolense	SAN
alvissareiro	SAHC3	angrense	SAN
alvorçado	EAHP3	animado	SEAHP3
amadorense	SAN	animista	SAF
amaneirado	SAHP2	animoso	SAHP1
amarantino	SAN	anorético	SEAD
amargo	SAHP1	anormal	SAHC1
amargurado	SEAHP3	anoto	SEAD
amável	SAHP1	antidesportista	SAHC1
amazonense	SAN	antidogmático	SAF
ambicioso	SAHC1	antifascista	SAF
ambidestro	SAHP3	antifederalista	SAF
ambidextro	SAHP3	antigo	SAHP3
ambíguo	SAHP1	antimilitarista	SAF
ambíope	SEAD	antinatural	SAHP1
amblíope	SEAD	antipapista	SAF
ambrosiano	SAF	antipartidário	SAHC3
ameaçador	SAHP2	antipático	SAHC1
ameaçante	SAHP2	antipatriota	SAHC1
amedrontador	SAHC2	antipolítico	SAHC1
americanista	SAHC3	antoniano	SAF
americano	SAN	antonino	SAF
americanófilo	SAHC3	antropófago	SAHP3

apagado	SEAHP2	arrepicante	SAHP1
apaixonante	SAHP2	arrevesado	SAHP2
apalermado	SEAHP3	arrivista	SAHC3
aparelado	SEAHP3	arrogante	SAHC1
aparvalhado	SEAHP3	arrojado	SAHP1
apatetado	SAHP2	arrozeiro	SAHC3
apático	SEAD	arruaceiro	SAHC2
apático	SEAHC2	arrufado	EAHP3
apaziguador	SAHC1	arruinado	EAHP3
aperaltado	EAHP2	arruivado	SEAHP2
apessoado	SAHP3	arteiro	SAHP1
apicado	SAHP2	arteriosclerótico	SEAD
apolíneo	SAHP2	artificial	SAHP1
apologético	SAHP2	artificioso	SAHP1
apoquentador	SAHC1	artrítico	SEAD
aposentado	SEAHP3	ascético	SAF
apresentável	SEAHP2	aselha	SAHC1
apressado	SEAHC3	asiático	SAN
apriorista	SAF	asmático	SEAD
aprontado	EAHP3	asneirento	SAHC3
aproveitador	SAHC1	áspero	SAHP2
aprumado	SEAHP2	asqueroso	SAHP1
apulense	SAN	assariado	SAHP3
apúlio	SAN	assaloiado	SAHP2
aquietador	SAHC1	assanhado	SEAHP3
árabe	SAN	asseado	SEAHP2
aragonês	SAN	assedeador	SAHC2
arcádio	SAN	assertivo	SAHP2
arcuense	SAN	assíduo	SAHP3
ardiloso	SAHP1	assírio	SAN
ardoroso	SAHP2	assidado	SAHP1
arfante	EAHP2	assomadiço	SAHC3
argelino	SAN	assustador	SAHP1
argentino	SAN	asténico	SEAD
arguto	SAHP1	astigmático	SEAD
ariano	SAF	astucioso	SAHP1
ariano	SAN	ásture	SAN
arisco	SAHP2	asturiano	SAN
aristotélico	SAF	astuto	SAHP1
armado	EAHP3	atabalhoado	SAHC2
arménio	SAN	atado	SAHC3
arnaz	SAHP3	atarantado	SEAHP3
arouquense	SAN	atarracado	SAHC2
arouquês	SAN	atencioso	SAHP1
arquejante	EAHP2	ateniense	SAN
arraiano	SAN	atento	SAHP3
arranhado	EAHP2	aterrorizador	SAHC2
arranjado	EAHP3	atilado	SAHP3
arrasador	SAHP2	atinado	SAHP3
arreatado	SAHP2	atiradiço	SAHC3
arreatador	SAHP1	atlético	SAHP2
arreatado	SAHP1	atoleimado	SAHC2
arrelizador	SAHC1	atordoador	SAHC2
arrepinado	SEAD	atormentador	SAHC2

atractivo	SAHP2	baço para espelho	SAHP3
atraente	SAHP2	bacoco	SAHC3
atrasado	SAHC3	baconiano	SAF
atrasado	EAHP3	badalhoco	SEAHC2
atrasado mental	SEAD	bagaceiro	SAHC3
atravessadiço	SAHP3	baiano	SAN
atravessado	SAHP2	bairradino	SAN
atrevido	SAHC1	bairrista	SAHC2
atrevidote	SAHC1	baixo	SAHP1
atroador	SAHP2	baixote	SEAHC3
atrofiado	SEAD	bajulador	SAHC1
atrofiado	SEAHC2	balbuciante	SEAHP2
atrófico	SEAD	baleiar	SAN
atroz	SAHP1	balofo	SEAHC2
audacioso	SAHP1	banana	SAHC3
audaz	SAHP1	bandido	SAHC3
austero	SAHP1	baptista	SAF
australiano	SAN	barateiro	SAHC3
austríaco	SAN	barbado	SEAHP2
autêntico	SAHP1	bárbaro	SAHC1
autista	SEAD	barbeado	EAHP2
autoconfiante	SAHP1	barbilongo	SEAHP3
autodestrutivo	SAHP1	barbudo	SEAHC2
autodidacta	SAHC3	barcelense	SAN
autonomista	SAF	barcelonês	SAN
autónomo	SAHP3	barquense	SAN
autoritário	SAHC1	barranquenho	SAN
autosuficiente	SAHP3	barraqueiro	SAHC2
avantajado	SAHP2	barreirense	SAN
avarento	SAHC1	barrigana	SEAHC3
avaro	SAHC1	barrigudo	SEAHC3
avassalador	SAHC1	barulhento	SEAHP3
avassalante	SAHP1	basco	SAN
aveirense	SAN	baselga	SAHC3
aventureiro	SAHC3	básico	SAHC1
aventuroso	SAHP2	batalhador	SAHC3
averroísta	SAF	batateiro	SAHC3
aviltador	SAHC1	batoteiro	SAHC1
aviltante	SAHP1	bávaro	SAN
avinagrado	EAHP3	bazófiio	SAHC3
avinhado	EAHP3	beato	SAHC3
azambrado	SAHP2	bêbado	SEAHC3
azambujense	SAN	bebedor	SAHC3
azarado	SAHC3	bebido	EAHP3
azarento	SAHC3	beijudo	SEAHC3
azedo	SAHP2	beijoqueiro	SAHC3
azeiteiro	SAHC3	beirão	SAN
azelha	SAHC3	beirense	SAN
azoinante	SAHP1	bejense	SAN
azougado	SAHP3	belenense	SAN
babão	SAHC3	belfo	SAHC3
babilónio	SAN	belga	SAN
baboso	SAHC3	belicista	SAHC2
bacharelado	SAHP3	bélico	SAHP2

belicoso	SAHP2	bisonho	SAHP3
belo	SEAHP2	bissexual	SAHP3
bem ataviado	EAHP3	bizantino	SAN
bem constituído	SEAHP2	bizarro	SAHP1
bem disposto	SEAHC3	blasfemador	SAHC1
bem vestido	EAHP3	blasfemo	SAHC1
bem-amado	SAHP3	boateiro	SAHC3
bem-apegoado	SAHP3	boavisteiro	SAN
bem-aventurado	SAHP3	bobo	SAHC1
bem-colocado	EAHP3	bochechudo	SEAHC2
bem-comportado	SAHP3	boémio	SAN
bem-criado	SAHP3	boémio	SAHC2
bem-educado	SAHP1	bojudo	SEAHP3
bem-encarado	SAHP3	bolachudo	SEAHC2
bem-falante	SAHP3	bolchevique	SAF
bem-formado	SAHP3	bolchevista	SAF
bem-humorado	SEAHP3	bolhoso	SEAD
bem-intencionado	SEAHP3	boliviano	SAN
bem-mandado	SEAHP3	bolonhês	SAN
bem-pago	SEAHP3	bom	SAHP3
bem-parecido	SAHP3	bom	EAHP3
bem-pensante	SAHC3	bombástico	SAHP1
bem-posto	SEAHP3	bom-samaritano	SAHC3
bem-sucedido	SAHP3	bonacheirão	SAHC3
bem-vindo	SAHP3	bonacheiro	SAHC3
beneditino	SAF	bonapartista	SAF
benemérito	SAHC2	bondoso	SAHP1
benevolente	SAHP1	bonito	SAHP1
benévolo	SAHP1	bonito	SEAHP2
benfazejo	SAHP2	borbulhento	SEAD
benfeitor	SAHC2	borbulhoso	SEAD
benfiquista	SAF	bordalense	SAN
benguelense	SAN	bordalês	SAN
benigno	SAHP1	bordelês	SAN
berbere	SAN	borgonhês	SAN
berlinense	SAN	borguinhão	SAN
bernense	SAN	borguista	SAHC3
bernês	SAN	borrachudo	SEAHC2
bestial	SAHP1	borrado	EAHP2
bestial	SEAHP2	borralheiro	SAHP3
bético	SAN	bósnio	SAN
bexigoso	SEAD	bracarense	SAN
bibliómano	SEAD	brácaro	SAN
bielorrusso	SAN	braceiro	SAHP3
bígamo	SAHP3	bragançano	SAN
bilingue	SAHP3	braganção	SAN
bilionário	SAHP3	bragancês	SAN
bimbo	SAHC1	bragantino	SAN
biqueiro	SAHP3	braguês	SAN
birmanês	SAN	brando	SAHP1
birrento	SEAHC3	brasileiro	SAN
bisbilhoteiro	SAHC1	brasiliense	SAN
biscainho	SAN	bravateador	SAHC3
biscaio	SAN	bravo	SAHC1

brejeiro	SAHC1	caledónio	SAN
brejeirote	SAHC1	calejado	EAHP3
bretão	SAN	calhandreiro	SAHC3
brigador	SAHC3	californiano	SAN
brigante	SAHP3	calino	SAHC3
brigantino	SAN	calipígio	SAHP3
brigão	SAHC3	calmo	SEAHP3
briguento	SAHC3	caloroso	SAHP2
brilhante	SAHP1	caloteiro	SAHC3
brincalhão	SAHC3	caluniador	SAHC2
brioso	SAHP1	calvinista	SAF
britânico	SAN	calvo	SEAHP3
broeiro	SAHC3	cambaleante	EAHP2
bronco	SAHC1	cambojano	SAN
bronzeado	EAHP2	caminheiro	SAHC3
brusco	SAHP1	caminhense	SAN
bruto	SAHC1	camoniano	SAF
bucólico	SAHP2	campaniço	SAN
budista	SAF	campónio	SAHC2
bufo	SAHC3	canadense	SAN
búlgaro	SAN	canadiano	SAN
bulhão	SAHC3	canalha	SAHC1
buliçoso	SAHP3	cananeu	SAN
burguês	SAHC3	canavês	SAN
burlador	SAHC3	canceroso	SEAD
burlão	SAHC3	cândido	SAHP2
burlesco	SAHP1	candongueiro	SAHC3
burlista	SAHC3	canhenho	SAHP3
burro	SAHC1	canhestro	SAHP3
cabeludo	SAHC2	canhoto	SAHP3
cabisbaixo	EAHP3	canibal	SAHC3
cabotino	SAHC3	cansado	EAHP3
caboverdiano	SAN	cantábrico	SAN
cabralino	SAF	cantábrio	SAN
caceteiro	SAHC2	cântabro	SAN
cachaceiro	SAHC3	capadócio	SAN
cacilheiro	SAN	capaz	SAHP3
cadastrado	SAHC3	capcioso	SAHP1
cadavérico	SEAHP2	capitoso	SAHP2
cadaveroso	SEAHP2	caprichoso	SAHP1
caduco	SEAHP3	caquético	SEAD
cafeeiro	SAHC3	caracterial	SEAD
cafezeiro	SAHC3	caramulano	SAN
cafre	SAN	carcavelense	SAN
cagarola	SAHC3	cardíaco	SEAD
caguinchas	SAHC3	careca	SEAHP3
calabrês	SAN	careiro	SAHC3
calaceiro	SAHC3	carenciado	SAHP3
calado	SEAHP3	carente	SEAHP3
calcedónio	SAN	caricato	SAHP1
calculista	SAHC1	caricioso	SAHP2
caldaico	SAN	caridoso	SAHP1
caldense	SAN	carinhoso	SAHP1
caldeu	SAN	carioca	SAN

carismático	SAHP3	céptico	SAF
caritativo	SAHP1	cerimonioso	SAHP1
carnal	SAHP2	certo nas contas	SAHP3
carniceiro	SAHC3	cesarista	SAF
carola	SAHC3	chalaceiro	SAHC3
cartaginês	SAN	chalado	SEAHC3
cartaxeiro	SAN	chanfrado	SAHC3
cartaxense	SAN	charlatão	SAHC3
artista	SAF	charmoso	SAHP2
casadeiro	SEAHP3	chato	SAHC1
casado	SEAHP3	chauvinista	SAHC1
casadoiro	SEAHP3	chaviano	SAN
casamenteiro	SAHC3	chazeiro	SAHC3
cascalense	SAN	checo	SAN
caseiro	SAHP3	checoslovaco	SAN
casmurro	SAHC1	cheio	EAHP3
casquilho	SAHC3	cheio de nove horas	SEAHP3
castiço	SAHC1	cheiroso	SEAHP2
castigador	SAHC3	chibante	SAHP3
castrador	SAHC1	chicaneiro	SAHC1
cataléptico	SEAD	chifrudo	SAHC3
catapléctico	SEAD	chileno	SAN
cátaro	SAF	chinês	SAN
catarroso	SEAD	chinfrineiro	SAHP3
catatónico	SEAD	chino	SAN
categorico	SAHP1	chique	SEAHP2
catita	SEAHC2	chistoso	SAHP3
cativante	SAHP2	chocalheiro	SAHC1
católico	SAF	chocarreiro	SAHC1
caturra	SAHC1	chocho	SEAHC3
caucasiano	SAN	choroso	EAHP3
causticante	SAHP1	chupado	EAHP2
cáustico	SAHP1	ciceroniano	SAHP2
cauteloso	SAHP1	cigano	SAN
cauto	SAHP1	cilício	SAN
cavalheiro	SAHC1	cinéfilo	SAHC3
cavaqueador	SAHC3	cingalês	SAN
cavaquista	SAF	cipriota	SAN
cavernícola	SAHC3	circassiano	SAN
cavernoso	SAHP2	circuncidado	SEAHP3
caviloso	SAHP2	circunciso	SEAHP3
cearense	SAN	circunspecto	SAHP2
cego	SEAD	cirenaico	SAN
cego de nascença	SEAD	cireneu	SAN
cegueta	SEAHP3	cisalpino	SAN
célebre	SAHP3	cismático	SEAD
celerado	SAHC3	cismático	SEAHC3
célere	SAHP3	cisterciense	SAF
celoricense	SAN	cita	SAN
censurador	SAHC1	ciumento	SAHC3
centenário	SAHP3	civilista	SAF
centralista	SAF	civilizado	SAHP1
centralizador	SAF	clamoroso	SAHP1
centrista	SAF	clarificador	SAHP1

clarista	SAF	conceituado	SAHP3
clarividente	SAHP1	conceituoso	SAHP1
claudicante	SEAHP2	conceptista	SAF
claustrófico	SEAD	conceptualista	SAF
clemente	SAHP1	conciliador	SAHP2
cleptomaniaco	SEAD	conciliante	SAHP2
cleptómano	SEAD	conciso	SAHP2
clericalista	SAF	concupiscente	SAHP1
cobarde	SAHC1	condescendente	SAHP1
cobiçoso	SAHP1	condoído	EAHP3
cocainómano	SEAD	confiante	SAHP2
cochinchino	SAN	conflituoso	SAHP2
coercivo	SAHP2	conformista	SAF
coerente	SAHP1	conformista	SAHC2
cogitabundo	EAHP3	confuso	SAHP3
cogitativo	EAHP3	confuso	EAHP3
coimbrão	SAN	congestionado	SEAD
coimbreense	SAN	congolês	SAN
coitado	SAHC3	congruente	SAHP1
colaboracionista	SAHC2	conhecido	SAHP3
coletivista	SAF	conimbricense	SAN
colérico	SEAHP2	consciencioso	SAHP1
colombiano	SAN	consciente	SAHP1
colonialista	SAF	consciente	EAHP3
columbino	SAN	conservado	EAHP2
colunável	SAHP3	conservador	SAF
combalido	EAHP3	considerativo	SAHP1
combativo	SAHP2	conspícuo	SAHP1
comedido	SAHP1	conspirador	SAHP2
comedor	SAHC3	conspirativo	SAHP2
comichoso	SAHC1	constante	SAHP2
cómico	SAHC1	constantinopolitano	SAN
comilão	SAHC3	consternado	EAHP3
comodista	SAHC1	constipado	SEAD
comovedor	SAHP1	constrangido	EAHP3
comovente	SAHP1	construtivo	SAHP1
compassivo	SEAHP2	consumista	SAHC2
compenetrado	EAHP3	contactável	EAHP3
competente	SAHP3	contemplador	SAHC2
competitivo	SAHP2	contemplativo	SAHC2
compincha	SAHC3	contemporizador	SAHC2
complacente	SAHP1	contemporizante	SAHP2
complexado	SAHC3	contendedor	SAHC2
complexo	SAHP2	contendente	SAHC2
compostelano	SAN	contente	EAHP3
compreensivo	SAHP1	contestador	SAHC2
comprometido	EAHP3	contestante	SAHC2
comprometido	SEAHP3	contido	SEAHP3
compulsivo	SAHP1	contraído	EAHP2
compungido	EAHP3	contristado	EAHP3
comtiano	SAF	controlador	SAHP1
comunalista	SAF	controverso	SAHP1
comunicativo	SAHP3	contundente	SAHP1
comunista	SAF	convalescente	EAHP3

convencido	SAHC3	cristão	SAF
convencional	SAHP1	criticável	SAHP1
conversadeiro	SAHC3	criticista	SAF
conversador	SEAH3	crítico	SAHP1
converso	SAHC3	crível	SAHP1
convertido	SAHC3	croácio	SAN
convicto	SAHP2	croata	SAN
convincente	SAHP1	cru	SAHP1
convivente	SAHP3	crucificador	SAHC2
convulsionario	SEAD	cruel	SAHP1
cooperativista	SAF	cubano	SAN
copto	SAF	cubista	SAF
copto	SAN	cuidado	EAHP2
coquete	SAHC2	cuidadoso	SAHP1
corado	SEAH2	cultivado	SAHP3
corajoso	SAHC1	culto	SAHP3
corcovado	SEAH2	cumano	SAN
corcunda	SEAH3	cumpridor	SAHP3
cordato	SAHP1	curdo	SAN
cordial	SAHP1	curioso	SAHC3
cordovês	SAN	curtido	SAHC3
coríntio	SAN	curto de vistas	SAHP3
cornudo	SAHC3	curvado	SEAH2
cornuto	SAHC3	curvo	EAHP2
corporativista	SAF	czarista	SAF
corpulento	SEAH3	dácio	SAN
correcto	SAHP1	daco	SAN
corrupto	SAHC1	dadaísta	SAF
corso	SAN	dadivoso	SAHP1
cortês	SAHP1	dado	SAHP3
cortesão	SAHC1	dálmata	SAN
corvino	SAN	daltónico	SEAD
cosmopolita	SAHC3	damanense	SAN
cosmopolítico	SAHP2	damasceno	SAN
covarde	SAHC1	danado	SAHC1
covilhanense	SAN	dardejante	SAHP2
coxo	SAHC3	darwinista	SAF
crapuloso	SAHP2	deambulante	SAHP3
credível	SAHP1	débil	SEAH2
crédulo	SAHC3	debilitado	EAHP2
crente	SAHC3	debochado	SAHP1
crescido	EAHP2	decadente	SAHP2
crescidote	EAHP2	decadentista	SAF
cretense	SAN	decente	SAHP1
cretino	SEAD	decepcionante	SAHP1
cretino	SAHC1	decidido	SAHP3
cretinóide	SAHC1	decoroso	SAHP1
criacionista	SAF	decrépito	SEAH2
criado	EAHP3	dedicado	SAHP3
criativo	SAHP1	deferente	SAHP1
criminoso	SAHC2	defesso	EAHP3
crisólogo	SAHP2	definhado	EAHP2
crisóstomo	SAHP2	deformado	SEAH2
crispado	EAHP2	degenerado	SAHC3

deicida	SAHC3	desatinado	SAHC3
deísta	SAF	desaustinado	SEAHC2
delgado	SAHP2	desavergonhado	SAHC1
delicado	SAHP1	desbocado	SAHC1
delinquente	SAHC2	desbragado	SAHC1
demente	SEAD	descabelado	SEAHC3
democrata	SAF	descadeirado	SAHC3
democrata-cristão	SAF	descalço	EAHP3
democrático	SAHP1	descamisado	SAHC3
demorado	EAHP3	descarado	SAHC1
denegrado	EAHP2	descarnado	EAHP2
dengoso	SAHP2	descasado	SEAHC3
depenado	EAHP3	descascado	EAHP3
depilado	EAHP2	descautelado	SAHP1
deplorável	SAHP1	descerimonioso	SAHP2
depravado	SAHC1	descomedido	SAHP1
depravador	SAHC1	descomplexado	SAHP2
depressivo	SEAD	descomprometido	SEAHP3
deprimente	SAHP1	desconcentrado	EAHP3
deprimido	SEAD	desconfiado	SAHC3
deprimido	EAHP3	desconhecido	SAHP3
derreado	EAHP3	desconsolado	EAHP3
derrotista	SAHC1	descontraído	SEAHP2
desabonado	SEAHC3	descontrolado	SEAHC2
desabrido	SAHC2	descoordenado	SEAHP2
desabrigado	EAHP2	descorado	SEAHP2
desabusado	SAHP2	descoroçoado	SAHC3
desacompanhado	EAHP3	descortês	SAHP1
desadaptado	SAHC2	descrente	SAHC3
desafiador	SAHC1	descuidado	SEAHC2
desafiante	SAHC1	desdenhoso	SAHP1
desafinado	SEAHP2	desdentado	SEAHC2
desafogado	SEAHP3	desditoso	SAHP3
desaforado	SAHC1	deselegante	SAHP1
desafortunado	SAHC3	deselegante	SEAHP2
desagradável	SAHP1	desembaraçado	SAHP3
desagradecido	SAHC3	desempenado	SAHP2
desairoso	SAHP1	desempregado	EAHP3
desajeitado	SAHC2	desencalhado	EAHP3
desalentado	EAHP3	desencaminhado	EAHP3
desalinhado	SEAHP2	desencaminhador	SAHC1
desalmado	SAHC2	desengonçado	SAHC2
desalojado	EAHP3	desengraçado	SAHP2
desamparado	EAHP3	desenrascado	SAHP3
desanimador	SAHC1	desenvencilhado	SAHP3
desapaixonado	SAHC3	desenvolto	SAHP2
desaparafusado	SAHC3	desenvolvido	SEAHP3
desapiedado	SAHP2	desenxabido	SAHP2
desaprovador	SAHC2	desequilibrado	SEAD
desaproveitado	SAHC2	desesperado	EAHP3
desarranjado	EAHP2	desesperançado	EAHP3
desassombrado	SAHP2	desfavorecido	SAHC3
desassossegado	EAHP3	desfigurado	EAHP2
desastrado	SAHC1	desgastado	EAHP2

desgovernado	SAHC3	despudorado	SAHC2
desgraçado	SAHC3	desquitado	SEAHP3
desgracioso	SAHP2	desregrado	SAHC2
desidratado	SEAD	desremediado	SEAHP3
desimpedido	SEAHP3	desrespeitador	SAHC1
desinfeliz	SAHC3	desrespeitoso	SAHP1
desinformado	SEAHP3	dessexuado	SAHP3
desinibido	SAHP2	destemido	SAHC2
desinstruído	SAHP3	destoante	SAHP2
desinteressado	SAHC3	destrambelhado	SAHC2
desinteressante	SAHP2	destravado	SAHC1
deslavado	SAHP2	destro	SAHP3
desleal	SAHP1	destruçado	EAHP3
desleixado	SAHC2	destruidor	SAHC2
deslumbrante	SEAHP2	destrutivo	SAHP1
desmaiado	SEAD	destrutor	SAHC2
desmazelado	SAHC2	desumano	SAHP1
desmemoriado	SEAD	desvairado	SEAHC3
desmiolado	SAHC3	desvalido	SAHC3
desmoralizado	EAHP3	desvariado	SEAHC3
desmoralizador	SAHC1	desvelado	SAHP2
desmotivado	EAHP3	desventurado	SAHC3
desmotivador	SAHC1	desventuroso	SAHP2
desnaturado	SAHC1	determinado	SAHP3
desnaturalizado	SEAHP3	determinista	SAF
desnordeado	SEAHP3	detestável	SAHP1
desnudado	EAHP2	devaneador	SAHC1
desnudo	EAHP2	devasso	SAHC1
desnutrido	SEAD	devotado	SAHP3
desobediente	SAHC1	devoto	SAHP3
desolado	EAHP3	devoto de Baco	SAHC3
desolador	SAHP2	dextrímamo	SAHC3
desolhado	EAHP3	diabético	SEAD
desonesto	SAHC1	diabólico	SAHP1
desonroso	SAHP1	dialogante	SAHP3
desordeiro	SAHC2	diarreico	SEAD
desorganizado	SAHC3	difamador	SAHC1
desorientado	EAHP3	diftérico	SEAD
despachado	SAHP3	digno	SAHP1
despeitado	SAHC1	digressionista	SAHC2
despeitorado	EAHP3	digressivo	SAHC2
despenteado	EAHP2	diletante	SAHC2
desperdiçador	SAHC3	diligente	SAHP1
despido	EAHP3	dinamarquês	SAN
despistado	SEAHC3	dinâmico	SAHP1
despótico	SAHP1	dinamizador	SAHC1
desprendido	SEAHP3	diplomado	SAHP3
despreocupado	SAHP2	diplomático	SAHP1
despretensioso	SAHP1	directo	SAHP2
desprevenido	SEAHP3	direito de contas	SAHP3
desprezível	SAHP1	disciplinado	SAHP3
desprimoroso	SAHP1	disciplinador	SAHC2
despropositado	SAHP1	díscolo	SAHC1
desprotegido	SAHP3	discreto	SAHP1

discriminador	SAHC1	dramático	SAHP1
discursivo	SAHP3	drástico	SAHP1
disfónico	SEAD	drogado	SEAD
disforme	SEAHP2	dromomaníaco	SEAD
disléxico	SEAD	dualista	SAF
disparatado	SAHP1	dúbio	SAHP1
dispéptico	SEAD	dubitativo	SEAHP2
dispersivo	SAHP2	dúplice	SAHP1
displicente	SAHC1	durázio	SAHP3
disponível	EAHP3	duriense	SAN
dissimulado	SAHC1	duro	SAHC1
dissipador	SAHC2	duro da mioleira	SAHP3
dissoluto	SAHP2	duro de ouvido	SAHP3
distante	SAHP3	eborense	SAN
distante	EAHP3	ébrio	EAHP3
distinto	SAHP1	ebúrneo	SAN
distraído	SEAHC3	ecológico	SAHP1
ditoso	SAHP3	económico	SAHP3
diuense	SAN	economizador	SAHC3
divagador	SAHC2	edipiano	SAHP3
divagante	SEAHP3	educado	SAHP1
divertido	SEAHP3	educável	SAHP3
divinal	SEAHP2	efeminado	SAHP2
divino	SEAHP2	efésio	SAN
divorciado	SEAHP3	eficaz	SAHP1
dobradiço	SAHP2	eficiente	SAHP1
doce	SAHP1	efusivo	SEAHP2
dócil	SAHP1	egipciaco	SAN
doente	SEAHP3	egípcio	SAN
doentio	SAHP1	egitaniense	SAN
dogmático	SAHC1	egoísta	SAHC1
dogmatista	SAF	egotista	SAHC1
doido de todo	SEAHP3	egrégio	SAHP3
doido varrido	SEAHC3	elástico	SAHP2
dolorido	EAHP2	elegante	SAHP1
dominador	SAHC2	elegante	SEAHP2
dominicano	SAF	elegível	SAHP3
dominicano	SAN	eleiçoeiro	SAHC1
domínico	SAF	elitista	SAF
domínico	SAN	elogiador	SAHC3
donairoso	SAHP1	elogioso	SAHP1
donatista	SAF	eloquente	SAHP1
donzel	SAHP1	elvense	SAN
dopado	EAHP3	emancipado	SAHP3
dorido	EAHP2	embirante	SEAHC2
dório	SAN	embirrento	SAHC1
dormente	SEAD	embriagado	EAHP3
dormente	EAHP2	embruxado	EAHP3
dorminhoco	SAHC3	embuchado	EAHP3
dotado	SAHP3	embusteiro	SAHC1
douto	SAHC3	emérito	SAHP3
doutorado	SAHP3	emocional	SAHP2
doutrinador	SAHP2	emotivo	SAHC2
draconiano	SAHP1	empáfio	SAHC3

empalidecido	EAFP2	enfezado	SEAHC2
empanturrado	EAFP3	enfrascado	EAFP3
empedernido	SEAHP2	enfunado	EAFP3
empenhado	SAHP3	enfurecido	EAFP3
emperrado	EAFP3	engaiolado	EAFP3
empertigado	SEAHC2	enganador	SAHC1
empirista	SAF	engasgado	EAFP3
empolgado	SAHC2	engenhoso	SAHP3
emporcalhado	EAFP2	engraçado	SAHP1
empreendedor	SAHC2	engravatado	EAFP3
empregado	EAFP3	engripado	SEAD
emproado	SAHC2	enigmático	SAHP1
enamorado	EAFP3	enjoado	SEAD
encalacrado	EAFP3	enlouquecido	EAFP3
encalhado	EAFP3	enlutado	EAFP3
encamado	EAFP3	enófilo	SAHP3
encaminhado	EAFP3	enorme	SEAHP2
encanecido	EAFP2	enraivecido	EAFP3
encantador	SAHP1	enrascado	EAFP3
encapotado	EAFP3	enregelado	EAFP2
encapuçado	EAFP3	enrodilhador	SAHC1
encarapuçado	EAFP3	enroupado	EAFP3
encartado	SAHP3	enrubescido	EAFP2
encasacado	EAFP3	enrugado	EAFP2
encatarrado	SEAD	ensanguentado	EAFP2
encavacado	EAFP3	ensimesmado	EAFP3
enchapelado	EAFP3	ensinado	SEAHP3
encharcado	EAFP2	ensonado	EAFP3
enchouraçado	EAFP3	entaramelado	EAFP3
encolerizado	EAFP3	entediado	EAFP3
encorajador	SAHP1	entediante	SAHP1
encorpado	SAHP3	enternecedor	SAHP1
encovado	SEAHP2	entontecido	SEAD
encurrulado	EAFP3	entontecido	EAFP3
encurvado	EAFP2	entorpecido	EAFP3
endiabrado	SEAHC2	entradote	SEAHP3
endinheirado	SEAHP3	entrevado	SEAD
endividado	EAFP3	entristecido	EAFP3
enérgico	SEAHP3	entroncado	SEAHP3
enervado	EAFP3	entubado	EAFP3
enervante	SAHP1	entumecido	SEAD
enfadado	EAFP3	entusiasmante	SAHP1
enfadonho	SAHP2	entusiasta	SAHC2
enfardador	SAHC3	entusiástico	SAHP1
enfarpelado	EAFP3	envelhecido	EAFP2
enfarruscado	EAFP2	envenenador	SAHC1
enfartado	EAFP3	envergonhado	SEAHC3
enfastiado	EAFP3	envinagrado	EAFP3
enfastiante	SAHP1	enxofrado	EAFP3
enfático	SAHP2	enxuto	SEAHP2
enfatuado	SAHP2	eólico	SAN
enfeitado	EAFP3	eólio	SAN
enfermiço	SEAHP3	epicurista	SAF
enfermo	EAFP3	epigramático	SAHP1

epiléptico	SEAD	esgalgado	SAHP2
epilético	SEAHC3	esganado	EAHP3
epirota	SAN	esganiçado	SAHP2
equânime	SAHP1	esgazeado	SEAHC2
equatoriano	SAN	esgotado	EAHP3
equilibrado	SAHP1	esgrouviado	SAHC2
equipado	EAHP3	esguedelhado	EAHP2
equitativo	SAHP1	esguio	SAHP2
equivocado	EAHP3	eslovaco	SAN
erotomaniaco	SEAD	eslovénio	SAN
errante	SAHC2	esloveno	SAN
errático	SAHP3	esmerado	SAHP3
erudito	SAHC1	esmorecido	EAHP3
esbaforido	EAHP3	espadaúdo	SAHP3
esbanjador	SAHC3	espalhafatoso	SEAHC2
esbelto	SAHP2	espampanante	SAHP2
esborratado	EAHP2	espanhol	SAN
escabelado	EAHP3	espantoso	SAHP1
escabroso	SAHP1	espartano	SAN
escalabitano	SAN	espartano	SAHC2
escaldado	EAHP3	espaventoso	SEAHP2
escaldado	SEAHP3	especial	SAHP3
escandaloso	SAHP1	especioso	SAHP2
escandinavo	SAN	espectacular	SAHP1
escanhoado	EAHP2	esperto	SAHC1
escanifrado	SEAHP2	espevitado	SAHC2
escanzelado	SEAHC2	espigadote	SEAHP3
escapadiço	SEAHP3	espinhense	SAN
escapo	EAHP3	espiritista	SAF
escarnecedor	SAHC2	espiritualista	SAF
escarninho	SAHP1	espiritoso	SAHP1
escavacado	EAHP2	espontâneo	SAHP1
escaveirado	EAHP2	esposendense	SAN
esclarecido	SAHP3	espúrio	SAHC2
esclavo	SAN	esquálido	SAHP2
esclerosado	SEAD	esquelético	SEAHC2
esclerótico	SEAD	esquerdino	SAHP3
escocês	SAN	esquerdista	SAF
escolarizado	SAHP3	esquerdo	SAHP3
escolástico	SAF	esquinado	EAHP3
escorbútico	SEAD	esquisito	SAHC1
escoriado	EAHP2	esquivo	SAHP3
escorreito	SAHP2	esquizofrénico	SEAD
escrofuloso	SEAD	esquizóide	SEAD
escrupuloso	SAHC2	essénio	SAF
escultural	SAHP2	estafado	EAHP3
escutista	SAF	estalinista	SAF
esfaimado	EAHP3	estanhado	SAHC1
esfalfado	EAHP3	estapafúrdio	SAHP1
esfarrapado	EAHP3	estarola	SAHC3
esfíngico	SAHP2	estavanado	SAHC3
esfomeado	EAHP3	estável	EAHP3
esforçado	SAHP3	estentóreo	SAHP3
esfuziante	SEAHP2	estentórico	SAHP3

estéril	SEAD	exibicionista	SAHC1
estéril	SAHP3	exigente	SAHP1
esteticista	SAF	exímio	SAHP2
estóico	SAF	existencialista	SAF
estóico	SAHC1	expansionista	SAF
estoirado	EAHP3	expansivo	SAHP2
estoniano	SAN	expeditivo	SAHP3
estónio	SAN	expedito	SAHP3
estourado	EAHP3	experiente	SAHP3
estouvado	SAHC2	explícito	SAHP1
estrábico	SEAD	explorador	SAHC3
estrambólico	SAHP1	explosivo	SAHP2
estrambótico	SAHP1	expressionista	SAF
estrangeirado	SAHP2	expressivo	SEAHP2
estrangeiro	SAN	extasiado	EAHP3
estranho	SAHC3	extenuado	EAHP3
estranho	EAHP2	extraordinário	SAHP1
estrasburguês	SAN	extravagante	SAHC1
estremenho	SAN	extremista	SAF
estremocense	SAN	extremoso	SAHP1
estremunhado	EAHP3	extrovertido	SAHC2
estroina	SAHC1	exuberante	SAHP1
estudioso	SAHC3	exultante	EAHP3
estulto	SAHP1	fabuloso	SAHP1
estupendo	SAHP1	façanhudo	SAHC2
estupendo	SEAHP2	faccioso	SAHC1
estúpido	SAHC1	faceto	SAHP3
estuporado	SEAHP3	fácil	SAHP3
etarra	SAF	facínora	SAHC2
etilizado	EAHP3	facinoroso	SAHP2
etíope	SAN	facundo	SAHP2
etrusco	SAN	fadigado	EAHP3
eufónico	SAHP2	faialense	SAN
eufórico	EAHP3	falacioso	SAHP1
eugenista	SAF	falador	SAHP3
eurocéptico	SAHC3	falansteriano	SAF
européista	SAHC3	falerno	SAN
uropeizado	SAHP2	falhado	SAHC3
uropeu	SAN	falido	EAHP3
evasivo	SAHP2	falível	SAHP2
exagerado	SAHC1	falso	SAHC1
exaltado	EAHP3	faltoso	SAHC3
exasperado	EAHP3	famalicense	SAN
exausto	EAHP3	famélico	EAHP3
excelente	SAHP1	famigerado	SAHP3
excelso	SAHP2	faminto	EAHP3
excêntrico	SAHC1	famoso	SAHP3
excepcional	SAHP1	fanfarrão	SAHC3
excessivo	SAHP1	fangueiro	SAN
excitado	EAHP3	fanhoso	SEAHC2
excitante	SAHP2	fantasista	SAHC2
excitável	SAHP2	fantástico	SAHP1
execrável	SAHP1	fantástico	SEAHP2
exemplar	SAHP2	fareleiro	SAHC3

fareense	SAN	fino	SAHP1
farfalhudo	SEAHP2	fino	SEAHP2
farisaico	SAHC1	finório	SAHC2
fariseu	SAF	firme	SAHP1
fariseu	SAHC1	fisicista	SAF
farronqueiro	SAHP3	fiteiro	SAHC2
farsante	SAHC1	fitófago	SAHC3
farsista	SAHC1	fiúza	SAHP3
farsola	SAHC1	fixe	SAHP1
farto	EAHP3	fixe	EAHP3
fascinante	SAHP1	fixista	SAF
fascista	SAF	flácido	SEAD
fastidioso	SAHP2	flagelante	SAF
fatalista	SAHC1	flamengo	SAN
fatigado	EAHP3	flatulento	SEAD
fatigante	SAHP2	flatulento	SAHP2
fátuo	SAHP2	flaviense	SAN
febril	SEAD	flébil	EAHP3
fechado	SAHP2	flexível	SAHP1
federalista	SAF	florentino	SAN
fedorento	SEAHP2	fluente	SAHP2
feio	SEAHC2	fluido	SAHP2
feiticista	SAHC2	fluminense	SAN
feliz	SEAHP3	fócio	SAN
felizardo	SAHC3	fofo	SEAHC2
femeeiro	SAHP3	fofoqueiro	SAHC1
feniano	SAF	fogoso	SAHP2
fenício	SAN	foito	SAHP1
fenomenal	SAHP1	foleiro	SAHC1
ferido	EAHP2	folgado	EAHP3
ferino	SAHP1	folgazão	SAHC2
fero	SAHP1	folião	SAHC3
feroz	SAHP1	forasteiro	SAHC3
ferrenho	SAHP2	formal	SAHP2
fértil	SAHP3	formalista	SAF
fervoroso	SAHP1	formalista	SAHC1
festeiro	SAHC3	formidável	SAHP1
feudalista	SAF	formoso	SEAHP2
fiável	SAHP1	fornicador	SAHC3
fidalgo	SAHC1	forro	SAN
fidedigno	SAHP1	forte	SEAHP2
fiel	SAHP1	fotogénico	SAHP3
figueirense	SAN	fracalhode	SAHC3
figurista	SAF	fracassado	SAHC3
filadelfo	SAF	fraco	SAHC1
filantropo	SAHC1	fraco	SEAHC2
filipino	SAN	fracote	SAHC3
filisteu	SAN	frágil	SEAHP2
filistino	SAN	fragilizado	EAHP3
filosofante	SAHC2	francês	SAN
finalista	SAF	franciscano	SAF
fingido	SAHC1	franco	SAHP1
fingidor	SAHC1	francófilo	SAHC3
finlandês	SAN	francófobo	SAHC3

franquista	SAF	gangrenoso	SEAD
franzino	SAHP2	garboso	SAHP2
fraternal	SAHP1	garganeiro	SAHC3
fraterno	SAHP1	garibaldino	SAF
frenético	SEAHP3	garrido	SAHP2
frescalhote	EAHP3	gascão	SAN
fresco	SAHP2	gaseado	SAHC3
frígido	SAHP3	gastador	SAHC3
frígio	SAN	gasto	EAHP3
frio	SAHP1	gastrónomo	SAHC3
friorento	SAHC3	gateiro	SAHC3
frísio	SAN	gatuno	SAHC3
frívolo	SAHP1	gaúcho	SAN
frontal	SAHP1	gaudério	SAHC3
fronteiriço	SAN	gaulês	SAN
fronteiro	SAN	gay	SAHP3
frouxo	SAHC3	gelado	EAHP2
frouxo	EAHP3	gélido	EAHP2
frugal	SAHP2	genebrense	SAN
fruste	SAHP2	genebrino	SAN
frustrado	SAHC3	generalista	SAHC1
fruteiro	SAHC3	generalizador	SAHP2
fugaz	SAHP3	generoso	SAHP1
fugidio	SAHP3	genial	SAHP1
fugitivo	SAHC3	genioso	SAHP2
fulgurante	SAHP2	genovês	SAN
fumador	SAHP3	gentil	SAHP1
fumante	SAHC3	genuíno	SAHP1
funcionalista	SAF	germano	SAN
fundamentalista	SAF	germanófilo	SAHC3
furão	SAHC3	germanófobo	SAHC3
fusionista	SAF	gigante	SAHC2
fútil	SAHC1	gigantesco	SAHP2
futurista	SAF	gingão	SAHC2
futurista	SAHC1	girondino	SAF
gabarola	SAHC2	girondino	SAN
gabarolas	SAHC1	glabro	SAHP3
gadelhudo	SAHC3	glamoroso	SAHP2
gaditano	SAN	glorioso	SAHP2
gago	SEAD	glutão	SAHC3
gaiteiro	SAHC2	gnóstico	SAF
galante	SAHC1	goano	SAN
galanteador	SAHC2	goense	SAN
galdério	SAHC3	goês	SAN
galego	SAN	goliardo	SAHC3
galês	SAN	gordanchudo	SEAHC2
galhardo	SAHC2	gordo	SEAHC2
galhofeiro	SAHC3	gorducho	SEAHC2
galileu	SAN	gotoso	SEAD
galo	SAN	governado	SAHP3
ganancioso	SAHC1	governista	SAF
gandulo	SAHC3	grácil	SAHP2
ganês	SAN	gracioso	SAHP2
gangrenado	SEAD	graduado	SAHP3

grafomaniaco	SEAD	herodiano	SAHC1
grafomano	SEAD	heróico	SAHP1
granadino	SAN	heroinómano	SEAD
grandalhão	SAHC2	herpético	SEAD
grande	SEAHP2	heteróclito	SAHP1
grandiloquente	SAHP1	heterossexual	SAHP3
grandiloquo	SAHP1	hibérnico	SAN
grandioso	SAHP1	hidratado	EAHP2
grandote	SEAHP2	hidrocéfalo	SEAD
grávida	EAHP3	hidrófobo	SEAD
grazina	SAHC3	higiénico	SAHP3
grego	SAN	hílare	EAHP3
grimpo	SAHP3	hilariente	SAHP1
gringo	SAHC3	hindu	SAF
grisalho	SEAHP2	hindu	SAN
gronelandês	SAN	hiperbólico	SAHP1
grosseiro	SAHC1	hiperconservador	SAHP1
grosso	SAHC1	hipercrítico	SAHP1
grotesco	SAHP1	hiperculto	SAHP3
guardense	SAN	hiperdotado	SAHP3
guatemalteco	SAN	hipermetrope	SEAD
guerreiro	SAHC2	hipersensível	SEAHP3
guianense	SAN	hipertenso	SEAD
guianês	SAN	hipnotizado	EAHP3
guicho	SAHP3	hipnotizável	SAHP3
guineense	SAN	hipocondríaco	SEAD
guinéu	SAN	hipócrita	SAHC1
guloso	SAHC3	hipotenso	SEAD
guterrista	SAF	hirto	EAHP2
guzerate	SAN	hispânico	SAN
hábil	SAHP1	hispano	SAN
habilidoso	SAHP1	histérico	SEAD
haitiano	SAN	histérico	SEAHC3
hamburguês	SAN	holandês	SAN
hanoveriano	SAN	homicida	SAHC3
harmónico	SAHP2	hondurenho	SAN
harmonioso	SAHP2	honesto	SAHP1
havaiano	SAN	honorável	SAHP1
havanês	SAN	honrado	SAHP2
havano	SAN	honroso	SAHP1
hebraizante	SAF	horrendo	SAHP1
hebreu	SAF	horrendo	SEAHP2
hediondo	SAHP1	hórrido	SAHP1
hedonista	SAF	horrífico	SAHP1
hegeliano	SAF	horripilante	SAHP1
helénico	SAN	horrível	SEAHP2
heleno	SAN	horroroso	SEAHP2
helvécio	SAN	hortense	SAN
helvético	SAN	hospitaleiro	SAHP1
hemiplégico	SEAD	hostil	SAHP1
herege	SAHC2	hotentote	SAN
hermafrodita	SAHC3	humanista	SAF
hermafrodito	SAHC3	humano	SAHP1
hermínio	SAN	humilde	SAHP1

humoroso	SAHP2	impenetrável	SAHP2
húngaro	SAN	impenitente	SAHC2
ianque	SAN	imperativo	SAHP1
ibérico	SAN	imperfeito	SAHP2
ibério	SAN	imperial	SAHC1
ibero	SAN	imperialista	SAF
ictiófago	SAHC3	imperioso	SAHP1
idealista	SAF	impermanente	SAHP2
idealista	SAHC2	imperscrutável	SAHP2
idiota	SEAD	impertérito	SEAHP3
idiota	SAHC1	impertinente	SAHC1
idólatra	SAHC2	imperturbado	SEAHP3
idóneo	SAHP1	imperturbável	SEAHP3
idoso	SAHP3	impessoal	SAHP1
ignaro	SAHC1	impetuoso	SAHP1
ignóbil	SAHC1	impiedoso	SAHP1
ignominioso	SAHP1	ímpio	SAHC1
ignorante	SAHC1	implicativo	SEAHP3
ignoto	SAHP3	implorante	SEAHP2
igualitário	SAF	implorativo	SEAHP2
iletrado	SAHC3	impoluto	SAHP2
ílio	SAN	imponderado	SAHP1
ilírio	SAN	imponente	SAHP2
iliterato	SAHC3	impontual	SAHP3
ilógico	SAHP1	impopular	SAHP1
iluminado	SAF	importante	SAHP1
iluminado	SAHC3	importuno	SAHC1
iluminista	SAF	impostor	SAHC1
ilustre	SAHC3	impotente	SEAD
imaculado	SAHP2	impreciso	SAHP1
imagético	SAHP1	impressionante	SAHP1
imaginativo	SAHP1	impressionável	SAHP3
imaginoso	SAHC2	impressionista	SAF
imaturo	SAHC1	imprestável	SAHP1
imbatível	SAHP2	imprevidente	SAHP1
imbecil	SAHC1	imprevisível	SAHP1
imberbe	SAHP2	improcedente	SAHP1
imediatista	SAHC2	improducente	SAHP3
imobilizado	EAHP2	improdutivo	SAHP3
imoderado	SAHC1	improvisador	SAHC2
imodesto	SAHC1	imprudente	SAHC1
imoral	SAHC1	impúbere	SAHC3
imorigerado	SAHP1	impudente	SAHP1
imortal	SAHP3	impudico	SAHP1
imortalizado	EAHP3	impulsivo	SAHC1
impaciente	SEAHC3	imundo	SEAHP2
impagável	SAHP1	inábil	SAHP1
imparável	SEAHP3	inacessível	SAHP3
impassível	SAHP3	inacreditável	SAHP1
impatriota	SAHC1	inactivo	SEAHP3
impávido e sereno	EAHP3	inadaptado	SAHC3
impecável	SAHP1	inamovível	EAHP3
impecável	EAHP2	inanimado	SEAD
impecunioso	SAHP3	inânime	EAHP3

inaplicado	SAHP3	indeciso	SEAHC3
inapresentável	EAFP2	indecoroso	SAHP1
inatacável	SAHP2	indefeso	EAFP3
inautêntico	SAHP1	indelicado	SAHC1
incansável	SAHP2	indemne	EAFP3
incapaz	SAHC3	independente	SAHP3
incauto	SAHC1	independentista	SAF
incensador	SAHC3	inderrotável	SAHP3
incensurável	SAHP2	inderrubável	SAHP3
incerto	SAHP1	indestituível	SAHP3
inchado	SEAD	indestronável	SAHP3
incisivo	SAHP2	indestrutível	SAHP3
incivil	SAHC1	indiano	SAN
incivilizado	SAHC1	índico	SAN
inclemente	SAHP1	indigente	SAHC3
ínclito	SAHP3	indigitável	SAHP1
incoercível	SAHP2	indigno	SAHP1
incoerente	SAHP1	indirecto	SAHP2
incógnito	SAHC3	indisciplinado	SAHC2
incólume	EAFP2	indiscreto	SAHC1
incomodativo	SAHP1	indisposto	SEAD
incompreensível	SAHP1	inditoso	SAHC3
incomum	SAHP2	individualista	SAF
incomunicável	EAFP3	individualista	SAHC1
inconcusso	SAHP3	indochina	SAN
inconfidente	SAHC1	indochinês	SAN
inconformado	SAHC3	indócil	SAHP1
inconfundível	SAHP2	indolente	SAHC1
incongruente	SAHP1	indomável	SAHP2
inconsciente	SEAD	indominável	SAHP2
inconsciente	SAHC1	indómito	SAHC1
inconsequente	SAHC1	indonésio	SAN
inconsistente	SAHP1	indulgente	SAHC1
inconsolado	EAFP3	industrialista	SAF
inconsolável	EAFP3	industrioso	SAHP1
inconstante	SAHC2	inebriante	SAHP2
incontactável	EAFP3	inefável	SAHP2
incontestável	SAHP1	ineficaz	SAHP1
incontinente	SEAD	ineficiente	SAHP3
incontinente	SAHC1	inelegível	SAHP3
incontrariável	SAHP3	inepto	SAHC3
incontroverso	SAHP1	inequívoco	SAHP2
inconveniente	SAHP1	inerte	EAFP3
inconversável	SEAHP3	inerte	SAHC3
incorrecto	SAHP1	inesquecível	SAHP2
incorrigível	SAHP2	inexacto	SAHP1
incorruptível	SAHP3	inexorável	SAHP1
incorrupto	SAHP3	inexperiente	SAHC3
incrédulo	SAHC3	inexperto	SAHC3
incriticável	SAHP1	inexplícito	SAHP1
incrível	SAHP1	inexpressivo	SAHP2
inculto	SAHC3	infamante	SAHC1
incumpridor	SAHC3	infame	SAHC1
indecente	SAHC1	infantil	SAHC1

infatigável	SAHP3	insípido	SAHP2
infecundo	SAHP3	insipiente	SAHP2
infeliz	SEAHC3	insistente	SAHP1
infértil	SAHP3	insociável	SAHP3
infiel	SAHC2	insofrido	SAHC3
inflacionista	SAF	insolente	SAHC1
inflado	EAHP2	insólito	SAHP1
inflexível	SAHP1	insone	SEAD
influenciável	SAHP3	insonso	SAHC3
influyente	SAHP3	insosso	SAHC3
informado	SAHP3	inspirado	EAHP3
informal	SAHP2	inspirador	SAHP2
informe	SAHP2	instável	SAHP2
infortunado	SAHC3	instintivo	SAHP1
infrene	SAHC2	instruído	SAHP3
ingénuo	SAHC1	insubmisso	SAHC2
inglês	SAN	insubordinado	SAHC2
inglesado	SAHP2	insubornável	SAHP3
ingrato	SAHC1	insulano	SAN
inidóneo	SAHP1	insular	SAN
inimitável	SAHP2	insulso	SAHP2
inimputável	SAHP3	insultuoso	SAHP1
ininteligível	SAHP1	insuportável	EAHP3
iníquo	SAHP1	insurgente	SAHC2
injuriante	SAHP1	insurrecto	SAHC1
injurioso	SAHP1	integralista	SAF
injustiçado	SAHC3	íntegro	SAHP2
injusto	SAHP1	intelectual	SAHC3
inocente	SAHC3	intelectualista	SAF
inocente	SEAHP3	intelectualóide	SAHC2
inócuo	SAHP1	inteligente	SAHP1
inofensivo	SAHP1	intemerato	SAHP2
inoportuno	SAHP1	intemperado	SAHP1
inóspito	SAHP1	intempestivo	SAHP1
inovador	SAHC1	intenso	SAHP2
inqualificado	SAHC3	interessante	SAHP1
inqualificável	SAHP1	interesseiro	SAHC1
inquebrantável	SAHP2	internacionalista	SAF
inquestionável	SAHP1	intervencionista	SAF
inquietante	SAHP2	interventor	SAHP1
inquieto	SEAHP3	intimidador	SAHP2
insaciado	EAHP3	intimidante	SAHP2
insaciável	SAHP3	intimidativo	SAHP2
insano	SEAHP2	intimidatório	SAHP2
inseguro	SEAHP2	intimorato	SAHP3
insensato	SAHC1	intocável	SAHP2
insensível	SAHC1	intolerante	SAHC1
insidioso	SAHP1	intolerável	SAHP1
insigne	SAHP3	intranquilo	SEAHP3
insignificante	SAHC3	intransigente	SAHC1
insincero	SAHC1	intratável	SAHP2
insinuador	SAHC2	intrépido	SAHP3
insinuante	SAHP1	intrigante	SAHP1
insinuativo	SAHP1	intriguista	SAHC1

intrometido	SAHC3	jamaicano	SAN
introspectivo	SAHC2	janota	SEAHC2
introvertido	SAHC2	japonense	SAN
intuitivo	SAHP1	japonês	SAN
inumano	SAHP1	jau	SAN
inútil	SAHC3	javanês	SAN
inválido	SEAHC3	javardo	SAHC2
invectivo	SAHP1	jeitoso	SEAHC2
invejoso	SAHC2	jeremias	SAHC3
invencível	SAHP3	jerónimo	SAF
inventivo	SAHP3	jocoso	SAHP1
invernante	SAHC3	jónico	SAN
invertido	SAHC3	jónio	SAN
invisível	SEAHP3	jordano	SAN
invisual	SEAD	jovem	SEAHC2
invulgar	SAHP1	jovial	SAHP2
iorquino	SAN	jubiloso	SEAHP3
iracundo	SEAHP2	judaizante	SAF
iraniano	SAN	judeu	SAF
iraquiano	SAN	judeu	SAN
irascível	SAHP2	judicativo	SAHP1
irlandês	SAN	judicioso	SAHP1
irónico	SAHP1	judio	SAF
irracional	SAHC1	judio	SAN
irrealista	SAHC1	jugoslavo	SAN
irreconhecível	EHP2	justiceiro	SAHC2
irredentista	SAF	justo	SAHC1
irregular	SAHP2	kafkiano	SAF
irreligioso	SAHP3	kantiano	SAF
irrepreensível	SAHP2	laborioso	SAHP3
irreprimível	SAHP2	labrego	SAHC1
irrequieto	SEAHC3	labroste	SAHC1
irresistível	SEAHP2	labutador	SAHC3
irrespeitoso	SAHP1	lacedemónio	SAN
irresponsável	SAHC1	lacónico	SAHP2
irreverencioso	SAHP1	lacónio	SAN
irreverente	SAHC1	lacónio	SAHP2
irridente	SAHP1	lacrimoso	EHP3
irritadiço	SEAHC3	ladino	SAHP2
irritado	EHP3	ladro	SAHC3
irritante	SAHP1	laical	SAHC2
irritativo	SAHP1	laico	SAHC2
irritável	SEAHP3	lajense	SAN
islamita	SAF	lambão	SAHC3
islandês	SAN	lambeiro	SAHC3
islenho	SAN	lamecense	SAN
isolado	EHP3	lamecha	SAHC1
israelita	SAN	lamentoso	EHP3
itacense	SAN	lampeiro	SAHP1
italiano	SAN	lamuriente	SEAHP2
ítalo	SAN	lamuriento	SEAHC2
jacobino	SAF	lamurioso	SEAHC2
jactante	SAHP1	langoroso	SAHP2
jalofo	SAHC2	languescente	SAHP2

lânguido	SAHP2	liberiano	SAN
lapão	SAN	libério	SAN
laparoto	SAHC3	libertino	SAHC1
lapónio	SAN	libidinoso	SAHC2
lapuz	SAHC3	líbrio	SAN
lascivo	SAHP1	licenciado	SAHP3
lastimoso	SAHP1	licencioso	SAHP1
latino	SAN	lício	SAN
laudativo	SAHP2	lídido	SAN
laudatório	SAHP2	ligeiro	SAHP3
laurentino	SAN	liliputiano	SAHP3
lavadiço	SAHP3	limitado	SAHC2
lavado	EAHP2	límpido	SAHP1
laxista	SAHC1	limpo	SEAHP2
lazarento	EAHP3	limusino	SAN
lázudo	SAHC3	lindo	SEAHC2
leal	SAHP1	linfático	SEAD
ledo	SAHC3	lingrinhas	SAHC3
legitimista	SAF	linguareiro	SAHC3
leigo	SAHC3	linguarudo	SAHC3
leiriense	SAN	lionês	SAN
leixonense	SAN	lírico	SAHC1
lelo	SAHC2	liró	SEAHP2
lendário	SAHC2	lisboês	SAN
leninista	SAF	lisboeta	SAN
lento	SAHP2	lisbonense	SAN
leonês	SAN	lisbonês	SAN
lépido	SEAHP2	lisbonino	SAN
leproso	SEAD	liso	EAHP3
lerdo	SAHC1	lisonjeador	SAHC1
lesbiana	SAHC3	lisonjeiro	SAHC1
lesbiano	SAN	lituano	SAN
lésbica	SAHC3	lívido	SEAHP2
lésbico	SAN	livónio	SAN
lésbio	SAN	livre	SEAHP3
lesionado	EAHP2	lógico	SAHP1
lestes	SAHP3	logrativo	SAHP3
lesto	SAHP3	loiro	SEAHP2
letárgico	EAHP3	lombardo	SAN
letrado	SAHP3	londrino	SAN
levado da breca	SAHP3	loquaz	SAHP2
levado das maleitas	SAHP3	loreno	SAN
levado do diabo	SAHP3	lorpa	SAHC2
levantado	SAHP3	louletano	SAN
levantino	SAN	louro	SEAHP2
leve	SAHP3	louvaminheiro	SAHC3
leviano	SAHC1	louvável	SAHP1
lhano	SAHP1	luandense	SAN
libanês	SAN	lúbrico	SAHP1
liberal	SAF	lucano	SAN
liberal	SAHP1	lúcido	SAHP1
liberal-conservador	SAF	lúcido	EAHP3
liberal-democrata	SAF	ludibriante	SAHP1
liberalista	SAF	ludibrioso	SAHP1

lúgubre	SAHP1	magro	SEAHP2
luminoso	SAHP2	maiano	SAN
lunático	SAHC1	maiato	SAN
lusco	SEAD	maior e vacinado	SAHP3
lusco	SAHP3	maiorquino	SAN
lusíada	SAN	majestático	SAHP2
lusitânico	SAN	majestoso	SAHP2
lusitano	SAN	malabar	SAN
luso	SAN	malabarista	SAHC2
lusófilo	SAHC3	mal-afamado	SAHP3
lusóforo	SAHC3	mal-afeiçoado	SAHP3
lustroso	SEAHP2	mal-afortunado	SAHC3
lutador	SAHC2	mal-agradecido	SAHC3
luterano	SAF	malaguenho	SAN
lutuoso	SAHP2	mal-amado	SAHC3
luxemburguês	SAN	malandro	SAHC1
luxuriante	SAHP1	malcheiroso	SAHC2
luxurioso	SAHP1	mal-cheiroso	SAHC2
luzido	SAHP2	mal-comportado	SAHC3
macabeu	SAF	maldispoto	SEAD
macabro	SAHP1	maldispoto	EAHP3
maçado	EAHP3	maldito	SAHC3
maçador	SAHC2	maldizente	SAHC3
macaense	SAN	maldoso	SAHC1
macaísta	SAN	maleável	SAHP1
macambúzio	SEAHC2	maledicente	SAHC3
macanjo	SAHC3	mal-encarado	SAHC3
macareno	SAHC3	malevolente	SAHC1
macavenco	SAHC3	malévolo	SAHC1
macedónico	SAN	malfadado	SAHC3
macedónio	SAN	malfazejo	SAHC3
machista	SAHC1	mal-feito	SAHP2
macho	SAHP3	malfeitor	SAHC3
macilento	SEAHP2	malformado	SEAD
macio	SEAHP2	malformado	SAHC3
macróbio	SAHC3	malgaxe	SAN
maçudo	SAHP2	mal-humorado	SEAHC3
madagascarense	SAN	malicioso	SAHC1
madeirense	SAN	mal-intencionado	SEAHP3
madianita	SAN	malnutrido	SEAD
madracho	SAHC3	malogrado	SAHC3
madrileno	SAN	mal-pago	SEAHP3
madrilense	SAN	maltês	SAN
madrugador	SAHC3	malthusiano	SAF
maduro	SAHP1	maltrapilho	SAHC3
mafioso	SAF	maluco	SAN
mafioso	SAHC3	maluco	SEAHC3
mafrense	SAN	malvado	SAHC3
magano	SAHC3	mal-vestido	EAHP3
magnânimo	SAHP1	mamalhudo	SAHC3
magnificante	SAHP1	mamudo	SAHC3
magnífico	SAHP1	mancebo	SAHC3
magnífico	SEAHP2	manchu	SAN
magrebino	SAN	manco	SEAHP3

mandão	SAHC1	materialista	SAHC1
mandrião	SAHC1	maternal	SAHP2
maneirista	SAF	matias	SAHC3
maneirista	SAHC2	matinal	SAHP3
maneta	SEAD	matosinhense	SAN
maneta	SAHC3	matreiro	SAHC1
manhoso	SAHC2	matutino	SAHP3
maníaco	SEAD	matuto	SAHP2
maníaco	SEAH3	mau	SAHC2
maníaco-depressivo	SEAD	mauritano	SAN
manipulador	SAHC2	mavioso	SAHP1
manipulável	SAHP2	mavórcio	SAHC1
maniqueísta	SAF	mazombo	SEAH3
maniqueu	SAF	mecanicista	SAF
manso	SAHP3	mediano	SAHP2
manteigueiro	SAHC3	mediático	SAHP2
mantuano	SAN	médio	SAHP2
maoísta	SAF	mediocre	SAHC1
maometano	SAF	meditabundo	SEAH3
maputense	SAN	meditador	SAHC3
maquiavélico	SAHP1	meditativo	SEAH2
maquiavelista	SAF	medonho	SAHP1
maquilhado	EAHP2	medrado	EAHP3
maquinal	SAHP2	medricas	SAHC1
maranhense	SAN	medroso	SEAH3
marau	SAHC3	mefistofélico	SAHP1
maravilhoso	SAHP1	megalomaníaco	SEAD
maravilhoso	SEAH2	megalómano	SEAD
marcelista	SAF	meigo	SAHP1
marciano	SAN	meio-apalermado	SEAH3
marcuense	SAN	meio-doido	SEAH3
marginal	SAHC1	meio-morto	EAHP3
marialva	SAHC3	melado	SAHP2
mariano	SAF	melancólico	SEAH3
maricão	SAHC3	melanésio	SAN
maricas	SAHC1	melífluo	SAHP2
mariola	SAHC1	melindroso	SAHP3
mariquinhas	SAHC1	melódico	SAHP2
maronês	SAN	melodioso	SAHP2
maronita	SAF	melodramático	SAHC1
maroto	SAHC1	melómano	SAHC3
marralheiro	SAHC1	meloso	SAHP2
marrano	SAHC3	memorioso	SAHP3
marrão	SAHC3	mendaz	SAHP1
marreco	SEAH3	mendicante	SAHC2
marroquino	SAN	menfita	SAN
marselhês	SAN	menineiro	SAHC2
marxista	SAF	menino	SAHC3
másculo	SAHP2	menosprezável	SAHP1
masochista	SAHC1	mentecapto	SAHC2
masoquista	SAHC1	mentiroso	SAHC3
massudo	SAHP2	mercantil	SAHC3
mastodôntico	SAHP2	mercantilista	SAF
materialista	SAF	mercenário	SAHC3

merencório	SAHP2	moderado	SAHP1
mertolense	SAN	modernação	SEAHC3
mesquinho	SAHC1	modernista	SAF
mesurado	SAHC2	moderno	SAHP2
metediço	SAHC3	modesto	SAHP1
meticuloso	SAHP1	modificado	EAHP2
metódico	SAHP2	modorrento	SEAHP3
metodista	SAF	modorro	SEAHP3
mexeriqueiro	SAHC3	moedor	SAHC2
mexicano	SAN	mofino	SAHC3
mexido	SAHP3	mogol	SAN
micaelense	SAN	moído	EAHP3
migalheiro	SAHC3	moinante	SAHC3
miguelista	SAF	moirisco	SAN
mijão	SAHC3	moitense	SAN
milagreiro	SAHC3	mole	SAHC2
milanês	SAN	molenga	SAHC2
milionário	SAHP3	molengão	SAHC2
militarista	SAF	molhado	EAHP2
mimado	SAHP3	molieresco	SAHP2
mimalho	SAHC3	monárquico	SAF
mimoso	SAHP2	monarquista	SAF
mineiro	SAN	mondinense	SAN
minhoto	SAN	monegasco	SAN
minhoto	SAN	mongol	SAN
minimalista	SAF	mongolóide	SEAD
minimalista	SAHC1	mono	SAHC3
minucioso	SAHP1	monocórdico	SAHP2
míope	SEAD	monógamo	SAHP3
míope	SAHC3	monomaniaco	SEAD
mirabolante	SAHP1	monopolista	SAHC2
mirandelense	SAN	monopolizador	SAHC2
mirandense	SAN	monoteísta	SAF
mirandês	SAN	monótono	SAHP1
mirrado	SEAHP2	monstruoso	SAHP1
misanthropo	SAHC3	montanheiro	SAN
miserabilista	SAF	montanhês	SAN
miserabilista	SAHC1	montano	SAN
miserando	SAHC3	montemorense	SAN
miserável	SAHC1	montenegrino	SAN
misericordioso	SAHP1	montijense	SAN
mísero	SAHP2	moquenco	SAHC3
mísio	SAN	moralista	SAF
misseiro	SAHC3	moralista	SAHC1
misterioso	SAHP1	moralizador	SAHC2
místico	SAHP2	moralizante	SAHP1
mítico	SAHP2	mórbido	SAHC1
mitómano	SEAD	morboso	SAHP2
miúdo	SEAHP2	mordaz	SAHP1
moabita	SAN	mordente	SAHP1
moçambicano	SAN	moreno	SEAHP2
moçárabe	SAF	morfinómano	SEAD
mociço	SAHP2	moribundo	EAHP3
moço	SAHC3	morigerado	SAHC2

mortal	SAHP3	necrófilo	SEAD
mortiço	SEAHP2	neerlandês	SAN
mortificado	EAHP3	nefando	SAHP1
morto	EAHP3	nefasto	SAHP1
mosco	SAN	nefelibata	SAHC2
moscovita	SAN	negaceiro	SAHC3
motivado	EAHP3	negativo	SAHP1
motivador	SAHC2	negligente	SAHC1
mouco	SEAD	negregado	SAHC3
mourisco	SAN	negro	SAHP3
muçulmano	SAF	negróide	SAHC3
mudado	EAHP2	nemeu	SAN
mudo	SEAD	neocolonialista	SAF
mudo	EAHP3	neodarwinista	SAF
mula	SAHC3	neomalthusiano	SAF
mulato	SAHP3	neonazi	SAF
mulherengo	SAHC3	neoplatónico	SAF
multifacetado	SAHP3	neozelandês	SAN
multilíngue	SAHP3	nepalense	SAN
multimilionário	SAHP3	nepalês	SAN
mundano	SAHC1	nervoso	SEAD
municipalista	SAF	nervoso	SEAHC3
munificente	SAHP1	néscio	SAHC3
murcho	EAHP2	nestoriano	SAF
murciano	SAN	neurasténico	SEAD
murmurante	EAHP3	neurasténico	SEAHC3
murtoseiro	SAN	neurótico	SEAD
musculado	SEAHP2	neurótico	SEAHC3
musculoso	SEAHP2	neutral	SAHP1
mutualista	SAF	neutro	SAHP1
nabantino	SAN	nicaraguano	SAN
nabo	SAHC1	niceno	SAN
nacional-comunista	SAF	nigeriano	SAN
nacionalista	SAF	niilista	SAF
namibiano	SAN	ninheiro	SAHC3
namoradeiro	SAHC3	nipónico	SAN
namoradoço	SAHC3	niquento	SAHC1
namorador	SAHC3	nobre	SAHP1
nanico	SAHC3	noctâmbulo	SAHC3
napoleónico	SAF	noctívago	SAHC3
napolitano	SAN	nojento	SEAHC2
narcisista	SAHC1	nominalista	SAF
narcotizado	EAHP3	nonagenário	SAHP3
narigudo	SAHC3	nordestino	SAN
natalense	SAN	nórdico	SAN
nativista	SAF	normal	SAHP1
naturista	SAF	normando	SAN
nauseado	SEAD	norte-americano	SAN
navarro	SAN	norte-coreano	SAN
nazareno	SAN	nortenho	SAN
nazi	SAF	nortista	SAN
nazista	SAF	norueguês	SAN
necessitado	SAHC3	nostálgico	SEAHC2
necrófago	SAHC3	notável	SAHP1

novaiorquino	SAN	oportunista	SAHC1
novato	SAHC3	oportuno	SAHP1
novel	SAHP3	oposicionista	SAF
novelheiro	SAHC3	opressivo	SAHP1
novidadeiro	SAHC3	opresso	EAHP3
novo	SEAHP3	opressor	SAHC1
nu	EAHP3	oprimente	SAHP1
nubente	SEAHP3	oprimido	SEAHC3
nubiano	SAN	optimista	SAF
núbil	EAHP3	optimista	SAHC1
núbio	SAN	opulento	SAHP2
numantino	SAN	oratoriano	SAF
númida	SAN	ordeiro	SAHP2
nutrido	SEAHP2	ordinário	SAHC1
obcecante	SAHP1	orelhudo	SAHC3
obediente	SAHP1	órfão	SAHP3
obeso	SEAD	organizado	SAHP3
objectivo	SAHP1	orgulhoso	SAHC1
oblíquo	SAHP1	oriental	SAN
obsceno	SAHC1	original	SAHP1
obscuro	SAHP1	orleanista	SAF
obsequiador	SAHP3	ortodoxo	SAF
obsequioso	SAHP1	ossudo	SEAHC2
observador	SAHP3	ostensivo	SAHC1
observante	SAHP3	ostentador	SAHP1
obsessivo	SAHC1	ostentativo	SAHC1
obstinado	SAHC2	ostentoso	SAHC1
obstrucionista	SAHC1	otomano	SAN
obtuso	SAHP1	ousado	SAHP1
ocidental	SAN	ovarense	SAN
ocidentalizado	SAHP2	ovarino	SAN
ocioso	SAHC3	pacato	SAHC3
oco	SAHP2	pacense	SAN
octogenário	SAHP3	pachorrento	SAHP1
ocultista	SAF	paciente	SAHP1
ocupado	SEAHP3	pacificador	SAHC2
odiável	SAHP1	pacífico	SAHP2
odiento	SAHP1	pacóvio	SAHC1
odioso	SAHP1	padecedor	SAHC3
ofegante	EAHP2	padecente	SAHC3
ofensivo	SAHP1	pagodeiro	SAHC3
oferecido	SAHC3	paivense	SAN
olhanense	SAN	palaciano	SAHP1
olheirento	SEAHC3	palavroso	SAHP2
oligofrénico	SEAD	palerma	SAHC1
omnipotente	SAHP3	palermitano	SAN
omnipresente	SAHP3	palestiniano	SAN
omnisciente	SAHP3	palestino	SAN
omnívoros	SAHP3	pálido	SEAHP2
onzeneiro	SAHC3	palmelense	SAN
opinante	SAHP3	palpitante	EAHP2
opinativo	SAHP2	palrador	SAHC3
opiniático	SAHC3	palreiro	SAHC3
opiómano	SEAD	panal	SAHC3

panamense	SAN	paternalista	SAF
panasca	SAHC1	pateta	SAHC1
pançudo	SEAH3	patético	SAHP1
pândego	SAHC3	patibular	SAHP2
pangermânico	SAF	patife	SAHC1
pantafaçudo	SEAH3	patola	SAHC3
panteísta	SAF	patriota	SAHC1
papalvo	SAHC3	patrioteiro	SAHC2
papeiro	SEAD	patriótico	SAHC1
papista	SAF	patudo	SAHC3
papua	SAN	patusco	SAHC2
paradigmático	SAHP2	paulistano	SAN
parado	SEAH3	pavoroso	SAHP2
paradoxal	SAHP1	pecador	SAHC3
paraense	SAN	pechoso	SAHC3
paraguaiano	SAN	peco	SAHC3
paraguaio	SAN	peculiar	SAHP1
paralisado	SEAD	pedante	SAHC1
paralítico	SEAD	pedinte	SAHP3
paranaense	SAN	pedrado	EAHP3
paranóico	SEAD	pedrista	SAF
paranóico	SEAH3	peguilhento	SAHP3
paraplégico	SEAD	peitudo	SAHC3
parasita	SAHC3	pelado	SEAH2
parasito	SAHC3	pelintra	SAHC3
parcimonioso	SAHP1	peludo	SAHC2
parco	SAHP3	penafidelse	SAN
parisiense	SAN	pencudo	SAHC3
parlamentarista	SAF	peneireto	SAHC3
parnasiano	SAF	penetra	SAHC1
parolo	SAHC1	penicheiro	SAN
parracho	SAHC2	penichense	SAN
participativo	SAHP3	peninsular	SAN
particularista	SAHC2	penitente	SAHC3
partidarista	SAHC2	pensador	SAHC3
partido	EAHP2	pensativo	EAHP3
parvo	SAHC1	penteadado	EAHP2
parvónio	SAHC2	pequenino	SEAH2
pascácio	SAHC3	pequeno	SEAH2
pasmado	SEAH3	pequenote	SAHC3
paspalho	SAHC3	pequerrucho	SAHC3
passadista	SAF	pequinense	SAN
passeador	SAHC3	perdedor	SAHC3
passeante	SAHC3	perdido	EAHP3
passeiro	SAHC3	perdoador	SAHC3
passivo	SAHP2	perdulário	SAHC3
pastrano	SAHC2	peremptório	SAHP2
patagónio	SAN	perfeito	SAHP2
pataqueiro	SAHC3	pérfido	SAHC1
patarata	SAHC3	perfumado	SEAH2
patau	SAHC3	perguntador	SAHC3
patavino	SAN	perigoso	SAHP1
patego	SAHC3	peripatético	SAF
paternal	SAHP2	permissivo	SAHP1

pernalto	SAHP3	pindérico	SAHC2
pernambucano	SAN	pinoca	SEAHP2
perneta	SAHC3	pintalegrete	SAHC2
pernilongo	SAHP3	piohoso	SAHC3
pernóstico	SAHP2	pipi	SEAHP2
pernudo	SAHC3	pirado	SEAHC3
perro	SEAHP2	piranga	SAHC2
persa	SAN	pirangueiro	SAHC2
perseverante	SAHP1	pirenaico	SAN
persiano	SAN	pireneu	SAN
pérsio	SAN	piromaníaco	SEAD
persistente	SAHP1	pirómano	SEAD
personalista	SAF	piroso	SEAHC2
perspectivista	SAF	pisco	SAHC3
perspicaz	SAHP1	pitónico	SAHP3
perspícuo	SAHP1	pitosga	SEAD
persuasivo	SAHP1	pitosga	SEAHC3
persuasor	SAHP2	plangente	SEAHP2
persuasório	SAHP2	platense	SAN
pertinaz	SAHP1	platino	SAN
pertinente	SAHP1	pluralista	SAF
perturbado	SEAD	plurilingue	SAHC3
perturbado	SEAHC3	pobre	SEAHC3
perturbador	SAHC1	pobre de espírito	SAHC3
perturbante	SAHP1	pobre e mal agradecido	SAHC3
peruano	SAN	pobretana	SAHC3
peruviano	SAN	pobretão	SAHC3
perverso	SAHC1	pobrete	SAHC3
pervertedor	SAHC2	poderoso	SAHP3
pervertido	SAHC2	poeta	SAHC3
pesado	SEAHP3	poético	SAHP1
pesadote	SEAHP3	polaco	SAN
pesaroso	EAHP3	polémico	SAHP1
pescoçudo	SAHC3	polemista	SAHC1
pesporrente	SAHP1	poliandra	SAHC3
pessimista	SAHC1	polido	SAHP1
pessoalista	SAF	polígamo	SAHC3
pestanejante	EAHP3	poliglota	SAHC3
pestanudo	SAHC3	polinésio	SAN
petiz	SAHC3	politeísta	SAF
petrarquista	SAF	politicante	SAHC3
petrificante	SAHP2	político	SAHP1
petulante	SAHC1	politiqueiro	SAHC3
pezudo	SAHC3	politraumatizado	SEAD
picardo	SAN	polivalente	SAHP3
pícaro	SAHC3	polonês	SAN
picuinhas	SAHC1	polónio	SAN
piedoso	SAHP1	poltrão	SAHC3
piegas	SAHC1	pombalense	SAN
piemontês	SAN	pombalista	SAF
pífió	SAHC2	pompeiano	SAN
pilífero	SAHP2	ponderado	SAHP1
piloso	SAHP2	ponderoso	SAHP1
pimpão	SAHC3	pontual	SAHP3

popular	SAHP1	presumido	SAHC1
populista	SAF	presunçoso	SAHC1
porcalhão	SAHC3	pretensioso	SAHC1
porco	SEAHC2	prevenido	SAHP3
porfiado	SAHP3	previdente	SAHC1
pornográfico	SAHP1	previsível	SAHP1
porreiro	SAHC1	prezável	SAHP2
porreiro	EAHP3	primitivo	SAHP1
portimonense	SAN	primogénito	SAHP3
portista	SAF	privilegiado	SAHC3
portuense	SAN	probabilista	SAF
portuga	SAN	problemático	SAHP1
português	SAN	probo	SAHP1
positivista	SAF	prodigioso	SAHP3
positivo	SAHP1	produtivo	SAHP3
possante	SAHP2	proeminente	SAHP2
possessivo	SAHP2	profanador	SAHC2
possesso	SEAHC3	profano	SAHC2
possibilista	SAF	professo	SAHP3
possidónio	SAHP3	profissional	SAHP1
potente	SAHP3	profuso	SAHP2
poupado	SAHP3	prognóstico	SAHP2
poupador	SAHC3	progressista	SAF
poveiro	SAN	prolífico	SAHP3
povoense	SAN	prolixo	SAHP2
pragmático	SAHP1	promíscuo	SAHP1
pragmatista	SAF	pronóstico	SAHP3
praiense	SAN	prosaico	SAHP1
prático	SAHP1	próspero	SAHP3
prazenteiro	SAHP2	proteccionista	SAF
precatado	SAHC3	protector	SAHC2
precavido	SAHC3	protervo	SAHP1
precioso	SAHP3	protestante	SAF
precipitado	SAHC1	protestante	SAHP2
precisado	SAHC3	protestativo	SAHP1
preciso	SAHP2	provençal	SAN
preclaro	SAHP3	providencial	SAHP3
preconceituoso	SAHC1	providencialista	SAF
preeminente	SAHP3	providente	SAHP1
preguiçoso	SAHC3	provinciano	SAHC1
prematuro	SAHP3	provocador	SAHC1
prendado	SAHP3	provocante	SAHP1
prepotente	SAHC1	provocativo	SAHP1
presbíope	SEAD	provocatório	SAHP1
presbiterano	SAF	provocável	SAHP3
presciente	SAHC2	prudente	SAHP1
presidencialista	SAF	prussiano	SAN
pressuroso	SEAHP3	psicopata	SEAD
prestante	SAHP3	psicótico	SEAD
prestativo	SAHP1	psicótico	SEAHC3
prestável	SAHP1	púbere	SAHP3
prestigiado	SAHP3	pubescente	SAHP3
prestigioso	SAHP3	pudendo	SAHC3
prestimoso	SAHP3	pudibundo	SAHC3

pueril	SAHP1	raiano	SAN
pugnaz	SAHP2	raivento	SAHC3
pujante	SAHP2	raivoso	EAHP3
pulcro	SAHP2	ralador	SAHC3
pulha	SAHP2	ralhão	SAHC3
pundonoroso	SAHC3	ralheta	SAHC3
pungente	SAHP1	rameloso	SEAHC2
purista	SAHP1	rancoroso	SAHP1
puritano	SAHC1	ranhoso	SAHC1
puritano	SAF	ranhoso	EAHP2
puritano	SAHC1	rapace	SAHC3
puro	SAHP3	rápido	SAHP3
púrrio	SAHC3	rapioqueiro	SAHC3
pusilânime	SAHC1	raposeiro	SAHC3
puta	SAHC3	raposino	SAHC3
puto	SAHC3	raqúitico	SEAD
puxadinho	SAHC3	raqúitico	SAHC2
quadrado	SEAHP3	rasca	SAHP1
quadragenário	SAHP3	rasteiro	SAHC3
quadrúpede	SAHC3	rastejante	SAHC3
qualificado	SAHP3	rato	SAHC3
quarentão	SAHC3	razoável	SAHP1
quarentenário	SAHP3	reaccionário	SAF
quebrantado	EAHP2	reactivo	SAHP2
quedo	EAHP3	realista	SAF
queimado	SEAD	realista	SAHP1
queixinhas	SAHC3	rebarbativo	SAHP3
queixoso	SEAHC3	rebelado	SAHC3
queixudo	SAHC3	rebelde	SAHC1
quelimane	SAN	reboliço	SEAHP2
queniano	SAN	reboludo	SEAHP2
quente	SAHP3	rebuscado	SAHP2
quente	SEAHP3	recalcitrante	SEAHP3
queque	SAHC1	recatado	SAHP2
querido	SAHC1	recenseado	EAHP3
querubínico	SAHP2	receptivo	SAHP2
quezilento	SAHC3	rechonchudo	SEAHC2
quieto	SEAHP3	recifense	SAN
quinquagenário	SAHP3	recolhido	EAHP3
quixotesco	SAHP1	recomposto	EAHP3
rabelaisiano	SAHP2	reconciliador	SAHP2
rabeta	SAHC3	reconfortado	EAHP3
rabigo	SAHC3	recreativo	SAHP3
rabino	SAHC3	recriminador	SAHC1
rabioso	SEAD	recto	SAHP1
rabugento	SEAHC3	recuperado	EAHP3
rabulista	SAHC3	redentor	SAHC2
racional	SAHP1	redentorista	SAF
racionalista	SAF	redimível	SAHP2
racista	SAF	redondo	SEAHP2
radiante	SEAHP2	redundante	SAHP2
radical	SAF	reelegível	SAHP3
radicalista	SAF	refalsado	SAHC1
radioso	SEAHP2	refeito	EAHP3

refilão	SAHC3	repressor	SAHC2
refinado	SAHC2	reprimido	EAHP3
reflectivo	SAHP2	reprovado	EAHP3
reformado	SEAHP3	reprovador	SAHC2
reformista	SAF	reptante	SAHC2
refractário	SAHC3	republicano	SAF
regalado	EAHP3	repugnante	SAHP1
regatão	SAHC3	repulsivo	SAHP1
regateador	SAHC3	reputado	SAHP2
regateiro	SAHC3	requibrado	SEAHP2
regelado	EAHP2	requintado	SAHP2
regenerado	EAHP3	reservado	SAHP2
regenerável	SAHP3	resistente	SAHC2
regionalista	SAF	resmungão	SEAHC3
regrado	SAHP3	resoluto	SAHP2
reguenguense	SAN	resolvido	SAHP3
reguense	SAN	respeitado	SAHP3
regular	SAHP1	respeitador	SAHP1
reinadio	SAHP3	respeitável	SAHP1
reinante	SAHP3	respeitoso	SAHP1
reiterativo	SAHP2	respingão	SAHC3
reivindicador	SAHC2	respondão	SAHC3
reivindicativo	SAHC1	respondedor	SAHC3
rejuvenescido	EAHP2	responsável	SAHP1
relambório	SAHC3	ressabiado	SAHC3
relapso	SAHP3	ressabido	SAHP3
relativista	SAF	ressarcido	EAHP3
relaxado	SAHC3	ressonador	SAHC3
reles	SAHC1	restabelecido	EAHP3
religioso	SAHP3	retardado	SAHC3
remansado	SAHC3	retirado	EAHP3
remansoso	SAHC3	retorcido	SAHP2
remediado	SEAHP3	retórico	SAHC2
remelado	SEAHC2	retornado	SAHP3
remeloso	SEAHC2	retorto	SAHP2
remendão	SAHC3	retracto	EAHP2
remendeiro	SAHC3	retraído	SEAHP2
remisso	SAHC2	retrógrado	SAHC1
remoçado	EAHP2	retrospectivo	SAHP3
renano	SAN	reumático	SEAD
renascentista	SAF	revanchista	SAF
renegado	SAHC3	revel	SAHC1
renovado	EAHP2	revelho	EAHP2
repelente	SAHP2	reverenciador	SAHC2
repentino	SAHC3	reverencioso	SAHP1
repentista	SAHC3	reverente	SAHC2
repetente	SAHP3	revoltado	SEAHC3
repetitivo	SEAHP2	revoltoso	SAHC3
repimpado	EAHP3	revolucionário	SAHC1
replicador	SAHC3	rezina	SAHC3
repolhudo	SAHC2	rezingão	SAHC3
reposto	EAHP3	ribaldeiro	SAHC3
repousado	EAHP3	ribaldo	SAHC3
repreensível	SAHP2	ribatejano	SAN

ricaço	SAHC3	saciado	EAHP3
ricalhaço	SAHC3	sacramentado	SAHP3
rico	SAHP3	sacrificador	SAHC3
ridente	SEAHP2	sacrílego	SAHC1
ridicularizador	SAHC2	sádico	SEAD
ridicularizante	SAHP1	sadino	SAN
ridículo	SAHC1	sadio	SAHP3
rígido	SAHP1	sadista	SEAD
rigorista	SAHC2	safado	SAHC1
rigoroso	SAHP1	sáfaro	SAHC3
rijo	SAHP3	sáfio	SAHC3
riodonorês	SAN	safo	EAHP3
risonho	SEAHC3	sagaz	SAHP1
ríspido	SAHP1	sage	SAHC3
robustecido	SEAHP2	salazarista	SAF
robusto	SEAHP2	salesiano	SAF
rodesiano	SAN	salmanticense	SAN
rogativo	SAHP1	salmantino	SAN
roliço	SEAHP2	saloio	SAHC1
romano	SAN	saltão	SAHC3
romântico	SAHC1	saltitante	SEAHP3
romeno	SAN	salvadorinho	SAN
roncador	SAHC3	salvatoriano	SAN
roncante	SAHC3	salvável	SAHP3
roncão	SAHC3	samaritano	SAN
ronceiro	SAHC3	samorano	SAN
rosado	SEAHP2	samoreense	SAN
rotativista	SAF	sanado	EAHP3
rotineiro	SAHC2	sandeu	SAHC3
roto	EAHP3	sangrento	SAHP2
rotundo	SEAHP2	sanguinolento	SAHC1
rouco	SEAD	sanhudo	SEAHC3
roufenho	SEAHC2	sanjoanino	SAN
ruandês	SAN	santareno	SAN
rubicundo	SEAHP2	santista	SAN
ruborescido	EAHP2	são	SEAHP3
ruborizado	EAHP2	sapiente	SAHP3
rubro	EAHP2	sapudo	SEAHC2
ruço	SEAHP2	sarado	EAHP2
rude	SAHC1	sarcástico	SAHC1
ruidoso	SAHP2	sardanapalesco	SAHP3
ruim	SAHP1	sardenho	SAN
ruivo	SEAHP2	sardento	SEAHC2
russo	SAN	sardo	SAN
russófilo	SAHC3	sardo	SAHP2
russófobo	SAHC3	sardónico	SAHP1
rústico	SAHC2	sariano	SAN
sabedor	SAHC3	sarnento	SEAD
sabeu	SAN	sarnento	SAHC3
sabichão	SAHC3	sarnoso	SEAD
sabido	SAHC3	sarnoso	SAHC3
sábio	SAHC2	satânico	SAHC1
saboiano	SAN	satírico	SAHC1
sacavenense	SAN	satisfeito	EAHP3

saturante	SAHP2	sério	SAHP1
saudável	SAHP3	sério	EAHP2
saxão	SAN	seronegativo	SEAD
saxónico	SAN	seropositivo	SEAD
saxónio	SAN	serrano	SAN
sebento	SEAHC2	serrenho	SAN
seboso	SEAHC2	sertanejo	SAN
secante	SAHP2	serviçal	SAHC1
seco	SAHC1	servil	SAHP1
seco	EAHP2	sérvio	SAN
secularista	SAF	setembrista	SAF
sedentário	SAHP2	setentrional	SAN
sedente	EAHP3	setubalense	SAN
sedento	EAHP3	severo	SAHP1
sedicioso	SAHC2	sevilhano	SAN
sedutor	SAHC1	sevo	SAHP1
segurado	EAHP3	sexagenário	SAHP3
seguro	SAHP1	sexista	SAF
seguro	EAHP3	sexuado	SAHC3
selectivo	SAHP3	sexy	SEAHP2
selecto	SAHP1	sezonático	SEAD
selvagem	SAHC1	siame	SAN
selvático	SAHC1	siamês	SAN
semibárbaro	SAHC1	siberiano	SAN
semicivilizado	SAHP3	sibilino	SAHP2
semiconsciente	SEAHP3	siciliano	SAN
semidivino	SAHP3	sidónio	SAN
semierudito	SAHP3	sifilítico	SEAD
semilouco	SEAHP3	silencioso	EAHP3
semimorto	EAHP3	silente	EAHP3
semivivo	EAHP3	silesiano	SAN
sem-sabor	SAHP3	simbolista	SAF
sem-sal	SAHP3	simoniano	SAF
sendinês	SAN	simpático	SAHP1
senegalense	SAN	simples	SAHC1
senegalês	SAN	simplificador	SAHC1
senhor do seu nariz	SAHP3	simplista	SAHC1
senil	SEAHC3	simplório	SAHC2
sensaborão	SAHC3	simulado	SAHC1
sensacional	SAHP1	sincero	SAHP1
sensacionalista	SAHC1	sindicalista	SAF
sensato	SAHP1	sindicalizado	SEAHP3
sensitivo	SAHP3	singelo	SAHP1
sensível	SEAHP3	singular	SAHP1
sensual	SEAHP2	siniense	SAN
sensualista	SAF	sintético	SAHP2
sentencioso	SAHC2	sintoísta	SAF
sentimentalista	SAHC1	sintrense	SAN
separado	SEAHP3	siro	SAN
separatista	SAF	sistemático	SAHP2
septuagenário	SAHP3	sisudo	SEAHC3
sequestrável	SAHP3	snob	SAHC1
sequioso	EAHP3	snobe	SAHC1
sereno	SEAHP2	só	SEAHP3

soberano	SAHP3	subornável	SAHP3
soberbo	SAHP1	subserviente	SAHP1
sobranceiro	SAHP1	substancialista	SAF
sobrealimentado	EHP3	subtil	SAHP1
sobredotado	SAHC3	subversivo	SAHP1
sobressaltado	EHP3	subversor	SAHC2
sóbrio	SAHP1	sucinto	SAHP2
sóbrio	EHP3	sudanês	SAN
social	SAHP3	suécio	SAN
social-democrata	SAF	sueco	SAN
socialista	SAF	sufocante	SAHP2
sociologista	SAF	sufragista	SAF
soez	SAHP1	sugestionável	SAHP3
sofista	SAHC2	suicida	SAHC2
sofisticado	SEAHP2	suíço	SAN
sofredor	SAHC3	sujo	SAHP1
sôfrego	SAHP2	sujo	EHP2
sofrido	SAHP3	sul-africano	SAN
solene	SAHP1	sul-americano	SAN
solerte	SAHC1	sul-coreano	SAN
solícito	SAHP1	sulino	SAN
solitário	SAHC3	sulista	SAN
solteiro	SEAHP3	sumário	SAHP2
soluçante	EHP3	sumido	SEAHP2
solucionista	SAHC3	sumptuoso	SAHP2
sombrio	SAHP2	superconfiante	SEAHP2
sonâmbulo	SEAD	superdefensivo	SAHP2
sonhador	SAHC2	superdotado	SAHP3
sonolento	EHP3	superelegante	SEAHP2
sonso	SAHC1	superexigente	SAHP3
sopeiro	SAHC3	superficial	SAHP1
sórdido	SAHP1	superfluo	SAHP1
soriano	SAN	superprotector	SAHC1
sorrateiro	SAHP1	supersensível	SEAHP3
sorrelfo	SAHC1	supersticioso	SAHC3
sorridente	SEAHP3	surdo	SEAD
sorumbático	SEAHP2	surdo	SAHC3
sossegado	SEAHP3	surdo de nascença	SEAD
soviético	SAN	surpreendente	SAHP1
sovina	SAHC1	surrado	EHP2
sportinguista	SAF	surrealista	SAF
stressado	SEAD	susceptível	SEAHP3
stressado	SEAHC3	suspicaç	SAHP1
suado	EHP2	suspirante	EHP2
suarento	EHP2	suspiroso	EHP3
suave	SAHP2	sussurrante	SEAHP2
subjectivo	SAHP1	tabagista	SEAD
subjugador	SAHC1	tacanho	SAHC1
subjugante	SAHP1	taciturno	SEAHC2
sublime	SEAHP2	taful	SAHC2
submisso	SAHP2	tagarela	SAHC3
subordinador	SAHC2	tailandês	SAN
subordinante	SAHP3	talentoso	SAHP3
subornador	SAHC2	talibã	SAF

taludo	SAHC2	terrorista	SAF
tamanco	SAHC2	terrorista	SAHC1
tamaninho	SAHP3	terso	SAHP2
tangerino	SAN	teso	SEAH3
tanso	SAHC3	tessálio	SAN
tapado	SAHC3	testudo	SAHC3
tarado	SEAD	tetraplégico	SEAD
tarado	SAHC3	teucro	SAN
tarasco	SAHC3	tibetano	SAN
tardíloquo	SAHP3	tifoso	SEAD
tareco	SAHC3	tigrino	SAHC2
tarentino	SAN	tímido	SAHP3
tarimbeiro	SAHC3	timor	SAN
tarouco	SEAH3	timorato	SAHC2
tartamudo	SAHC3	timorense	SAN
tártaro	SAN	tinioso	SEAD
tasmânio	SAN	tinioso	SAHC2
tato	SAHC3	tirânico	SAHP1
tatuado	EAHP2	tiritante	EAHP2
taylorista	SAF	tirolês	SAN
tchetcheno	SAN	tísico	SEAD
teatral	SAHP1	tísico	SEAH2
tebano	SAN	titilante	SEAH2
tecnicista	SAHC2	titubeante	SEAH2
tedioso	SAHP1	tocado	EAHP3
teimoso	SAHC1	todo-poderoso	SAHP3
teísta	SAF	toldado	EAHP3
telegráfico	SAHP2	toledano	SAN
telhudo	SAHC3	toleirão	SAHC3
temerário	SAHC2	tolerante	SAHP1
temível	SAHP2	toletano	SAN
temoroso	SAHC2	tolhido	SEAD
temperado	SAHP2	tolosano	SAN
temperamental	SAHC2	tomarense	SAN
temperante	SAHC2	tomista	SAF
tempestivo	SAHC2	tondelense	SAN
tempestuoso	SAHC1	tonificado	EAHP2
temporizador	SAHP1	tonto	SEAD
temudo	SAHC3	tonto	SAHC1
tenaz	SAHP1	torcido	SAHP2
tendencioso	SAHP1	tormentoso	SAHP1
tenebroso	SAHP1	torpe	SEAH2
tenro	SEAH3	torrejano	SAN
tenso	EAHP2	torriano	SAN
teórico	SAHC2	torriense	SAN
terceirense	SAN	torto	SAHP2
terminante	SAHP2	tortuoso	SAHP2
terno	SAHP1	torturante	SAHP1
ternurento	SAHP1	torvo	SAHP2
terreno	SAHP3	toscano	SAN
terrestre	SAHP3	tosco	SAHC2
terrífico	SAHP1	tossegoso	SEAD
terrível	SAHP1	toxicod dependente	SEAD
terrorífico	SAHP1	toxicómano	SEAD

trabalhador	SAHP3	trincado	SAHP3
trabalhista	SAF	trintão	SAHC3
trácio	SAN	triste	SAHC3
tradicionalista	SAF	triste	EAHP3
trafulha	SAHC1	tristonho	SEAHP3
trágico	SAHP1	triumfalista	SAHC2
traíçoeiro	SAHC1	triumfante	EAHP3
traidor	SAHC2	trocista	SAHC2
tramado	SAHC2	troglodita	SAHC3
tramado	EAHP3	troiano	SAN
trampolineiro	SAHC3	trombudo	SEAHC3
tramposo	SAHC3	troncudo	SEAHP3
trancosense	SAN	trôpego	EAHP2
trangalhadas	SAHC3	trotskista	SAF
tranquilizador	SAHP1	truanesco	SAHP2
tranquilizante	SAHP1	trucidante	SAHP1
tranquilo	SEAHP3	truculento	SAHP1
transalpino	SAN	tuberculoso	SEAD
transcendentalista	SAF	tudense	SAN
transexual	SAHP3	tumefacto	SEAD
transfigurado	EAHP2	tumultuário	SAHC3
transformado	EAHP2	tumultuoso	SAHP2
transformista	SAF	tunisino	SAN
transigente	SAHC1	tupinambá	SAN
transilvano	SAN	turbador	SAHC3
transmontano	SAN	turbulento	SAHP2
transparente	SAHP1	turco	SAN
transpirado	EAHP2	turdetano	SAN
transtornado	EAHP3	ubíquo	SAHP3
transviado	SAHC3	ucraniano	SAN
trapaceiro	SAHC2	ufano	SEAHP3
trapacento	SAHC2	ugandês	SAN
trapalhão	SAHC2	ulissiponense	SAN
trapista	SAF	ultraconservador	SAF
traquinas	SAHC1	ultrajante	SAHC1
trasmontano	SAN	ultraliberal	SAF
tratante	SAHC3	ultramontano	SAF
tratável	SAHP3	ultramontano	SAN
trauliteiro	SAHC1	ultranacionalista	SAF
traumatizado ₁	SEAD	unanimista	SAF
traumatizado ₂	SEAD	único	SAHP3
travesso	SAHP2	unificador	SAHC1
tremebundo	SAHP2	uniformizador	SAHC1
tremelicas	SAHC3	unionista	SAF
trememente	EAHP2	unitário	SAF
trémulo	SEAD	unitarista	SAF
trémulo	SEAHP2	universalista	SAF
trentino	SAN	untuoso	SEAHP2
tresloucado	SEAD	urbanita	SAHC3
tresloucado	SAHC3	urbano	SAHP2
tresmalhado	SAHC3	urinado	EAHP2
tridentino	SAN	uruguaiano	SAN
triestino	SAN	uruguaio	SAN
trigueiro	SAHP2	usurpador	SAHC2

utilitarista	SAF	venusino	SAN
utópico	SAHC1	veraz	SAHP2
utopista	SAHC1	verbalista	SAHC3
uxoricida	SAHC3	verboso	SAHP2
vacilante	SEAHP2	verdadeiro	SAHP2
vacinado	EAHP3	verde	SEAHP3
vadio	SAHC3	vergonhoso	SAHP1
vagabundo	SAHC3	verídico	SAHP1
vagamundo	SAHC3	veronês	SAN
vagaroso	SAHC3	verosímil	SAHP1
vago	SAHP1	verosimilhante	SAHP1
vaguense	SAN	verrinoso	SAHP2
vaidoso	SAHC1	versátil	SAHP1
valão	SAN	vesgo	SEAD
valdense	SAN	vestido	EAHP3
valenciano	SAN	veterano	SAHC3
valentão	SAHC3	vetusto	SAHP2
valente	SAHC2	vexado	EAHP3
valetudinário	SAHC2	viajado	SAHP3
válido	SAHP1	vianense	SAN
valioso	SAHP2	vianês	SAN
valonguense	SAN	vibrante	SAHP2
valoroso	SAHP2	vicentino	SAF
valpacense	SAN	vicentista	SAF
vandálico	SAHP1	viçoso	SEAHP2
vândalo	SAHC1	videirinho	SAHC2
vanguardeiro	SAHC2	videiro	SAHC3
vanguardista	SAHC1	vieirense	SAN
vão	SAHP1	vienense	SAN
vaporoso	SAHP2	vietnamita	SAN
variado	SEAD	vigarista	SAHC1
varicoso	SEAD	vigoroso	SAHP2
vário	SEAD	vil	SAHP1
varonil	SAHP1	vilacondense	SAN
varsoviano	SAN	vilafranquense	SAN
varzinense	SAN	vilão	SAHC3
vasco	SAN	vimaranense	SAN
vascongado	SAN	vinagrento	SAHP2
vaticanista	SAF	vindicativo	SAHP2
veemente	SAHP2	vingativo	SAHP1
velhaco	SAHC1	vinolento	SAHP3
velho	SEAHP3	viperino	SAHP1
velho e relho	SEAHP3	virgem	SAHP3
veloso	SAHP2	viril	SAHP1
veloz	SAHP3	virtuoso	SAHP2
vencedor	SAHC3	viseense	SAN
vencido	SAHC3	visionário	SAHC1
vencível	SAHP3	vistoso	SAHP2
vendido	SAHC3	vitalista	SAF
venenoso	SAHP2	vitalizador	SAHC2
veneziano	SAN	vitorioso	SAHP2
venezuelano	SAN	viúvo	SEAHP3
ventrudo	SAHC3	vivaço	SAHP3
venturoso	SAHP3	vivaz	SAHP3

vivedor	SAHP3
vivido	SAHP3
vivificador	SAHC2
vivificante	SAHP2
vociferador	SAHC2
vociferante	SAHP2
voluntarioso	SAHP3
voluntarista	SAF
voluptuoso	SAHP2
volúvel	SAHP2
vomitado	EAHP3
vorace	SAHC3
voraz	SAHC3
vulgar	SAHP1
vulgarizador	SAHC1
vulnerável	SEAHP3
wagneriano	SAF
washingtoniano	SAN
xenófilo	SAHC1
xenófobo	SAHC1
xiita	SAF
zaino	SAHC3
zairense	SAN
zambiano	SAN
zangado	EAHP3
zanzibarita	SAN
zargo	SAHC3
zelandês	SAN
zeloso	SAHP3
zelote	SAHC3
zimbabuano	SAN
zombeteiro	SAHC3
zozzo	SEAD
zote	SAHC3
zulo	SAN
zulu	SAN
zumbidor	SAHC3